



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ADRIANA PRISCILLA COSTA CAVALCANTI**

**“AS MARIAS DE GADO”:** DESCORTINANDO TRAJETÓRIAS DA  
PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NAS VAQUEJADAS DA BAHIA

Salvador-BA  
2020

**ADRIANA PRISCILLA COSTA CAVALCANTI**

**“AS MARIAS DE GADO”: DESCORTINANDO TRAJETÓRIAS DA  
PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NAS VAQUEJADAS DA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Educação.

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior.

Salvador-BA  
2020

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Cavalcanti, Adriana Priscilla Costa.

“As Marias de Gado” : descortinando trajetórias da participação de mulheres nas Vaquejadas da Bahia / Adriana Priscilla Costa Cavalcanti. - 2020. 228 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2020.

1. Vaquejadas - Bahia. 2. Participação feminina. 3. Mulheres - Atitudes. 4. Lazer. I. Rocha Junior, Coriolano Pereira da. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 791.84098142 – 23. ed.

**ADRIANA PRISCILLA COSTA CAVALCANTI**

**“AS MARIAS DE GADO”: DESCORTINANDO TRAJETÓRIAS DA  
PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NAS VAQUEJADAS DA BAHIA**

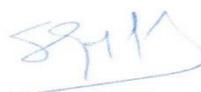
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestra em Educação,  
Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 26 de março de 2020.

Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior – Orientador  
Doutor em História Comparada pela Universidade Federal  
do Rio de Janeiro,  
Rio de Janeiro - RJ, Brasil  
Universidade Federal da Bahia



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Vilodre Goellner  
Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas,  
Campinas – SP, Brasil  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Prof. Dr. Bruno Otávio de Lacerda Abrahão  
Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho,  
Rio de Janeiro - RJ, Brasil  
Universidade Federal da Bahia



Às vaqueiras da Bahia

## AGRADECIMENTOS

Agradeço

A Deus, ser supremo, que me ajudou a chegar até aqui;

Aos meus familiares que se constituíram em suporte inabalável: Cales Alves da Costa Junior, Mary Frances Hogarty Cavalcanti, João Augusto Cavalcanti Cunha, Patrícia Anne Hogarty Cavalcanti, Ana Emília Cavalcanti Ribeiro e Ruth Patrícia Hogarty Cavalcanti;

À Universidade Estadual de Feira de Santana, em especial, ao Laboratório de Enfermagem Dra. Stela Barros e ao Departamento de Saúde, que possibilitaram o afastamento das minhas atividades laborais por um ano quando resolvi entrar nesta jornada. Aqui também quero agradecer à Biblioteca Setorial Monsenhor Renato Galvão do Museu Casa do Sertão que se consolidou em lócus de busca de fontes desta pesquisa;

À Biblioteca Central do Estado da Bahia e ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia localizados em Salvador, bem como a Biblioteca Municipal Arnold Ferreira da Silva em Feira de Santana que me acolheu em uma das fases importantes e mais trabalhosas do estudo;

À Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia que acolheu a proposta de estudo;

Ao amigo Miguel Teles que dividiu comigo solidariamente o seu amor e conhecimento sobre o Sertão;

Aos amigos Murillo Campos, Jasmão Dantas, Dioene Nascimento, Lizziane Dias, Michele Coutinho, Marise Matos, Sidelândia Nepomuceno, Aline Nassif e Cristina dos Santos que sempre torceram por mim;

Ao amigo Fábio Souza que sempre, com paciência e solidariedade, andou lado a lado comigo nos diversos momentos de minha existência;

A todos da Escola da Associação Feirense Minhas Crianças pelo carinho e compreensão em me receber enquanto profissional, ao fim da jornada do mestrado;

Ao Grupo de Pesquisa e Extensão Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário que se constituiu em um dos meus principais suportes de vida e profissão, em especial, Luís Vitor Castro Júnior e Ana Rita Ferraz;

A todos os integrantes do Grupo de Pesquisa Corpo – UFBA, pelo carinho, pela acolhida, pelos momentos felizes de compartilhamento de saberes, pela amizade incondicional, baluarte de sustentação em tempos difíceis;

Ao meu orientador Coriolano Pereira da Rocha Junior que nesses dois anos de convivência se consolidou enquanto um grande amigo e parceiro;

Ao Grupo de Vaqueiras da Bahia, em especial, Socorro Miranda, Rosangela Ribeiro, Rita Cordeiro, Tatiane Ribeiro, Alana Nunes, Marcella Argolo, Vera Lúcia Ainsworth, Caliani Miranda, Kaliane Barauna e Karla Sampaio por terem repartido comigo suas trajetórias, compondo assim o *corpus* principal desta pesquisa.

Triste, Louca Ou Má

Triste, louca ou má  
Será qualificada  
Ela quem recusar  
Seguir receita tal

A receita cultural  
Do marido, da família  
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo, rejeita  
Bem conhecida receita  
Quem não sem dores  
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define  
Você é seu próprio lar

[...]

Eu não me vejo na palavra  
Fêmea, alvo de caça  
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa  
Traçar de novo a estrada  
Ver cores nas cinzas  
E a vida reinventar

E um homem não me define  
Minha casa não me define  
Minha carne não me define  
Eu sou meu próprio lar

[...]

Francisco, El Hombre (2016)

CAVALCANTI, A. P.C. “As Marias de Gado”: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

## RESUMO

Dentre as práticas equestres elencadas pelo Atlas do Esporte temos a vaquejada, a qual ao longo da história vem se reconfigurando enquanto possibilidade esportiva e de lazer, típica dos interiores brasileiros, notadamente o nordestino. Observou que por muito tempo, este espaço, não havia sido vislumbrando por uma mulher em sua “intimidade”, ou seja, era incomum ver um corpo feminino puxar e derrubar um boi pelo rabo, em pé de igualdade com os homens. Atualmente, essa realidade tem-se modificado de modo que as duplas de vaqueiros passaram a ser compostas também por mulheres. Assim sendo, interessa aqui analisar as trajetórias de mulheres que fazem parte das vaquejadas, a fim de compreender a constituição da participação delas nesta prática no estado da Bahia entre os anos de 1960 até o tempo presente. Para tanto, foi utilizado enquanto método, a História Oral, que lança mão das experiências, fatos e acontecimentos vividos e relatados pelos sujeitos, como mecanismo principal para se conhecer/saber sobre determinado tempo histórico, que venha a se constituir enquanto objeto de investigação no campo científico. Como fontes, a oralidade, bem como a consulta em jornais da capital e do interior do estado foram eleitos como dispositivos de busca de informações. Observou que uma das aparições de mulheres nas vaquejadas em conteúdo jornalístico se constituiu em 1967, enquanto rainhas de vaquejada, em uma perspectiva que remete a importância da beleza feminina como partícipe da consolidação de um rito glamoroso. Contudo, paradoxalmente, a partir do que diz a fonte oral, percebeu que essa participação contribuiu para o rompimento do que comumente era estabelecido como padrão de beleza, igualmente no que tange a etnia e *status* social daquelas que desempenhavam tal papel em outros tempos e espaços. Adiante no tempo, ficou evidente que as mulheres exercem outros papéis e funções que dantes eram delegados apenas aos homens como: vaqueiras (puxadoras e esteireiras), facilitadoras e difusoras do processo de doma racional de cavalos e no agenciamento dos melhores animais e vaqueiros(as) para as competições. Além disso, participam na formação, gestão, direção e consolidação da categoria feminina na Bahia. O que se nota, principalmente, no que se diz respeito ao acesso a esse universo como vaqueiras é que ele ocorre de algumas formas: enquanto tradição de família, na qual pais, irmãos são fundamentais para que esta inserção se consolide, bem como através da influência de amigos e parentes e de modo independente, movidas pela paixão por cavalos, mesmo que sem apoio ou incentivo de seus pares. Os principais obstáculos encontram-se atrelados as dificuldades apresentadas pela nova configuração da prática que estabelece custos elevados na aquisição/manutenção de um bom cavalo, de deslocamento para as competições, baixos valores de premiação para as mulheres e falta de apoio e incentivo por parte de alguns donos de parques de vaquejada que não possibilitam o espaço para a categoria. Todavia, elas tentam garantir sua participação na prática, estabelecendo estratégias de promoção da visibilidade e de melhor organização interna para possibilitar o avanço e o fortalecimento da categoria no estado.

Palavras-chave: Mulheres. Vaquejada. Trajetórias.

CAVALCANTI, A. P.C. "The Marias of livestock": uncovering pathways of the women's participation in the vaquejadas of Bahia". 228 pages. Thesis (Master of Education) – College of Education, Federal University of Bahia, Salvador, 2020.

## ABSTRACT

Among the equestrian practices listed by the Atlas of Sports, we have the vaquejada, which throughout history has been reconfigured as a sport and leisure possibility, typical in Brazilian country towns, especially, from the Northeast. We observed that, for a long time, this space had not been glimpsed by a woman in her "intimacy", that is, it was unusual to see a female body pulling and dropping an ox by the tail, on equal terms with men. Nowadays, this reality has been modified so that the cowboy pairs are now also composed by women. Therefore, we are interested in analyzing the pathways of women who are part of the vaquejadas, in order to understand the constitution of their participation in this practice, in Bahia State, between the 1960s until the present time. For that, we are using the Oral History as a method, which makes use of the experiences, facts and events lived and reported by the subjects, as the main mechanism to know about a certain historical time, which may become an object of investigation in the scientific field. As sources, the orality, as well as searching in newspapers in the capital and in other cities of the state, have been chosen as means of searching for information. We noted that one of the appearances of women in vaquejadas, in journalistic content, occurred in 1967, as queens of vaquejada, in a perspective that refers to the importance of female beauty as a participant in the consolidation of a glamorous rite. Although, paradoxically, from which the oral source tells us, we have realized that this participation has contributed to the break with what was commonly established as a standard of beauty, also with respect to the ethnicity and social status of those who played this role in other times and spaces. Ahead in time, it appears that women exercise other roles and functions that were previously delegated only to men, such as: cowgirls (pullers and mats), facilitators and diffusers of the process of rational taming of horses and in the management of the best animals and cowboys / cowgirls for competitions. In addition, they participate in the formation, management, direction and consolidation of the female category in Bahia. What is noticeable, mainly, with regard to access to this universe as cowgirls, is that it occurs in some ways: as a family tradition, in which parents, siblings are fundamental for this insertion to be consolidated, as well as through influence of friends and relatives and independently, driven by passion for horses, even if without support or encouragement from their peers. The main obstacles are linked to the difficulties presented by the new configuration of the practice that establishes high costs in the acquisition / maintenance of a good horse, travel to competitions, low award values for women and lack of support and encouragement from some owners of vaquejada parks that do not allow space for the category. However, they try to guarantee their participation in practice, establishing strategies to promote visibility and better internal organization to enable the advancement and strengthening of the category in the state.

Key-words: Women. The Vaquejada. Pathways.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A pega de boi no mato	31
Figura 2 – Parelha de vaqueiros aguardando a carreira e puxada de boi	34
Figura 3 – Planta baixa de um parque de vaquejada em Feira de Santana-BA (adaptada)	35
Figura 4 – Modelo de uma pista de Vaquejada oficial	39
Figura 5 – Turismo e a vaquejada	40
Figura 6 – X Vaquejada em Lagoa Real	47
Figura 7 – Shows programados na Vaquejada de Serrinha	52
Figura 8 – Vaquejada de Serrinha acontecendo nos dois parques da cidade.	54
Figura 9 – Dupla de vaqueiros(as) na vaquejada	56
Figura 10 – À direita: Rainha da Vaquejada da Festa de Vaqueiros em Tanquinho/BA	57
Figura 11 – Rainha da Festa de Vaqueiros de Tanquinho	61
Figura 12 – Modelo feirense na disputa para ser rainha da vaquejada de Serrinha	64
Figura 13 – Escolha da rainha da Vaquejada do Coliseu do Sertão em Feira de Santana	65
Figura 14 – Socorro Miranda, a rainha da Vaquejada de Dias D' Ávila	70
Figura 15 – Reportagem sobre a trajetória de Caliani Miranda na Vaquejada	77
Figura 16 – Posicionamento atual dos(as) vaqueiros (as) para a saída do boi da sangra	78
Figura 17 – Vera Lúcia: rainha da Festa de Vaqueiros de Tanquinho de 1967	84
Figura 18 – Traje do vaqueiro encourado do Nordeste	85
Figura 19 – Vaqueira Socorro Miranda	89
Figura 20 – Tatuagem feita por Kaliane Barauna	90
Figura 21 – Vaqueira Socorro Miranda reconhecida como a melhor do país	99
Figura 22 – Participação da vaqueira Socorro Miranda na Vaquejada em Lauro de Freitas	99
Figura 23 – Distribuição das mulheres (vaqueiras e rainha de vaquejada) na Bahia	100
Figura 24 – Ateliê de troféus de vaquejada de Sra. Rita Cordeiro	105
Figura 25 – Proibição das vaquejadas pelo Supremo Tribunal Federal	107
Figura 26 – Representação da categoria feminina pela Associação de Vaqueiras da Bahia	117
Figura 27 – Grupo de Vaqueiras da Bahia	119

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2.</b>	<b>O “OLHAR” DAS MULHERES E DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS SOBRE AS VAQUEJADAS: DESVELANDO OS SIGNIFICADOS CULTURAIS DESTA PRÁTICA NO ESTADO DA BAHIA</b>	<b>29</b>
2.1	AS VAQUEJADAS DA BAHIA NOS HOLOFOTES DO ESPORTE E LAZER: OS DESDOBRAMENTOS DA PRÁTICA PARA ALÉM DO TRABALHO PASTORIL	29
2.2	MODERNIZAÇÃO E SOFISTICAÇÃO NAS VAQUEJADAS: A DIMENSÃO DO NEGÓCIO EM EVIDÊNCIA	46
<b>3.</b>	<b>ENTRE INFLUÊNCIAS E ATITUDES: A INSERÇÃO DAS MULHERES NAS VAQUEJADAS BAIANAS</b>	<b>57</b>
3.1	UM BELO RITO X UMA BELA RAINHA: O ONTEM E O HOJE DAS RAINHAS DE VAQUEJADA	57
3.2	OS SABERES DA EXPERIÊNCIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE MULHERES VAQUEIRAS	71
3.3	AS VESTES DO CORPO OU O CORPO QUE VESTES? COMO ESSE CORPO FEMININO SE ENCONTRA EM EVIDÊNCIA NAS VAQUEJADAS DA BAHIA	82
<b>4.</b>	<b>OS PAPÉIS SOCIAIS DESEMPENHADOS PELAS MULHERES NAS VAQUEJADAS DA BAHIA: ONDE SE CONSTITUI OS AVANÇOS E LIMITES/OBSTÁCULOS DE SUA PARTICIPAÇÃO?</b>	<b>92</b>
4.1	ENTRE TABUS E APLAUSOS: A VISÃO DA SOCIEDADE E AS MULHERES VAQUEIRAS	92
4.2	ENTRE RAINHAS E VAQUEIRAS: OUTRAS POSSIBILIDADES DE PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NAS DERRUBADAS DE BOI	101
4.3	O DIFÍCIL PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO/PROFISSIONALIZAÇÃO DAS MULHERES NAS VAQUEJADAS DA BAHIA: RESISTÊNCIA E PERSISTÊNCIA ATRAVÉS DO GRUPO DE VAQUEIRAS DA BAHIA	109
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>121</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>124</b>
	<b>APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b>	<b>138</b>
	<b>APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista</b>	<b>139</b>
	<b>APÊNDICE C – Ficha Técnica/Entrevista I</b>	<b>140</b>
	<b>APÊNDICE D – Ficha Técnica/Entrevista II</b>	<b>149</b>
	<b>APÊNDICE E – Ficha Técnica/Entrevista III</b>	<b>164</b>
	<b>APÊNDICE F – Ficha Técnica/Entrevista IV</b>	<b>175</b>
	<b>APÊNDICE G – Ficha Técnica/Entrevista V</b>	<b>188</b>
	<b>APÊNDICE H – Ficha Técnica/Entrevista VI</b>	<b>194</b>
	<b>APÊNDICE I – Ficha Técnica/Entrevista VII</b>	<b>201</b>
	<b>APÊNDICE J – Ficha Técnica/Entrevista VIII</b>	<b>208</b>
	<b>APÊNDICE K – Ficha Técnica/Entrevista IX</b>	<b>215</b>
	<b>APÊNDICE L – Ficha Técnica/Entrevista X</b>	<b>224</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A vaquejada se desenvolveu, primeiramente, enquanto prática laboral do vaqueiro desbravador dos sertões, do homem de coragem (ALVES, 1986). Tais práticas iam desde procurar e reunir o gado para encaminhá-lo ao curral e posteriormente apartar e entregar aos devidos donos, até adentrar a caatinga e derrubar um animal bravio – um barbatão – puxando-o pelo rabo para tratar das feridas e medicá-lo, quando necessário. Essa atividade sempre foi realizada por homens, conforme o que nos apresenta a historiografia, seja ela de cunho folclorista, ou romancista (CASCUDO, 2005, 1976, 1956; ALVES, 1986; BEZERRA, 1978) e reafirmado, direta ou indiretamente, por diversas pesquisas e trabalhos que tratam do tema.<sup>1</sup>

Na atualidade, esta prática vem sendo considerada uma possibilidade esportiva e de lazer, na qual a missão da dupla de vaqueiros(as)<sup>2</sup>, montados em seus cavalos, é derrubar um boi, puxando-o pelo protetor de cauda, afixado no rabo do animal, entre duas faixas feitas a cal, com extensão de 9 a 10 metros entre elas, após correrem a distância da pista de vaquejada (90 a 100 m). Se os(as) vaqueiros(as) conseguirem colocar o boi entre as faixas, valeu boi! Colocou fora, o juiz declama zero! Aquelas duplas que conseguirem valer todos os bois da fase classificatória, disputam a final, onde se definem os vencedores.

Diante disso, notamos que por muito tempo, este espaço, sob nenhuma hipótese poderia ser vislumbrando por uma mulher em sua “intimidade”, ou seja, não se concebia que era possível ao corpo feminino puxar e derrubar um boi pelo rabo, em pé de igualdade com os homens. Principalmente pelo fato de ser uma prática predominantemente praticada por eles desde o povoamento dos sertões. Contudo, atualmente, as duplas de vaqueiros passaram a ser compostas também por mulheres.

Nesse sentido, visualizamos que cada vez mais as mulheres vêm adentrando diversos espaços que culturalmente se constituíram como eminentemente masculinos e os invocando

<sup>1</sup> (BRANDÃO, 2014; DIAS, LINS, 2013; DOURADO, 2013; OLIVEIRA, CALVENTE, 2012; FÉLIX, ALENCAR, 2011; COSTA, 2011; NUNES, 2011; XAVIER, 2011; SOUSA; BROLLO; ABREU, 2011; SILVA, 2009; MARASCHIN, ITAQUI, 2009; LOPES et al., 2009; MENEZES, ALMEIDA, 2008; AIRES, 2008; ARAÚJO et al., 2008; VIEIRA, 2007; LAGEL et al., 2007; MAURÍCIO, 2006; BARBOSA, 2006; MAIA, 2000; dentre outros)

<sup>2</sup> “A dupla de vaqueiros(as) é composta pelo vaqueiro(a) esteireiro(a) ou bate-esteira e o vaqueiro(a) puxador(a). O vaqueiro esteireiro(a) é o(a) competidor(a) responsável em direcionar o boi e condicioná-lo até o local da faixa, emparelhando-o com o vaqueiro(a)-puxador(a), além de entregar o rabo do boi ao vaqueiro(a)-puxador(a). Vaqueiro(a) Puxador(a) é o(a) competidor(a) responsável por entrelaçar o rabo do boi entre as mãos e derrubá-lo na faixa”. Informação disponível na página 3 do Regulamento da Associação Brasileira de Vaquejada, 2017/2018. Regulamento este, utilizado pela ABV. Disponível em: [http://www.bisvideo.com.br/upload/reg\\_arquivo\\_142634496055\\_044c00ce8ee.pdf](http://www.bisvideo.com.br/upload/reg_arquivo_142634496055_044c00ce8ee.pdf)

também como seu território de atuação, inclusive as vaquejadas da Bahia. Porém, em número bastante reduzido em relação aos homens. Segundo o ranking divulgado pela Associação Baiana de Vaquejada (ABV), em 2018, no circuito tivemos 278 homens participando<sup>3</sup>, enquanto 45 mulheres se envolveram na prática<sup>4</sup>.

Por conta desse cenário, a presença da mulher nessa prática configura-se, a nosso ver, como um ato contra hegemônico<sup>5</sup>. Deriva-se aí outras relações que acabam por gerar conflitos, enfrentamentos, tensões que fazem com que os indivíduos, sejam eles(as) praticantes ou espectadores(as), reflitam, questionem e ratifiquem ou ratifiquem determinados conceitos, pré-conceitos, valores, condutas e comportamentos diante deste novo cenário da vaquejada, conformando essa prática em lócus de uma educação para o rompimento de imaginários baseados em padrões normativos do que é ser mulher e do que é ser homem.

Isso se dá, porque a vaquejada remonta às atividades que possuem elementos que a coloca como prática cultural, na qual, vislumbramos um conjunto de “valores, normas, hábitos e representações”, que além de serem responsáveis pelo direcionamento da vida e do convívio em sociedade, demarcam um campo identitário (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012, p. 27). Desse modo, aí está um conjunto de saberes que são aperfeiçoados a cada carreira, a cada arrebanhar do gado, a cada momento que se cuida dos cavalos. Constituindo assim, segundo Marcellino (2008), como lugar de potencialidades para o desenvolvimento dos indivíduos, nos âmbitos pessoal e social, bem como, o aprendizado por meio de uma produção e criação coletiva, de maneira espontânea e/ou planejada, construindo assim identidades e subjetividades, conectadas a um campo de pertença.

Entende-se também que existem saberes e fazeres que estão diretamente relacionados ao desenvolvimento da profissão de “vaqueiro(a) desportista<sup>6</sup>” (BARBOSA, 2006, p. 21) e

---

<sup>3</sup> Dados disponíveis no site da Bís Vídeo. Este site é encarregado de divulgar as vaquejadas em todo estado da Bahia, principalmente as realizadas pela Associação Baiana de Vaquejada. Disponível em: <http://www.bisvideo.com.br/>

<sup>4</sup> Informações fornecidas pela vice-presidente da antiga Associação de Vaqueiras da Bahia (AVAB), Tatiane Ribeiro. Agora, a categoria feminina das vaquejadas tenta se organizar, a partir da formação do Grupo Vaqueiras da Bahia (VBA). Esta organização segue a regulamentação da Associação Baiana de Vaquejada (ABV), que, por sua vez, é subordinada a Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ).

<sup>5</sup> Ver em: MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

<sup>6</sup> “Diferentemente do vaqueiro de fazenda, o vaqueiro desportista começa a aparecer no cenário brasileiro a partir das primeiras décadas do século XX, com a mudança da pecuária extensiva para a intensiva, tendo o auge de sua difusão nos anos de 1990, período de construção dos grandes parques de vaquejada no país e do aparecimento das bandas de ‘forró eletrônico’. É reconhecido pela mídia e entre eles mesmos como ‘campeão das pistas’, que passarei a me referir a ele daqui por diante também como ‘vaqueiro de vaquejada’. A figura do ‘vaqueiro desportista’ tornou-se oficialmente reconhecida como a de um atleta profissional em 12 de abril de 2001, através da Lei nº 10.220, sancionada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso e publicada no Diário Oficial nessa mesma data. Esta Lei age igualmente para o ‘peão de rodeio’ elevando-o à categoria de atleta profissional. Agora, reconhecidamente, ‘atletas profissionais’, os competidores dos rodeios (peões) e os das

que são apreendidos e aprimorados em acontecimentos pedagógicos planejados em outros espaços, como haras e grupos específicos para o exercício desta prática. “É onde se faz vaqueiro(a) de vaquejada”, nos dizeres da comunidade-vaquejada. Sendo assim, se prepara os sujeitos para aprender todas nuances que envolvem a boa realização da atividade.

Dessa maneira, trabalha-se “valores, condutas e comportamentos” que permitam “aos indivíduos a reelaboração de seus pontos de vista acerca da realidade” (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012, p. 53), no qual devemos considerar também aspectos educativos sob o ponto de vista da existência de “campos possíveis de contra hegemonia” (MARCELLINO, 2008, p. 64).

Percebemos, portanto, que na vaquejada há espaço, como diz Freire (1982, p. 13-14), para uma dialética, na qual subjetividades e objetividades se encontram produzindo assim, um “conhecer solidário”, de maneira a construir-se um pensar e agir certos que possam atuar efetivamente na realidade para transformá-la. Desse modo, as mulheres ganham este espaço-tempo, independente dos padrões normativos que foram historicamente instituídos pela sociedade, fazendo com que ela não deixe de ser feminina ou se torne “mulher-macho” por desenvolver a prática da vaquejada como os homens já o faziam.

Esse conhecer solidário, e o mediar desse conhecimento, independente de raça, classe, sexo ou qualquer outro parâmetro opressor, é que permite e entende todos como capazes de aprender e de realizar tal atividade como seu espaço de pertencimento e identidade, bem como, lugar de construção de um novo modo de ser mulher (FREIRE, 1982; GOELLNER, 2010).

No que tange a vaquejada, o que sabemos ao nos reportarmos à história é que, a maior parte do tempo, força, “coragem, bravura, impetuosidade e resignação” foram e por vezes ainda são sinais distintivos de gênero, que não coadunam com ditos atributos femininos, quando se trata da figura do vaqueiro. A elas compete os serviços da casa, o zelo com os filhos e marido, bem como o cuidado a animais de pequeno porte como galinhas, ovelhas, porcos e cabras (BARBOSA, 2006, p. 48; CASCUDO, 1956, p. 12).

Apresentamos, portanto, o retrato de uma sociedade que tem seu início no século XVII, com o ciclo do couro<sup>7</sup>, na qual “[...] força, coragem e valentia [compunham] a

---

vaquejadas (vaqueiros de vaquejada) vão poder desfrutar dos mesmos direitos de outros desportistas (por exemplo, os jogadores de futebol), como o de ter carteira assinada, aposentadoria, seguro de vida e visto para competir fora do país.” (BARBOSA, 2006, p. 21-22).

<sup>7</sup> “Como o vaqueiro era uma pessoa que [viviu] no limite da escassez e como a região não possuía nem comércio e nem costureiros, é provável que andassem em andrajos. Devido às características da vegetação e ao tipo de trabalho, passaram a usar o couro como matéria-prima para fazer a roupa, a porta da casa, a cama, o chapéu,

gramática do masculino, representada pelo vaqueiro de fazenda [...]” (BARBOSA, 2006, p. 24). Além disso,

no meio em que a força, o destemor e a valentia apresentam-se como dispositivos do masculino, escapar ou mesmo não se enquadrar a esses requisitos é colocar-se à margem, é ser visto com desprezo e hostilidade. É assumir uma posição de ser diferente. Ser homem custa muito caro. É necessário, pois, dispor sempre de um renovado estoque de provas para garantir o pertencimento à identidade masculina. Esse pertencimento exige uma postura que só o corpo, enquanto resultado empírico do gênero, pode demonstrar. (BARBOSA, 2006, p. 24)

Seguindo esta perspectiva, desde pequenos os meninos tinham como brincadeiras este universo do vaqueiro de fazenda<sup>8</sup>. Provavelmente, “copiando” seus pais, tios e/ou avôs. Ora encenavam o papel do fazendeiro, ora de vaqueiros, montados em seus cavalos de paus, juntando, apartando os bois, aboiando, bem como fazendo vaquejadas, derrubando bezerros, igual, ou melhor, que os grandes vaqueiros (BARBOSA, 2006; CASCUDO, 1956).

Além disso, as letras cantadas pelos violeiros, os versos declamados por poetas do Sertão caracterizavam muito bem figuras desse território da masculinidade, como cangaceiros, vaqueiros e coronéis. Assim como as narrativas dos cordéis povoavam o imaginário de infantis e jovens que colocavam em seus horizontes o sonho de serem vaqueiros. É nessa esfera que aprendiam os desígnios do homem macho, do “cabra” de coragem, caracteres de uma subjetividade masculina que se constituíam enquanto referência e modelo de masculinidade (BARBOSA, 2006).

Vislumbramos, então, um modelo de masculinidade e feminilidade incorporadas à ideia e padrões normativos e estereotipados de sexo, homem e mulher, respectivamente, reafirmando relações de poder, bem como hierárquicas, nas quais os homens são eleitos como seres superiores em relação às mulheres. Hierarquias essas balizadas em parâmetros constituídos pelas ciências naturais e biológicas, onde a condição sexual era entendida enquanto diferença por “oposição binária” que vitaliza comportamentos excludentes e segregadores (GOELLNER; BOTELHO-GOMES; SILVA, 2012, p. 5).

---

mochilas, etc., dando início à civilização do couro” (GONÇALVES, 1997, p. 23). Período que nos remete ao séc. XVIII.

<sup>8</sup> “[Qualifica-se] com o termo ‘vaqueiro tradicional’ (ou ‘vaqueiro de fazenda’) o vaqueiro que remonta ao tempo das apartações e marcações - práticas pastoris pertencentes ao ciclo do gado nordestino, que teve início deste o século XVIII, com o processo de povoamento e colonização do interior do Nordeste, através da pecuária extensiva, - e que é reconhecido por uma vasta literatura como o ‘herói do sertão’” (BARBOSA, 2006, p. 21).

Ao nos depararmos com esse cenário, acreditamos que não se pode negar a existência um processo formativo/educativo na sociedade, no qual se educa este corpo de modo a constituir “formas de ser, de parecer e de se comportar” (GOELLNER, 2010, p. 74). E muitas vezes esse educar o corpo segue lógicas normalizadoras e opressoras de diversos grupos que são considerados maiorias na sociedade em que vivemos. Assim, as chamadas minorias acabam sendo tratadas como um grupo sem voz, sem corpo e sem vez, como as mulheres que, ao longo da história, passaram despercebidas e sem lugar de destaque na historiografia do nosso país. As mulheres acabaram sendo deixadas no pano de fundo ou, até mesmo, tratadas como inexistentes nesse processo.

A história das mulheres, nas últimas décadas, tem tentado preencher uma lacuna na compreensão maior da humanidade (SCOTT, 1992). O que nos leva a questionamentos: como se constituir uma sociedade, composta por homens e mulheres, na qual apenas o homem é o único protagonista da história? E um único padrão de homem? Como construir processos formativos e educativos de uma nação, sem mostrar a face mais próxima da verdade dos elementos constituintes desse percurso histórico e dessa nação? Como agregar a cultura do respeito apagando boa parte da história que se refere aos feitos das minorias e da diversidade? Como reconhecer o outro como parte de nós, se o eliminamos das cenas da construção coletiva de um povo que é ator e atriz do caminhar da humanidade?

É a partir desses diversos questionamentos que esta pesquisa busca contribuir para possibilitar a visibilidade de uma construção coletiva de sociedade, na qual, as mulheres também fazem parte (SCOTT, 1992), inclusive em uma prática cultural e com possibilidade esportiva, como a vaquejada.

Nessa esteira, precisamos ter a compreensão de que a construção dos corpos de homens e mulheres perpassa pela via da educação, seja ela escolarizada ou não. Qualquer espaço-tempo se constitui em lugar de educação e, como tal, deve ser um ato de conhecimento e de conscientização da vida – de uma situação existencial –, deve legitimar uma postura crítica frente à realidade, fazendo com que os sujeitos se percebam imersos em um processo histórico, no qual possibilite sua afirmação enquanto ser no e com o mundo (FREIRE, 1982; GADOTTI, 1979).

Contudo, como um lugar de tensionamentos, nada disso se consolida facilmente. Há ação do opressor, domesticador imperando nesse processo. O “sectarismo” cega os sujeitos de modo a fazê-los não perceber ou perceber equivocadamente a realidade, fazendo frente contra

a este movimento educativo que é crítico, criador e libertador, se constituindo em violência por parte do dominador (FREIRE, 1982, p. 14).

Em outras palavras, há quem se valha do discurso que essas mulheres não deveriam realizar tais atividades, porque ferem o princípio do ser mulher normatizado pela sociedade – de serem frágeis, graciosas e dóceis. Elas não foram educadas para essas práticas, para se colocarem nesse meio, mas sim, foram preparadas, ou pelo menos deveriam ser, para serem mães zelosas, esposas cuidadosas e donas de casa eficientes.

Barbosa (2006), ao analisar os discursos presentes na literatura de Cordel, por exemplo, percebeu que a divisão de atividades por sexo também era uma realidade na cultura sertaneja, na qual a vaquejada está inserida. O discurso sempre se constituiu a favor de um padrão normativo de ser homem, sendo esse sempre colocado no lugar de prestígio, como um vencedor, dominador, conquistador, bem como lhe é dado o mérito de ser o único capaz de conceber uma ordenação social. À mulher sempre se reserva o local de pretexto e não de protagonista dos fatos ligados ao sertão (BARBOSA, 2006, p. 55). Muito provavelmente este imaginário circule em meios como o da vaquejada, atualmente, e talvez também por isso, as mulheres tenham pouca visibilidade na prática no estado da Bahia.

Esse fato pode ser observado, inclusive, no campo científico. O que identificamos de pesquisas que falem das mulheres enquanto protagonistas da prática da vaquejada, a partir das principais bases referenciais<sup>9</sup>, foram apenas: “Valeu o boi! Uma análise de gênero na vaquejada” de Anyelle Brito Leite Santos (2017), “O “espetáculo do cabra-macho”: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte” de Francisco Jânio Filgueira Aires (2008) e “Valeu Boi! O negócio da vaquejada” de Eriosvaldo Lima Boaventura (2006). Porém, as duas últimas pesquisas não colocam as mulheres como foco do estudo.

O trabalho de Santos (2017) foi uma dissertação de mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco que teve o intuito de analisar os discursos sobre a mulher na vaquejada. Para tanto, a autora dividiu o estudo em duas etapas: uma analisou a representação da mulher nesse lócus, a partir das letras de música de vaquejada. A segunda parte da análise se deu por meio de depoimentos fornecidos pelas praticantes da vaquejada do Nordeste.

---

<sup>9</sup> Bases consultadas: EDUBASE, EDUC, SciELO, Redalyc, Iresie, CLASE, ICAP, Domínio Público, BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações), Repositório da UFBA, Ibict oasisbr e Portal de Periódicos da CAPES. Ao utilizar o descritor vaquejada, foram encontradas 198 publicações entre artigos, trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações. Porém ao colocar as palavras-chaves “vaquejada e mulher”, “vaquejada e gênero”, encontramos três trabalhos.

A conclusão que a pesquisadora chegou foi a de que “há uma reprodução de estereótipos relacionados ao corpo e a identidade das mulheres como objetos disponíveis aos desejos e prazer masculino” (SANTOS, 2017, p. 6). Além disso, a autora aponta que a representação das mulheres, nesta possibilidade esportiva, encontra-se delineada e estruturada, tendo como base as questões de gênero, “o que reflete nas dificuldades encontradas por elas, assim precisando conquistar maior visibilidade, melhores premiações e horário de competição assegurados em todas as vaquejas sendo ou não circuitos da Associação Brasileira de Vaqueiras [...]” (SANTOS, 2017, p. 7).

Os outros dois trabalhos, Aires (2008) e Barbosa (2006), não têm como foco de suas pesquisas as mulheres na prática, mas elas parecem como pano de fundo. Aires (2008, p. 10) em sua pesquisa de mestrado em Antropologia Social buscou “compreender os diversos aspectos que apontam para a masculinidade, uma vez que os seus sentidos são constituídos pelos envolvimento, relações e concorrências entre os seus competidores”. Concluiu que nas vaquejadas surge um modelo diferente de ser vaqueiro e, por sua vez, de masculinidade, no qual, encontra-se os "elementos simbólicos da figura do vaqueiro, construído ao longo da história" (AIRES, 2008, p. 33), aliados a características oriundas de outros personagens que se agregam a este meio e que não possuem necessariamente uma relação com o campo e com sua lide. Um exemplo de personagens que aparecem neste território são as mulheres que, apesar de não ter uma larga aceitação de sua presença, se encontram nessa competição em virtude do seu formato, onde quem tem dinheiro para pagar a senha, pode participar. Porém, as opiniões divergem nesse meio, visto que “as relações de gênero ainda são determinantes na concepção do ser vaqueiro” (AIRES, 2008, p. 121).

Por fim, a pesquisa de Barbosa (2006) se delineou no mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará e procurou compreender o universo da vaquejada e seu funcionamento, tendo em vista a sua nova configuração, enquanto negócio, a partir da interpretação de suas regras e códigos. A versão que tivemos acesso foi em formato de livro publicado pela Editora Universitária da Universidade Federal do Piauí (EDUFPI). O autor concluiu que a vaquejada configurada nos molde de negócio, não se consolida somente como um folclore a representar uma tradição cultural nordestina localizada apenas no passado e nem uma produção única e exclusiva do presente. Constitui-se enquanto bricolagem: “uma invenção recente, feita no presente com pedaços de passado” (BARBOSA, 2006, p. 20).

Além disso, o estudo revelou a existência de um atravessamento de identidades de gênero e a identidade regional, visto que as mulheres, nesse formato de negócio da vaquejada,

se colocam cada vez mais presentes nesse espaço. Isso acontece também, porque há uma mudança no campo de significação do ser masculino, que antes era permeado pela imagem do vaqueiro de fazenda e agora pelo vaqueiro desportista (BARBOSA, 2006, p. 125).

Apesar desta pouca visibilidade das mulheres em práticas como a vaquejada, seja no exercício da atividade ou no campo científico como objeto de estudo, notamos que há modificações nesse cenário identificáveis a partir de meados do século XX. Esta inserção lenta e gradual das mulheres nas vaquejadas da Bahia também pode ser observada a partir de recortes de jornais do interior do estado que mostram a mulher nos anos de 1960, primeiramente, como aquela constituída para embelezar as festas de vaqueiros. Isso fica explícito, por exemplo, na primeira página do jornal *Tribuna Popular* do ano de 1967: “Rainhas em trajes de couro!”. Notamos que as mulheres são colocadas como as “misses” das pegadas de boi e denotam como sua beleza enfeitada a festa. Já no jornal *A Tarde*, de 1995, o destaque da Vaquejada de Dias D’Ávila é a rainha e vaqueira, Socorro Miranda, demonstrando assim, que as mulheres já se tornaram protagonistas dessa prática cultural, bem como estabelece relações com outras construções imaginárias de ser rainha.

Hoje, as mulheres se inserem na prática da vaquejada enquanto vaqueiras, haja vista que a construção masculina de vaqueiro, na atualidade, é diferente daquela que foi constituída no ciclo do couro, no povoamento dos sertões. Hoje, se fala em “vaqueiro desportista” ou vaqueiro de vaquejada, que possui um “capital simbólico” diferente do antigo “vaqueiro de fazenda”. Antes, a marca de gênero e de classe social estava diretamente circunscrita no termo vaqueiro de fazenda, algo que se configura de modo diferente hoje (BARBOSA, 2006, p. 110). Talvez esse fato colabore para a entrada das mulheres nas vaquejadas, não mais exclusivamente como rainhas, mas também protagonizando a prática de puxar o boi pelo rabo.

Diante do exposto, nos provoca saber como problema de estudo: como se constitui a participação das mulheres nas vaquejadas da Bahia? Para tanto, nosso objetivo geral foi o de analisar as trajetórias de mulheres que fazem parte das vaquejadas, a fim de compreender a constituição da participação delas nessa prática no estado da Bahia. Como objetivos específicos temos: descrever os significados culturais atribuídos às vaquejadas, a partir do “olhar” de mulheres que participaram e participam da prática, bem como das matérias jornalísticas; identificar os papéis exercidos pelas mulheres nas vaquejadas da Bahia, a partir da década de 1960; identificar as relações e as tensões constituídas no espaço-tempo das vaquejadas da Bahia, geradores de obstáculos e/ou colaboradoras para inserção do corpo feminino nesta prática.

Nossa motivação para esta pesquisa, primeiramente, parte do envolvimento da pesquisadora com a prática da vaquejada. Um envolvimento resumido a espectadora das “peripécias” de um pai que foi, durante 26 anos de sua vida, vaqueiro de vaquejada no estado da Bahia. Dessa relação gerou o estudo monográfico: Valeu o Boi! Cartografia e redes de sociabilidade das vaquejadas e bolões enquanto prática esportiva de lazer na Princesa do Sertão<sup>10</sup>. E agora o objeto de investigação em questão.

A segunda motivação parte da ideia de Freire (1982, p. 14), quando esse apresenta que “visões falsas da história” desenvolvem “ações negadoras de liberdade”. Sabemos que a sociedade, ao longo da história, não foi construída apenas por homens brancos e elitizados. Reafirmar isso, ao apresentar os fatos históricos, é contribuir para uma construção cultural, ou atuar em um processo educativo alicerçado em bases falsas e frágeis. Constitui-se, portanto em uma falácia. Tal “versão” faz com que as mulheres nunca sejam localizadas, de fato, como partícipes ativas do processo de construção da sociedade e eliminam as possibilidades disso acontecer, mantendo-as aprisionadas aos ditames impostos ao seu corpo e ao seu saber-fazer.

Sendo assim, nosso interesse nessa pesquisa consiste no fato de considerar importante evitar o ato de se “[...] ‘domesticar’ o presente para que o futuro, na melhor das hipóteses, repita o presente ‘domesticado’” ou ainda “transformar o futuro em algo pré-estabelecido, uma espécie de fado; de sina ou de destino irremediáveis”. Para não mantermos a ideia de que “[...] o hoje ligado ao passado, é algo dado e imutável” ou que “o amanhã é algo pré-dado, prefixado inexoravelmente” (FREIRE, 1982, p. 23). Ou seja, o presente não deve ser uma sucessiva repetição de atos e atitudes falhas do passado. Reconstruí-lo em novas fundações no presente pode transformar significativamente o futuro.

Neste sentido, ao buscarmos dar visibilidade às mulheres, apresentando-as em pleno exercício de múltiplos papéis na sociedade, para além de mães e esposas, bem como suas potencialidades, poderemos contribuir, mesmo que de forma parcial ou indireta, para que certos fatos não continuem se perpetuando, como: mulheres ganhando salários inferiores aos dos homens, sofrendo preconceitos, perdendo direitos e/ou sendo vítimas de violências múltiplas.

Portanto, é importante mantermos a luta pela liberdade das mulheres, para estes diversos corpos, imersos neste fenômeno cultural, sem culpa, sem opressão, sem medo e sem domesticação. É pela educação, em qualquer que seja os espaços para tal, que construímos a consciência de que cada sujeito faz história e a partir dessas histórias poderemos contribuir

---

<sup>10</sup> Trabalho de conclusão de curso produzida na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no Curso de Educação Física, sob orientação do Prof. Dr. Luís Vitor Castro Junior.

para emancipação humana e para construção de uma historiografia que abarque a capacidade de tornar os sujeitos conscientes, críticos, solidários e transformadores de sua realidade. São ações integradas, interdependentes: história e educação; educação e história.

Neste prisma, a pesquisa em questão acredita ser relevante colocar no palco da visibilidade as mulheres da Bahia que conquistam cotidianamente diversos espaços, que antes eram consolidados apenas para os homens, contribuindo para evidenciá-las no campo da construção de uma nova sociedade que exercitará a cultura do respeito pelo corpo e pelas histórias de vida dessas mulheres. É romper silêncios e possibilitar se desvelar vivências e pensamentos das vaqueiras da Bahia que a história da nossa região não conta. É como diz Luz (2019, p. 219), “quando a sociedade conhece realmente a história da gente. Então, fica [...] equilibrado, [...] eles abraçam a ideia”.

Para tanto, a nossa perspectiva metodológica tem enveredado pelos caminhos da História Oral, se constituindo em uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo histórica. As pesquisas de natureza qualitativa se assentam e se consolidam na compreensão dos fatos e fenômenos, levando em consideração a totalidade-vivente; os sujeitos. Abarcam experiências múltiplas e que somadas ao conjunto das compreensões perspectivadas do pesquisador sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, culminam no desenvolvimento do conhecimento humano para o humano, enquanto retorno responsável e cuidador a uma existência plena da humanidade (GALEFFI, 2009; MACEDO, 2009).

Em outras palavras, as pesquisas de abordagem qualitativa possuem o interesse de responder aos problemas de uma investigação, através do “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Nesse viés, a História Oral se caracteriza em meio de acesso ao conhecimento do passado, tendo como objeto de análise as narrativas dos depoentes acerca da temática sob investigação (ALBERTI, 2013). Assim, podemos conhecer fatos e acontecimentos a partir da voz dos esquecidos, excluídos e marginalizados de nossa sociedade, demonstrando que cada sujeito é ator da história (JOUTARD, 2000; THOMPSON, 2000). A oralidade revela-nos realidades que muitas vezes não aparecem nos documentos escritos, pelo fato de serem consideradas “insignificantes”, “inconfessáveis” ou “impossíveis” de serem transmitidas pela escrita. “É através do oral [...]; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional” (JOUTARD, 2000, p. 34).

Nesta perspectiva metodológica utilizamos as fontes orais, porém não se resume a apenas essa tarefa. É necessário que ela, como um trabalho de pesquisa, tenha por base um projeto e que as fontes orais sejam obtidas a partir de uma interação entre pesquisador e sujeitos de pesquisa, trabalhando com a “recuperação” de informações da memória, de maneira a produzir documentos, nos quais haja a reflexão e análise de forma dialética durante todo o processo, revelando-se a face externa e interna do vivido (LANG, 1996, p. 44-45).

Por fim, podemos inferir que a História Oral possui uma relação íntima com a memória, pois a partir desta pode-se trazer à luz acontecimentos deixados à margem e sem que a História tenha lhes garantido a devida atenção, bem como passar a se constituir em elemento de identidade (JOUTARD, 2000). Além disso, é através da memória individual, do campo de pertença singular dos indivíduos, que se pode reconstituir a memória coletiva (JANOTTI, 1996), levando-se em consideração que as memórias dos indivíduos expressas por meio de suas narrativas, “constitui a matéria prima para o conhecimento sociológico que busca, através do indivíduo e da realidade por ele vivida, apreender as relações sociais em que se insere em sua dinâmica” (LANG, 1996, p. 36).

No que tange essa pesquisa ser do tipo histórica, compreendemos que ela tem como principal função “compreender [os sujeitos] e suas sociedades durante o tempo” (SANTOS, 2016, p. 20). Nesse sentido, se faz necessário voltar ao passado, objetivando alcançar uma compreensão do presente, bem como uma elaboração de ações mais profícuas na atuação no futuro, em um movimento de “consciência histórica”, manifesta pela “narrativa histórica” (SANTOS, 2016, p. 28).

Notamos, portanto, que passado-presente-futuro estão entrelaçados para melhor elucidação de fatos e ações dos sujeitos, para não apenas sinalizar seus primórdios e origens, mas também elencar os motivos pelos quais garantem o desenvolvimento e a manutenção de determinados eventos no presente e, assim, tentar moldar o futuro. Ou seja, é “nosso dever procurar as razões históricas, humanas, para [determinado] fenômeno” (SANTOS, 2016, p. 22).

Isso se torna possível ao analisarmos a partir de uma antítese entre o que se constitui um *continnum* e o que se coloca enquanto mudança no espaço-tempo da história. Além disso, deve-se consolidar uma compreensão consistente do presente para estabelecer relação com o passado e vice-versa. Desse modo, então, é possível visualizar e conhecer outra sociedade que se encontra distante no tempo e espaço, do qual se propõe determinada pesquisa histórica (SANTOS, 2016, p. 21-22).

No que se refere às fontes de pesquisa, estamos trabalhando primeiramente com a fonte impressa: jornais, como o A Tarde, tendo em vista que este é o maior e mais importante do estado da Bahia, ainda em circulação<sup>11</sup>. E alguns do interior, como: Gazeta do Povo (1959 a 1963), Folha da Feira (1965 a 1966), Tribuna Popular (1967 a 1969), Situação (1966 a 1969), Feira Hoje (1970 a 1997), Diário da Feira (1998 e 1999), Folha do Estado da Bahia (1998 aos dias atuais) e Folha do Norte (1909 aos dias atuais) pertencentes à Feira de Santana.

No que tange dizer a essas últimas fontes, o motivo de nossa escolha encontra-se balizado no fato que a cidade de Feira de Santana possui o maior entroncamento rodoviário do Norte e Nordeste do país. Portanto, o circuito de pessoas, mercadorias e informações se consolidam de modo efervescente nesta cidade do interior. Além disso, Feira se constituiu enquanto cidade por conta da pecuária e sua Feira de Gado, na qual, ao longo da história também aconteciam as vaquejadas improvisadas, como assim relata Lajedinho (2004). A cidade possui na atualidade quatro Parques de Vaquejada (Coliseu do Sertão, José Joventino, Brumilla e Pangaré) além de inúmeras pistas particulares.<sup>12</sup>

Em Salvador, a busca dos jornais foi realizada na Biblioteca Central do Estado da Bahia, por ser a mais antiga da América Latina e a primeira biblioteca pública do Brasil<sup>13</sup>. A partir do “Projeto História da Bahia: da memória impressa ao conteúdo digital”, tivemos acesso ao acervo do Jornal “A Tarde” desde o tempo de sua fundação, 1912, até os dias atuais, via on-line pelos computadores instalados na biblioteca<sup>14</sup>.

Em Feira de Santana, a Biblioteca Setorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão, localizada no Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), se constituiu em outro lugar de procura destes jornais. Isso porque essa biblioteca se consolida como um centro de referência para pesquisadores na área da história, sobretudo, relacionado à

---

<sup>11</sup> Informação encontrada no site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC / FGV) em colaboração especial de Consuelo Novais Sampaio. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tarde-a>. Acessado em 04.11.2018.

<sup>12</sup> No ano de 2014 obtivemos a informação que Feira de Santana e seus distritos possuíam 31 pistas de vaquejadas (entre parque, pistas particulares e haras). Foram localizadas 24 das 31 pistas. Ver em: CAVALCANTI A. P. C.; CASTRO JÚNIOR, L. V. **Boi na pista!** Sociabilidade, esporte e lazer na Princesa do sertão. UEFS Editora: Feira de Santana, 2019.

<sup>13</sup> Informações encontradas no site “Bibliotecas – Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas da Bahia”, disponível em: <http://www.bibliotecas.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=21>, acessado em 28.11.2018.

<sup>14</sup> O projeto contou com o incentivo do Ministério da Cultura, através da Lei Rouanet, a realização ficou por conta da “Humanidades Editora e Projetos”, o apoio, do próprio Jornal “A Tarde” pelo seu sistema integrado de informação e Fundação Pedro Calmon, e patrocínio da Monsanto Imagine, Odebrecht, Coelba (Grupo Neenergia), Bahiagás (Companhia de Gás da Bahia) e do Fundo de Cultura do Governo do Estado (FRAGA, 2010). Como o acervo é um sistema integrado, permite que a busca seja realizada pela utilização de palavra-chave, que em nosso caso, foi vaquejada.

cultura sertaneja<sup>15</sup>. O outro acervo consultado foi o da Biblioteca Municipal Arnold Ferreira da Silva que disponibiliza os jornais Folha do Estado e Folha do Norte digitalmente, facilitando assim o acesso às informações.

O segundo tipo de fonte foi a oral. As fontes orais possuem três subdivisões categóricas, a saber: histórias orais de vida e relatos orais de vida, que se referem à própria vida e experiência das informantes; e, por último, depoimentos orais. Essas têm relação com fatos que o sujeito de pesquisa conhece ou cuja sua presença se fez efetiva (LANG, 1996, p. 34).

O tipo de fonte oral que se encontra próximo a nossa pesquisa seria o relato oral de vida, visto que é nesse tipo de fonte que as pesquisadas abordam determinados aspectos da vida, isto é, “o entrevistado sabe do interesse do pesquisador e direciona seu relato para determinados tópicos” ao contrário de como é tratado na história oral de vida, na qual o sujeito da pesquisa relatam tudo de sua existência através do tempo, ou seja, “os acontecimentos vivenciados são relatados, experiências e valores transmitidos, a par dos fatos da vida pessoal” (LANG, 1996, p. 34-35).

Assim, temos dois grupos de informantes (quadro 1). O primeiro grupo foi composto pela primeira “rainha do couro”, noticiada no jornal Tribuna Popular na década de 1960, visto que, acreditamos que ela se constitui como ponto de partida para a inserção da mulher nas vaquejadas, mesmo que na perspectiva de uma rainha para contemplar. Ainda nesse grupo, entrevistamos as vaqueiras da “velha guarda<sup>16</sup>”, podemos assim dizer, que começaram a correr entre as décadas de 1980 e 1990. Aqui, uma dessas vaqueiras também foi rainha de vaquejada em Serrinha. Daí soma-se quatro depoentes. E por fim, o segundo grupo, composto por vaqueiras de vaquejada. Ou seja, as que correm na atualidade. Foi ouvida a filha de uma das vaqueiras da “velha guarda”, porque nos interessa essa relação intergeracional; uma das mais velhas do grupo atual e duas que presidiram a antiga Associação de Vaqueiras da Bahia (AVAB). Além dessas, tivemos mais duas vaqueiras que foram entrevistadas por indicação desses dois primeiros blocos. Desse modo, abarcamos o recorte temporal pretendido, década de 1960 até o tempo presente.

---

<sup>15</sup> Informações no site da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), disponível em: <http://www.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=119>, em 20.11.2018.

<sup>16</sup> É como o pessoal da comunidade vaquejada entende os vaqueiros e vaqueiras que participavam das vaquejadas do passado. Aqueles que pertencem às gerações passadas.

**Quadro 1 – Relação das entrevistadas da pesquisa<sup>17</sup>**

<b>Nome</b>	<b>Data de Nascimento</b>	<b>Período de participação nas vaquejadas da Bahia</b>
Marcella Carvalho Silva Argolo	25 de novembro de 1985	Tenta participar das vaquejadas aos 11 anos (1996), depois aos 14 anos (1999), sem êxito. Finalmente em 2009, após a compra de um cavalo, passa a ser vaqueira de vaquejada. Participa até os dias atuais.
Tatiane da Conceição Ribeiro	29 de Julho de 1983	Começa aos 13 anos batendo esteira (1996). Passou nove anos fora das pistas (2006 – 2015). Retorna em 2015 como puxadora e vice-presidente da Associação de Vaqueiras da Bahia (AVAB). Em 2016 a AVAB é desfeita, ao mesmo tempo em que, essa vaqueira fica sem seu cavalo, saindo assim das pistas. Atualmente é a diretora do grupo de Vaqueiras da Bahia (VBA), mas não vem atuando como vaqueira.
Rita de Cássia Cordeiro Lima	05 de fevereiro de 1967	Começa a participar aos 8 anos acompanhando os irmãos (1975). Sua participação enquanto vaqueira iniciou em 1980. Também ocupou o posto de rainha de vaquejada em Serrinha. Deixa as pistas mais ou menos em 1994.
Maria do Socorro Miranda	28 de julho de 1953	Inicia sua participação nas vaquejadas em Alagoas na década de 1970. Continua quando vem para a Bahia em 1981. Parou de correr vaquejada oficialmente em 2001.
Karla Maria Coelho Sampaio	03 de julho de 1976	Iniciou em 1997, mas por conta dos estudos passou um período de instabilidade na prática (indo e voltando). Nos últimos oito anos que se manteve ininterruptamente nas vaquejadas (2011 – 2019).
Alana Gomes Nunes	09 de outubro de 1987	Iniciou aos 14 anos (2001). Ao entrar na faculdade deixa de “correr boi”. 2015 passa a ser a presidente da Associação de Vaqueiras da Bahia (AVAB) que se desmonta no ano seguinte. Atualmente é juíza de bem-estar animal (veterinária) nas vaquejadas e treina de vez em quando.
Rosângela de Oliveira Ribeiro	07 de abril de 1978	Começa aos 13 – 14 anos (+ - 1992) quando compra o primeiro cavalo e se mantém na prática até os 20 anos (1998). Depois permanece sua relação com a vaquejada por meio da dinâmica do negócio de compra, preparação e venda de cavalos.
Kaliane Piana Baraúna	08 de junho de 1995	Começa em 2015 e corre até os dias atuais
Caliani Catielle Miranda Luz	28 de janeiro de 1988	Iniciou aos 7 anos (1995) e corre vaquejada até os dias atuais. Filha de Socorro Miranda.
Vera Lúcia Maria dos Santos Ainsworth	23 de outubro de 1949	Rainha da Festa de Vaqueiros de Tanquinho de 1967. Nesta festa a derrubada de bois (Vaquejada) era a grande atração.

Fonte: Acervo da pesquisa

<sup>17</sup> A relação das entrevistadas obedeceu esta ordenação levando em consideração a data de realização das entrevistas. Os períodos de participação dessas mulheres nas vaquejadas da Bahia são aproximados.

Esse recorte foi escolhido também, porque entre os anos de 1960 a 1970, a vaquejada passa a ter uma nova configuração para as disputas com certa proximidade do que acontece na atualidade. Além disso, nesse período tem-se a influência do movimento feminista que possibilitou uma abertura para a inserção das mulheres em novos espaços-tempos de atuação, que dantes eram apenas concedidos aos homens.

Estender esse período de investigação até o tempo presente nos permitiu uma melhor elucidação dos fatos, visto que, utilizamos de material jornalístico, bem como das narrativas de mulheres que viveram e vivenciam esta prática cultural em tempos históricos diferentes, desempenhando papéis distintos que remetem desde as primeiras inserções dessa mulher nesses lócus, até atualidade. Essa relação intergeracional nos interessou, pois nos apresentou uma riqueza de detalhes dos acontecimentos, principalmente no que tange aos conflitos e enfrentamentos dessa participação, contrastando elementos culturais e sociais que advém dessas relações no fluxo da história.

Quanto ao dispositivo de coleta de informações, utilizamos a entrevista semiestruturada. Esse tipo de entrevista de acordo com Triviños (1987, p. 146) é aquela que, ao partir de alguns questionamentos básicos de interesse da pesquisa, mas de caráter amplo, permite estabelecer um diálogo entre o pesquisador e pesquisada, *a priori*. A medida que os sujeitos da pesquisa respondem as perguntas, proporcionam o surgimento de novas hipóteses que se relacionam, em alguma medida, aos interesses de pesquisa. Para tanto, confeccionamos um roteiro para melhor conduzir as entrevistas<sup>18</sup>.

No que se refere à escolha do território Bahia, assim o fizemos, levando em consideração o fato de essas mulheres fazerem parte da antiga Associação de Vaqueiras da Bahia (ABAV) e que tenta se consolidar, atualmente, como o Grupo de Vaqueiras da Bahia (VBA). Ao fazerem isso, elas delineiam um campo de representação que está atrelado ao estado e não apenas aos seus lócus citadino ou regional de pertencimento. Ou seja, onde quer que elas se encontrem no território-vaquejada, estarão representando o estado da Bahia.

Para responder a nossa pergunta de investigação, procedemos a interpretação das falas das informantes, no qual nosso principal foco para a determinação de categorias foram as memórias coletiva e singular sobre o tema, apresentadas e expressas pelas vaqueiras durante

---

<sup>18</sup> Filmamos o momento da entrevista sob dois ângulos e gravamos o áudio por um aplicativo de celular. Isso permitiu garantir o conteúdo do discurso com o mínimo de perdas de áudio, comum em filmadoras de pequeno porte e celulares. Nosso equipamento é composto de uma filmadora DCR\_DVD650 da Sony, uma máquina fotográfica Nikon D3000, um tripé, um computador notebook N3 mobile – todos emprestados pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário da Universidade Estadual de Feira de Santana – um celular Nokia N8 e um celular Motorola modelo E4 plus.

as entrevistas. Para isso, foi realizada a transcrição das entrevistas, exatamente conforme a fala da pesquisada. Desse modo, o conteúdo da fala encontra-se apresentado com todos os elementos que a constitui: pausas, repetições, expressões, silêncios, entonações, quebra de sequência. Nesse sentido, procuramos evitar perda dos significados da fala, bem como interferência exacerbada de quem transcreveu (CRUZ, 2005, p. 11). Além disso, estabelecemos um diálogo entre a fonte oral e a fonte jornalística.

Ao fim deste processo, esta dissertação apresenta a seguinte divisão: 1) Introdução; 2) O “olhar” das mulheres e de matérias jornalísticas sobre as vaquejadas: desvelando os significados culturais desta prática no estado da Bahia; 3) Entre influências e atitudes: a inserção das mulheres nas vaquejadas baianas; 4) Os papéis sociais desempenhados pelas mulheres nas vaquejadas da Bahia: onde se constitui os avanços e limites/obstáculos de sua participação? e 5) Considerações finais.

## **2. O “OLHAR” DAS MULHERES E DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS SOBRE AS VAQUEJADAS: DESVELANDO OS SIGNIFICADOS CULTURAIS DESTA PRÁTICA NO ESTADO DA BAHIA**

### **2.1 AS VAQUEJADAS DA BAHIA NOS HOLOFOTES DO ESPORTE E LAZER: OS DESDOBRAMENTOS DA PRÁTICA PARA ALÉM DO TRABALHO PASTORIL**

A vaquejada ou vaqueijada era aquele momento considerado o mais movimentado da vida do vaqueiro (GOULART, 1965), nos tempos que não havia cercas para delimitar as fazendas e o trabalho era realizado por numerosos homens. Este era um dos poucos momentos no qual existia o trabalho coletivo. Aqui, a vaquejada era também conhecida como ajuntamento, o famoso arrebanhar do gado, muito ligado às atividades laborais do vaqueiro. Trabalho esse que era feito, em geral, nos tempos de estiagem no mês de junho, por conta das práticas da apartação, quando os bois se encontravam bastante dispersos, porque passaram o período anterior aproveitando o pasto verde e as águas acumuladas da fase chuvosa (GONÇALVES, 1997).

O gado se distanciava bastante, acabando por se misturar com os bovinos de outros fazendeiros. Por isso a necessidade inicial de reunir a gadaria para depois apartar, dividir. Daí, ferrava-se as novas crias, escolhia-se o gado para a venda e, depois, entregava o restante aos respectivos donos (MENEZES; ALMEIDA, 2008; GONÇALVES, 1997; ALVES, 1986; BEZERRA, 1978; GOULART, 1965; CASCUDO, 1956). Depois de todo o serviço realizado, pagava-se as quartas aos vaqueiros (GOULART, 1965).

Durante o ajuntamento, ou a vaquejada, não era difícil encontrar um barbatão, ou como se chama aqui na Bahia, segundo Queiroz (2013), um “marruá alevantado” – touro ou novilho bravo, selvagem, criado no mato ainda sem contato com humanos ou com técnicas de domesticação. Era necessário então, pegá-lo de carreira, derrubá-lo puxando pelo rabo e prendê-lo para proceder ao cuidado e, posteriormente, agregá-lo ao restante do rebanho (BEZERRA, 1978). Dessa maneira, “sabemos que foi das apartações que surgiram as vaquejadas” (ALVES, 1986, p. 14).

Além dessa técnica, havia as quedas de vara<sup>19</sup>, utilizando-se da garrocha espanhola<sup>20</sup>, o laço e uso das boleadeiras<sup>21</sup>, todas oriundas da Península Ibérica (Portugal e Espanha),

---

<sup>19</sup> A queda de vara era o meio pelo qual se derrubava o touro através de um impulso lateral dado pelo vaqueiro na anca do animal com o ferrão de uma vara (CASCUDO, 2005).

<sup>20</sup> Haste, com ferro farpado em uma das extremidades (CASCUDO, 2005).

<sup>21</sup> São “três bolas de madeira ou pedra, envolvidas em couro” (CASCUDO, 1976, p. 27).

juntamente com os bois. Porém, a que melhor se ajustou ao território Nordestino<sup>22</sup> foi a derrubada do boi puxando-o pelo rabo (ALVES, 1986; CASCUDO, 1976). Essa última era prática comum na Espanha<sup>23</sup> até o início do século XX, quando enfim, entrou em desuso (CASCUDO, 1976).<sup>24</sup>

No Brasil, mais especificamente no Nordeste brasileiro, derrubar o boi puxando pelo rabo se tornou prática usual da lida dos vaqueiros, nos momentos das vaquejadas, juntamente com as práticas da apartação. Posteriormente, tanto a apartação quanto a vaquejada agregam dimensões festivas. Ou seja, a prática ganha dimensões de celebração, na qual o encontro entre os vaqueiros torna-se primordial para a demonstração de habilidade, destreza e vitalidade de modo a exaltar o seu modo de vida, seu cotidiano (MENEZES; ALMEIDA, 2008; MAIA, 2000; CASCUDO, 1976). Sobre isso, Menezes e Almeida (2008) no dizem que,

Corroborando o que disseram os romancistas citados, Manuel Correia de Andrade abordou a criação de gado no agreste e no sertão e comentou a apartação e a vaquejada. Para esse autor, a apartação era uma festa proporcionada pelo fazendeiro para tentar recompor seu rebanho, ou ocorria no momento de ferrar o gado para a comercialização; já a vaquejada se originou com a procura dos animais bravios na caatinga. (MENEZES; ALMEIDA, 2008, p. 184)

Sendo assim, a vaquejada no início do século XX se configurou como uma festa, na qual os vaqueiros pegavam o boi no mato (figura 1), derrubando-o e trazendo até a comissão julgadora, para assim receber a premiação (MENEZES; ALMEIDA, 2008). A dupla de vaqueiros se embrenhava no mato, em perseguição a rês, cada um em seu cavalo. De um lado, o esteira que tinha que “manter o boi ‘na linha’, para que ele não saísse da direção”. Do outro, o derrubador ou puxador que “teria que pegar e derrubar a rês. Uma boa derrubada significava a queda da rês com as patas para o alto” (MAIA, 2000, p. 181). A derrubada não tinha lugar predestinado para tal. Poderia ser em qualquer lugar em meio à caatinga. Dessa forma, “o que imperava nessa vaquejada, além da habilidade, era o lúdico e a espontaneidade” (MAIA, 2000, p. 187). Os cavalos utilizados eram os mesmos da lida campeira, nada de cavalo de

---

<sup>22</sup> No Nordeste brasileiro, os vaqueiros, para perseguirem a rês, como descreve Bezerra (1978, p. 9), precisavam desviar-se de árvores, saltar “macambira e xiquexique”, bater “aqui e ali em galhos de juremas, amorosas e mofumbos”, penetrar em caatingas com plantas espinhosas e deslizar-se sobre as pedras.

<sup>23</sup> Na Espanha, a prática de derrubar o boi pelo rabo era conhecida como Collera ou Coleada (CASCUDO, 1976) e pode ser vista, atualmente, em territórios, que no passado, passaram pelo processo de colonização espanhola, como: Colômbia, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

<sup>24</sup> Ver em: CAVALCANTI A. P. C.; CASTRO JÚNIOR, L. V. **Boi na pista!** Sociabilidade, esporte e lazer na Princesa do sertão. UEFS Editora: Feira de Santana, 2019.

raça. Os prêmios tinham valor simbólico e a festa era muito alegre, com música, baile e fartos jantares (MENEZES; ALMEIDA, 2008; CASCUDO, 2005; MAIA, 2000).

**Figura 1** – A pega de boi no mato



Fonte: Site Viva o Sertão (2016)

Em 1940, agregaram-se às pegas de boi no mato às corridas de mourão. Segundo Alves (1986):

Começaram a surgir os barbatões, touros bravos, criados no mato, sem ferros nem sinais, então começou a aparecer os cavalos bons, os vaqueiros afamados para pegarem os barbatões [...]. A pega dos barbatões transformou-se numa verdadeira festa de vaqueiros e um verdadeiro desafio para os cavalos: uma espécie de teste para cavalo bom, pois o cavalo que pegava barbatão era muito valorizado. Os fazendeiros começaram a oferecer uma espécie de prêmio para o vaqueiro que pegasse um barbatão, era o seguinte: o vaqueiro que pegava um barbatão tinha direito a correr quatro touros no pátio, isto é, quatro carreiras de mourão [...]. Isto foi chamado corrida de mourão; se os fazendeiros não quisessem dar o gado para correr no mourão, os vaqueiros não tinham interesse de pegar o gado para as apartações, então foi se generalizando corrida de mourão com apartação, que terminou se chamando só apartação. Quando se falava: vai haver apartação em tal lugar, já se sabia que havia corrida de mourão. (ALVES, 1986, p. 18)

Portanto, o que observamos é que as práticas laborais dos vaqueiros se transformaram em práticas festivas – pega de boi no mato ou vaquejada, corrida de mourão, festa de apartação – que, aparentemente, se colocam como celebrações distintas, mas ao mesmo tempo demonstram fazer parte de uma só: a festa da apartação. Isso se consolida, pois foi a partir da prática da apartação que surgiram todas as outras práticas laborais e festivas. Foi o interesse de separar o gado para promover o cuidado, para comercializar, bem como promover o recambiamento de alguns exemplares aos proprietários, que impulsionou o desenvolvimento de todas as outras atividades. Segundo Maia (2000):

A esse mutirão de vaqueiros, no período chuvoso, denominava-se festa da apartação. A festa da apartação, que dá origem à vaquejada, constituía-se em uma reunião de vaqueiros que, ao final do dia, geralmente em frente à casa da fazenda, festejavam as perseguições e as derrubadas. Nesse período, a casa da fazenda animava-se, enchendo-se de gente, quando então o fazendeiro, que já não mais residia ali, vinha com sua família passar temporada. Esse agrupamento de vaqueiros podia demorar semanas reunindo o gado com “episódios empolgantes de correrias vertiginosas”. (MAIA, 2003, p. 178)

As décadas de 1950 a 1970 foram marcadas por grandes transformações na vida econômica, política e social do Brasil, reverberando em um movimento de modernização e industrialização tanto nas cidades, como no campo. O advento das estradas de ferro e de rodagem, da energia elétrica, maquinários modernos e um rápido processo de urbanização, foram itens que contribuíram para uma busca incessante por inovação. No campo, por exemplo, a mecanização agrícola e os avanços tecnológicos de produção, impulsionados pelas exigências do mercado externo, fizeram com que grandes empresas de gêneros alimentícios ampliassem seu potencial agroindustrial, alargando assim, sua capacidade produtiva. Todavia, milhares de pessoas ficaram desempregadas, pessoas que dependiam da terra para sobreviver, empurrando uma grande porcentagem da população rural para os grandes centros (GONÇALVES; MELO, 2009, p. 253; BARBOSA, 2006, p. 39).

Na pecuária, a modernização no trato com o gado não tornou diferente o cenário nas antigas fazendas de criar. Segundo Goulart (1965),

Já não são os mesmos d’antanho os usos e costumes observados nos modernos estabelecimentos de criatório. A diminuição das áreas territoriais das fazendas e estâncias; a crescente valorização da carne e do couro; a disseminação de novas técnicas de manejo do gado; a introdução de diferentes métodos e processos objetivando exclusivamente a valorização comercial do produto, enfim, tôda essa gama de fatores hodiernos, modificaram o *modus vivendi* e o *modus faciendi* nas propriedades

destinadas à pecuária. As imposições de ordem econômica aliadas ao progresso técnico-científico, relegaram a plano secundário aquela aura de romantismo que dantes caracterizava a ambiência rural. (GOULART, 1965, p. 117)

Desse modo, a pecuária extensiva foi substituída pelos sistemas de confinamento de gado – a pecuária intensiva – tendo em vista, a presença de gado raceado, como o zebu – “o que lhe determina os nomes de guzerá, gir e nelore” – que exigia um tipo diferente de manuseio. As terras indivisas agora passavam a ser loteadas por meio do arame farpado e da construção “de cancelas e de porteiras de passagem” (BARBOSA, 2006, p. 40). Desenvolviam-se empresas frigoríficas e de laticínios, sendo indicadas enquanto símbolo de modernização “que dava seus primeiros passos no sentido de transformar uma economia agrária e escravocrata em economia industrial, fundada no trabalho livre” (BARBOSA, 2006, p. 41).

Nesse sentido, a apartação deixou de ser atividade recorrente nos campos do sertão nordestino por conta de uma menor exigência de alto número de trabalhadores para a realização do trato com os animais (BARBOSA, 2006).

Já as vaquejadas, a partir da década de 1950, cada vez mais estreitaram relações com os espaços citadinos. Ou seja, tornaram-se “um evento de exibição nas cidades”, desconfigurando, assim seu caráter genuíno (MAIA, 2000, p. 190). Todavia, para Barbosa (2006, p. 42), foi esse processo de inovação e modernização na pecuária que concedeu a esta prática uma espécie de “carta de alforria” em relação ao trabalho pastoril – apartação, mudando a ideia de que a vaquejada estava perdendo suas origens. Assim sendo,

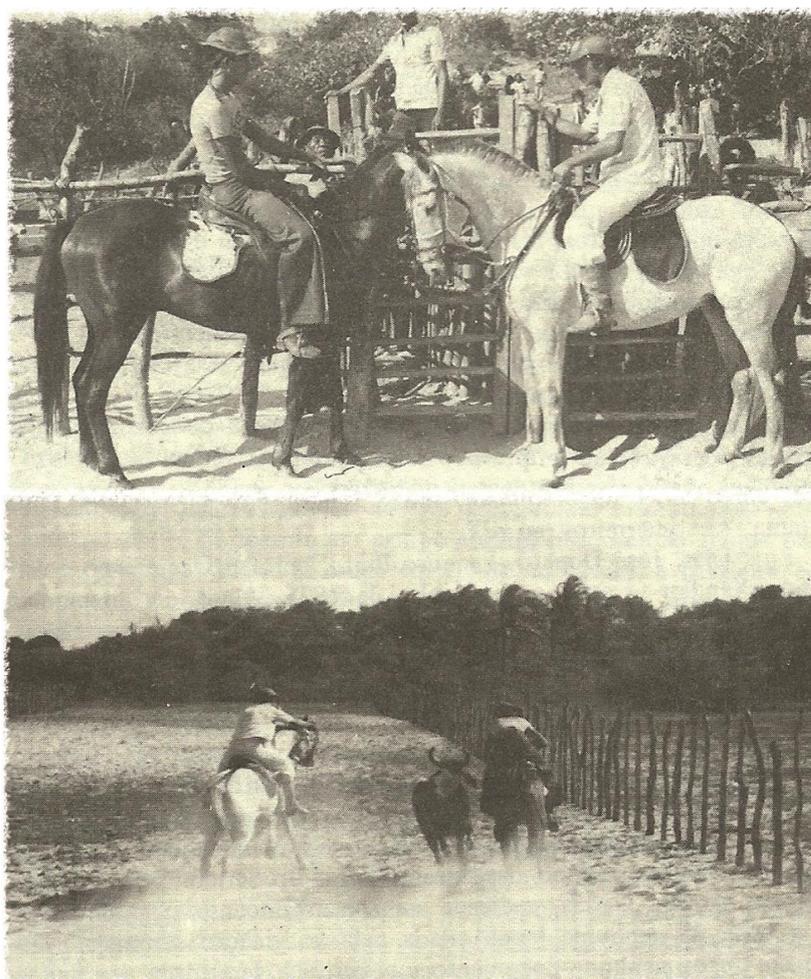
Essa autonomia da vaquejada consistiu na acentuação de seu caráter lúdico e no seu conseqüente desligamento da esfera do trabalho (representado pela apartação). Esse deslocamento da esfera do trabalho e a sua recorrente inserção na dimensão do "esporte" (do lúdico) foram interpretados pelos folcloristas como sendo o desaparecimento da vaquejada ou a perda das raízes tradicionais que caracterizavam os costumes do sertanejo e do nordestino.

A partir desse contexto, a vaquejada passa a ser inscrita no discurso melancólico dos folcloristas, na literatura de cordel e no senso comum como uma ressonância de um mundo maravilhoso que a modernidade acabou. (BARBOSA, 2006, p. 43)

Portanto, esse caráter lúdico da vaquejada ganhou força através da realização da prática em “pistas de corrida”, em substituição aos “antigos terreiros das fazendas”. Essas pistas (figura 2) eram construídas em qualquer terreno, desde que esse tivesse espaço

suficiente, para abarcar as finalidades práticas da vaquejada, que passou a se realizar “em momentos comemorativos, como aniversário, batizado, ou simplesmente nos finais de semana em fazendas de amigos que cediam, além da pista, o gado a ser corrido”. Essa pista era composta de um “corredor longo feito de terra batida onde os vaqueiros derrubavam o boi numa faixa de seis metros, exigindo para isso muita força” (BARBOSA, 2006, p. 42).

**Figura 2** – Parelha de vaqueiros aguardando a carreira e puxada de boi



Fonte: Bezerra (1978, p. 11-13)

Na década de 1970, apareceram os primeiros parques de vaquejada (figura 3) com pistas profissionais, já com a intenção de transformar a vaquejada em um grande espetáculo, anunciado por equipamentos de som e publicizado por meio de propagandas e anúncios. Foram estabelecidas as regras essenciais, comissões organizadoras e prêmios. Passou-se a usar cavalos de raça, puro sangue, como por exemplo, quarto-de-milha puro ou cruzado com puro sangue Inglês, Árabe, ou Apaloosa. Assim sendo, não se usava mais o cavalo pé duro

(BARBOSA, 2006; MAIA 2000; GOULART, 1965). Sobre este último quesito, isso vem a se consolidar de tal maneira nos dias atuais que se verifica não bastar apenas o(a) vaqueiro(a) ter técnica. É extremamente necessária a presença de um bom cavalo, assim como nos diz Tatiane Ribeiro (2019):

Então, pra mim, correndo no meio de muitas meninas experientes, sabe, que corria e corre vaquejada em cavalos bons, porque vaquejada tem isso! Vaquejada é você ter técnica, experiência no montar e ter cavalo bom pra correr. É um conjunto. Que não adianta você ter técnica e não ter um bom cavalo para correr, que não lhe ajude, sabe! (RIBEIRO T., 2019, p. 155)

**Figura 3** – Planta baixa de um parque de vaquejada em Feira de Santana-BA (adaptada)



Fonte: Costa Junior (2014)<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> CAVALCANTI A. P. C.; CASTRO JÚNIOR, L. V. **Boi na pista!** Sociabilidade, esporte e lazer na Princesa do Sertão. UEFS Editora: Feira de Santana, 2019.

Além da mudança no que tange às dimensões das regras e do uso de cavalos de raça, passou também a existir a cobrança de taxas de inscrição – a senha, que é o que garantia a participação do vaqueiro na competição; houve a uniformização da boiada, conforme as etapas do evento; a existência de um bom sistema de som, para que fosse possível ouvir o serviço de locução e o veredicto dos juízes, a área para shows, etc. (BARBOSA, 2006; MAIA 2000).

Na Bahia, ao que tudo indica, o primeiro Parque de Vaquejada do estado foi o Fernando Carneiro da Silva, localizado em Serrinha, ainda na década de 1960, mais exatamente em 1967. Segundo o correspondente do A Tarde em Serrinha, a vaquejada deste município foi implantada pelo “falecido vaqueiro Valdete Carneiro, e o parque que leva o nome de seu pai foi a primeira praça de esportes no gênero a ser criada no nordeste baiano” (SERRINHA, 1982, p. 5).

Sobre o Parque Fernando Carneiro Tatiane Ribeiro (2019) nos conta que,

[...] a tradição vem do Parque Fernando Carneiro que na época era aquele parquezinho bem simples, não tinha nem se quer uma área de show. Então era ali que começou a tradição vaquejada Serrinha. Eu cheguei a ir com meu pai, na época eu ainda não corria, mas, não corria assim puxando, mas eu sempre ia na vaquejada com ele. (RIBEIRO T., 2019, p.160)

Notamos que a vaquejada começava a adentrar, com o advento dos Parques de Vaquejada, em um processo de esportivização e de espetacularização. Esses, por sua vez, acabaram por ganhar força através dos campos de significação e ressignificação que se inscreveu nessa prática, por meio dos sujeitos que nela estavam inseridos direta ou indiretamente. Em síntese, o desenvolvimento desse cenário começa a se desenhar na década de 1960-1970, quando se visualizou uma modernização nos processos de produção rural e ganhou maior força e potência nas décadas de 1980-1990, se estendendo até os dias atuais. Isso se coloca muito presente na fala das depoentes, a exemplo do que no diz Argolo (2019):

Não. Eu não vivo disso. Eu tenho como **esporte** que eu gosto muito, muito, né? Não é um **esporte** fácil, é **esporte** difícil. E são detalhes, que tem dias que a gente sai de casa e volta feliz como tem dias que a gente sai de casa e volta triste porque tem a sensação de que não, não sabe fazer nada. Mas, é, é, é eu não vivo do meu **esporte**. (ARGOLO, 2019, p. 146)<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Grifo nosso.

Um dos elementos que foram essenciais ao processo de esportivização da vaquejada foi a instituição de regras. Um exemplo disso é a presença das faixas onde são derrubados os bois. Segundo Miranda (2019), estas já tiveram quatro e seis metros de distância entre elas, antes de instituírem a atual de 9 a 10 metros. Além disso, o modo de derrubar o boi mudou com o passar dos anos, saindo da possibilidade de “chiar” ou completar o boi para este ser “deitado”<sup>27</sup> exatamente entre as duas faixas.

O vaqueiro derrubava o boi antes, saía, eles falavam completar, completar o boi. Então eles derrubavam antes, a primeira faixa poderia queimar. Eles vinham antes, chegava no meio [...] daquelas duas faixas e soltava o boi, aí era ali onde valia o boi. Tinha deles que arrastava 5, 6 metros, 8 metros. Mas era uma fase da época. Mas isso foi mudando, a, a, a faixa foi aumentando. Foi ficando, era uma faixa de 4 metro. Já corri faixa de 4 metro. Corri a de 6 metro e hoje tá a de 10. Hoje não faz mais isso, porque na faixa hoje tem espaço pra, pra derrubai o boi, pra o boi cair. Então hoje não existe mais. Hoje as faixas são super intocável. Tanto uma que nem a outra. Naquela época não! Pessoal diz que naquela época, era a época de cavalo bons e vaqueiro bons. [...] Na época voltando, na época, é, é, é, o meu irmão, eu tenho um irmão chama-se Antonio Vaqueiro, no mundo da vaquejada todo mundo conhece, ele não chi...naquele tempo chamava chiar boi, ele não fazia isso. Ele ia na técnica. Ele nunca...eu acredito, nos anos que ele correu, ele nunca chiou um boi. Ele nunca completou assim um boi. Ele sempre, os boi dele era, era sempre na técnica. Já o João Garrincha, já o Zequinha, já o Zé Carlos, que eles corriam, o André, todos tinha essa mania de chiar o boi. E eu aprendi muito [...] com Antonio Vaqueiro que eu também nunca, num chiava o boi. Eu sempre ia na técnica. Se desse pra chegar lá ia, se não desse ... que eu tinha muito medo de cair. As vezes o vaqueiro que chiava o boi ele caía muito. (MIRANDA, 2019, p. 177)

Obviamente que toda mudança ocasiona estranhamentos, até que todos os sujeitos envolvidos se adaptem, assim como descreve Lima (2019):

A mudança da faixa de, de seis metros pra dez metros foi assim uma mudança, é, é, é radical. Foi uma mudança total na cabeça dos vaqueiros. Foi uma das primeiras mudanças que existiu. Hoje não! Tá mudando tudo. Todo dia tá mudando! Mas a, a, a, tecnologia tá aí avançada e, e tá explicando ao, ao pessoal, aos competidores. Mas naquela época foi assim, bem, bem chocante a mudança da, da faixa de seis metros pra dez metros. (LIMA, 2019, p. 167)

---

<sup>27</sup> É assim que a atual regulamentação da vaquejada coloca ao conceituar a prática. “Art. 3 - Para fins de entendimento, ficam definidos os seguintes conceitos: 1. Vaquejada – Atividade cultural-competitiva, com características de esporte, praticado em uma pista sobre um colchão de areia com espessura mínima não inferior a 40cm, no qual dois vaqueiros montados a cavalo têm o objetivo de alcançar e emparelhar o boi entre os cavalos, conduzi-lo até o local indicado, onde o bovino deve ser deitado; [...]” (ASSOCIAÇÃO, 2016, p. 2)

Além da inserção das regras, outro elemento que favoreceu o processo de esportivização da vaquejada foi a de um padrão para a pista, determinando as áreas que obrigatoriamente ela precisa conter. Segundo o Jornal A Tarde do dia 03 de novembro de 2002 (p. 04), a competição assim se sucede:

Uma dupla de vaqueiros, formada pelo puxador (é quem derruba o boi) e pelo esteireiro (orienta o puxador durante a corrida) – corre em dois cavalos, por uma pista de 130 metros de comprimento. A pista começa com 11 metros de largura e termina com 45. Nos primeiros 30 metros, a dupla trabalha o boi. O esteireiro, então passa o rabo do boi para o puxador que nos 10 metros finais precisa derruba-lo, fazendo com que as quatro patas do animal fiquem para cima. Ouve-se então o brado do locutor: “Valeu boi”. No primeiro rodízio de três bois, a pontuação é a seguinte: 1º boi (oito pontos); 2º boi (9 pontos) e 3º boi (10 pontos). No segundo rodízio o 4º boi vale 11 pontos, o quinto 12 e o sexto 13, totalizando 63 pontos. Na fase decisiva é fornecido apenas um boi para cada dupla classificada. São premiadas as 20 primeiras duplas. A comissão julgadora é formada por um juiz e um auxiliar.

Vale ressaltar que essa notícia se encontra no caderno de Esportes do Jornal A Tarde, assim como várias outras notícias ao longo da década de 1990, principalmente. Houve notícias que foram encontradas, inclusive, na seção de amadorismo, encarando assim a vaquejada enquanto esporte amador. Exemplo disso, verificamos na reportagem de 08 de janeiro de 1993 (p. 15) ao falar da Vaquejada de Iaçú, no Parque Camaleão das Folhagens, assim como em 10 de janeiro de 1996 (p. 19), quando noticia a vaquejada no Jockey Clube em Lauro de Freitas.

Pelo regulamento 2017/2018 da Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ), atualmente, a fase de classificação ocorre quando os vaqueiros batem a senha, ou seja, alcançam a pontuação mínima exigida pela organização do evento, podendo ser determinado a partir da puxada de dois a seis bois. No caso da Bahia, geralmente, são quatro animais, e aquelas duplas que conseguirem valer todos os bois da fase classificatória disputam a final, onde definem os vencedores.<sup>28</sup> Dessa maneira, não existe mais a contagem de pontos como foi apresentado anteriormente pelo Jornal A Tarde. Contudo, por muitos anos essa foi a maneira pela qual se decidiu os vencedores da competição.

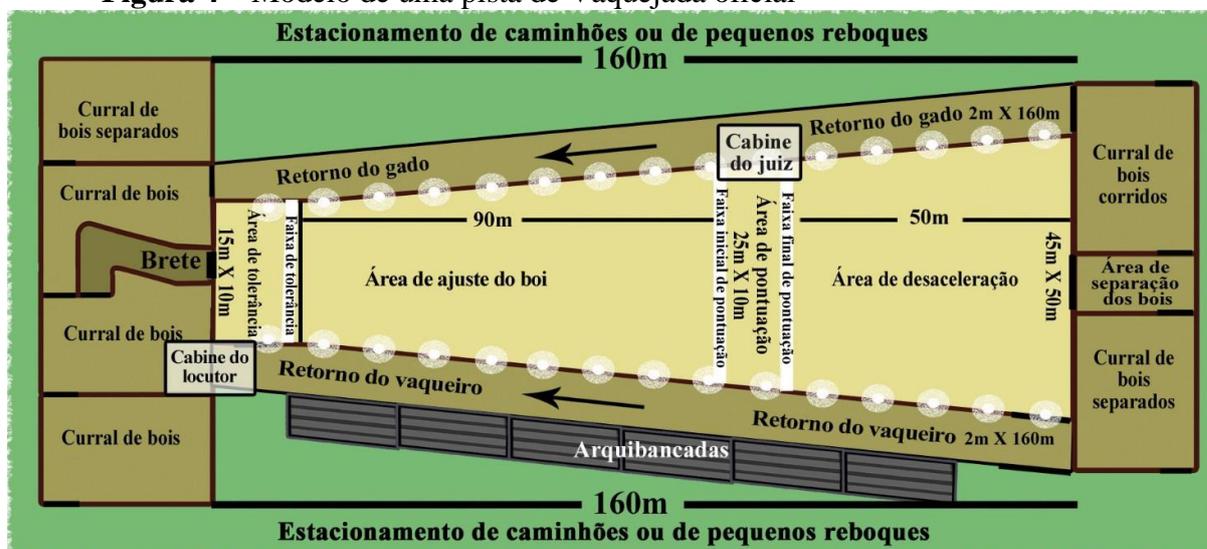
De acordo com Cavalcanti e Castro Júnior (2010), a pista de vaquejada (figura 4) se subdivide da seguinte maneira (de acordo com o regulamento da Associação Brasileira de

---

<sup>28</sup> Informações fornecidas pela vice-presidente da antiga Associação de Vaqueiras da Bahia (AVAB), Tatiane Ribeiro. Agora, a categoria feminina das vaquejadas tenta se organizar, a partir da formação do Grupo Vaqueiras da Bahia (VBA).

Vaquejada [ABVAQ 2017/2018]<sup>29</sup> e a Associação de Criadores de Cavalos Quarto de Milha [ABQM]<sup>30</sup>):

**Figura 4** – Modelo de uma pista de Vaquejada oficial<sup>31</sup>



Fonte: Costa Junior (2014)

- **“Sangra” ou brete:** é a cancela ou porteira, onde os dois vaqueiros (o esteireiro/bate-esteira/esteira e o puxador/derrubador) aguardam o boi ser liberado para começar a carreira; um em frente ao outro. Existe também o estilo “a Baiana” de corrida, na qual, a dupla de vaqueiros larga no mesmo lado na saída do boi. Estilo este, proibido atualmente pelo regulamento da ABVAQ, no seu artigo 12, parágrafo primeiro;
- **Área ou faixa de tolerância:** é a área onde se dá a partida do boi para início da carreira. Aqui se o boi mudar de direção, após passar pela sangra, a partir de 180°, considera-se retorno. Ou seja, o animal ao invés de seguir reto em direção à faixa de pontuação, redireciona-se à sangra. Aqui, a dupla deve deixar o boi livre. Esta faixa mede em geral 10 metros de comprimento;
- **Área de ajuste do boi:** área destinada a preparar o boi para a derrubada. Possui entre 90 e 100 metros de comprimento, em geral, e é onde os cavalos podem chegar até 70 km/h para alcançar a próxima faixa;

<sup>29</sup> Disponível no Portal da Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ): <http://www.abvaq.com.br/regulamento>.

<sup>30</sup> Disponível no Portal da Associação Brasileira de criadores de Cavalos Quarto de Milha (ABQM): [abqm.com.br/.../abqm\\_esportes-edital\\_potro-vaquejada\\_regras-para-certificacao.pdf](http://abqm.com.br/.../abqm_esportes-edital_potro-vaquejada_regras-para-certificacao.pdf)

<sup>31</sup> Ver em CAVALCANTI A. P. C.; CASTRO JÚNIOR, L. V. **Boi na pista!** Sociabilidade, esporte e lazer na Princesa do Sertão. UEFS Editora: Feira de Santana, 2019.

- **Faixa de pontuação:** composta por duas faixas feitas à cal, numa área entre nove e dez metros, sendo o local onde o boi é derrubado e onde são observados determinados critérios para “valer o boi”, ou seja, para contar os pontos. Aqui o colchão de areia não pode ter espessura inferior a 40 cm;
- **“Quebra-cavalo” ou área de desaceleração:** é o espaço onde, depois de derrubar o boi, o cavalo perde velocidade. Dimensão mínima de 20 metros.

Nas áreas complementares temos os currais no início e final da pista, a cabine do locutor e juiz, o retorno do gado e dos vaqueiros.

No que diz respeito às relações com as áreas do turismo, esporte e lazer na vaquejada, várias reportagens demonstraram que algumas vezes as entidades organizativas da competição ou de apoio tinham envolvimento com uma secretaria destas mesmas áreas. No que tange especificamente ao turismo, temos como exemplo a notícia de 28 de abril de 1992 (p. 7) sobre a vaquejada de Paulo Afonso (figura 5).

Figura 5 – Turismo e a vaquejada

**Paulo Afonso quer atrair turistas com a vaquejada**

**Paulo Afonso (Do Correspondente)** — A Grande Vaquejada de Paulo Afonso será realizada nos dias 22, 23 e 24 de maio, marcando a inauguração do Parque Derrubado Oliveira, com o apoio do Departamento de Turismo da prefeitura municipal. Os organizadores do evento, Derrubado Júnior e Deolindo Oliveira, informaram que a iniciativa visa ampliar as atrações para os visitantes da cidade, dentro de um conjunto de empreendimentos públicos e privados para consolidar Paulo Afonso como pólo turístico.

O preço da inscrição é Cr\$120 mil e durante a vaquejada serão distribuídos Cr\$12 milhões em prêmios. Os interessados poderão obter informações pelos telefones (075)281-1814/1815. Segundo os organizadores, o parque a ser inaugurado cumprirá também outras finalidades, principalmente as que estimulem a agropecuária regional, a exemplo de mostras de animais.

“O cavalo se encosta bem no mourão e fica parado, esperando o boi sair. Quando a porteira do mourão é aberta, o boi sai correndo e aí é iniciada a pega. Se o vaqueiro conseguir derrubá-lo o quanto antes, melhor, pois marca maior número de pontos”. Assim explica como um bom cavalo deve portar-se numa vaquejada um grande conhecedor do assunto, Landufo Almeida, sergipano de Lagarto. Trata-se de uma das principais festas do Nordeste, que agora deverá figurar como evento turístico anual em Paulo Afonso.

A vaquejada chega a constar no Calendário dos Eventos Turísticos do Brasil, organizado pela Embratur, que a define como “tradicional rodeio, reflexo da importância da pecuária na região”, explicando que, “na derrubada do boi pela cauda e na montada em animais xucros, aprecia-se a coragem dos vaqueiros”.

Na opinião de Landufo Almeida, as principais armas do vaqueiro, numa vaquejada, são sua intrepidez e ter um cavalo que “seja boa rédea”. E esclarece: “O animal tem de obedecer ao vaqueiro a qualquer instante, pois de um momento para o outro o boi muda de posição e, para que seja derrubado, muitas das vezes o vaqueiro tem que sair de cima, enquanto o hábil cavalo faz tudo para facilitar a queda do boi”.

Derrubado Júnior diz que uma vaquejada é uma competição entre vaqueiros que buscam os melhores prêmios derrubando os bois. Segundo ele, ficar entre os 10 primeiros colocados “já é considerada uma façanha, e vencer como primeiro é a consagração maior do vaqueiro”. A condição inicial para um vaqueiro é ter “um cavalo de primeira” e ser “cabra macho”, pois do contrário o boi é quem vai derrubá-lo. Se o cavalo não tem prática, sai para um lado, o boi para outro e o vaqueiro fica estendido no chão.

Fonte: Jornal A tarde 28 de abril de 1992, p. 2. Biblioteca Central do Estado da Bahia

Notamos que as vaquejadas chegam a ser inseridas nos calendários oficiais de eventos turísticos, de modo a criar e/ou aumentar a visitação à cidade e colaborar com um aquecimento comercial e econômico das cidades onde acontecem os eventos de vaquejada.

No que toca a dinâmica do esporte, a criação de categorias, além das regras e da constituição de uma pista própria, se consolida como a tentativa contínua e crescente de se esportivizar. Em Feira de Santana, na sua VIII Vaquejada no Parque Coliseu do Sertão, consolidou-se o status de ser a primeira cidade da Bahia a possuir duas modalidades de vaqueiros – profissional e amador – para concorrer aos prêmios, que nesta vaquejada, em específico, perfizeram o valor total de R\$ 36.000,00, distribuídos conforme a classificação das duplas (COLISEU DO SERTÃO, 2001). Ou seja, foi a primeira vez que uma vaquejada possuiu a categoria amador, valorizando e incentivando os iniciantes dessa prática

Atualmente, pelo regulamento 2017-2018 da ABVAQ, temos as seguintes categorias:

1. Aspirante - competidor iniciante ou de desempenho regular ou inferior ao amador no esporte vaquejada, segundo critérios aferidos por observação dos profissionais envolvidos na organização dos eventos;
2. Amador - competidor que nunca tenha apresentado, treinado, ensinado ou assistido, direta ou indiretamente, o treinamento de cavalo, visando remuneração ou qualquer compensação. O amador também não pode ter sua atividade profissional principal ligada diretamente à lida com o cavalo (trato, doma, etc.);
3. Intermediário – categoria imediatamente anterior à categoria profissional;
4. Profissional – competidor que, remunerado ou não, tenha participado (direta ou indiretamente), nos últimos três anos, de apresentação, treinamento, condicionamento, ou, de qualquer forma, realizado trabalhos profissionais de doma com cavalos, ou ainda, competido na classe aberta com cavalos de terceiros ou mediante patrocínio. (ASSOCIAÇÃO, 2016, p. 3)

Além disso, entre os anos de 2014 a 2017 uma série de medidas foram incorporadas para fazer com que a vaquejada continuasse existindo, haja vista que esteve ameaçada de ser proibida pelo judiciário brasileiro por meio da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4.983 – impetrada pelo Ministério Público Federal (MPF) em 17 de junho de 2013, na qual se solicitava que o Supremo Tribunal Federal declarasse inconstitucional a Lei n. 15.299/2013 do estado do Ceará. Fato este que se consumou em 06 de outubro de 2016 (PEREIRA, 2017); e se estendeu para todo o país.

Nesse sentido, reforçaram-se e agregaram-se elementos das dimensões esportivas. Instituíram-se regras de bem-estar animal, por exemplo, com a presença de profissional capacitado para decorrer a fiscalização – o(a) veterinário(a). Geralmente ficam no final da pista verificando se o cavalo ou boi tiveram cortes, sangramentos ou sinais de maus-tratos durante a prova. Caso aconteça, a dupla de vaqueiros(as) é automaticamente desclassificada

da competição. Os(As) vaqueiros(as) não podem mais fazer o aquecimento do cavalo na pista, só devem fazê-lo no retorno.<sup>32</sup>

Há também a utilização do protetor de cauda nos bois que forem participar das carreiras, evitando a perda da maçaroca<sup>33</sup>. Nenhuma vaquejada hoje pode colocar boi na pista sem o protetor de cauda (cauda postiça). Inclusive, se faz enquanto obrigação da dupla de vaqueiros(as), ao encostar-se à sangra, verificar a existência deste item e se se encontra bem ajustada, antes de autorizar a saída do boi. Os(as) vaqueiros(as) se usarem espora, esta deve ser cega, para assim evitar cortar o animal. É também proibido o uso de tacas. Agora o boi é intocável! O(A) esteira apenas pega a cauda postiça, passa para o(a) puxador(a) e não toca mais no boi. Daí o puxador o “deita” na cama de areia, entre as duas faixas, sem queimá-las, de modo que as patas se coloquem para cima<sup>34</sup>.

A pista de vaquejada também sofreu modificações no que se refere ao colchão de areia. Este deve ter uma espessura mínima de 40 centímetros para que ao deitar o boi, haja uma minimização do impacto ao tocar o solo (ASSOCIAÇÃO, 2016). Essas e outras regras devem ser incorporadas em todo território nacional<sup>35</sup>.

Para isso, passou a existir os congressos para capacitar os organizadores e participantes das vaquejadas, visando garantir uma espécie de chancela para os parques, passando a ser considerados enquanto locais de vaquejada legal, por parte da Associação Brasileira de Vaquejada, como assim nos relata Lima (2019):

Então assim, e todas as outras regras a gente tá sempre atua... atualizado, porque eu participo ainda, né? Não, não correndo, mas, é, é, é, eu trabalho na, na secretaria, eu trabalho numa gerência também de vaquejada. E... tô comendo e dormindo vaquejada, né? Que o marido também tem que tá estudando. Aí, aí é igual a um, um advogado. Ele é um juiz. Ele tem que tá estudando as leis. Ele tá... a gente tem, teve, tem congresso, a gente vai pra palestra do congresso. Eu na minha área, ele na dele. Teve um aqui em Feira de Santana, teve em Sergipe, em Aracaju. Fomos há trinta dias atrás pra Vitória da Conquista, que teve lá. É como fosse assim, mais uma...um teste, uma, uma, um debate pra a gente se aprimorar as novas regras, né? Até então pra passar pra alguém, pra e pra exercer também, né? E de uma certa forma, eu tenho que exercer também, né? Apesar da secretaria não ter nada a ver com a derruba do boi mais, mas eu tenho, participo. [...] normalmente quem participa mais desses congressos são mais os funcionários da área, né? Juiz, locutor, faixeiro, hã, hã, hã. E tá aberto ao público, a qualquer pessoa que queira participar do congresso. Mas a gente vai sempre. A gente debate. (LIMA, 2019, p. 170)

<sup>32</sup> Nove das dez depoentes citaram elementos que compõem essa mudança de regras na vaquejada.

<sup>33</sup> São os pelos (cabelos) que compõem a parte final do rabo do boi.

<sup>34</sup> Nove das dez depoentes citaram elementos que compõem essa mudança de regras na vaquejada.

<sup>35</sup> Disponível no Portal da Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ): <http://www.abvaq.com.br/regulamento>.

No campo legislativo, várias leis contribuíram para a permanência dessa prática cultural em nosso país e, por sua vez, em nosso estado, como:

- Lei 13.200 de 28 de novembro de 2014 – “declara a Vaquejada como Patrimônio Cultural Imaterial do estado da Bahia” (BAHIA, 2014, p. 3);
- Lei nº 13.454 de 10 de novembro de 2015 – “regulamenta a Vaquejada como prática desportiva e cultural no Estado da Bahia, institui medidas de proteção e combate aos maus tratos com os animais durante o evento e dá outras providências” (BAHIA, 2015, p. 1);
- Lei nº 13.364, de 29 de novembro de 2016 - “Eleva o Rodeio, a Vaquejada, bem como as respectivas expressões artístico-culturais, à condição de manifestação cultural nacional e de patrimônio cultural imaterial” (BRASIL, 2016, p. 1);
- Emenda Constitucional nº 96, de 6 de junho de 2017 – “acrescenta § 7º ao art. 225 da Constituição Federal para determinar que práticas desportivas que utilizem animais não são consideradas cruéis, nas condições que especifica” (BRASIL, 2017, p. 1).
- Lei nº 13.873, de 17 de setembro de 2019 – “Altera a Lei nº 13.364, de 29 de novembro de 2016”. A vaquejada, o rodeio e as provas de laço passam a ser consideradas manifestações culturais nacionais, bem como são elevadas “à condição de bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro”. Dispõe também “sobre as modalidades esportivas equestres tradicionais e sobre a proteção ao bem-estar animal” (BRASIL, 2019, p. 3).

Além desse aparato, outro que observamos foi a constituição de circuitos de vaquejada, no âmbito Nacional, Regional e Estadual, a partir da década de 1990. No âmbito nacional, tivemos o Circuito Nacional Ford de Vaquejada, que teve sua primeira etapa no Parque Maria do Carmo, entre os dias 6 e 8 de abril de 2001, com valor em prêmios de R\$ 50.000,00, que foram distribuídos conforme a classificação das duplas (VAQUEJADA, 2001, p. 4). Em nível estadual um exemplo foi o Circuito Paraguaçu de Vaquejada, que teve a primeira etapa no distrito de Argoim, do município de Rafael Jambeiro, a segunda etapa em Itaberaba nos dias 6 a 8 de abril de 2001, no Parque Chapada Diamantina e a etapa final, na cidade de Castro Alves, no Parque Currealino, na data de 14 e 15 de abril de 2001 (ETAPA,

2001, p. 4). Enfim, a fim de exemplificar no campo regional, temos o I Circuito de Vaquejadas dos estados da Bahia e de Sergipe, que aconteceram em Parques de vaquejadas dos dois estados (VAQUEJADA, 1997, p. 6).

Para além destes elementos específicos, podemos notar que a vaquejada procura também se constituir enquanto lócus de lazer, como diz Marcellino (2008, p. 31), este: “é uma cultura praticada no tempo disponível, possuidora de um caráter desinteressado, na qual a recompensa advém do simples prazer de vivenciá-la”, como assim nos apresenta Tatiane Ribeiro (2019, p. 155): “Como sempre, na verdade, desde da época da AVAB sempre entrava para brincar. Nunca entrei para competir! Mas, graça a Deus conseguir alguns [troféus] (risos), né?”

Desse modo, a vaquejada pode ser vista como fonte criadora de “formas ingênuas de distração coletiva, provindas do exercício banal da existência” (SANTOS, 2000, p. 34), sendo capaz de gerar solidariedade, a partir da fluidez das emoções. Essa compreensão se consolida quando Luz (2019) diz que:

[...] vaquejada pra mim hoje é um, é um, um membro da minha família, uma parte do meu coração. Vaquejada pra mim hoje é, é, é onde, tipo, eu me desestresso, onde eu vou rever meus amigos, onde eu vou conversar, onde eu vou dá risada, é onde eu vou receber aquele calor de muitas amizades boas que veio da minha mãe e passou pra mim. Então vaquejada pra mim é amor. (LUZ, 2019, p. 218)

Nesse sentido, compartilha a espontaneidade entre os praticantes, reinventando a vaquejada de modo a estabelecer e fortalecer as relações comunitárias mais societárias, mas que pontifica uma relação que contraditoriamente reúne e se opõe, “cultura de massa e cultura popular, o mundo e o lugar, o mercado e a vida”, compondo-se enquanto fenômeno híbrido para reconciliar em um mesmo dado tempo-espço a economia e a plenitude da existência (SANTOS, 2000, p. 35).<sup>36</sup>

Os jornais também apresentam essa dimensão, principalmente quando mostram que a vaquejada agrega outras atividades, para além da pega de boi na pista, no intuito de garantir a diversão do público e de seus participantes. Como exemplo disso temos o futeboi (jogo de futebol com um boi solto no campo), que aconteceu nas vaquejadas de Santaluz, 26 a 28 de abril de 1996 (VAQUEJADA, 1996, p. 7); Serrinha, nas suas várias edições que aconteceram nos anos de 1990 (SERRINHA, 1994, p. 14); Feira de Santana – 16 a 19 de janeiro de 1997

<sup>36</sup> Ver em CAVALCANTI A. P. C.; CASTRO JÚNIOR, L. V. **Boi na pista!** Sociabilidade, esporte e lazer na Princesa do Sertão. UEFS Editora: Feira de Santana, 2019, p. 167-168, ao referir-se a relação entre os bolões de vaquejada e a própria vaquejada.

(VAQUEJADA, 1997, p. 8) e Araci – 07 a 10 de novembro de 1997 (EXPOSIÇÃO, 1997, p. 7), bem como o forroboi (forró com um boi solto no salão de dança), comum em Serrinha, (ALBERNAZ, 1997) conforme noticiados. Também houve a incorporação de shows, que inicialmente tinham uma forte relação com a cultura sertaneja, mas que com o passar do tempo agregaram estilos outros.

Ressaltamos que muitas dessas reportagens encontravam-se em cadernos, como o de “Lazer & Informação”, ou em seções, a exemplo “Para o seu Lazer”, denotando assim que a vaquejada tinha no lazer, a partir dos jornais, um campo possível para sua visibilidade.

Portanto, também observamos que as depoentes, ao significar a vaquejada, a colocava no campo do lazer, quando estabeleciam uma relação na qual a prática era experienciada fora das relações profissionais, justamente, naquilo que era considerado seu tempo disponível, assim como menciona Lima (2019):

Só hobby mesmo. [...] sempre foi como hobby, não era, nunca foi, nunca, nunca visei do modo é, é, profissional, entendeu? Era só, gostava, montava, corria. Só isso! Mas não, nunca usei como profissionalismo, como meio de, de vida assim. (LIMA, 2019, p. 171)

Isso se colocava evidente, principalmente, quando algumas delas precisaram se afastar da prática por conta dos estudos e/ou campo profissional. Desse modo, perdia-se o tempo referente à disponibilidade para a vaquejada, já que não se constituía como meio profissional ou de vida para elas.

Parei um tempo, né? Que foi para estudar. Comecei a estudar em Salvador, é, é, morando aqui no interior, como Salvador é perto, eu ia e voltava todos os dias. Então, comecei estudar, fiz segundo grau em Salvador, depois entrei pra escola técnica, aí da escola técnica, foi uma época em que eu comecei a trabalhar, também, fora. Eu terminei a escola técnica, depois eu fui trabalhar em outra cidade chamada Catu. Aí trabalhei em Catu por um bom tempo. Nessa época foi quando eu engravidei. E aí quando eu engravidei, realmente me distanciei do esporte. Me distanciei a ponto de, realmente, ficar, quase nove anos sem nem entrar numa pista de vaquejada. (RIBEIRO T., 2019, p. 151)

Depois entrei na faculdade. Aí eu não consegui conciliar faculdade e vaquejada. Porque final de semana era o tempo livre que eu tinha pra estudar. E aí eu... parei um pouco a vaquejada, né? Por causa da faculdade. (NUNES, 2019, p. 196)

Isso foiiii... noventa e sete, por aí. Só que daí eu parei de correr, né? Corri um ano, aí passei em vestibular, passei no vestibular, fui morar em Salvador. Aí passei cinco anos afastada. Aí depois voltei a correr de novo. Aí fui aprovada numa seleção de uma pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas.

Aí parei de novo... Aí voltei (risos) de novo. Depois fui aprovada em outro vestibular que eu resolvi fazer...parei de novo (risos). Aí voltei agora, tem oito anos. (SAMPAIO, 2019, p. 190)

Portanto, a vaquejada estabelece uma forte ligação com o campo das ressignificações, mantendo assim sua existência, porém em outros moldes. Ou seja, projeta-se do campo do labor, do trabalho para efetuar-se enquanto lazer, esporte e turismo.

## 2.2 MODERNIZAÇÃO E SOFISTICAÇÃO NAS VAQUEJADAS: A DIMENSÃO DO NEGÓCIO EM EVIDÊNCIA

Ela cresceu bastante, progrediu muito. Era um, como a gente chama, eram um, eram bolões, tinham as vaquejadas maiores que era a de Serrinha, chegou a ter do Coliseu também, lá em Pedro Hugo. Mas foi tomando assim uma proporção muito grande, é, é, profissionalizou, o, o, o, virou algo assim, empresarial. Pessoas que, é, não tinham o, o, hábito de, de um nível mais elevado assim financeiramente que não participava desse mundo, passaram a participar, passou a ter a vaquejada realmente não só como, como um hobby, mas também como o negócio. (RIBEIRO R., 2019, p. 203)

Na década de 1990, pelo que se compreende a partir de Alem (1996), sob vários aspectos, vivenciou-se uma opulência no que tange as experiências com uma nova dimensão de ser caipira, de ser rural. Inovou-se com outros termos como sertanejo, *country*, fazendo com que deixasse de ser pejorativo, retrogrado e atrasado ser caipira. Ganhou uma “roupagem” simbólica, “uma rede simbólica da ruralidade”<sup>37</sup>, promovida pela indústria cultural, fazendo que este se tornasse um “artigo” mais do que “palatável” para consumo (ALEM, 1996, p. 5).

Embora o mesmo autor relacione essa nova configuração cultural, “neo-ruralista, neo-sertaneja ou caipira-*country*” (ALEM, 1996, p. 5), *a priori*, às regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil, acreditamos que isso também alcançou os territórios da região Nordeste e a Bahia, visto que observamos, por exemplo, que as vaquejadas equivalentemente se alimentaram desta opulência para ganhar contornos de um grande negócio, refastelado e incrementado sob o “guarda-chuva” do esporte, turismo e lazer.

---

<sup>37</sup> “Entendida como a combinação dos meios de produção e dos veículos da indústria cultural com as práticas rituais e as representações socialmente compartilhadas [...], reiterada, ainda, pelas *griffes* do vestuário, pelo consumo de objetos de arte e de peças do artesanato rural, pela decoração rústica dos mais diversos ambientes sociais como residências, lojas, restaurantes, boates, clubes, hotéis, pavilhões de eventos públicos e outros” (ALEM, 1996, p. 5).

Um exemplo disso encontra-se na incorporação de um estilo “country” na década de 1980-1990 no modo de se vestir, de ouvir, de falar (PAULA, 1998), bem como de um modo mais despojado na atualidade. Segundo o Jornal A Tarde de 03 de novembro de 2002, (p. 04), o “vestuário do cavaleiro apresenta um chapéu tradicional, camisa de manga comprida, calça jeans, bota, espora e luva. Alguns colocam até capacete de equitação”. Não aparece mais com tanta frequência, o encourado do sertão. Embora, até hoje, há ainda algumas festas (figura 6) que mantenham o uso dessa indumentária, em momentos específicos como na “Missa do Vaqueiro”, quando a vaquejada coloca na programação e desfile de vaqueiros pelas principais ruas da cidade, onde acontece o evento. Um exemplo, a Festa de Vaqueiros de Lagoa Real.

**Figura 6** – X Vaquejada em Lagoa Real



Fonte: A Tarde de 08 de junho de 2000, p. 1. Biblioteca Central do Estado da Bahia

Apesar da relação entre Festa de Vaqueiros e Vaquejada parecer confusa quando consultamos os jornais, percebemos que isso acontece por existir uma linha muito tênue na

relação entre Festa e Vaquejada, tendo em vista que a própria Vaquejada é uma Festa de Vaqueiros, em prol de possibilitar ao vaqueiro demonstrar suas habilidades, força, coragem e performance, festejando. Além disso, em alguns eventos ela se constitui apenas a prática da derrubada de boi, em outros, fazendo parte das várias atividades de uma grande festa.

Essa festa na atualidade vem assumindo ares sofisticados e virando um comércio caro. Os parques de vaquejada, muitas vezes, têm assumido uma dinâmica bem parecida com *Shopping Centers*. Os caminhões, que antigamente além de transportar animais, servia de dormida para os vaqueiros e vaqueiras, hoje seguem modelos modernos de trailers, com ar-condicionado, água quente para banho e dormida confortável (MIRANDA, 2019, p. 179).

Esse comércio caro que a vaquejada se tornou, faz com que ela não seja mais uma prática para todos, como antigamente, onde qualquer um corria boi, pois as senhas eram mais baratas e as condições de correr eram melhores (RIBEIRO, T., 2019, p. 154). Um exemplo deste último fato está na existência dos bolões de vaquejada, por exemplo.

Segundo Maia (2000, p. 191-192) os bolões de vaquejadas se constituíram em um modo pelo qual, se reavivava o imprevisto e a espontaneidade dos tempos dos pátios das fazendas, pois aí estaria a existência de “um resíduo do sentido comunitário”, visto que o único interesse entre os participantes estaria ligado a reunião entre amigos e o “brincar” com a gadaria, sem interesse de prêmios. Caso estes se fizessem presentes, teriam apenas uma dimensão simbólica atrelada ao prazer de disputar, demonstrar a habilidade e destreza na derrubada do boi.

Porém, nos anos 1990, até os bolões de vaquejada acabaram por adquirir outros contornos em sua realização em território baiano. Acontecia um dia antes das grandes vaquejadas, para favorecer o reconhecimento da pista e da boiada, passando assim a viver em prol das grandes vaquejadas.

Realizou-se em São Desidério, de 11 a 13 de setembro, a 2ª Grande Vaquejada do Parque João Almeida, com Cr\$ 15 milhões em prêmios. O vencedor na categoria Campeão dos Campeões levou Cr\$ 2 milhões. Doaram o gado para esse evento: João Rodolfo, João Almeida e Gessy de Souza. A coordenação foi de Jailson Rodrigues e Ugo Almeida. No dia 11 foi realizado o Bolão dos vaqueiros. Nos dias 12 e 13, realizou-se a vaquejada, com contagem de pontos. (FONSECA, 1992, p. 4)

A participação nesta atividade passou também a conceder a garantia de vagas para a disputa do “Campeão dos Campeões”<sup>38</sup>, como ocorreu, por exemplo, na I Grande Vaquejada do Coliseu do Sertão, em Feira de Santana, no ano de 1997 (GRANDE, 1997, p. 8; VAQUEJADA, 1997, p. 8).

Apesar de mais difíceis, ainda há a realização de bolões na atualidade programados independente da realização de uma grande vaquejada. Nesse caso, se tivesse premiação, o valor seria pequeno, em vista dos grandes eventos. Em outras ocasiões poderia ter um patrocínio por parte de fazendeiros da região para fazer a alegria da vaqueirama.

Com patrocínio de fazendeiros e comerciantes, o 2º Grande Bolão de Vaquejada será realizado, sábado e domingo [...]. A organização é do Grupo Esporte – Marcos Sales, Farofa e Jucelino – e o evento será realizado no Parque Três Amigos. Amanhã a vaquejada será animada por conjunto de forró com Zé Araújo. No domingo, às 12 horas, será servido um churrasco para os vaqueiros participantes da festa. (BOLÃO, 1996, p. 8)

Mas o modelo que vem predominando nos últimos anos é o das vaquejadas ou grandes vaquejadas, para além dos circuitos que acontecem aqui no estado. Para Socorro Miranda, as grandes vaquejadas seriam aquelas, nas quais há a existência de um alto porte nos prêmios, que ela, inclusive, exemplifica serem as de Serrinha e Entre Rios. Além disso, os competidores vêm de vários estados. Aqui a senha é tão cara, que aqueles que possuem o desejo de correr e não possuem uma renda alta, precisam guardar o dinheiro o ano todo para participarem (MIRANDA, 2019, p. 178). Informação esta que é confirmada por Tatiane Ribeiro ao revelar que uma senha na vaquejada de Serrinha, por exemplo, não é menos de R\$1.000,00 para os vaqueiros (RIBEIRO, T., 2019, p. 154).

Já as vaquejadas, seriam aquelas organizadas, por exemplo, pela Associação Baiana de Vaquejada (ABV) com porte menor em prêmios, mas bem estruturadas, onde a prevalência dos participantes seria das regiões próximas à realização do evento e dos estados vizinhos, no máximo. Vaqueiro que não tem muita condição financeira, consegue participar, sem maiores problemas (MIRANDA, 2019, p. 178).

Nesse sentido, o modelo de vaquejada enquanto comércio, enquanto negócio, com o passar do tempo, agrega relações com as dinâmicas do entretenimento, mercado e turismo e que tem forte suporte midiático. Não é à toa que canais televisivos, revistas especializadas, jornais de grande circulação e, nos dias atuais, redes sociais, portais, sites e blogs, colocam-se

---

<sup>38</sup> Uma categoria especial de premiação. Além de definirem o 1º, 2º e 3º lugares, há uma disputa a mais para definir o campeão dos campeões. A maioria das vaquejadas da atualidade não possui mais essa disputa. Fica a critério do organizador da vaquejada ter ou não esse tipo de premiação.

desejosos em patrocinar, divulgar e comercializar a vaquejada enquanto um produto. Temos como exemplo, as revistas Vaqueirama<sup>39</sup> e Conexão Vaquejada<sup>40</sup>, o site Bis Vídeos<sup>41</sup>, Jornal A Tarde e o Portal Vaquejada<sup>42</sup>. No caso dos sites, até transmissão ao vivo das vaquejadas ficam disponíveis para os interessados.

O Grupo de Vaqueiras da Bahia utiliza muito do suporte das redes sociais. A maioria do marketing tem como espaço o instagram, facebook e o whatsapp (RIBEIRO, T., 2019, p. 151-152), já que os jornais da capital e dos interiores não possibilitam essa visibilidade à participação delas nas vaquejadas.

Além disso, se consolida enquanto lócus de geração de empregos, fonte de renda para aqueles que vivem direta ou indiretamente desta atividade, como os próprios vaqueiros profissionais, barraqueiros, equipe de curral, faixeiro, tratador, juiz de vaquejada, locutor, trabalhadores do ramo alimentício e de bebidas, de frete de animais, lojistas, veterinários, dentre outros profissionais (MIRANDA, 2019; NUNES, 2019; LIMA, 2019; LUZ, 2019; ARGOLO, 2019).

Ou seja, antigamente,

[...] a vaquejada era uma festa, era uma festa. Hoje é um comércio. Era totalmente diferente. Era reunião que tinha dos fazendeiros, né, praaa fazer uma vaquejada. Vamo reunir todo mundo na casa de Rita, vamo tomar uma cervejinha. Lá era uma vaquejada que eles faziam. Hoje não! Hoje é comércio. Mudou totalmente! Hoje é comércio! É o boi, é, é, é tudo, tudo, da maneir... do modo geral que, que hoje lida com a vaquejada, é só fins lucrativos. Não vão mais aquela diversão. Tem um ou outro que vai pra se divertir, vai, vai. Mas o próprio dono da vaquejada hoje faz como comércio. Entendeu? Pra arrecadar fundos, né? Antigamente não! Prendia a boiada na fazenda de alguém e vamos passar, treinar os cavalos né? Fazia aquele tipo bolão, tudo 0800. Mas só queriam ir lá pra tomar cachaça, derrubar, vê o amigo, comer um bom churrasco. Hoje acabou! Então hoje mudou totalmente daquele tempo pra cá! Hoje ela tá mais moderna, mais... a tecnologia. Antigamente ninguém sabia o que era, o que quer, queria dizer uma televisão na vaquejada. Hoje tem que ter. Até, qualquer bolãozinho pequeno tem que ter a, a, a filmagem. É, é, é, o vaqueiro hoje tem que tá informatizado, né? Tem que tá com, com a internet 24 horas. Antigamente ninguém sabia nem o que diabo era celular (risos). Então assim, a, a mudança, é a mudança mesmo do nosso tempo, né? Não é só a vaquejada. A nossa vida mudou também, né? Então a vaquejada acompanhou. (LIMA, 2019, p. 167)

---

<sup>39</sup> Disponível em: <https://revistavaqueirama.com.br/>

<sup>40</sup> Disponível em: <https://conexaovaquejada.com.br/>

<sup>41</sup> Disponível em: <http://www.bisvideo.com.br/>

<sup>42</sup> Disponível: <http://www.portalvaquejada.com.br/>

Portanto, as vaquejadas da Bahia agregam dimensões globalizadas em uma mútua relação, dialógica e dialética, entre global e local<sup>43</sup>, modificando a imagem do vaqueiro de fazenda, o encourado desbravador dos sertões, para assumir agora o papel de vaqueiro(a) de vaquejada ou vaqueiro(a) desportista<sup>44</sup>, aquele(a) possuidor(a) de uma técnica e estética, sem eliminar os atributos de força e coragem, para derrubar boi na pista de vaquejada. Utiliza-se aí um mecanismo de resistência, por infiltração<sup>45</sup>, pelo que é estabelecido hegemonicamente por meio do capital. Se não consegue sobreviver pelo enfrentamento, assumem-se alguns dos elementos caracterizadores do “mundo capital”, trabalhando com as permanências de uma cultura e suas transmutações e transformações<sup>46</sup>.

Diante desses fatores e a partir da incorporação de todos esses elementos e significados ao longo dos anos, a vaquejada, como se configura atualmente, para alguns<sup>47</sup>, não faz parte da tradição do vaqueiro. Não é “a verdadeira tradição”, aquela enraizada no campo mítico e simbólico do vaqueiro de fazenda<sup>48</sup>; dos encourados do sertão. Inventam-se, portanto, uma formalização de ritos<sup>49</sup>, para que tudo aquilo que venha na “contramão” seja então considerada uma “não tradição” ou um movimento de contracultura<sup>50</sup> por ser, deste ponto de vista, uma negação do passado.

Nesta perspectiva, a tradição precisa se compor de uma lógica, na qual os elementos que a constituem precisam existir e se manter sem nenhuma transmutação, transformação. Como afirma Hobsbawm (2008), invariáveis, imutáveis, imóveis<sup>51</sup>. Se assim não o for, não se constitui em tradição e sim, como em nosso caso, em mero negócio para atender as atuais

<sup>43</sup> Ver em PIMENTEL, G. G. de A. Localismo e globalismo na esportivização do rodeio. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 91-104, set. 2006. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/40/47>.

<sup>44</sup> Ver em BARBOSA, E. L. **Valeu boi!** O negócio da vaquejada. Teresina: EDUFPI, 2006.

<sup>45</sup> Termo utilizado para explicar como se deu o “processo de apropriação do espaço esportivo pela mulher” no final do século XIX e início do XX (MOURÃO, 2000, p. 7). Ver em: MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento** - Ano VII - Nº 13 – 2000.

<sup>46</sup> Ver em BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

<sup>47</sup> Compreende-se, a partir da leitura dos trabalhos de SILVA, G. K. N. da. **O espaço do consumo e o consumo do espaço no município de Macaíba-RN a partir das festas de vaquejada (1980-2012)**. 2013. 173 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013, bem como de MAIA, D. S. **Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa-PB**. 2000. 364 f. Tese (Doutorado em Geografia - Geografia Humana), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Biblioteca Depositária: CAPH-USP, que esta é a concepção apresentada.

<sup>48</sup> Ver em BARBOSA, E. L. **Valeu boi!** O negócio da vaquejada. Teresina: EDUFPI, 2006.

<sup>49</sup> Ver em HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (org). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

<sup>50</sup> Ver em AIRES, F. J. F. **O "espetáculo do cabra-macho": um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas no Rio Grande do Norte**. 2008. 182 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

<sup>51</sup> Ver em HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (org). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

condições do mercado. Ou como menciona Debord (2003), mera representação que “descola” a prática de sua origem, tornando-se imagem projetada de um real concreto, e não mais este real, no qual o importante não é ser, mas aparecer e aparentar, em detrimento, até mesmo do ter<sup>52</sup>.

Contudo, a representação, a nosso ver, não faz da prática e de seus signos, sinais e símbolos, algo morto ou irreal. Ela, quer queira ou quer não, para se constituir enquanto representação, precisa manter sua conexão com a ordem primeira, com o real ou para melhor compreensão, com sua prática “original”. A representação não deixa de ser o real, mas se consolida enquanto parte dela, desliga-se em alguma medida, mas não em sua completude. Ao dizer isso, também reconhecemos que o capital, transforma sobremaneira a vaquejada com a incorporação de shows (figura 7), leilões, festas de camisa, venda de transmissão ao vivo e oferta de prêmios com valores estratosféricos, a espetacularizando.

**Figura 7** – Shows programados na Vaquejada de Serrinha



Fonte: Jornal A Tarde de 07 de agosto de 2006, p. 2. Biblioteca Central do Estado da Bahia

Isso se consolida de maneira tal, que muitas das vezes, se promove festas de camisa dentro da grande festa-vaquejada ou arredores. Como exemplo, temos as festas “Frajola”, “Valeu o boi” e do “Boi Malandro” na Vaquejada de Serrinha no Parque Maria do Carmo, além dos shows no palco central.

<sup>52</sup> Ver em DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

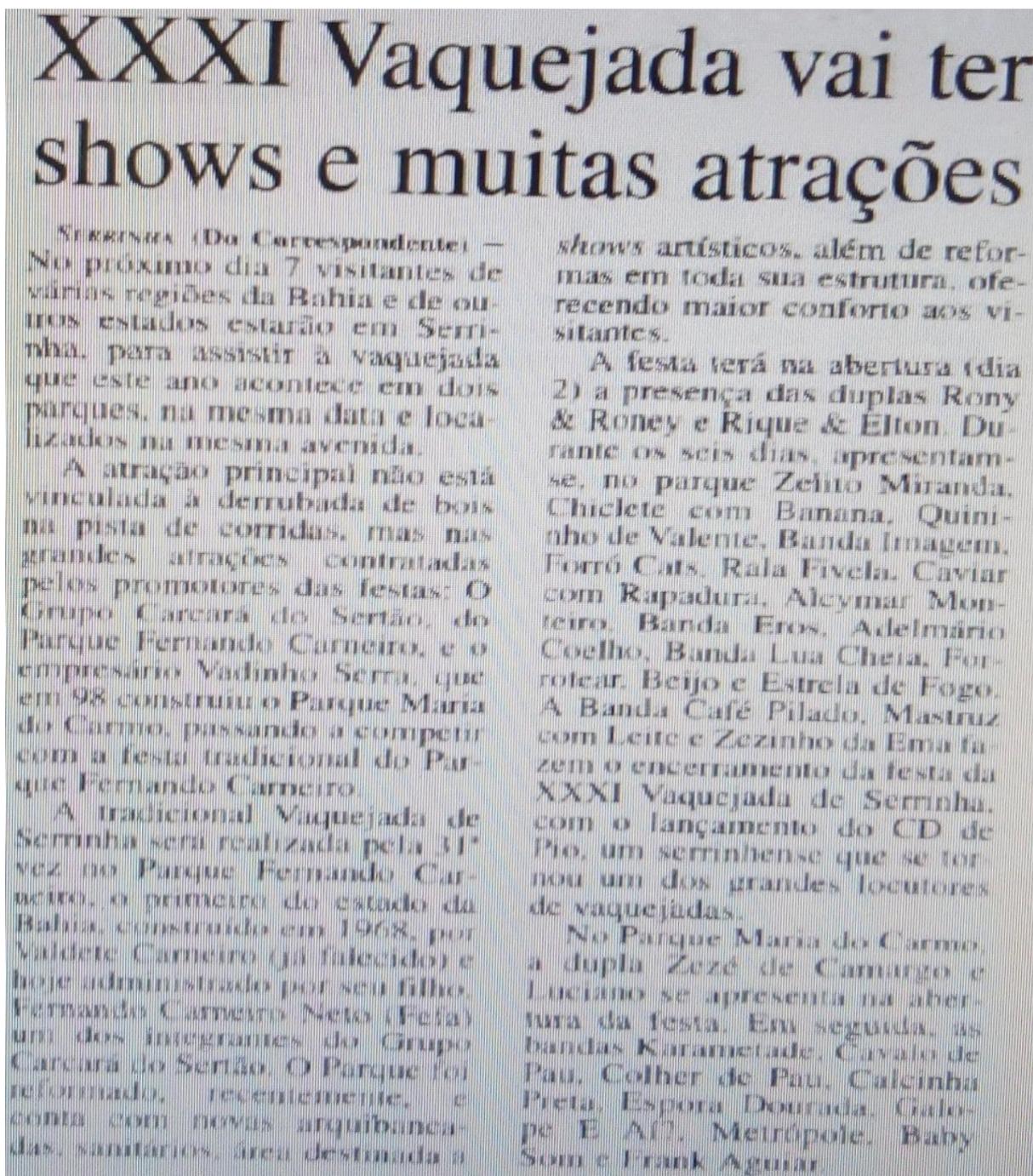
A festa, neste caso, se coloca como artifício para atrair um maior número de pessoas e reforçar a dimensão do turismo. Nesse sentido, a festa não se constitui como elemento novo, visto que, como já vimos, a vaquejada passou a ter uma relação primeiramente com atos festivos. Ou seja, a vaquejada se tornou uma prática festiva, depois que deixou de ter apenas uma característica de trabalho.

Além disso, observamos que a disputa pelo mercado da vaquejada se tornou muito evidente em Serrinha, por exemplo, principalmente após construção do Parque Maria do Carmo em 1998 (VAQUEJADA, 1998, p. 7). Este empreendimento se constituiu como mais um lugar para a festa da vaquejada em Serrinha, juntamente com o Parque Fernando Carneiro. Dessa maneira, por alguns anos, os dois parques procuraram trazer as melhores atrações musicais para os shows, no intuito de atrair o maior quantitativo possível de público e, por sua vez, ganhar em arrecadação. Já houve caso de as duas vaquejadas acontecerem na mesma data (figura 8). Tatiane Ribeiro (2019, p. 160) lembra bem disso, como ela mesma relata: “Eu cheguei a época, as vezes tava tendo vaquejada nos dois parques. Ia correr uma senha num parque daqui a pouco atravessava a rua tava no outro parque”. Contudo, na atualidade, ao que parece, somente se mantém em funcionamento o Parque Maria do Carmo.

Nesse sentido, mesmo ao espetacularizar a vaquejada, não se pode negar que se mantem atributos, que possuem a capacidade de atravessar o espaço-tempo, algo que Raymond Williams (1992) chamaria de produtos residuais. Esses, como se refere o mesmo autor, advêm, justamente, do conjunto de relações e de interesses sociais, que se constituem em forma de dominação e subordinação que se articulam dentro dos processos de produção cultural.

Diante disso, compreendemos que a cultura juntamente com suas práticas se movimenta dentro dos espaços-tempos da história. Contexto e pessoas se modificam e, portanto, os sujeitos hoje que compõem a vaqueirama, não fazem parte da gama de sujeitos que um dia povoou os sertões. E muito poucos, são daqueles, que fazem o seu dia a dia e sua subsistência, na pata de cavalos, sob o sol escaldante, adentrando a poeira feita pelo passar do gado, espreitando um ou outro “marruá alevantado”. Mesmo estes, o tempo e os contextos já os modificaram. Ao mesmo tempo, isso não nos coloca a dizer que este passado deva ser negado, esquecido, mas que passado e presente se coadunam “nas suas formas singulares de re-elaboração [de] manifestações populares” (CASTRO JÚNIOR, 2010, p. 38).

**Figura 8** – Vaquejada de Serrinha acontecendo nos dois parques da cidade.



Fonte: A TARDE, 28/08/1999, p. 11. Biblioteca Central do Estado da Bahia

Isso se constitui em um emaranhado complexo de significações, no qual, o que por um lado pode representar a “morte” das tradições, por outro, estabelece uma relação de salvaguardá-las por meio de sua resignificação e modernização. Ou seja, a vaquejada só pode ser garantida enquanto tradição do povo Nordeste, se a mesma, como diz Lima (2018) se modificar, se modernizar, se civilizar.

Assim sendo, ainda inspirado em Lima (2018), podemos compreender que novos modos de portar-se por parte dos seus integrantes, os(as) vaqueiros(as), bem como de pertencimento, são elaborados e reelaborados em favor da manutenção da existência da vaquejada, de modo a fazer com que os sujeitos entrem em processo de negociação e concessões ao que se tem sido exigido para um processo de profissionalização da atividade, em nome de se manter a tradição. Uma tradição que, portanto, passa a ser reelaborada, ressignificada, reinventada, transformada.

Apesar de Lima (2018) se reportar a dinâmica da tradição relacionada ao *modus operandi* natural de ser vaqueiro, associados aos sentimentos e emoções que representam esse indivíduo, nos mobiliza a pensar como essa dimensão de tradição pode ser revertida a um pensar a própria prática enquanto tradição ou não-tradição. Ou seja, o modo como se estabelece a relação natural de ser vaqueiro pode estar atrelada a relação da vaquejada da atualidade ser uma representação dessas dinâmicas de se tratar a tradição.

Dessa maneira, mantendo a vaquejada mesmo que esportivizada ou como possibilidade de lazer, ou ainda enquanto negócio, não retira dela o que representa, e, portanto, não podemos considerá-la uma “não-tradição”, pois se encontra articulado no campo das memórias coletivas e singulares dos sujeitos que a compõem. A vaquejada torna-se um lugar de rememorar o ser vaqueiro, por conta do que ela representa no campo do imaginário coletivo dos sujeitos, que não está exatamente a efetuar-se como era no passado, mas a partir do que representa a relação, cavalo, boi e vaqueiro que se apresenta na hora da carreira na pista de vaquejada (figura 9).

Assim sendo, os sentimentos e emoções associadas a uma tradição de ser vaqueiro, e por sua vez, ao modo como se volta um olhar a prática enquanto tradição, mobiliza os desejos dos sujeitos a manter esta prática mesmo que modificada das suas dimensões originais. Passa a ser vista enquanto uma tradição que incorpora para dentro de si, as modernidades e globalizações todas, mas que mantém os traços do que ela representa enquanto campo identitário e de pertença: a relação entre boi, cavalos e pessoas, na perspectiva de corpos extensivos<sup>53</sup>, remontando a história de nossos sertões sob outros moldes; diferentes do tempo do ciclo do couro.

Relembramos aqueles tempos no modo que a vaquejada da atualidade a apresenta, a partir do potencial inscrito nos seus símbolos e signos. Como diz Aires (2008)

---

<sup>53</sup> Ver em: CAVALCANTI A. P. C.; CASTRO JÚNIOR, L. V. Boi na pista! Sociabilidade, esporte e lazer na Princesa do Sertão. UEFS Editora: Feira de Santana, 2019.

Apesar das mudanças nas vaquejadas contemporâneas, realizadas para atender à realidade mercantil e competitiva do esporte, essa modalidade não se desconecta totalmente do universo do passado. A relação entre ambos os espaços temporais é construída pelo modelo de “puxar o boi” pelo rabo, pela corrida atrás do boi em cima de cavalos, e pela disposição competitiva e de lazer que norteia a vaquejada. (AIRES, 2008, p. 77)

**Figura 9** – Dupla de vaqueiros(as) na vaquejada



Fonte: Fotografia de GJM - instagram @Kally\_piana

Embora o vaqueiro não cumpra mais sua missão com sua armadura acobreada e encourada, os indivíduos se mantem vaqueiros, a partir de sua relação com o boi e cavalo que apesar de diferenciada, o mantém em um status, no qual força, bravura e performance elaboram uma composição de ser vaqueiro dialética e dialógica, que possibilita, inclusive vislumbrar, mais facilmente, uma mulher no papel de vaqueira.

### 3. ENTRE INFLUÊNCIAS E ATITUDES: A INSERÇÃO DAS MULHERES NAS VAQUEJADAS BAIANAS

#### 3.1 UM BELO RITO X UMA BELA RAINHA: O ONTEM E O HOJE DAS RAINHAS DE VAQUEJADA

O que encontramos referente a participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia, está representado em recortes de jornais, que colocam a mulher, a partir dos anos de 1960, como aquela constituída para embelezar as festas de vaqueiros da região. Isso fica explícito, por exemplo, na primeira página do jornal *Tribuna Popular* do ano de 1967: “Rainhas em trajes de couro!” (figura 10). Nota-se que as mulheres são colocadas como as “misses” das festas de vaqueiros.

**Figura 10** – À direita: Rainha da Vaquejada da Festa de Vaqueiros em Tanquinho/BA



Fonte: Jornal *Tribuna Popular* de 02 de novembro de 1967, p. 1. Biblioteca Setorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão, localizada no Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Mas o que de fato é ser uma rainha? Um exemplo que nos traz à tona um entendimento sobre isso, é o de Maria Antonieta, rainha da França nas últimas décadas do século XVIII, antes da revolução. Na obra de Caroline Weber, a autora busca descrever a trajetória de vida desta personalidade, que nos remete aos salões de Versalhes até o seu

trágico fim na guilhotina. Revela-nos “a surpreendente coerência e força com que seus trajes desencadearam graves desordens sociopolíticas” (WEBER, 2009, p. 8).

A partir de seu “suntuoso” guarda-roupa, de seus “refinados” modos e de seus comportamentos, “a sexualidade, a fertilidade e outras características físicas de Maria Antonieta foram tanto pretextos quanto catalisadores para os inflamados debates sobre gênero, classe e poder que sacudiram o Ancien Régime e estimularam a Revolução” (WEBER, 2009, p. 8). A fim de desafiar a ordem vigente, ou seja, o que se determinava a despeito do tipo e do alcance do poder atribuído a uma rainha francesa, Maria Antonieta transformou “a moda como uma arma-chave em sua luta por prestígio pessoal, autoridade e por vezes mera sobrevivência” (WEBER, 2009, p. 9), visto que,

Tradicionalmente esse poder era severamente restringido por um princípio conhecido como lei sálica, que excluía as mulheres da linha de sucessão régia. Exceto em casos em que uma rainha-viúva atuava como regente para o filho ainda jovem demais para reinar por conta própria, o papel da esposa do rei francês era basicamente restrito à sua capacidade de dar à luz herdeiros do trono. (WEBER, 2009, p. 12)

Dessa maneira, entendemos que ser rainha pode possuir várias conotações. Ao mesmo tempo em que reverbera a ideia de domínio de si, inspirada na representação de soberania de um reino, dicotomicamente, pode significar veladamente, submissão. Pode simbolizar libertação, mas também aprisionamento em grilhões subjetivos que passam despercebidos em meio aos ditames da sociedade, e que a transforma apenas em ser que possui a potencialidade da procriação.

Assim sendo, se ser rainha não necessariamente encontrar-se-á ligado à ideia de uma existência própria, a qual denota de fato soberania ligada às dinâmicas de liberdade, independência e autonomia, constitui-se, portanto, em sinônimo de subalternidade.

Desse modo, eleger uma mulher enquanto rainha de uma festa de vaqueiro ou de vaquejada nos parece legitimar o cargo de submissão imposto à mulher, lhe pesando ainda mais nesta tarefa, a necessidade de uma beleza plena pautada em determinados padrões sociais, dos quais não se sabe se de fato os alcançará. Em vista disso, caracteriza-se assim em outros aprisionamentos como aqueles que conectam a imagem da mulher, como mencionado por Vigarello (2004, p. 224), “à beleza demasiado tradicional” de “modelos físicos projectados em exemplos de escolhas matrimoniais” ou a um eugenismo que insiste de “melhorar por todos os meios possíveis a raça humana”. Assim, não permite a esta rainha ser de fato dona da sua própria existência.

Contudo, se voltarmos nosso olhar para outros contextos, observamos que ser eleita uma rainha, constituiu-se em “ocasião de sucesso e de ascensão” (VIGARELLO, 2004, p. 224), visto que as mulheres passavam agregar outro papel na sociedade, para além da maternidade e o matrimônio. Essa cultura, segundo Vigarello (2004), se multiplicou a partir do ano de 1921, por meio dos concursos de beleza que aconteciam em vários países<sup>54</sup> do mundo e, se estendeu inclusive para eventos esportivos aqui no Brasil, onde a escolha de jovens mulheres para ocupar o lugar consagrado de rainha das competições esportivas teria que preencher os ideais simbólicos de “beleza, elegância, simpatia e graciosidade”, normatizados como características que definem bem um corpo feminino (GOELLNER; BENDER, 2015, p. 102).

A partir do que nos apresentam as fontes jornalísticas, *a priori*, a vaquejada também seguiria esta cultura, a partir da década de 1960, aqui na Bahia, pois, ao mesmo tempo em que se estabelecia enquanto linha de fuga para se romper padrões, desestruturar preconceitos e desmistificar mitos que se impunham a mulher, também fortalecia a caracterização de ser frágil, dócil e passível, para cumprir a nobre função da reprodução e multiplicação da espécie humana.

Se observarmos a imagem do recorte jornalístico (figura 10), notamos um diferencial. Este refere-se a dimensão étnica da escolhida para rainha da Festa de Vaqueiros de Tanquinho de 1967, que era negra (foto à direita), se assim compararmos com o que tradicionalmente se denotava enquanto uma bela *miss*, em diversos concursos de beleza<sup>55</sup>. Além disso, através da fonte oral<sup>56</sup>, nota-se que agregando a dimensão étnica, temos a dimensão de *status* social.

Em outras palavras, na década de 1960, pensar em eleger uma mulher negra e que ao mesmo tempo pertencesse a camada elitizada de uma determinada sociedade não era algo muito comum. Basta olharmos para a rainha da foto à esquerda (figura 10). Embora ela não

<sup>54</sup> “As ‘rainhas’ e as misses multiplicam-se no espaço entre as duas guerras: Miss América, em 1921, Miss França, em 1928, Miss Europa em 1929, Miss Universo, em 1930. A adoção da palavra Miss confirma, de passagem, a ascendência americana naquilo que se torna em cultura de massas, difusão em grande escala da imagem, do filme, do som” (VIGARELLO, 2004, p. 224).

<sup>55</sup> “Esses concursos despertaram paixões. Feministas contestaram o preceito, acusando-os de reduzir a imagem da mulher apenas à tradicional beleza. [...] O concurso promove o combate pelo afinamento físico [...] O cinema, com sua explosão de imagens, sua extrema reprodutibilidade além dos continentes, aguça mais ainda esses critérios entre as guerras, sempre aumentando sua difusão: sinais físicos do ar livre, vigilância redobrada da silhueta, precisão da maquiagem ou da tez, celebração de corpos delicados e bronzeados. [...] A luz acrescenta o clima, favorecendo uma nuance: o claro, o ‘louro platinado’: obtido pela descoloração, iluminando a tela, tornado para *Votre Beauté*, em 1935, ‘a encarnação da mulher moderna’” (VIGARELLO, 2006, p. 154-158).

<sup>56</sup> AINSWORTH, Vera Lúcia Maria dos Santos. **Entrevista X**. [maio. 2019]. Entrevistadora: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti. Tanquinho - BA, 2019. 1 arquivo .wav (41:47min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice L desta dissertação.

esteja refletindo o nosso contexto de discussão – sobre rainhas de vaquejada e da festa de vaqueiros, visto que a mesma foi eleita Miss Secundarista da cidade de Feira de Santana – BA – demonstra em um mesmo recorte de jornal, duas diferentes rainhas. Uma moça branca da elite feirense, algo comum de se ver a época enquanto rainha, e uma jovem negra da elite tanquinense.

Para se ter uma ideia disso, a nível nacional, a primeira mulher negra eleita enquanto *miss* Brasil, da qual temos notícia, foi Deise Nunes em 1986. Depois dela, somente mais duas conseguiram o feito, isto, em 65 anos de existência do concurso no Brasil: Raíssa Santana em 2016 e Monalysa Alcântara em 2017 (PAULA, 2019). Assim como diz Silva e Bernardino (2014, p. 204) “Os concursos de misses, tão populares [...], servem também, para pensar a sociedade brasileira nas suas atitudes raciais”<sup>57</sup>.

Agora, se avaliarmos em contextos menores como o nosso, em nível estadual, visualizaremos que antes mesmo de 1986, mulheres negras também foram eleitas rainhas e *misses*. Na década de 1940, em várias regiões do país, possibilitou-se a criação de clubes sociais negros, nos quais um “proletariado negro começava a surgir devido à industrialização do país e à entrada para o serviço público. Uma forma de organização constituída a partir do direito ao lazer e ao espaço associativo [...]” (SILVA; BERNARDINO, 2014, p. 205). No interior destes espaços, constituídos principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, era muito usual realizar a escolha de *misses* – mulheres negras – que, inclusive, em plena ditadura militar (1977) se constituiria em arena para reclamar e denunciar a existência do racismo na relação entre brancos e negros no país (SILVA; BERNARDINO, 2014).

Voltando para o contexto da nossa rainha, a figura 11 nos faz refletir que para além de rupturas dentro do campo do *status* social e étnico, rendeu também fissuras no que tange aos padrões de comportamento definidos para uma mulher. Segundo Sant’Anna (2014, p. 44), as

---

<sup>57</sup> Aqui queremos apresentar um exemplo, que apesar de não ter relação com este universo dos concursos de beleza, nos apresenta com clareza a despeito das atitudes raciais da sociedade brasileira. Zezé Motta, atriz renomada no meio televisivo, menciona em um vídeo postado no seu perfil no instagram, e acessado no perfil do facebook dos Jornalistas Livres, que em 50 anos de carreira, ela fez tecnicamente três comerciais. Tecnicamente, porque depois de pronto, um desses comerciais foi recusado pelo cliente alegando que o público dele por ser de classe média não iria aceitar a sugestão de uma negra ao usar tecidos bem alegres e coloridos, remetendo a cultura afro. Assim sendo, as fotos não foram utilizadas e a propaganda de uma loja de tecidos não apareceu nos outdoors da época. Ela ainda complementa: “Do Insta da @zezemotta ‘(...)Depois de ganhar espaço e visibilidade no final dos anos 70, onde me tornei Zezé Motta, tive a oportunidade de fazer publicidade sim - mas muito pouca -, e sempre trabalhei muito com a minha voz, perdi as contas da quantidade de campanhas que fiz para grandes empresas e até bancos internacionais. Mas me refiro ao negro no vídeo, no outdoor... Nos anos 60, 70, 80, 90 era uma missão quase impossível! Graças a Deus o jogo virou, a passos lentos e ainda temos muita luta pela frente... Estamos abrindo caminhos! [...]” Disponível em: <https://www.facebook.com/jornalistaslivres/posts/1409021355888404> Acessado em: 01.12.2019.

“belas mulheres tinham que sempre estar atentas a certos rigores e se manterem vigilantes a esse respeito, principalmente, no que tange a conter os exageros e controlar-se corporal e emocionalmente”.

**Figura 11** – Rainha da Festa de Vaqueiros de Tanquinho



Fonte: Acervo fotográfico da depoente Vera Lúcia Maria dos Santos Ainsworth.

Dentre os vários conselhos direcionados, encontravam-se aqueles que tratavam do modo de se portar e viver em sociedade. Era “preciso saber andar, se sentar, dançar, descer as escadas, sair de um automóvel e ainda conversar, usar os talheres e sorrir”. Para tanto, era preciso treinar cotidianamente gestos e posturas antes de estarem em público. Fazia-se necessário “manter uma postura de rainha, uma pele aveludada e cabelos brilhantes”, bem como “uma voz de timbre melodioso, jamais metálica, além de gestos comedidos e leves, olhar tenaz e expressão doce” (SANT’ ANNA, 2014, p. 44).

Provavelmente esses conselhos e determinações faziam parte do cotidiano de jovens rainhas e *misses*, mas que provavelmente, em alguma medida, eram desconsiderados por Vera Lúcia, e por uma parte da sociedade tanquinense. Sentar-se no capô de um carro no meio da rua, diante do que se preconizava, não seria uma postura adequada a uma mulher e muito

menos para aquela que tinha se estabelecido enquanto rainha da maior festa regional a época. Mas pela foto, verifica-se uma naturalidade no ato, tanto para quem o realiza, tanto para quem o contempla. Talvez porque este ato poderia representar a reafirmação de um alto *status* social em determinadas sociedades.

Além disso, pelo que ela nos conta, não houve qualquer treinamento prévio para este momento. Nem no aspecto relacionado ao que dizer nas diversas entrevistas dadas, nem ao se dirigir ao público e nem como se portar ou andar pela cidade, já que ela ali se consolidava em uma representação importante nessa festa. Tudo fluiu naturalmente, a partir daquilo que ela acreditava que deveria ser feito (AINSWORTH, 2019, p. 228).

Percebemos aí, que o principal palco da beleza se consolidava enquanto campo de uma valorização do que é considerado belo em uma mulher, mas também se constitui em locus político, ideológico e social desta representação. Em nosso caso, verificamos através dele que o corpo se coloca enquanto campo de embate contra aquilo que é implantado como padrão, como normativo, causando fissuras no tempo e espaço, de modo a apresentarem-se outras possibilidades do ser belo. Corpo este que se apresenta não somente biológico, mas também social, histórico e cultural. Aparecem aí, outros corpos que representam uma postura diferencial diante da vida e do mundo, contrário ao instituído socialmente.

Por outro lado, para serem vistos precisam ter um elo com aquilo que é considerado importante socialmente – os signos e símbolos que representam a existência de uma rainha – nesse caso, uma coroa, uma faixa, uma eleição ou indicação para ocupar tal função dentro de uma festa ou concurso.

Paradoxalmente, reafirmamos então, que se liberta ao mesmo tempo em que se aprisionam os corpos. A ascensão que traz independência, também encarcera, enclausura o corpo em invólucros que não os pertencem. E nessa marcha, gesto e movimento expressam o grito contido nas almas daquelas que um dia desejam desfrutar de sua existência de modo autônomo, pleno e feliz, sem esperar o próximo julgamento impenetrado sobre o que acredita, em sua singularidade, ser um corpo feminino ou como se deve comportar perante a sociedade.

Para entendermos do que estamos tratando, acreditamos ser interessante vislumbrarmos o ontem e o hoje das rainhas de vaquejada e das festas de vaqueiros da Bahia, a partir do que nos conta (LIMA, 2019, p. 169-170).

Antigamente, tinha uma participação maior das rainhas e princesas nas festas de vaqueiro. A escolha ainda se dava por eleição como antes, porém, quem ia a busca dos votos eram as próprias candidatas a serem rainhas e princesas. É como se fosse uma espécie de

venda de rifa. Garantia o voto ao mesmo tempo em que, arrecadava fundos para a confecção das roupas das futuras “majestades” da festa. Então, necessariamente, não era a beleza o fator preponderante da escolha da rainha e sim o quanto de rifas que elas conseguiam vender, bem como o quanto de votos conseguiam conquistar entre conhecidos e amigos. Normalmente se vestiam a caráter da representação do sertão: a roupa de couro (LIMA, 2019, p. 169-170). A beleza aí, portanto, estava relacionada ao rito de se ter uma rainha do que necessariamente escolher uma bela rainha, diferente do que acontece em nossos dias.

Ou seja, a beleza se localizava no ritual em si, composto por: abertura com missa; depois o desfile, no qual as rainhas e princesas faziam parte, estando a frente do cortejo, conduzindo os demais participantes; as bandeiras da Bahia e do Brasil; carro de som com os aboiadores e repentistas; presença de autoridades e presença da imagem de Nossa Senhora Aparecida – santa padroeira dos vaqueiros – autoridade suprema da comunidade vaquejada. O Coliseu do Sertão em Feira de Santana, também já foi palco desse movimento algumas vezes (LIMA, 2019, p. 169- 170).

Hoje a prática de escolher uma rainha na Bahia prevalece mais nas cavalgadas do que nas vaquejadas. Só Serrinha - BA ainda se mantém este rito e que já ampliou de modo a ter candidatas de várias cidades da Bahia (LIMA, 2019, p. 169), se tornando importante a escolha daquela que melhor representa um padrão normativo de beleza feminina, como assim nos afirma Sampaio (2019):

A rainha da vaquejada, ela num tem muita associação com a vaquejada, porque ela como se fosse um desfile de moda. Ganha ali a mais bonita, a mais charmosa, a a a mais, mais completa, digamos assim, né? Que tem um corpo legal, que teja bem, bem, é, arrumada e tal. Mas não tem muito a ver com a vaquejada, né? Na verdade, você vê que elas nem montam num cavalo, a não ser no dia do desfile. Que tem um desfile oficial, né? Então, assim o desfile, a a a, rainha da vaquejada não [...]. (SAMPAIO, 2019, p. 191-192)

Dessa maneira, notamos que a seleção da rainha na atualidade modificou-se de tal maneira que temos a presença de modelos profissionais, a fim de ser a rainha e ganhar os prêmios como aponta o Jornal Folha do Estado da Bahia de 2 de agosto de 2017 (figura 12).

**Figura 12** – Modelo feirense na disputa para ser rainha da vaquejada de Serrinha

## Modelo vai representar Feira na escolha da Rainha da Vaquejada de Serrinha

A modelo feirense Suzy Ferreira, 26 anos, vai representar o município de Feira de Santana, na escolha da Rainha da Vaquejada de Serrinha, que ocorrerá no dia 5 de agosto, no Parque de Exposição Maria do Carmo, localizado as margens da BR 116-Norte, município de Serrinha.

Suzy contou para reportagem que está com esperança de ser classificada, já que tem experiência em modelismo na Bahia, onde ficou na 3ª colocação da Musa do Baianão, onde representou o time do Vitória, foi princesa da Micareta de Feira de Santana 2017 e foi eleita pelo Site UOL, como a Bela Torcida.

"Agora estou ansiosa já que a concorrência está forte, eu disputei uma pré-seleção com 5 meninas. Ser a Rainha da Vaquejada de Serrinha é um dos meus sonhos, pois sempre sonhei de ser a rainha. Esse sonho estou contando com os meus patrocinadores, como a Auto Escola Trindade; ncx-phonestore; studio\_tmf; mersari; Lu Oliveira makeup; Salão União Fashion; celerisfit; forro\_do\_sitio; óticas Carol feira; Selaria Leal; moezia ferreira; biosteta; labsantanafsa; pinguim radiadores; ton filhory; Denta Clin e claro o Jornal Folha do Estado". frisou a modelo.

### A Festa da Rainha

A Festa da Rainha do Parque Maria do Carmo, foi realizada pela primeira vez, em 1997, quando nasceu a Vaquejada do Parque Maria do Carmo.

Desde então, todos os anos, são escolhidos por uma mesa julgadora uma Rainha, um Peão e duas Princesas.

Para fazer essa escolha, os jurados avaliam os candidatos nos seguintes requisitos: beleza, simpatia, elegância e desenvoltura.

Para concorrer ao título de Rainha ou Peão é preciso ser natural de qualquer cidade da Bahia, além de ter de 18 a 30 anos de idade.

### PREMIAÇÃO

Rainha: R\$ 2.000,00 1ª Princesa: R\$ 1.000,00 2ª Princesa: R\$ 1.000,00 Peão: R\$ 2.000,00.



DIVERSÃO

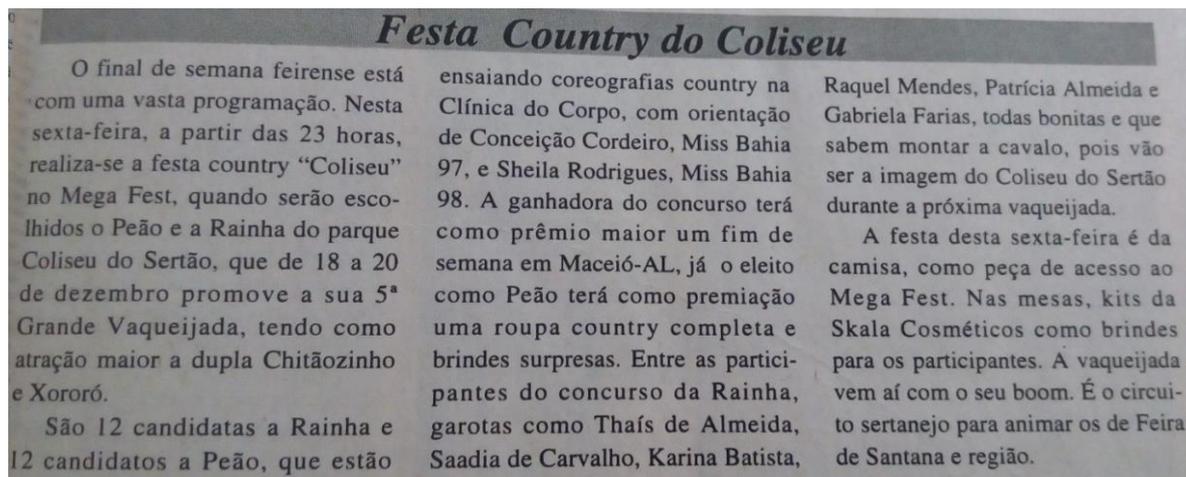
Suzy: "Ser a Rainha da Vaquejada de Serrinha é um dos meus sonhos, pois sempre sonhei de ser a rainha"

Fonte: Jornal Folha do Estado da Bahia de 02 de agosto de 2017, p. 11. Biblioteca Municipal Arnold Ferreira da Silva

A partir da construção do Parque de Vaquejada Maria do Carmo em Serrinha - BA, a escolha da rainha passou a ter uma festa a parte, que geralmente acontece no mês de agosto, enquanto a vaquejada se realiza normalmente no mês de setembro.

Na década de 1990, o Coliseu do Sertão em Feira de Santana também adotou esse padrão, em uma época que o estilo *country* estava em alta nas vaquejadas de todo o estado, como mostra a reportagem do Jornal Diário da Feira de 02 de dezembro de 1998 (figura 13).

**Figura 13** – Escolha da rainha da Vaquejada do Coliseu do Sertão em Feira de Santana – BA



Fonte: Jornal Diário da Feira de 02 de dezembro de 1998, p. 5. Biblioteca Setorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão, localizada no Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Nesse interim, todo aquele rito, no qual vários personagens faziam parte de modo que a rainha era um item de uma grande composição, desaparece ou reduz em grande medida, como diz Lima (2019):

Hoje não! Hoje o locutor pega é, é, é, vamo pedir a Deus que dê tudo certo, não sei o quê. Reza ali aquele Pai Nosso e Ave Maria ligeirinho e tchau e bênção! Bora correr boi! E acabou! Entendeu? Seis horas que faz a... Então assim a, a, a vaquejada hoje, tá, tá bem diferente, inclusive esqueceram um pouco de fazer isso, né? De fazer uma coisa gostosa que é eleger uma rainha, uma princesa né? (LIMA, 2019, p. 169)

Desse modo, passou-se valorizar em demasia as festas para escolha da rainha, levando em consideração os parâmetros decididos por juízes como: “beleza, simpatia, elegância e desenvoltura” (JOVENS, 2015, p. 9). Estes elementos são avaliados durante a festa quando as candidatas desfilam para os jurados. Para participar, existe um período de inscrição prévio e regulamento a ser seguido por aquelas que pretendem se candidatar.

Em alguns casos<sup>58</sup>, a escolha da rainha da vaquejada ou da festa de vaqueiros não leva em consideração um item básico, visto que estamos tratando de uma prática equestre, que é a

<sup>58</sup> Colocamos em alguns casos, visto que na reportagem do Jornal Diário da Feira de 02 de dezembro de 1998, nos mostra que o parâmetro de montaria foi considerado importante para a escolha das candidatas a rainha, diferentemente do que é anunciado para o concurso da Vaquejada de Serrinha, por exemplo. Se verificarmos eventos de outras competições esportivas entre o final da década de 1940 e meados de 1970, a eficiência esportiva e dedicação a modalidade era ponto importante para a escolha de uma rainha, mesmo que o quesito beleza tivesse um peso maior no barema, assim como trata Ludmila Mourão em seus estudos (GOELLNER; BENDER, 2015).

candidata saber montar a cavalo. Se haverá um momento pelo qual a rainha será apresentada ao público e este se constitui em uma cavalgada ou desfile, um dos itens que deveriam ter sido colocados enquanto parâmetro era especificamente relacionado à montaria, como menciona Tatiane Ribeiro (2019):

Pra ser rainha de vaqueiros, né, precisava, pelo menos, montar cavalo, saber andar no cavalo, saber o que é uma vaquejada, saber, né, ou melhor, rainha de vaqueiros não, rainha da vaquejada, né? Porque rainha de vaqueiros pode ser qualquer outro tipo de esporte equestre, né? Uma cavalgada, uma Argolinha, um negócio assim. Mas ser rainha de uma vaquejada eu acho que pelo menos a pessoa precisa conhecer um pouco o esporte, a mulher, né? Entender um pouco, não precisa nem correr vaquejada. Mas, pelo menos viver o que é a vaquejada. Mas geralmente o que a gente vê hoje essas meninas que tem o padrão de beleza aceitável, digamos bonita, né? Beleza bonita pra sociedade é quem participa dos concursos e quem concorre, e quem ganha, né? As tidas modelos, né? Mas eu não acho bom! (RIBEIRO, T., 2019, p. 160)

E como reforça Baraúna (2019):

Agora é assim, é, muitas.... Eu gosto quando a rainha da vaquejada tem um espírito, pelo menos de montar, de gostar, porque tem gente que faz um concurso, aí coloca qualquer pessoa, não sabe nem montar direito. Vai para cavalgada. Como já aconteceu que eu já vi, vai para cavalgada com uma menina montada que não sabe nem montar. Acontece acidente, de cair, se machucar. Aí pra mim, pra mim, eu acho que tinha que ter pelo menos... as pessoas gostarem. Tinha que ter um...como um termo, né, vamos se dizer assim, que a pessoa gostasse ou então que pelo menos soubesse andar, montar a cavalo. Que é pra não ficar nem feio. Porque você vê muitas vezes botam as meninas que não sabem nem montar direito. Aí acaba acontecendo até acidente. Como eu já vi. (BARAÚNA, 2019, p. 211-212)

Não observar um item tão fundamental como este para a escolha da rainha, pode ter uma relação íntima com o interesse de mercado. A partir da fala de Tatiane Ribeiro (2019, p.160), compreendemos que o objetivo da festa de Serrinha é chamar o público em geral. Para tanto, reforça-se muito mais o lado espetacularizado da prática, utilizando-se de shows e outros recursos que chamem atenção, do que necessariamente a valorização de elementos ligados a tradição da vaquejada, que neste caso, por exemplo, estaria ligado elementos básicos de equitação.

Verifica-se nos dias da vaquejada a derrubada de boi, porém, muito provalmente, somente essa parte da festa não garante a quantidade de pessoas desejada pelos organizadores. Por esse motivo, se agrega vários itens a prática, para que assim, atraia vários públicos e

garantir cada vez mais patrocínios e um bom retorno financeiro. Obviamente que a festa da escolha da rainha seguirá estes moldes adicionando elementos que seriam de interesse da sociedade como um todo. Mais uma vez impera aqui os aprisionamentos: a escolha de uma rainha que siga os padrões de ser mulher normatizados sob a perspectiva da beleza, simpatia, elegância e desenvoltura de um determinado tempo-espço.

Para Nunes (2019) ter uma rainha de vaquejada é

[...] uma maneira de mostrar a sociedade que a vaquejada não é só a derrubada de boi. Tem uma mulher bonita, tem uma mulher maquiada, tem uma mulher cheirosa, uma mulher bem vestida, tem tudo isso na vaquejada. Não é só aquela mulher que tá ali suja de lama (risos), suja porque levou uma queda, tá com o cabelo cheio de areia, que tá com o rosto cheio de barro, de que machucou, as vezes machuca, né? Não. Acho que hoje tem que ter também, né, aquela mulher bonita na vaquejada. E muita gente gosta. Muita gente vai lá, participa. Tem as votações, né? Tem...acho bacana! Tem os desfiles. Acho que é uma área também que vem crescendo muito. Tem gente que ver isso também como profissionalismo, né? Porque a gente vê que tem modelos hoje que se inscrevem nesses concursos pra ser a rainha da vaquejada, né? (NUNES, 2019, p. 197)

A partir disso, visualizamos o quanto na sociedade como um todo, homens e mulheres, estão imersos “em conceitos de beleza”, nos quais “obsessões com o físico, o pânico de envelhecer e pavor de perder o controle” passam a ser elementos recorrentes nessa relação dos indivíduos consigo, com os outros e com o mundo. Emprega-se aí, um imaginário de beleza feminina que se coloca enquanto “arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza”, que passa ocupar o lugar da “mística feminina da domesticidade” como forma de controle social. Isto é, esse mito se constitui, portanto, em um ideário capaz de aterrorizar e fragilizar aquelas mulheres, as quais “os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade” não tem mais domínio, porque “a qualidade chamada ‘beleza’ existe de forma objetiva e universal” (WOLF, 1992, p. 12-14).

Além disso,

As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens, situação esta necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva. Os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução. A beleza da mulher tem relação com sua fertilidade; e, como esse sistema se baseia na seleção sexual, ele é inevitável e imutável. Nada disso é verdade. A "beleza" é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um

padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram. [...] A "beleza" não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma Mulher Ideal Platônica.[...] O que ele está fazendo às mulheres hoje em dia é consequência unicamente da necessidade da cultura, da economia e da estrutura do poder contemporâneo de criar uma contra-ofensiva contra as mulheres. [...] O mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens. [...] O mito viceja quando ocorre uma perigosa libertação das mulheres de repressões de natureza material. (WOLF, 1992, p. 15-17)

Esse é um processo que se entranha nas camadas mais profundas das subjetividades dos indivíduos, por meio de uma educação dos corpos que, desde tenra idade, disciplina e doma os sujeitos de tal modo, ao ponto de aparentar que é algo marcado previamente em nosso código genético. Porém, a verdade é que corpo e cultura são duas partes, mas que configuram um elemento único: a nossa própria existência. Desse modo, isso se constitui uma construção cultural, via educação em vários espaços-tempos, que é perverso com os próprios sujeitos e com o outro e que estabelece uma relação com um sistema patriarcal, perspectivado, a partir de um projeto de poderio masculino. Esse por sua vez, emana ideários e imaginários de um corpo para outro corpo, por gestos, signos, símbolos, sentidos e significados de ser e estar no mundo.

Continuando nosso raciocínio, se observarmos mais uma vez a reportagem da figura 13 veremos que para a época de 1990 era fundamental que as candidatas seguissem o estilo *country* de dançar. Levando em consideração que estão sendo orientadas pelas antigas *misses* Bahia 1997 e 1998, os elementos que garantam a graciosidade das candidatas e um modo de se portar neste espaço, com certeza estão dentro dos objetivos a serem alcançados para além da observância de um dado modelo (o modo *country* de se vestir, dançar e portar-se).

Compreendemos, portanto, que este modo de se pensar o ser mulher ligado aos itens de fragilidade e docilidade, bem como ao mito da beleza, ultrapassa os tempos e os espaços e chegam a nossos dias como elemento avassalador de vidas e trajetórias. Não é à toa que enfrentamos, na atualidade, uma série de retrocessos, dos quais as mulheres encontram-se enquanto vítimas do desrespeito a seus corpos e a sua dignidade.

Pode até soar enquanto exagero tratar dessas questões desse modo, porém o que encaramos como ideias simples ou banais é o que povoam o imaginário popular a muito tempo e que gera a insatisfação daqueles que veem “as coisas” como saindo do padrão do que se é digno para determinada sociedade. Daí toda tentativa de ruptura desse padrão ecoa como

uma afronta ao pré-estabelecido, ao normativo, que se coloca como algo a ser combatido pelos “cidadãos de bem”.

Portanto, ser rainha abre um campo de visibilidade para as mulheres nas vaquejadas da Bahia, rompendo barreiras, de maneira a garantir a participação delas nesta prática. Ao mesmo tempo, pode se constituir em lócus disciplinar de um imaginário normativo de ser mulher.

Para além de se pensar as rainhas de vaquejadas sobre a perspectiva do rito ou da beleza, esta função é exercida também sobre outro prisma aqui na Bahia, como nos revela Rosangela Ribeiro (2019):

Olha aquela que, que, que, é, é, é, passada a imagem pra gente... eu.... é uma coisa assim mesmo que simbólica, mas não retrata a rainha da vaquejada. Talvez a rainha dos Vaqueiros, dos Vaqueiros, assim regional, é, é, é, não voltado pra, pra vaquejada. Eu acho que a rainha da vaquejada teria que ser, se é que, que, que a gente pode é, é, é, dizer que tem uma rainha da vaquejada tem que ser uma Socorro Miranda. E não uma, uma, uma moça ainda que seja de Serrinha, mas que talvez não, não teve ou não tem essa vivência da vaquejada como eu tive, como tantas outras aí que também estão sendo entrevistadas tiveram e ainda têm. (RIBEIRO, R., 2019, p. 206-207)

Ou seja, a rainha aqui nada tem a ver com beleza, desfiles ou coroações. Socorro Miranda passou a ser considerada rainha, visto que ela exercia a função de puxadora de excelência nas vaquejadas. Ela e Rita Cordeiro, até então, eram as únicas que corriam vaquejada em meio aos homens na Bahia. Porém Socorro Miranda começou sua carreira nas pistas de vaquejada na década de 1970 em Alagoas, chegando a Bahia em 1981. Desse modo, aparentemente, ela já tinha mais tempo correndo do que Rita, sendo assim considerada pela comunidade-vaquejada a primeira mulher a correr vaquejada. Isto a faz enquanto referência no meio. Quando perguntada sobre a origem do título, ela responde:

Olha! Esse, esse título não fui eu que, que assim ... eu sou a rainha! Não! Foi os ... Pra você vê o carinho que eles tinha e tem por mim. Foi os vaqueiro que colocaram esse título em mim. De rainha. Passavam [...] ô minha rainha, ô minha rainha! Aí começou a ... naquela época só tinha eu e já quando eu fui quase parando de correr ficavam me chamando de rainha, rainha. Aí ficou. E às vezes eu perguntava: por que rainha? Que não vai existir outra! Só você! Eu dizia: -Vai! Breve vai chegar! Espero que um dia chegue! Mas que esse título quem me deu foi os vaqueiro. É porque é a ... assim, eles dizem assim porque só existia, eles homem e sou eu de mulher. E graças a Deus eles tinham respeito. Eu me sentia assim elogiada, uma pessoa assim orgulhosa. (MIRANDA, 2019, p. 181)

No jornal “A Tarde” de 4 de novembro de 1995, o destaque da Vaquejada de Dias D’Ávila naquele ano foi a rainha e vaqueira “Socorro Miranda”, demonstrando assim que as mulheres passaram a exercer outro tipo de protagonismo nessa prática cultural, bem como estabelece relações com outras construções imaginárias de ser rainha (figura 14).

**Figura 14** – Socorro Miranda, a rainha da Vaquejada de Dias D’ Ávila <sup>59</sup>



Fonte: Jornal A Tarde de 04 de novembro de 1995, p. 7. Biblioteca Central do Estado da Bahia

Na atualidade, percebe-se a inserção gradativa de mulheres na prática da vaquejada, enquanto vaqueiras de vaquejada ou vaqueira-desportistas. Isso se dá, talvez porque, agora, há uma dimensão performática e estética que define padrões de masculinidade, ou melhor, de ser vaqueiro de vaquejada. A mudança da imagem de vaqueiro de fazenda para vaqueiro desportista valoriza muito mais a encenação performática da vaquejada do que a ideia de força, coragem e heroísmo, possibilitando os “borramentos” de gênero neste território

<sup>59</sup> “VAQUEJADA EM DIAS D’ÁVILA DARÁ R\$15 MIL E UM CARRO – Reunindo vaqueiros de vários municípios baianos, de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, começou sexta-feira e irá até domingo (dias 3 a 5.11) a I vaquejada Parque João Filho, em Dias D’ Ávila. Organizada por criadores locais, com apoio da prefeitura, a vaquejada irá distribuir prêmios totalizando R\$ 15 mil além de um carro. Realizada no quilômetro 25 da BA-093, no bairro do Entroncamento, a I Vaquejada Parque João Filho reunirá os mais famosos cavaleiros baianos, nas várias modalidades em disputa. Uma das atrações será a presença de Socorro Miranda, conhecida vaqueira, que será a rainha do evento. Aberta ao público, a festa tem tudo para agradar, sendo animada por pagodes, bandas de axé music e conjuntos de forró, que tocarão dia e noite. De acordo com um dos organizadores, João do Leite, a vaquejada de Dias D’Ávila surge já como uma das mais importantes do estado pelo montante de premiações e pela qualidade dos competidores.” (VAQUEJADA, 1995, p. 7).

(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 83; BARBOSA, 2006, p. 122-123). Ou seja, a vaquejada passa a ser praticada agora por homens e mulheres.

Porém, visualizar esta abertura não implica dizer que este movimento de borramentos não se constitua em meio de tensões, visto que o imaginário a respeito da imagem do vaqueiro de fazenda ainda reverbera enquanto discurso e prática, mesmo que de modo velado, em meio a comunidade da vaquejada, assim como na sociedade como um todo.

E, claro, isso interfere na inserção das mulheres neste lugar do mesmo modo que em tantas outras práticas cotidianas e espaços. Fora que muitas vezes, segundo Barbosa (2006), o fato de as mulheres estarem protagonizando os papéis de esteireiras e puxadoras de boi, fazem com que sejam vistas como “mulheres-machos”. Ou seja, de fato a referência de protagonismo das vaquejadas, no imaginário popular, ainda tem forte relação com a imagem de vaqueiro sob os moldes normatizados de masculinidade, a partir da divisão binária de sexo em oposição.

### 3.2 OS SABERES DA EXPERIÊNCIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE MULHERES VAQUEIRAS

E, enfim, [...] é família mesmo, é o sangue. Tá na veia! Eu sou apaixonada! (LIMA, 2019, p. 166)

A fala de Lima (2019) que dá início a este tópico nos traz elementos que configuram o modo como se percebe a inserção de algumas das mulheres nas vaquejadas da Bahia: a paixão é algo latente, marcado em cada uma delas, bem como o ser vaqueira. A partir de suas memórias, isto se configura como uma condição herdada da família e, portanto, algo que se consolida inato, como uma vocação, que faz parte da essência dessas mulheres (LIMA, 2018)<sup>60</sup>.

Contudo, não podemos acreditar que a formação das pessoas tem uma relação intrínseca com o que já está dado ao nascer. Os saberes são aprendizados construídos ao longo da vida, a partir de experiências múltiplas oriundas do seio familiar, da rua, da vida religiosa e/ou do meio institucional. Como aponta Josso (2004, p. 64) a formação se constitui a partir “... de contextos e situações de vida, das mais diversas atividades, de encontros que marcam

---

<sup>60</sup> A dissertação de José Murilo Gomes de Lima tem como público de seu estudo um grupo de vaqueiros do sertão pernambucano. Porém, em nosso trabalho, ao falar das mulheres nas Vaquejadas da Bahia, reconhecemos uma semelhança nesses sentimentos elencados por elas e eles quando tratam desse movimento inicial da trajetória enquanto vaqueiros e vaqueiras. Esse traço familiar estabelecido nesses percursos de vida em muito motivam esses sujeitos para a prática da vaquejada.

uma vida – as pessoas significativas da família, os acontecimentos pessoais e sócio-históricos...” perdurando-se assim no decorrer do processo formativo dos indivíduos.

Mas de que modo as experiências fazem parte dos processos formativos? Para isso é necessário entender o que de fato é a experiência e como ela se articula, de modo a constituir os saberes da experiência que, por sua vez, contribuem para nosso processo formativo, ou seja, para a conformação de nossa existência. Segundo Bondia (2009, p. 20-26) *apud* Macedo (2015, p. 37):

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, não o que acontece, ou o que toca [...] implica parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar; sentir; sentir mais devagar, demorar-se no detalhe, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade [...] cultivar a atenção, falar sobre o que nos acontece, escutar os outros, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço ...o sujeito da experiência se define pela sua disponibilidade, por sua abertura [...] A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que "existe" de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente ...É experiência aquilo que "nos passa", ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à experiência da transformação [...] O saber da experiência se dá na relação entre conhecimento e a vida humana [...] se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou o sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um Ser individual ou coletivo [...] A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos da nossa própria vida [...] a experiência é irrepetível.

Assim sendo, a partir das entrevistas notamos que a participação das mulheres nas vaquejadas da Bahia, enquanto vaqueiras desportistas ou vaqueiras de vaquejada ocorre de várias formas. Na maioria dos casos essa relação familiar imersa nos afazeres do campo, na afinidade com o trato com a terra, com bois e cavalos, permite a aproximação com a prática da vaquejada.

Na verdade minha família paterna, praticamente toda, envolvida com essa coisa da vaquejada, né? Na verdade não só da vaquejada, como, é é..., o manejo, né, com cavalo, boi, fazenda, né... é é... Na época, meu avô, paterno, ele foi que, na verdade deu, né, início a essa, essa paixão, né, esse, esse, digamos, esse pulsar no sangue, de gostar, né, da, da vida na roça...é... [...] Meu pai é o mais velho, deles todos. E aí, através do meu pai foi que, também, né, eu nasci já nesse seio familiar de fazenda, né? [...] ... meu pai ele sempre criou cavalos e a maioria desses cavalos eram quarto-de-milha, eram cavalos desses que eram realmente, é é... os mais utilizados nessa área do esporte da vaquejada. Então, minha paixão se deu através disso, né? Com 13 anos de idade eu já comecei a correr, mas como falei, tangendo boi nas pistas, batendo esteira no treino, né, passeando, indo pras vaquejadas

junto com ele, e e e..., só que na época eu ainda não tinha coragem, muiiitaaa coragem pra poder entrar no ritmo de puxar boi, né? Enfim, aí hoje tenho tios, tenho primos, vários que correm, também, vaquejada, que praticam vaquejada. (RIBEIRO, T., 2019, p. 150)

Seja por meio do pai, de irmãos, de tios, de primos e/ou avôs, os homens é que consolidam o maior engajamento das mulheres na vaquejada, visto que eles, há anos, se constituem em maioria no exercício desta prática cultural. Nestes casos, o maior destaque fica na figura dos irmãos, haja vista que são os que se enveredaram de fato no ramo da vaquejada.

Da família que corre vaquejada tem cinco irmãos. Todos cinco. Tem o Tonho Vaqueiro, que ele foi o pioneiro. É meu ídolo. Foi meu estereiro. Muito, muitos anos. Tem também João Garrincha que é meu irmão. Que foi meu estereiro. É. Eles quem me incentivaram. (MIRANDA, 2019, p. 176)

Mas assim, foi meus dois irmãos, na verdade, que mais me incentivaram. Meu pai também aceitava, concordava. Era, era muito natural! Ele agia numa naturalidade, porque ele veio, ele era da, da roça, né, da fazenda, da lida do gado. Então tudo aquilo pra ele, tocar uma, uma boiada ou a gente ir pra uma vaquejada, a diferença era bem pouca. (LIMA, 2019, p. 166)

É, é, é. Meus pais sempre criaram cavalos, né? Eles montam até hoje. Agora, assim, sempre criaram cavalos de passeio. Meus irmãos que começaram com a vaquejada. Coisa de uns quinze anos pra cá. E aí eu também desenvolvi, né, esse amor pelos cavalos de vaquejada. E aí, meus dois irmãos, Rômulo e João, eles correm, competem nesses circuitos da Bahia [...]. Então...então. É é é, acho que eu tinha uns catorze anos a primeira vez que eu montei num cavalo de vaquejada realmente pra correr [...] (NUNES, 2019, p. 195-196)

Essa relação de cumplicidade entre irmãos nos parece que contribuiu sobremaneira nessa impulsão das mulheres na prática do espaço privado para o espaço público<sup>61</sup>. No caso de Socorro Miranda, por exemplo, foram os irmãos que a iniciaram no circuito de competições ainda em Alagoas. Tudo começou quando eles a levavam para a pista. Lá, ela os auxiliava soltando os bois. Sobre isto ela própria afirma: “E eu ficava brava quando ele, eles iam correr e não derrubava os bois. Que eu achava que todos que corria tinha que derrubar. Mas aí ele falou que não” (MIRANDA, 2019, p. 177).

Um dia combinaram entre eles e providenciaram um cavalo para ela montar. Ela montou e correu boi, mostrando que tinha muito traquejo e coragem para ingressar nesse

---

<sup>61</sup> Ver em SANTOS, A. B. L. **Valeu o boi!** Uma análise de gênero na vaquejada. 2017. 65f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina, Petrolina-PE, 2017.

campo. Depois disso, não parou mais, sempre, segundo ela, contando com o apoio dos irmãos. Procuravam o cavalo adequado para irmã correr, que fosse dócil, manso e que fosse de direita<sup>62</sup>, porque era o que ela se adaptava. Como na época ela não tinha cavalo, antes de cada vaquejada os irmãos procuravam entre os amigos um cavalo que tivesse o perfil adequado a Socorro. Assim que encontrava, pediam emprestado para a irmã correr. Apresentaram ao patrão a irmã, que só acreditou que ela era boa mesmo porque viu com os próprios olhos a vaqueira atuando em uma mine-vaquejada na cidade de Palmeira dos Índios em Alagoas. Tinha dezoito anos nessa época (MIRANDA, 2019, p. 177-178) e assim ela relata o caso:

Menina, eu cheguei com sede de correr boi (risos). Sei que eu corri nessa época, bati a, a, a senha lá e tudo. Aí daí, ele, ele, ele ficou muito feliz seu Zé Maria [...], enquanto eu morei em Alagoas eu corria lá com ele. Com...nos cavalos dele, mas sempre quem batia esteira era meus irmão. E tinha outros rapaz lá também chamado Neolivan, cedeu muito cavalo dele, muitas vezes pra mim correr. Aí foi quando eu conheci Antonio Guede, casei, vir morar com ele, a gente veio embora aqui pra Bahia. Quando chegou aqui, aí foi comprou um cavalo. Aí daí a gente começou. Começou mesmo! (MIRANDA, 2019, p. 178)

Outra maneira que possibilitou a entrada das mulheres no universo da vaquejada tem a ver com a inserção em outras práticas equestres, muito comuns aqui no Nordeste brasileiro, como argolinha e corrida de três tambores. Esta última, praticada em sua maioria por mulheres. Estas outras atividades contribuem para que as mulheres partam para a vaquejada, contando ainda com o auxílio de amigos e vizinhos, para circular neste universo (RIBEIRO, R., 2019, p. 202-203).

Existem depoimentos que afirmam que a família não possui nenhuma relação com a prática. Nesse caso, estão inclusas duas depoentes, que por conta deste fator, seguem trajetórias diferenciadas para sua inserção na vaquejada.

Uma delas declara que o pai era jogador profissional de futebol e que a mãe não tinha qualquer envolvimento com a vaquejada. Por conta disso, não tinha incentivo e nem apoio para se enveredar na atividade, apesar de gostar muito de cavalos. Inclusive, o pai não permitia, porque dizia que era um esporte que só tinha homens, era uma prática masculina. Mesmo assim, aos onze anos tentou entrar em uma escolinha de vaquejada, mas não logrou êxito. Aos catorze, tentou ingressar na atividade por meio de um conhecido na cidade, mas

---

<sup>62</sup> Cavalo de direita é o animal preparado para correr com vaqueiros(as) destras, assim como o cavalo de esquerda é preparado para os canhotos. Isso facilita porque na hora de derrubar o boi, o cavalo abre espaço de maneira a facilitar a angulação para o(a) vaqueiro(a) realizar a puxada. Por exemplo: nesse caso da Socorro, o cavalo de direita direciona seu corpo na hora da puxada para o lado esquerdo deixando o lado direito livre para que ela puxasse o boi com espaço e angulação propícia para valer o boi.

também não deu certo. Depois que se casou, comprou um cavalo e passou a treinar em um centro de treinamento que faz cavalo de vaquejada na cidade de Cardeal da Silva - BA. Aí sim, finalmente consegue entrar nas competições, inclusive com o apoio do marido, que também participa (ARGOLO, 2019, p. 141-142).

Também tivemos uma informante que relatou que em sua família “ninguém monta num cavalo nem pra passear”, mas o fato de ter um grande apreço por cavalos desde a infância, a partir de contatos com animal na fazenda da família, sempre procurou atividades esportivas nas quais este animal era protagonista. Tentou algumas práticas, até conhecer a vaquejada, que foi a que realmente gostou e passou a competir (SAMPAIO, 2019, p. 189). O interessante é como esse encontro se deu. Segundo ela:

Foi um dia, eu fui num...numa pista de vaquejada que tinha lá, de um amigo de meu pai, ele tava treinando, eu pedi pra treinar também e gostei. Nunca tinha visto vaquejada. Vi a primeira vez e entrei. No dia que eu fui apresentada a vaquejada, já entrei pra pista. (SAMPAIO, 2019, p. 189)

Podemos, portanto, inferir que o acontecimento ou o acontecimental, considerado aquilo “[...] que irrompe como novidade e criação” (MACEDO, 2016, p. 30), que é “singularidade, um desvio, o irromper do acaso no território das regularidades” (MACEDO, 2016, p. 39) estabeleceu-se como ponto de partida para a formação de algumas mulheres como vaqueiras de vaquejada. Essa relação se constituiu independente se o acontecimental encontra-se diretamente ligado ao conhecer inesperado da prática ou a afinidade estabelecida com o cavalo desde a infância, mesmo que sem uma relação direta com o campo. Para além da formação enquanto vaqueiras, o acontecimental que é intrínseco ao campo da experiência/experiencial, se estabelece em um *continuum* na formação destas mulheres, inclusive, enquanto pessoa, enquanto humanas.

Estabeleceram-se aí outras habilidades, que até então eram desconhecidas para si, mas que se constituíram em força motriz, mesmo sem saber, para estabelecer uma relação diferencial entre a prática e o ser mulher, enquanto humanidade enriquecida de probabilidades e potencialidades, independente do estabelecido socialmente para tal, em vias da divisão binária de sexo em oposição.

Isso se dá, porque o “acontecimento é aquilo que nos coaciona a decidir por uma nova maneira de ser, de atuar ou de atrair. Suplemento incerto, imprevisível, dissipado, apenas aparece. Nomeia o não sabido da situação” (MACEDO, 2016, p. 32) e que se constitui,

portanto, em “tempo instituinte fundante de certa realidade de significação marcante para a itinerância de uma vida em formação” (MACEDO, 2016, p. 35).

Continuando a deflagrar os modos pelos quais essas mulheres se constituem vaqueiras, outro caso que aqui podemos evidenciar é de uma jovem, cujo pai foi vaqueiro de vaquejada durante muito tempo, porém nunca se colocou a ensiná-la e nem a irmã, por mais que pedissem. Conseguiu aprender em um centro de treinamento para cavalos de vaquejada entre as cidades de Catu e São Sebastião do Passé, onde o treinador a preparou para as competições. Ela conta que depois disso falou para o pai que tinha aprendido e estava correndo boi. Este só acreditou depois que ela mostrou vídeos e fotografias de seu feito (BARAUNA, 2019, p. 209-210).

Há apenas um caso entre as depoentes que a mãe e o pai foram os principais incentivadores, haja vista que ambos se consolidaram em grandes referências no meio. Ela começou com sete anos após bater esteira para mãe, durante uma reportagem do Fantástico em 1995, visto que a menina já era boa em montaria, pois sempre acompanhou o pai na lide da fazenda. Este era gerente de uma fazenda em São Sebastião do Passé, que possuía gado leiteiro e cavalos de vaquejada (LUZ, 2019, p. 217-218).

A partir daí a pequena firmou cada vez mais o interesse em derrubar boi, enquanto atividade usual de seu cotidiano de criança. Para isso, precisava convencer o pai. O vaqueiro que trabalhava com o pai, se incumbiu de ajuda-la nessa missão. Porém, o problema não estava em o pai liberar a menina em derrubar os bezerrinhos da fazenda na pista. Era justamente o dono da fazenda liberar seus bezerros para tal. Contudo, uma boa conversa entre patrão e empregado resolveu a questão e, logo em seguida, os treinos começaram. Foram trinta dias treinando com o pai. Ele batendo esteira e ela puxando e derrubando os bezerrinhos. Em um final de semana, com a família reunida, o pai prendeu os bezerros e colocou a menina para derrubar boi para todos verem. Claro que ela fez bonito nesse dia e, desde então não parou mais de treinar e correr vaquejada (LUZ, 2019, p. 217). Tanto que algumas vezes os feitos de Caliani e sua trajetória viraram notícia, a exemplo do Jornal A Tarde de 16 de outubro de 2003, conforme figura 15.

**Figura 15** – Reportagem sobre a trajetória de Caliani Miranda na Vaquejada<sup>63</sup>



Fonte: Jornal A Tarde de 16 de outubro de 2003, p. 6 e 7. Biblioteca Central do Estado da Bahia

Sobre o processo inicial de aprendizagem para se realizar as carreiras com eficiência, Caliani Miranda informa que o pai tinha uma técnica específica para ensiná-la. Esse aprendizado se constituía por meio da saída a baiana que ela descreve da seguinte maneira:

<sup>63</sup> “**De mãe pra filha** - Rodrigo Vieira Júnior - São Sebastião do Passé - Falar de vaquejada no Nordeste sem citar a vaqueira alagoana Socorro Miranda, 50 anos, é desconhecer o assunto ou querer comprar uma briga com a legião de fãs em nove Estados. Socorro fez a sua despedida das pistas em maio de 2001 na Vaquejada de Patu, Rio Grande do Norte, e os seus olhos e coração estão presos, agora, à filha mais nova, Caliane, de 15 anos. Baiana, a garota desponta como um novo talento feminino no esporte e na arte de colocar o boi bravo no chão. 'Tem mulher na pista que é melhor do que muito homem'. É isto que a história de Socorro tentou dizer ao universo masculino. E esta é a mulher notícia que a família destas duas mulheres tem para dar aos profissionais da vaquejada no Brasil. Derrubar boi é um esporte que a nova vaqueira Caliane traz no sangue e mostra exímio domínio. A menina começou a derrubar boi aos oito ou nove anos, incentivada pelo pai, que a levava para o Parque Irmãos Lima, em São Sebastião do Passé, onde a família reside desde 1981. 'Painho, bota um boi desse pra eu derrubar', pediu, um dia, Caliane, como conta a mãe Socorro. O pai colocou o primeiro, depois o segundo e, no terceiro, ela acabou caindo do cavalo e foi se lavar. Desde então, se apaixonou pelo esporte, que costuma atrair mais os homens. **Estréia** - Caliane nasceu em São Sebastião do Passé, na Bahia, e fez a sua primeira corrida, como a derrubada de boi é chamada entre os vaqueiros, na Vaquejada de Candeias, onde montou o cavalo Lombarde e venceu as outras mulheres. Ela é filha do casamento de Socorro Miranda com Antônio Guedes, 49 anos, outro vaqueiro alagoano de sucesso. Metade da sala da casa da família é ocupada por troféus e medalhas conquistados pelo casal em diversos Estados. A garota começou a colecionar os primeiros troféus no quarto. O sucesso na profissão de vaqueira parece ser o destino. Está no sangue, como diriam os mais antigos. No Parque Jovelina Ernestina da Silva, Caliane venceu, em 2001, a Vaquejada de Patu, quando sua mãe fez a despedida das pistas. No Colégio Polivalente, em São Sebastião do Passé, Caliane é uma estudante responsável e faz a 8ª série. No esporte, ela intensifica os treinamentos de pista conforme um plano pré-elaborado para cada uma das vaquejadas. Animado, o pai Antônio Guedes disse que pretende levar Caliane no início de 2004 para uma grande vaquejada no Rio de Janeiro onde deverão ser disputados 40 carros como prêmio. Ela treina como um cavalo 'de direita' como são chamados os animais preparados para a corrida com vaqueiro destro. Os canhotos têm de usar os cavalos de 'esquerda'. Outro detalhe: o cavalo quarto-de-milha que ajuda Caliane obter tanto sucesso nas pistas se chama Namorado. **Toques** - Socorro e Caliane Miranda, mãe e filha, são duas nordestinas que romperam o preconceito e estão conseguindo mostrar extrema competência num esporte tradicionalmente praticado por homens. 'Eu tenho um carinho e um respeito enorme por todos os vaqueiros, pois sempre fui tratada assim por eles, que hoje me chamam de mãe, tia ou irmã', afirmou Socorro Miranda. O preconceito, por ela ser mulher, começou a ser quebrado dentro da própria casa. Na família de Socorro, os cinco irmãos praticaram ou praticam a vaquejada profissional. Mas eles souberam respeitar a opção que ela fez. Um dos tios de Caliane é Antônio Vaqueiro, considerado um dos melhores derrubadores de boi do Brasil. Ele é o padrinho e o conselheiro, de quem Caliane tem muito orgulho. A sobrinha comemorou os 15 anos com uma festa realizada no dia 31 de janeiro de 2003. Vaqueiros mais talentosos de 12 Estados brasileiros estiveram em São Sebastião do Passé participando da festa. Todos amigos de Socorro e de Antônio Guedes. Como lembra Socorro, veio gente até do Espírito Santo, do Rio e do Acre.” (VIEIRA JÚNIOR, 2003, p. 6-7).

Oh, quando começou, ele tinha uma técnica específica. [...] a técnica é encostar os dois cavalos um do lado, um de frente pro outro. E aí ele encostava na época que chamava a saída a baiana. Que era um cavalo do lado do outro na mesma maneira que eu ia correr. Como eu corria de direita ele botava o cavalo de esteira do lado, encostado no, no mourão, no, no brete e o meu cavalo encostado no dele. E aí pra quando o boi sair ser mais fácil de o boi não riscar<sup>64</sup>. Se, se o bezerrinho sair, ele passava o bezerrinho, ficava ali botando ele pra lá, pra cá, pra lá pra ele descer galopando, pra eu ter a facilidade de pegar o rabo dele, enrolar e derrubar. Então ele já tinha aquela, aquele jeitinho lá, facilitava muito pra eu ir pegando realmente o, o manejo. (LUZ, 2019, p. 222)

Quando ela menciona que a técnica é encostar os dois cavalos, um de frente para o outro, como mostra a figura 16, é porque segundo o regulamento da ABVAQ, a saída ou corrida a baiana não é mais permitida durante as competições, conforme o que trata o Art. 12, parágrafo primeiro. Mas para o momento do treino, do aprendizado, demonstra ser uma técnica eficaz para aqueles ou aquelas que estão iniciando na atividade.

**Figura 16** – Posicionamento atual dos(as) vaqueiros (as) para a saída do boi da sangra



Fonte: instagram de Tatiane Ribeiro (@tribeiro\_83)

Além dessa possibilidade, temos o que relata Barauna (2019). Esse processo de aprendizado é concebido por etapas.

Na pista. Não, na verdade foi, foi ..... a gente foi por etapa, né? A gente... não, tem isso aqui. É, é, tirar um boi da cancela, fazer a viagem no cavalo até a faixa, faixa. Cada procedimento desse ele foi ensinado aos poucos, porque

<sup>64</sup> Não parar abruptamente.

é como ele fala, pra aprender tudo de uma vez só, não dá. Você tem que ir por etapas que senão ninguém aprende. (BARAUNA, 2019, p. 213)

Outra questão fundamental para se tornar uma vaqueira ou vaqueiro tem relação direta com a equitação. A partir do que nos diz Tatiane Ribeiro, entende-se que para além de se aprender técnicas de derrubar boi, bem como de enrolar o protetor de cauda em uma luva, é necessário saber se segurar em cima de uma sela, guiar um animal, segurar uma rédea. Para isso, o vaqueiro Zé de Horácio foi uma pessoa muito importante. Foi quem a ajudou a garantir esses saberes que hoje a constituem uma vaqueira desportista. Além disso, ela menciona que receber dicas de meninas experientes, que já corriam a mais tempo que ela, é um fator de grande valia para esse processo de aprendizagem e reafirmação dos saberes adquiridos (RIBEIRO, T., 2019, p. 152).

Rita Cordeiro também menciona essa questão das dicas como algo importante para o processo de formação de uma vaqueira. Um das dicas importantes dada pelo seu irmão era que ela precisava confiar nela mesma e no animal (LIMA, 2019, p. 173), demonstrando que a relação com o cavalo é de extrema importância para que o(a) vaqueiro(a) seja bem sucedido(a) na prática da vaquejada.

É interessante reafirmar que a relação bem sucedida entre os(as) vaqueiros(as), cavalos e boi é grande relevância para o êxito da carreira seja alcançado.<sup>65</sup> Como mesmo diz Rita Cordeiro: “cada boi é uma carreira!” Ela ainda complementa:

Então, a gente nunca sabe por onde é que o boi vai passando, né? Que o carro você sabe que tem que passar a primeira, a segunda, a terceira. Mas o boi sai daqui, sai dali. Então, é... vai acontecendo! Isso vai acontecendo até, não é só comigo que aconteceu. Com qualquer um deles. Cada boi é uma carreira! Então cada boi é cada boi. Você nunca pode dizer assim: - Ah! Você é pra botar aquele boi daquele jeito ali. As vezes eles tentam, como a posição de correr. Bota boi no meio. Um boi no meio é sair o boi entre os dois cavalos. Que facilita mais a queda. Tira o boi de pé de cerca! Quer dizer, tudo esse, esse, essa coisa, que pra cada um facilita mais. Meu marido mermo ele não suporta o boi em pé de cerca. Ele, o boi aqui, o cavalo de esteira cá atrás, tangendo o boi. Ele quer que fique todo mundo ajustadinho, sanduíche. Que faça sanduíche com o boi. Então, ele falava. Meu irmão falava. É claro, eu, eu não tinha experiência. É, é, tava aprendendo, na

<sup>65</sup> Durante uma carreira, a composição oriunda de cavalos, vaqueiros e boi caracteriza o que chamamos de corpos em extensão ou extensivos que são “os corpos envolvidos, sejam dos vaqueiros, sejam dos animais, [que] servem de extensão um do outro, fazendo com que os cinco façam parte de um só. Portanto, o corpo do cavalo é uma extensão do corpo do vaqueiro que, por sua vez, é extensão do corpo do boi que se torna extensão do outro vaqueiro com seu cavalo. Uma carreira bem-sucedida só se consolida quando esses, com funções específicas, estão trabalhando em conjunto. Essa substância extensionista dos entre-corpos compõe também a interação performática entre puxador, esteireiro e animais” (CAVALCANTI; CASTRO JÚNIOR, 2019, p. 152).

verdade. Ele sempre falava: Oh! Deixa o boi sair assim oh. Deixa o boi sair assim. Mas as vezes o boi não deixava. A gente tentava, mas é o boi é um ser vivo também, né? Ele tinha o raciocínio dele de querer se defender até da gente, né? Aí já, já tinha esse outro lado. Ele queria se defender pelo lugar mais prático. E nunca era como a gente planejava. Até hoje, nunca é! As vezes tá na arquibancada a gente julga dizer assim: rapaz, fulano de tal correu, botou, correu errado! Quem tá na arquibancada, mas quem tá lá dentro, tá raciocinando xiiiiiii, né? É muito rápido! E não dá tempo nem vê o que é certo, nem o que é errado. Tem que arriscar do jeito que vê. Aí do jeito que vê tem que arriscar. Aí pra quem tá lá em cima é ótimo! Ô era pra ter feito assim. Tipo, não, vamos apagar isso aqui (risos). Tipo computador, vamos apagar aqui, vamos fazer do outro jeito. Não! Já aconteceu! (LIMA, 2019, p. 173-174)

Nota-se aí que os indivíduos tentam aprender a lidar com o inesperado, tendo em vista que as ações dos animais são imprevisíveis. Cavalcanti e Castro Júnior (2019) apresentam que a partir dos bolões de vaquejadas e treinos em pistas particulares, os vaqueiros, e em nosso caso aqui, as vaqueiras, buscam justamente ter maior ciência do repertório de reações que esses animais podem apresentar. Isso pode possibilitar que os(as) praticantes vislumbrem várias probabilidades de se portar e o que fazer para garantir a qualidade da carreira no momento da competição.

Contudo, pela fala da depoente, acabamos por entender que ainda assim essa previsibilidade se torna bastante difícil já que estamos tratando de seres vivos e não de máquinas. Não se descarta a possibilidade de se conseguir prever tais reações do animal durante a competição, já que com a experiência, com a prática do dia a dia, pode se aperfeiçoar esse potencial. Mas ainda assim esta é uma consolidação difícil de alcançar (LIMA, 2019, p. 174-175).

Outra questão a se levar em consideração referente ao aprendizado neste espaço é quando ele ocorre de modo independente. Muitas vezes não se tendo alguém específico para ensinar, se recorre a visualização de vídeos na internet ou a um processo de observação de outros praticantes, como relata Sampaio (2019):

Então, nessa época, eu via os meninos da cidade lá onde meu pai tinha fazenda, treinando, então eu ia e treinava também. Cada um montado em seu cavalo. Já via mais ou menos qual era o movimento e aí você vai tentando igual a uma aula de dança, né? Você vê lá o professor dançando e você quer fazer igual. Então, você fazia mais ou menos desse jeito, o aprendizado. (SAMPAIO, 2019, p. 191)

Diante do exposto, percebemos que o processo formativo do ser vaqueira, acontece de maneira a respeitar e ouvir a opinião dos mais experientes na prática e que se constituem

enquanto mediadores desse processo de aprendizagem, elucidando assim “[...] uma espécie de rito de passagem” (CASTRO JÚNIOR, *et al.*, 2011, p. 10), no qual o conhecimento é compartilhado.

Nota-se também que cada trajetória é única, mas ao mesmo tempo, elas se relacionam no que tange ao amor por cavalos. Essa paixão por esses animais é elemento presente na fala da maioria das depoentes e se constitui também como item motivador e impulsionador para persistirem na participação da vaquejada, apesar de umas enfrentarem mais obstáculos do que outras para se garantirem no exercício da atividade.

Nesse quesito, a figura do cavalo-professor aparece como algo importante, porque se configura essencial ter um animal experiente na prática, manso e dócil. Quando as depoentes não utilizavam esse termo, cavalo professor, o identificava pelas suas características, como nos diz Argolo (2019), Tatiane Ribeiro (2019), Nunes (2019) e Miranda (2019):

E aí, pronto! Aí foi que eu comecei a ir pra escolinha. Mas só foi um dia! Porque no primeiro dia foi, a gente foi a turma, né? [...] ele mostrou como é que sela e tal, mas aí no outro dia o cavalo morreu de cólica. Que era o cavalo professor. O nome do cavalo era, era até Cobra. E aí morreu e acabou a escolinha. Pro azar meu, né? Pro azar meu! (ARGOLO, 2019, p. 142)

Porque foi um cavalo que na verdade estava me dando uma condição, era cavalo professor, cavalo maduro que estava praticamente me dando a condição de aprender mais outras técnicas, né, que estavam faltando ainda muita coisa ainda a ser aperfeiçoado pra correr vaquejada. (RIBEIRO, T., 2019, p. 152)

Não. Eu tentava puxar, mas eu batia mais esteira pro meus irmãos, né? Assim, tudo é a dedicação e o amor que a gente tem e a vontade né? Quando a gente tem vontade de fazer uma coisa, fica mais fácil, né? Lá em casa sempre teve pista, sempre teve boi, tinha cavalo manso. (risos). E aí, assim que eu, que eu iniciei... na vaquejada! (NUNES, 2019, p. 196)

Então eu corria de direita. Então, as vezes até, na época eu não possuía cavalo. Eles chegavam nas vaquejada, tinha os amigos que tinha cavalo de direita, cavalo bom, era mansinho, cavalo que fosse manso, cavalo que fosse dócil. (MIRANDA, 2019, p. 177-178)

Sabemos que a equitação não é algo recente no universo das mulheres, apesar de ser realizada de modo limitado, como por exemplo, no Antigo Regime da França. As damas da corte deveriam montar em amazona, ou seja, sentada, com as duas pernas unidas à esquerda

do cavalo. Além disso, deveriam seguir uma espécie de “cartilha”, que definia regras de conduta no intuito de atender aos moldes da boa educação, principalmente no que se refere às vestes, postura, equipamentos e gestualidade. O importante era manter a elegância, a graça e a beleza (HOUBRE, 2007).

Contudo, em 1880, se estabeleceu um rito de transgressão nas práticas de equitação: as mulheres passaram a montar em um cavalo com uma perna em cada lado, assim como os homens o faziam. A partir disso, todo o repertório corporal, bem como de vestes e postura se modificaram com o tempo (HOUBRE, 2007). Daí por diante, passamos a ter mulheres em diversas práticas equestres como o hipismo, mais especificamente a prova de salto, o turfe e o rodeio campeiro (ADELMAN, 2011) e agora nas nossas vaquejadas.

Enfim, compreendemos que a formação de vaqueiras de vaquejada perpassa por um conjunto de saberes, que estabelecem relação com as experiências de uma vida, que em sua maioria, tem uma conexão com atividades cotidianas da lide com a terra, com o gado e os cavalos. Tais saberes entram em permanente aperfeiçoamento a cada movimento representativo dessa lide, concretizado no espaço-tempo das vaquejadas, se confirmando em lugar, como diz Marcellino (2008), de desenvolvimento de potencialidades através de uma produção e criação coletiva, que em dado momento se efetiva pela espontaneidade e em outro por acontecimentos planejados e racionalizados para tal.

Assim, a cada arrebanhar do gado nos currais dos parques de vaquejada, a cada perseguição da rês na pista, a cada estratégia elaborada para a concretização de uma carreira exitosa, alinhando o acontecimental e a experiência em uma mesma tessitura, constroem-se identidades e subjetividades conectadas a um campo de pertença que as identifica, principalmente, enquanto ser no mundo.

### 3.3 AS VESTES DO CORPO OU O CORPO QUE VESTES? COMO ESSE CORPO FEMININO SE ENCONTRA EM EVIDÊNCIA NAS VAQUEJADAS DA BAHIA

Ao longo da história, as vestes – nossas roupas – se colocaram como item no tempo que ao “cobrir ou adornar o corpo nu constitui traço de distinção e cada cultura e sociedade tratará de marcar sua singularidade também por esse gesto” (SOARES, 2011, p. 13).

Assim sendo, colocar uma roupa pode parecer algo simples, que faz parte do nosso cotidiano, mas por outro lado, revela-se enquanto mecanismo que é regido por “determinações sociais específicas”. Contudo esse ato também se apresenta como

representativo de um “processo de transformação de sensibilidades em relação ao corpo e à sua exibição, de tolerância à nudez e à ‘natureza’ corporal” (SOARES, 2011, p. 13).

Nessa perspectiva, as roupas podem se alinhar a ideia de costumes, visto que aquilo que serve “para cobrir o corpo, para adorná-lo, ou para protegê-lo” pode revelar seus hábitos e, por sua vez, como são constituídas a vida e as relações humanas de uma dada sociedade ou grupo particular (ROCHE, 2007, p. 20).

Portanto, a roupa pode traduzir civilizações, ao revelar seus códigos. Tais códigos podem desvelar pontos divergentes ou diferenciadores entre os humanos que acabam por polarizá-los distintamente entre “[...] a riqueza e a pobreza, o excessivo e o necessário, o supérfluo e o suficiente, o luxo e a mediocridade.” (ROCHE, 2007, p. 21). Por outro lado, podem apresentá-los, também, enquanto participantes de um lócus identitário e de pertença cultural e social. Ou seja, como campo coletivo de um acervo específico de saberes e fazeres.

Dessa maneira, ao observamos a figura 17, percebemos que no modo de vestir da rainha da festa de vaqueiros de Tanquinho de 1967, nos remete a pensar e a problematizar esse campo de pertencimento, que *a priori*, nos interliga com a dinâmica de vida de um dos principais ícones do povoamento dos sertões: o vaqueiro e que tem nas vaquejadas seu lócus principal de representação nos dias atuais.

O símbolo magno da “ordem dos vaqueiros” (O NORDESTE, 1952, p. 2), o conjunto formado por jaleco, gibão, perneiras e botas (figura 18), é o que veste a mulher “encantadora”, a “rainha” que abrilhanta a tão “afamada festa regional” (TANQUINHO, 1967, p. 8).

Essa simbologia surgiu no tempo da interiorização do país, quando o vaqueiro que não tinha muito recurso, substituía as vestes velhas e rasgadas por essa espécie de “armadura” acobreada, feita de couro, para assim enfrentar às características da vegetação e o tipo de trabalho (GONÇALVES, 1997). Tais vestes foram inspiradas nas indumentárias da lide pastoril portuguesa, a saber: pelico – casaco feito de pele de ovelha que mais lembra o conjunto formado pelo jaleco e o gibão do vaqueiro nordestino; os sofões ou seifões de couro – uma espécie de meias-calças, semelhante as nossas perneiras; e os borzeguins fechados, botifarras ou sandálias-de-rabicho, correspondendo aos sapatos de vaqueiros. Complemente-se o arsenal com o chapéu, peitoral, guantes, bacalháu e a bainha (GOULART, 1966, p. 66-68).

**Figura 17** – Vera Lúcia: rainha da Festa de Vaqueiros de Tanquinho de 1967



Fonte: acervo fotográfico da depoente

Conforme:

Essa indumentária, mais tarde, transformou-se no símbolo do vaqueiro. Tratava-se do gibão, da perneira, do chapéu, do sapato, etc. Este tipo de vestimenta incorporou-se de tal forma à vida nas caatingas que virou a veste principal e denotativa da criatividade e situação de cada um. Passaram a utilizá-la como roupa comum e até casavam-se e compareciam aos raros eventos sociais com ela. Quando, entretanto, tiravam a roupa de couro, os molambos de pano apareciam. (GONÇALVES, 1997, p. 26)

Apesar da origem desta veste ter uma relação com as dificuldades enfrentadas pelo vaqueiro no passado, ela ao longo do tempo passou a representar a força, a coragem, o heroísmo, a bravura que foram atribuídos a esta figura de nossa história. Como diz Euclides da Cunha (1984, p. 51): “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. E continua dizendo:

Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos

do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. (CUNHA, 1984, p. 51)

**Figura 18** – Traje do vaqueiro encourado do Nordeste



Fonte: Bahia (2013)

A mulher, ao contrário do homem, sempre se viu reservada ao espaço privado de seu lar, cenário estabelecido enquanto seu lugar de direito, do corredor da casa para a cozinha, porque do corredor para varanda era reservado ao homem<sup>66</sup>. Isso acaba por se consolidar como um processo da

[...] somatização das relações sociais de dominação: é à custa, e ao final, de um extraordinário trabalho coletivo de socialização difusa e contínua que as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em *habitus* claramente diferenciados segundo o princípio de divisão dominante e

<sup>66</sup> Depoimento de Sra. Josefa dos Santos, 88 anos, moradora de Brejo Grande, oriundo do documentário SEM MEDO de ser mulher. Produção: Luis Telles. Bahia/Sergipe: Cáritas Brasileira regional Nordeste 3, 2018. 1 vídeo (25:48 min), digital, son, color. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=XjJRA\\_mEj0I](https://www.youtube.com/watch?v=XjJRA_mEj0I) Acessado em: 07 de janeiro de 2019.

capazes de perceber o mundo segundo este princípio. [...] As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de *hexis* corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino. (BOURDIEU, 2012, p. 33-34, 41)

Todavia, quando a rainha Vera Lúcia vestiu os trajes do vaqueiro é como se rompesse o limiar da dominação imposto a ela e revestisse seu corpo de todo o simbolismo histórico e cultural que aquela armadura carregava. Portanto, transferiu para si, todos os atributos que dantes eram pertencentes ao contexto do masculino. Ao corpo feminino é também permitido se recobrir, simbolicamente, de bravura, coragem, heroísmo e força, fazendo com que essas características coadunem com o ser mulher.

Neste prisma, cabe a ela também, no contexto da festa ser a representatividade da sertanidade que também compõe o ser baiana. Dizemos isso, porque a sertanidade, ou o ser sertanejo, no discurso, muitas vezes parece provocar uma fissura entre a Bahia, especialmente Salvador, e o Nordeste. Ao se referir ao Sertão, o campo identitário construído nos remete aos outros estados como Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e etc., exceto a Bahia. (VASCONCELOS, 2012).

Segundo Vasconcelos (2012), isso acontece provavelmente pela diferença construída entre os campos identitários que os caracterizam. Por meio do discurso imagético coloca-se a baianidade atrelada a ideia de uma cultura que possui elementos próximos ao propósito de modernidade e civilidade e a sertanidade ou nordestinidade balizada, segundo Albuquerque Junior (2011, p. 79) nos “signos da saudade e da tradição” que a interliga as dimensões do rural, atrasado, conservador e não industrial, delineado sempre no passado.

Em outras palavras,

[...] seria impossível pensar a Bahia sem festas frequentes, sem misticismo, sem sensualidade à flor da pele, sem sociabilidade irrestrita, marcada pela familiaridade e amabilidade sem problemas, que por sua vez seriam características fundamentalmente herdadas de uma cultura africana que se assentou hegemonicamente na cidade de Salvador e seu Recôncavo. Em contrapartida, quem poderia visualizar o Nordeste sem seca e mandacaru, sem cangaço e sem messianismo, sem bravura e resistência e sem características e imagens associadas ao Sertão e a uma cultura popular de origem rural? O único ponto de encontro que parece unir esses dois distantes mundos brasileiros são os mais recentes discursos visuais de um empreendimento turístico na região, que coloca no mapa a beleza das praias

do litoral nordestino, sendo a Bahia se encontraria inclusa neste roteiro. (VASCONCELOS, 2012, p. 89-90)

Assim sendo, a Bahia estaria resumida a marca representativa das “coisas” da capital e que a cultura sertaneja foi algo que só se constituiu próprio das regiões interioranas e que estas são postas como se não fizessem parte da Bahia e, por sua vez, do ser baiano. Bahia é somente Salvador e nada mais; é só axé, capoeira, baiana de acarajé, que em nada tem a ver com a cultura do sertão. E aí, como diz Vasconcelos (2012, p. 90), tal discurso elimina uma “gama de referências culturais oriundas dos diversos recantos do estado”, em prol de se manter uma composição imagética de Bahia enquanto terra grandiosa e feliz, pronta para “ser consumida sem maiores problemas”.

Nessa perspectiva, Vera Lúcia ao se vestir como o encourado do Sertão e rainha apresenta-se enquanto baiana, sertaneja, imbuída dos simbolismos de força, coragem e heroísmo. Por outro lado, outros adornos como a coroa e a faixa, contraditoriamente a colocam conectada a elementos culturais pertencentes às dinâmicas europeias e norte americanas de caracterizar uma rainha ou uma *miss*. O chapéu do vaqueiro fica amarrado ao pescoço, e colocado às costas, dando lugar a majestosa e brilhante coroa.

Mantemos aí simbolicamente a dimensão de subalternidade dada às mulheres, impondo a ela posturas das quais a apresentam na imagem da mulher dócil, frágil, graciosa e bela, ao mesmo tempo em que garante sua ascensão em outro patamar que não somente mãe e esposa. Isso se reafirma quando ela ainda declara que,

O que eu lembro da festa são essas coisas que tá aí, que aconteceu, **e sempre eu rente com ele, não podia desfazer. Tudo que ele queira eu fazia, né?** Entrevista, e trazia jornalista e não sei o quê. Ele trazia tudo. Tudo ele inventava pra trazer nessa festa. Nessa festa mermo, foi a festa falada. Foi a das melhores festas que teve aqui em Tanquinho foi essa!<sup>67</sup> (AINSWORTH, 2019, p. 227)

O fato de ela se constituir rainha por uma decisão do pai, ou seja, não houve eleição para escolha dela enquanto rainha, já que ele era o organizador da festa e homem de posses da cidade de Tanquinho a época, demonstra como ainda era imposta a mulher a pesada carga da vontade do homem.

Esses fatos nos mostram como as vestes do corpo podem se configurar como itens de manutenção da ordem, mas também como elementos de subversão dos limites impostos

---

<sup>67</sup> Grifo nosso.

simbolicamente ao corpo, e que, de uma maneira ou de outra, ditam ou indicam como os sujeitos e grupos se percebem ou são percebidos em tempos–espaços diferentes e como negociam os lugares e/ou posições que estão, desejam ou até mesmo que não podem assumir enquanto seus (SOARES, 2011, p. 20).

Por isso, como um sistema de polia única, ao mesmo tempo em que se consegue estabelecer uma fissura/ruptura dentro desses campos simbólicos no espaço-tempo, novos mecanismos opressores são ajustados para subjugar e sufocar a mulher. Como diz Muszkat, (2019) e Bourdieu (2012), vivemos em uma sociedade patriarcal que dita não somente como uma mulher tem de ser, mas também e primordialmente, o que e como deve constituir-se o ser homem. “Virilidade, [...] força, poder e superioridade” traduzem-se como itens que definem a masculinidade e, assim sendo, o sentimento de humilhação não pode ser admitido neste universo (MUSZKAT, 2019, p. 23).

Desse modo, alimenta-se o imaginário social a partir de discursos onde o homem deve ocupar o lugar de dominação, enquanto a mulher consolida o lócus de submissão a ele. Não obstante, encontra-se a educação dos corpos, que definem o jeito de vestir-se, de comportar-se e de agir para modular o ser, conforme esse ideário patriarcal (BOURDIEU, 2012).

Nesse sentido, a fala de uma das depoentes nos faz enxergar a mulher neste lugar, ao qual a educação do corpo ainda é uma via intensa de condicionamentos para a submissão, para o reconhecimento de um eu inferior, cujo corpo precisa ser coberto, não visto, não tolerado às vistas do outro (BOURDIEU, 2012; SOARES, 2011).

Na época que eu corria era que nem assim, em respeito aos homem. Eu tinha um, um, um modo de me vestir, eu não, eu me, me, me vestia umas roupa comportada ao, ao máximo, porque quem eu tava, se tivesse assim, 500 homens dentro de uma pista, só ia ter eu de mulher. Então eu fazia o, o possível pra eu tá bem comportada, minhas roupas comportada e tudo que era pra, pra não ... em respeito a eles, respeito o público. (MIRANDA, 2019, p. 180)

Assim, entrelaçasse a ideia de moralidade ao corpo, impondo, portanto, uma disciplina incessante, a inculcar os modos pelos quais, uma mulher considerada direita e de bons costumes, deve postar o corpo, as roupas, os gestos, o olhar (BOURDIEU, 2012). Isso nos é ensinado naturalmente, nos é imposto sem sentir, sem a compreensão plena da opressão. Reproduzimos adiante como algo natural e inerente ao ser mulher, ao ponto de não soar, ao entender das próprias mulheres, como submissão ou imposição, mas algo intrínseco a própria existência, como sinônimo, inclusive, de boa educação.

**Figura 19** – Vaqueira Socorro Miranda



Fonte: Acervo fotográfico de Sr.ª Socorro Miranda (JULHO DE 1989)

Notamos, portanto, que as mulheres demonstram habilidade e competência em colocar boi na faixa, atividade que até pouco tempo era somente de domínio dos homens, ultrapassando barreiras no campo simbólico do que é normatizado para homens e mulheres, mas, ainda assim, não escapam do insidioso, bem arquitetado e eficiente processo educativo/formativo pelo qual o corpo feminino deva ser enclausurado e recatado.

Se isso não acontece nos interiores dos lares, visto que na maioria dos casos, irmãos, pais e maridos incentivam o exercício da prática, com certeza, se dissemina em tantos outros lugares e tempos de convivência. Se partirmos do princípio que a educação como um todo acontece em todos os espaços, essa educação do corpo de igual maneira de estabelece, consolidando o ideário patriarcal de fato e de direito no campo prático e real da existência humana.

Mas para além de pensarmos em corpos subjugados ou corpos dominadores, o que é de fato o corpo? Ao olharmos a figura abaixo, em muito nos faz pensar sobre o que são esses corpos.

**Figura 20** – Tatuagem feita por Kaliane Barauna



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisa

Para Le Breton (2006, p. 7) o corpo é compreendido “como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários”. Mais adiante o mesmo autor vai dizer que “o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída [...]”.

Desse modo podemos inferir, assim como Goellner (2003; 2010), que ao olhar para o corpo enquanto fenômeno social e cultural, não podemos admiti-lo enquanto algo natural ou como dado, a *priori*, biologicamente, unicamente e universalmente. Ele é materialidade, mas também é histórico e cultural, o qual se estabelece como lugar onde são estabelecidas marcas diferentes, decorrentes de um conjunto de elementos variados.

Assim sendo,

[...] o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz. (GOELLNER, 2003, p. 1)

E assim, o que podemos compreender sobre o corpo é que “antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (BRETON, 2006, p. 7) e como tal “ele não é algo que temos, mas algo que somos”. É onde se constrói nossa identidade e isto nos indica que não temos “como falar

de corpo sem falar de nós mesmos, de nossa subjetividade, daquilo que somos ou que gostaríamos de ser” (GOELLNER, 2010, p. 72).

Diante disso, a tatuagem inscrita no corpo de Kaliane, ao nosso entender, retrata o seus anseios, seus desejos, suas paixões, suas perdas, suas lutas, suas vitórias. E isso de algum modo também faz parte das subjetividades de tantas outras meninas, mulheres que se enveredam no universo de nossas vaquejadas, materializadas pelo conjunto inseparável de corpo-gente, corpo-cavalo e corpo-boi. Materialidade esta que nos arremata a nossa ancestralidade sertaneja produzida por um *corpus* histórico e cultural de nossa baianidade.

Marcada no lócus imaginário indicativo da força e coragem (o bíceps), ela inscreve em si o retrato do querer e mais ainda, do que é. Se o corpo é o que somos, então somos cultura e história, somos o que se marca em nós, somos subjetividade em meio a nossa materialidade finita. Portanto, vestimo-nos de nós mesmas, do que somos e do que queremos para nos constituirmos em existência. Assim, é nosso próprio corpo que vestimos para enfrentarmos a dominação, as lutas e desavenças que aparecem em nossas trajetórias para focarmos naquilo que acreditamos enquanto existência plena e não só mera existência.

E assim somos a diversas Marias, partícipes de um corpo coletivo, mas ao mesmo tempo, singular, único. Marias que tem “um dom, uma certa magia” sendo mulheres que merecem “amar como outra qualquer do planeta”. Marias que se configuram em som, cor e suor. “A dose mais forte e lenta de uma gente que ri, quando deve chorar”. E que muitas vezes não possui o privilégio de viver, “apenas aguenta”. Mas também somos Marias que compreendemos que “é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre”. Marias que “traz no corpo a marca” da mistura de dor e alegria. Marias que reconhecem que no corpo marcado por lutas, deve existir, contraditoriamente ou não, um pouco de manha, de graça e de sonho sempre, simplesmente porque possuem “a estranha mania de ter fé na vida”<sup>68</sup>.

---

<sup>68</sup> MARIA Maria. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: Milton Nascimento / Fernando Brant. In: "Maria Maria". Intérprete: Milton Nascimento. Rio de Janeiro: Emi Music Ltda, 2002. 1 CD, faixa 1, (4 min).

#### **4. OS PAPÉIS SOCIAIS DESEMPENHADOS PELAS MULHERES NAS VAQUEJADAS DA BAHIA: ONDE SE CONSTITUI OS AVANÇOS E LIMITES/OBSTÁCULOS DE SUA PARTICIPAÇÃO?**

##### **4.1 ENTRE TABUS E APLAUSOS: A VISÃO DA SOCIEDADE E AS MULHERES VAQUEIRAS**

No final do século XIX e início do XX, muitas foram as mudanças que aconteceram no cotidiano dos sujeitos das cidades, estimulados pelo processo de urbanização que, acabaram também por demandar, a constituição de espaços de sociabilização, mobilizando um “deslocamento dos indivíduos do âmbito privado para o público” (ALMEIDA, 2017, p. 25).

Além disso, as mulheres, de uma determinada camada da sociedade, também passaram a ocupar o espaço público, impulsionadas pelo movimento republicano, bem como pelos ideais feministas que adentravam “solo brasileiro” (ALMEIDA, 2017; ADELMAN, 2003). Racionalmente, as mulheres letradas, frequentavam “os espaços de convivência social, como os clubes de dança, as associações esportivas, os grêmios recreativos, os salões de festas, os cafés, dentre outros, como tentativa de se firmar em sociedade” (ALMEIDA, 2017, p. 25).

Porém, essa conquista de direitos que, para elas era se fazer corpo em locais que dantes era direcionado a classe masculina, (ALMEIDA, 2017) de certo modo seria “monitorada”, vigiada, podemos assim dizer, pelos outros membros da sociedade. Passou a ser definido um modelo ideal de mulheres públicas, a exemplo, o padrão de comportamento instituído para as mulheres feirenses<sup>69</sup> entre os anos de 1900-1950, que tinha como intenção “de protegê-las dos perigos da rua, de uma possível contaminação promovida por ‘mulheres faladas’” (RAMOS, 2015, p. 14).

Nesse período, a mulher feirense, principalmente da elite, já era vista em alguns espaços públicos, a exemplo, no trabalho filantrópico, no comércio do centro da cidade, nas atividades de “piedade cristã”, na organização das festividades da igreja católica e na administração de seus pequenos negócios. No caso das classes populares, as mulheres encontravam-se inseridas nas feiras livres e mercados, comercializando produtos voltados ao artesanato ou “o excedente da produção familiar” (RAMOS, 2015, p. 14).

Ser uma mulher de bem, estaria localizado na ideia que esta teria que trajar-se adequadamente, de maneira a não despertar os olhos cobiçadores e curiosos dos homens, bem

---

<sup>69</sup> Devemos levar em conta que Feira de Santana era e é uma referência no interior da Bahia.

como ser dedicada ao ser lar, filhos e marido. A potencialidade sedutora manifestada na “prática da prostituição ou do comportamento libertino de mulheres”, era também encarada como desvio de conduta e, portanto, algo a ser veementemente combatido, inclusive, pela figura da polícia, do governo municipal e pela sociedade como um todo (RAMOS, 2015, p. 14).

Por conta disso, muitas vezes os jornais da cidade eram espaços para propagação de ideais de uma “urbe moderna, civilizada e progressista” na incursão de novos usos e costumes condizentes com tal ideário, e que deveria se refletir “no comportamento de seus cidadãos e cidadãs”. Obviamente isso se aplicava mais especificamente as mulheres, que desde novas deveriam ter sua educação balizada nas regras da moral e bons costumes, para assim reproduzir em quaisquer espaços esses mesmos princípios (RAMOS, 2015, p. 14).

Esse imaginário construído faz com que até hoje exista uma divisão de opiniões frente à participação de mulheres nos diversos espaços públicos. Tem que concorde que a mulher de fato tem de ser emancipada, independente e estar onde ela quiser, mas há ainda quem desvele uma insatisfação por conta disso, notadamente, aquelas pessoas que tiveram uma construção cultural pautada na ideia de que somente homens deveriam ocupá-los, como no caso, as vaquejadas.

Além dessa divisão de opiniões, há também uma invisibilidade da mulher vaqueira nos meios de comunicação como o jornal. Nas nossas buscas em diversos jornais do estado, em cinquenta e oito anos, encontramos apenas cinco reportagens falando sobre as vaqueiras, contra quarenta e cinco sobre rainhas de vaquejada e de festas de vaqueiro.

Isso denota o quanto esse corpo feminino desse meio ainda é invisível, silenciado. Um “silêncio de longa duração, inscrito na construção do pensamento simbólico da diferença entre os sexos, mas reforçado ao longo do tempo [...]” (PERROT, 2003, p. 20). Um discurso estabelecido de modo apropriado (PERROT, 2003), reafirmando o campo da dominação masculina ditado hegemonicamente por um sistema patriarcal (BOURDIEU, 2012).

Entre as depoentes, no geral, é consenso que antigamente percebia-se mais o preconceito, pois era um “tabu” ter uma mulher correndo vaquejada. Sendo assim, era mais difícil para elas se firmarem neste meio. Hoje já se tem mais apoio da classe masculina.

É, já foi, já foi mais difícil né? Existia lá atrás muito preconceito com relação o que era que o homem fazia, o que é que mulher tinha que fazer, é, é, mas para mim foi sempre assim gratificante e eu sempre, sempre procuro fazer o que eu gosto que me agrada não que os outros querem que eu faça. (RIBEIRO, R., 2019, p. 203)

Olhe! Antes, antes era assim, eu, eu ficava muito triste, porque quando a gente, quando eu ia correr, muitas vezes que ia correr, a gente ouvia, eu ouvia muito na beira da cerca: é o quê que essa mulher tá fazendo montada? Essa mulher não vai consegui derrubar um boi. E aí, isso me deixava muito triste, né? Porque eles tinha realmente o preconceito grande com a, com a mulher na vaquejada. E hoje graças a Deus é diferente. Hoje a gente vê o apoio dos homens. Chega, apoia. É. Não Marcella, você vai consegui! É totalmente diferente de antigamente, né? Que eu ouvia piadas, né, desfazendo literalmente que a mulher não ia consegui, que eu não ia consegui. O quê essa mulher tá fazendo montada? E essa mulher vai consegui derrubar um boi? E hoje não! Hoje é diferente! Hoje os homens tá ali aplaudindo, dando força, incentivando. (ARGOLO, 2019, p. 144)

Mas para alcançar essa aceitação de mulheres competindo em vaquejadas, algumas delas revelam que tiveram que se esforçar muito mais para provarem que eram capazes e assim conquistarem o respeito no meio da prática. Sobre este assunto, nos afirmou Caliani Miranda: “Ah sim, você tem que, você já é mulher, mas ali você tem que ser mais mulher ainda. Você tem que ser forte, corajosa pra enfrentar qualquer tipo de, de, de preconceito que venha ali te atingir. Porque infelizmente ainda tem muitos” (LUZ, 2019, p. 219).

Além disso, para esta informante em questão, existe outra pressão que a faz se esforçar cada vez mais: o fato de ser a filha da grande referência da vaquejada, Sra. Socorro Miranda. Ela nos conta que os vaqueiros e amigos sempre acharam que ela deveria ganhar todas, justamente pelo fato de ser filha de quem é. Portanto, isso a faz se sentir muito pressionada e triste, porque a seu ver, ela não é melhor do que ninguém. Todas têm o mesmo objetivo, que é se apresentar bem e/ou ganhar, mas cada uma com suas potencialidades e singularidades que as fazem especiais como ela. Fora que os contextos de participação dela e da mãe possuem diferenças que as fazem igualmente importantes, mas cada uma ao seu modo, respeitando o tempo-espço vivido.

Isso demonstra que apesar da vaquejada se mostrar em um meio diferenciado no que tange ao apoio de homens para a participação feminina, haja vista que em todos os casos aqui apresentados foram os homens que contribuíram para a inserção das mulheres na prática, ainda tem aqueles que julgam, que fazem comentários preconceituosos, que destilam piadas de desmotivação e pais que não aprovam que suas filhas se enveredem na atividade mesmo tendo cavalos e fazenda (RIBEIRO, T. 2019, p. 159). Mas segundo as depoentes, atualmente isso acontece em menor proporção do que uns anos atrás.

Tem. Não deixa de ter. Tem aqueles homens que tem a opinião deles, que acha que, né, que a mulher é pra tá, é, tomando conta de filho, é, é, é,

inserida mais no lar. Mas, a maioria dos homens hoje apoia a mulher na vaquejada. Eu vejo até que eles acham bonito as mulheres correndo. (ARGOLO, 2019, p. 144)

Inclusive, levando em consideração a época em que cada uma teve seu início na vaquejada, parece-nos que o preconceito de modo mais acirrado se manifestou a bem pouco tempo, mas especificamente, dos anos 1990 até meados de 2009 e 2010. Acreditamos que isso tem uma relação com a nova dinâmica que a vaquejada assumiu, iniciada na década de 1990, na tentativa de se consolidar no campo esportivo. O aumento do número de competições e sua correspondente publicização, acabou por ampliar também o número de mulheres interessadas na prática ao longo dos anos, algo incomum para os homens, diante do imaginário até então construído em volta da vaquejada.

Bom, eu acho que antes, antes era mais complicado! Eu acho, que antes era mais ... Mas acho que agora já é uma coisa mais normal! Por que? Assim! Quando eu era mais novinha, que eu ainda só fazia montar, tanger boi, eu só via, eu só conheci Socorro Miranda e Leandra, na minha época que eu comecei a conhecer a vaquejada de perto, né? [...] Nossa...! Mais... hoje eu tenho trinta e cinco anos, eu acho que isso tem, eu tinha quanto ... comecei com treze tangendo os bois aí! (Risos). Então, quatorze, quinze anos, então eu tenho trinta e cinco, vinte anos atrás, digamos assim! Hoje eu tenho trinta e cinco anos! Então, eu só conhecia era Leandra e Socorro Miranda naquela época. E hoje, nos anos de 2018, 2015, 2019 é muita mulher correndo boi, é muita mulher! Eu participei numa tropa feminina no Millany, lá em Pernambuco, que foram cinquenta e sete mulheres. Foi a maior tropa feminina que eu já participei de toda minha vida, de toda que eu já soube, no Brasil! Que eu soube! (RIBEIRO, T., 2019, p. 157)

Assim, não é fácil! Não, assim. A vaquejada pra as mulheres hoje, melhorou! Mas eu lembro de quando eu era menina, mulheres não eram bem vistas na vaquejada, né? Mas melhorou bastante! Hoje a gente é bem respeitada, é bem vista! [...] O espaço tá aí, tá aberto. E realmente as mulheres que querem trabalhar com profissionalismo, tanto como vaqueira como veterinária, cabe a elas também, né, impor o seu respeito, né, num ambiente que é só, era só pra homem, né? Que hoje a gente não vê mais a vaquejada como esporte só de homem. Hoje a gente, no Brasil tem mais de cinquenta mulheres que competem. Hoje a gente tem mulheres que só vivem da vaquejada. Que só vivem da corrida de boi, né? (NUNES, 2019, p. 197)

Aquelas que começaram a participar antes dessa época, nos deixam aparente o fato de que por ser novidade no meio, principalmente, porque eram muito boas no que faziam, não havia discriminação em relação a sua participação. O tabu aí era vislumbrado como ponto positivo já que estas mulheres eram uma exceção à regra no que tange ao exercício da prática.

Eu acho, eu, a mulher na vaquejada eu acho natural. Porque eu acho que ela tem o mesmo espaço que o homem tem. Porque ela tem.... o futebol ter a mulher é normal, né? Na, na política as mulheres tão aí, né? Nossa amiga Dilma, tia Dilma, tia Dilma aí. Então assim, eu acho que é, eu acho natural. No tempo que a gente corria era mais assim, existia mais um tabu. Hoje é bastante natural a mulher correndo. É até então que naquela época quando a gente ia correr, pára tudo. Era, era prefeito, era vereador. Afe Maria, eu vestia camisa de político na época da eleição, o povo fazia questão. Hoje a mulher vai correr não tá nem... Tá tão aceito a mulher, entendeu? [...]é que antigamente a gente era novidade, né? Era basicamente a Socorro, uma ou outra, tinha uma menina em Petrolina e tal. Mas era assim, era uma novidade. Hoje a gente tá mais na vaquejada, as mulheres tão aí na vaquejada, tem muitas que participam. Então, já não ficou mais, já não tá mais aquela, aquela novidade [...] Não, não, não, não tem mais aquele impacto que tínhamos antes. [...] da gente ser convidada especial, convidada especial e tal. Então, em resumo antigamente era bem melhor (risos). (LIMA, 2019, p. 168-169)

Porém, acreditamos que o processo instaurado de espetacularização da participação feminina nesta atividade (SANTOS, 2017) e os mecanismos velados utilizados por uma cultura da homosociabilidade<sup>70</sup> (ADELMAN, 2011), acabavam por ofuscar a percepção de arranjos confabulados, propositalmente ou não, para minimizar o feito das mulheres neste lócus.

Podemos também inferir que em alguns casos em particular, esses elementos do preconceito masculino em relação a participação das mulheres não tenham acontecido de modo mais efetivo e transparente, haja vista que alguns homens realmente podem de fato ter desenvolvido uma verdadeira e profunda admiração pela potencialidade e competência dessas mulheres.

Então, evoluiu muito! Mas, no início todo mundo achava que a mulher tava ali era pra brincar, era...exceto dona Socorro que sempre foi uma referência, né? Mas chegava e achava que a mulher tava ali pra brincar, pra se divertir, pra...mas hoje mudou muito, né? Porque as mulheres também tem se focado no, no esporte, tem procurado evoluir, tem procurado melhorar, se superar. Então a tendência des..., dessa, dessa mudança de foco foi realmente um respeito maior dentro do esporte [...] Assim... a sociedade ainda é um pouco preconceituosa com a mulher, porque acha: ah tá ali, é um esporte que é masculino, ah que não vai consegui, ah que não vai ganhar. Tá ali fazendo o quê? Ainda tem um certo preconceito em relação a isso. Quanto aos vaqueiros, assim, eu nunca tive nenhuma dificuldade. Assim, eu sempre fui muito bem recebida. Num tive, nunca tive dificuldade de ter um cavalo emprestado. Nunca tive essas dificuldades. Então, fica difícil pra mim, falar

---

<sup>70</sup> Uma cultura da homosociabilidade, segundo Adelman (2003) é aquela que se caracteriza em uma sociedade masculina que se encontra expandida nos espaços e no cotidiano, excluindo veladamente, ou não, as mulheres.

duma realidade que eu não vivi. Já tive dificuldade sim, de pedir cavalo pra alguma amiga e e e ter uma recusa, entendeu? Mas assim, por eu já ter um tempo correndo, as pessoas me conhecerem, tanto a nível de caráter como de, deee, de técnica, então facilita mais, né? Entendeu? (SAMPAIO, 2019, p. 191)

Na minha época, eu acredito assim, na vaquejada, na vaquejada, eu treinava em casa, meus irmãos me treinaram em casa, me preparam em casa, pra poder levar pra uma vaquejada. Pra eu já chegar na vaquejada sabendo o que eu ia fazer. Então, naquele tempo a vaquejada era, era, eu entrei na vaquejada, eu graças a Deus eu não fui discriminada, porque tem lugares que a pessoa é, eu não, não fui discriminada. Eu fui aplaudida do, do primeiro boi que eu corri até o último. Muito, muito amada pelos vaqueiro, muito respeitada. Isso é um troféu que eu ganhei que vou levar para sempre. É, é, é, todos eles me tratavam bem. Nunca teve algum, algo pra negar de mim. Na época quando eu tava na [...] vaquejada, precisando deles, [fui] muito bem, bem [tratada]... Eu tenho um respeito tão grande por vaqueiro, eles, que eu digo que são meus filho. Meus filho, meus sobrinhos. É, é, é. Foi um grande respeito. E o, o que na minha época a diferença pra hoje é, porque na minha época eu corria junto com os profissionais. Não tinha iniciante, aspirante, amador, não existia. Existia profissionais! E os grandes profissionais! Muitos deles, tanto aqui da Bahia, de todo, de todo o, o Nordeste, de todo o Nordeste, de todo o Centro-Oeste, de todo o lugar onde tinha vaqueiro. Quando a gente se encontravam, que tinha vaquejada que se encontrava, eu ta... que eles estavam eu tava ali no meio. E todos me dando, torcendo na hora que eu ia correr. Eles torciam demais por mim! Eu sentia assim. Eu acho que era por isso que eu fazia, tão, tão bonito pela a positividade que eles passavam pra mim. (MIRANDA, 2019, p. 179-180)

Na comunidade especializada, se é convencionalizado que dona Socorro Miranda foi a primeira mulher a correr vaquejada. Como antes de qualquer competição ela era bem preparada pelos irmãos em casa e lograva êxito nas competições, ganhou esse respeito e admiração que falávamos antes. Com isso, nos parece que esta depoente em particular exerceu um efeito de constituir uma contraordem ao instituído hegemonicamente. É como se ela tivesse construído um sistema matriarcal particular, no qual, ela era a rainha e a grande matriarca do meio da vaquejada. Percebemos que ela assume esta última, colocando os vaqueiros todos, sem distinção de idade ou classe como seus filhos.

Alicerçamos essa percepção principalmente quando ela nos conta o que é e como surgiu o grupo de vaquejada com seu nome. O grupo Socorro Miranda foi “batizado” por um antigo locutor de vaquejada, muito amigo da depoente, Sr. Paré. Este, como narrou algumas corridas dela, percebeu que os integrantes da família Miranda se apresentavam em conjunto ao correrem na vaquejada. Primeiro era dona Socorro, depois a filha Caliani Miranda, o marido Sr. Antonio Guedes e depois seus irmãos. Ordem esta que era modificada, conforme a

compra da senha, mas que de um jeito ou de outro, mantinha a ideia de grupo (MIRANDA, 2019, p. 186-187).

Diante disso, ele passou a dizer recorrentemente: “- Aí não é mais só dona Socorro Miranda, aí é um grupo! Ela agora é o grupo, é o grupo Socorro Miranda”! E todas as vezes que a família ia competir sempre ele dizia: “- Aí vem o Grupo Socorro Miranda”. Acabou que ficou convencionado a existência desse grupo, ao ponto de todas as corridas da Caliani ou dos outros membros, colocarem na hora da inscrição, enquanto representação, o grupo Socorro Miranda (MIRANDA, 2019, p. 186-187).

Verificamos, portanto, que mesmo tendo participando das corridas, três homens e duas mulheres da família, o que prevalece para se batizar o nome do grupo é a figura feminina. Em outros contextos isso com certeza não se configuraria. Essa dimensão do pioneirismo, da eficiência e do respeito à figura da mulher vaqueira, principalmente, por parte dos irmãos e do marido, e que se estendeu a toda comunidade vaquejada, foram pontos que consideramos preponderantes para que isso acontecesse.

Acreditamos que esse pioneirismo, pelo menos aqui na Bahia, pode ser repartido com outra vaqueira conhecida como Rita Cordeiro, haja vista que ambas começaram a competir no estado, na década de 1980, conforme informaram. Além disso, pelo depoimento da Sra. Socorro e da própria Sra. Rita, esse fato é revelado, quando nos contam da participação das duas nas vaquejadas.

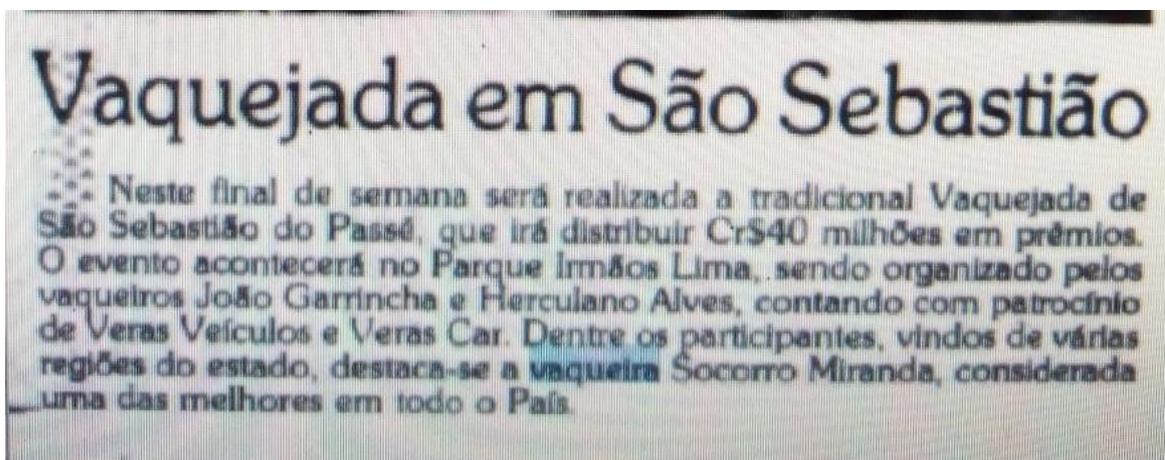
Era todo o tempo eu brincava na, na, na, na cerca. Não tinha tantas mulheres. Tinha assim, tinha, Rita, Rita Cordeiro que era, era minha amiga. A gente toda vida foi amiga, era uma união da gente. A gente brincava muito, eu chamava ela Rita de gado. É, é, é. Era e foi, até hoje somos amigas. (MIRANDA, 2019, p. 180)

É! Aí era novidade! Quando não derrubava, mas só a presença, já era marcante, né? Que era uma coisa interessante. Ah Rita vai correr! Uma mulher vai correr! Fomos numa vaquejada uma vez em Petrolina, eu e Socorro. Aí quando chegou lá, parou tudo, a vaquejada, só pra correr só nós duas. Foi lindo! Foi muito bonito! Fosse hoje, no, no, no tempo de hoje pra gente ter uma filmagem, uma coisa dessa, mas foi muito [linda?] nossa apresentação. Corria eu e meu irmão, Socorro e o irmão dela. Aí o locutor ficava narrando, aquele locutor Pio [...] (LIMA, 2019, p. 167)

Mas ao mesmo tempo, compreendemos que esse lugar do pioneirismo ocupado por Sra. Socorro, se dá porque que essa mulher se consolida em referência no país (figura 21),

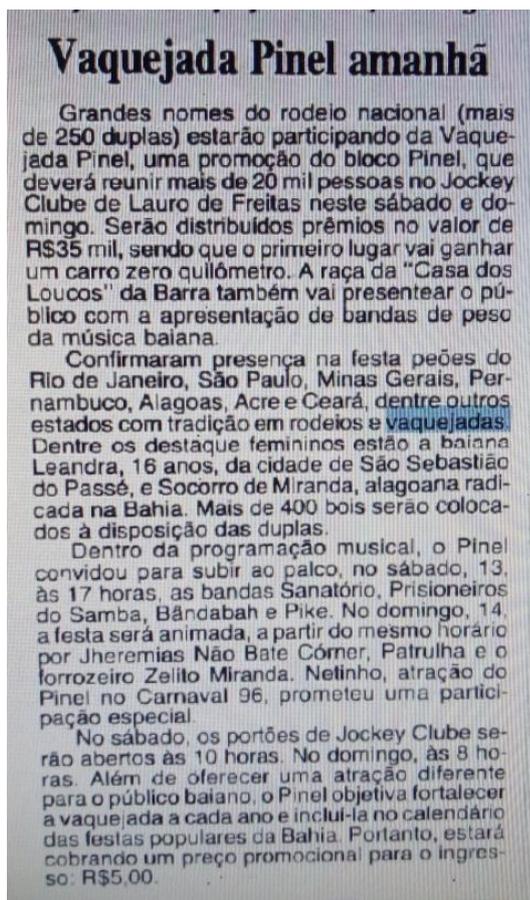
iniciando a vida de vaqueira em competições um tempo antes – ainda na década de 1970 – no estado de Alagoas, de onde é natural (figura 22).

**Figura 21** – Vaqueira Socorro Miranda reconhecida como a melhor do país



Fonte: Jornal A Tarde de 12 de fevereiro de 1993, p.1. Biblioteca Central do Estado da Bahia

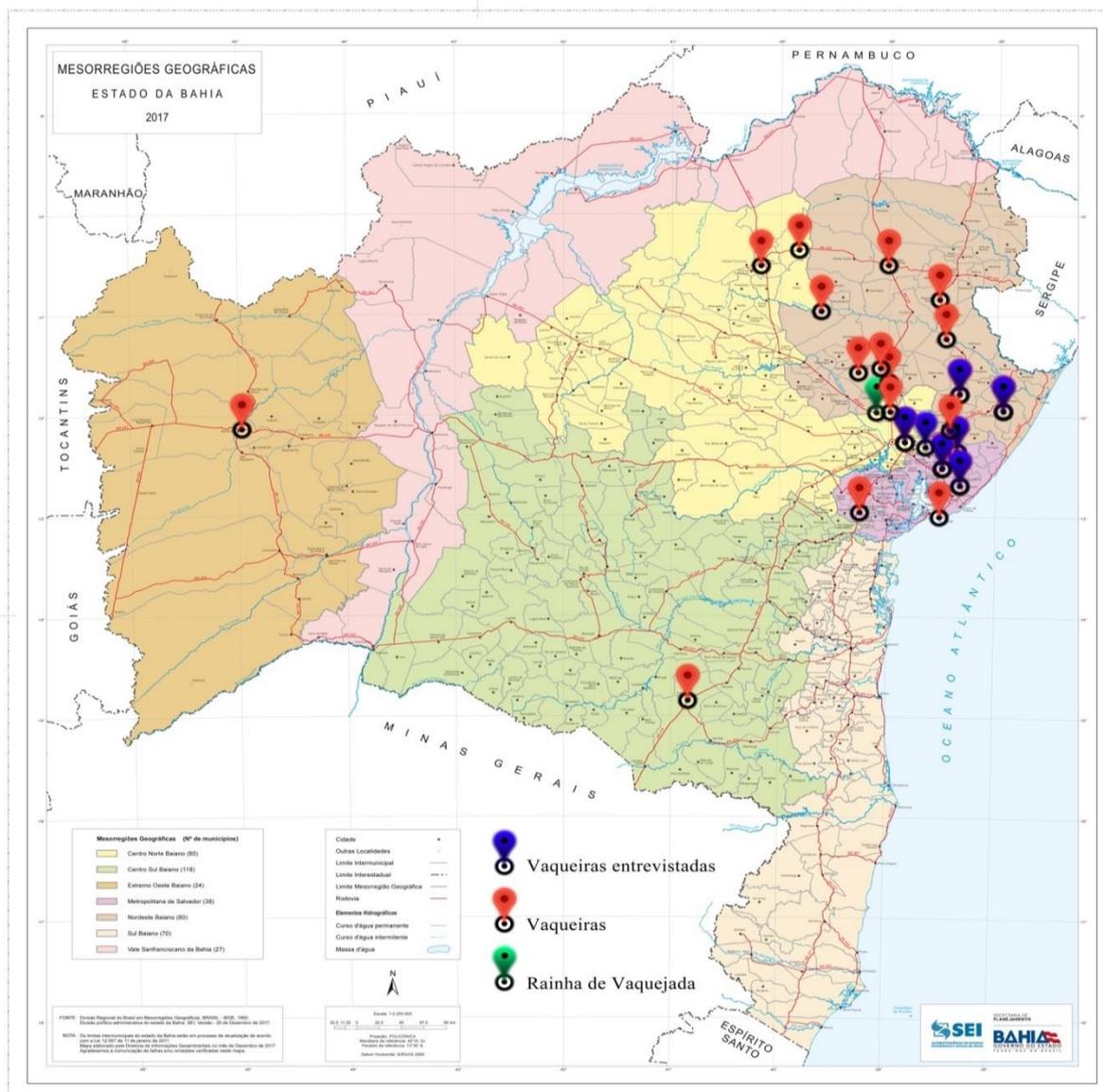
**Figura 22** – Participação da vaqueira Socorro Miranda na Vaquejada em Lauro de Freitas



Fonte: Jornal A Tarde de 12 de janeiro de 1996, p. 1. Biblioteca Central do Estado da Bahia

Nesse sentido, depois de Sra. Socorro, muitas outras mulheres aqui na Bahia se interessaram em participar da prática. Conforme o mapa abaixo (figura 23) verifica-se que a maior concentração delas se encontra nas mesorregiões do Nordeste Baiano e região Metropolitana de Salvador. Muito próximo de onde Sra. Socorro Miranda reside. Obviamente que ela deve se configurar enquanto referência para muitas mulheres resolverem ingressar na atividade.

**Figura 23** – Distribuição das mulheres (vaqueiras e rainha de vaquejada) na Bahia



Fonte: Adaptado do mapa encontrado no site da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI)

Diante disso, percebe-se que a sociedade tem aceitado mais a participação de mulheres enquanto vaqueiras desportistas. Tanto que em vaquejadas que possuem a categoria feminina, na qual as mulheres competem só com mulheres, segundo as informantes (RIBEIRO, T., 2019; NUNES, 2019), as arquibancadas ficam cheias, vibrando junto com as mulheres a cada derrubar de boi. Inclusive, algumas delas se sentem até artistas, estrelas, porque há um interesse do público de tirar fotos com elas, de pegar na mão quando passam no corredor de vaqueiros(as), filmar suas façanhas. Afinal, o número de mulheres competindo cresceu bastante nos últimos anos, fazendo com que se diminuísse mais o preconceito, por passar a ser uma coisa normal no meio (RIBEIRO, T., 2019, p. 160).

Todavia, esse número de mulheres participando não supera e nem chega próximo do quantitativo de homens, visto que ainda se perdura as dificuldades e obstáculos para se constituir em massa tal participação. Mulheres interessadas nisso temos muitas, mas ainda há a existência de empecilhos, dos quais impedem que uma gama de outras mulheres se insiram ou se fortaleçam no exercício desta prática.

#### 4.2 ENTRE RAINHAS E VAQUEIRAS: OUTRAS POSSIBILIDADES DE PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NAS DERRUBADAS DE BOI

[...] hoje a mulher tá inserida em qualquer, tem espaço hoje pra, pra mulher em qualquer lugar que ela queira estar. Seja na vaquejada, seja no automobilismo, seja em qualquer esporte que era intitulado pra ser um esporte masculino. (RIBEIRO, R., 2019, p. 203)

A história nos mostra o quanto esse processo de inserção das mulheres em espaços públicos e, principalmente no mercado de trabalho, tem sido galgado a passos lentos e difíceis ao longo do tempo. Apesar da fala de Rosangela Ribeiro tratar de uma realidade atual para as mulheres, ainda não deflagra por completo as tramas e tensões existentes para que se concretize de fato o dizer: “Lugar de mulher é onde ela quiser”!

Na década de 1920, com a urbanização e industrialização, as mulheres começavam a ocupar o mercado de trabalho em diferenciadas funções, as quais ainda reforçavam “a divisão sexual dos papéis, das tarefas e dos espaços” (FARIAS, 2012, p. 13). Ou seja, o que era papel de mulher e o que era específico do homem realizar, também passou a ser ditado na definição e ocupação dos postos de trabalho (FARIAS, 2012).

A partir de então, com essa inicial inserção das mulheres no mundo do trabalho, se seguiu um conjunto de exigências, entre as quais: uma “educação qualificada”, o “direito ao

voto e de elegibilidade” e o “direito ao divórcio”. O acesso a estes direitos compunha condições prioritárias para a marcha em direção à autonomia e independência dos corpos femininos, mesmo que ainda não garantissem de fato “uma ruptura com os tradicionais papéis de gênero” (FARIAS, 2012, p. 13).

A primeira dessas exigências se consolida a partir de um decreto de 24 de fevereiro de 1932, no qual o voto e igualmente o ser votada, passou a ser direito das mulheres, assim como já se constituía para os homens. Por sua vez, tal direito se estendeu também as mulheres da França (1944) e Itália (1945), respectivamente (COELHO; BAPTISTA, 2009, p. 90).

Mesmo após a conquista de postos de trabalho e ao voto por parte das mulheres, segundo Bassanezi (2004) na década de 1950 se observava que era inteligível os preconceitos voltados ao trabalho feminino, visto que a imagem de mães, esposas e donas de casa ainda pesava sobre as mulheres, de modo a se instituir um imaginário de incompatibilidade entre casamento e profissão. Ainda segundo essa autora:

Um dos principais argumentos dos que viam com ressalvas o trabalho feminino era o de que, trabalhando, a mulher deixaria de lado seus afazeres domésticos e suas atenções e cuidados para com o marido: ameaças não só à organização doméstica como também à estabilidade do matrimônio. Outro perigo alegado era o da perda da feminilidade e dos privilégios do sexo feminino – respeito, proteção e sustento garantidos pelos homens –, praticamente fatal a partir do momento em que a mulher entra no mundo competitivo das ocupações antes destinadas aos homens. As revistas femininas da época fizeram eco a essas preocupações, aconselharam e apelaram para que as mulheres que exerciam atividades fora do lar não descuidassem da aparência ou da reputação pessoal e soubessem manter-se femininas. (BASSANEZI, 2004 p. 521-522)

Mesmo assim, houve um crescimento da participação feminina no mercado de trabalho e principalmente naquelas profissões que exigiam um grau de estudo maior, provocando modificações nos *status* social dessas mulheres, como: “enfermeira, professora, funcionária burocrática, médica, assistente social, vendedora” (BASSANEZI, 2004, p. 521).

Essa inserção a educação formal e ao conhecimento, associado à dimensão profissional, que dantes apenas era privilégio dos homens, contribuiu aparentemente para a diminuição da distância entre homens e mulheres. Aparentemente, porque isso acabou por não se refletir na extinção das diferenças entre os papéis sociais e capacidades desempenhadas por homens e mulheres (BASSANEZI, 2004, p. 523).

Mais tarde, a partir da década de 1970, com o renascimento do feminismo e o declínio da Mística Feminina,

As mulheres ocidentais conquistaram direitos legais e de controle de reprodução, alcançaram a educação superior, entraram para o mundo dos negócios e das profissões liberais e derrubaram crenças antigas e respeitadas quanto ao seu papel social. (WOLF, 1992, p. 11)

Portanto, as mulheres adentraram profissões e espaços que foram por muito tempo reservados a classe masculina. Obviamente que nesse processo, ainda existiam tensões movidas por imaginários sociais, nos quais, se enxergava a mulher na ordem dos afazeres de casa.

Contudo, as mulheres continuavam avançando e colocando no seu campo de atuação trabalhos que eram apenas destinados a classe masculina, a exemplo, no nosso caso, puxadoras e esteireiras nas vaquejadas da Bahia e do Brasil como um todo.

Devemos destacar que todas as depoentes de nossa pesquisa não abandonaram os estudos, por conta da prática, visto que, não se constituíram em vaqueiras profissionais. A vaquejada se configurava enquanto prática realizada no tempo disponível, como já vimos. Assim sendo, temos três mulheres que completaram o ensino médio, duas com formação técnica profissionalizante, duas com nível superior completo e outra incompleto e duas pós-graduadas em nível de especialização.

Dessa maneira, ser vaqueira encontra-se associada a outros papéis como enfermeiras, administradoras, tecnólogas, veterinárias, professoras, artesãs, empresárias dentre outras profissões, além de mães, esposas e companheiras. Apesar de tantas funções, o amor pelos cavalos e pela própria vaquejada faz com que persistam, apesar dos empecilhos e obstáculos para a participação da prática. Para Marcella Argolo, cumprir tantos papéis é algo simples, contrariando assim os imaginários sociais criados a este respeito, porque acredita que é necessário que as mulheres realizem o que lhes dá satisfação e prazer.

Eu enxergo da forma mais simples mesmo. Tipo, a gente pode fazer o quê a gente quer também, né? Tipo, eu hoje sou enfermeira, sou dona de casa, corro vaquejada. E é uma coisa que é simples pra mim. De ir pra uma vaquejada, de correr boi, de tomar conta de meu filho, de ficar dentro de casa. Você tá entendendo? Então assim, eu não vejo como dificuldade. Eu vejo como aquilo que a gente quer fazer, a gente conseguir fazer, né? Basta você querer, é é, é você gostar. Mas assim, não vejo como empecilho nenhum. (ARGOLO, 2019, p. 144)

Para além do campo profissional estabelecido por meio dos estudos, e de serem ou terem sido puxadoras ou esteireiras, cumpre-nos dizer que ocuparam ou ocupam outros papéis

que as mantém, mesmo que indiretamente sua relação com a prática da vaquejada. Rosângela Ribeiro além de ser sócia de um parque de vaquejada em Itaberaba – BA, por algum tempo trabalhou, com o que podemos compreender enquanto agenciamento de cavalos e vaqueiros de vaquejada.

Na verdade, eu, é, é, mesmo [...] passei um tempo dentro da vaquejada, sem correr. Que eu, eu sempre gostei....existia um mito que, eu tinha, tinha um olhar bom pra cavalos. E aí eu comprava, acreditava em algum animal, comprava o cavalo, colocava pra, pra fazer, pra mexer, né? E pra fazer a doma como se fala hoje. Antes, naquele tempo era açoitar. Hoje é doma racional, doma racional voltada pra vaquejada. Então fazia, essa, essa doma e quando o cavalo já, já estava numa fase boa, com uma valorização melhor, eu ia lá e vendia. E aí fiquei nisso. Pagando pra um vaqueiro, pagando pra outro e graças a Deus sempre com, com, com êxito. As pessoas que eu colocava pra correr é, é, é sempre eu tinha sucesso! Era difícil ir pra uma vaquejada com algum vaqueiro que eu levava pra num, num ganhar. Não tá entre as colocações. (RIBEIRO, R., 2019, p. 204)

Outro exemplo que podemos citar de novos papéis que as mulheres exercem dentro das vaquejadas é o de Karla Sampaio. Ele é uma puxadora que é referência na prática, mas também, como ela mesma diz, “tom[a] conta de um rancho, de um centro de treinamento de cavalos”. Lá, continua ela,

[nós] temos as baias, onde a gente aloja os animais de terceiros, de pessoas que nos procuram, pra formar esses campeões. E a gente recebe esses cavalos e cuida deles desde da, da dieta, do condicionamento, do treinamento e da competição. [...] Fazemos cavalos. Fazemos campeões! (SAMPAIO, 2019, p. 190-191)

Esse preparo segue os preceitos da doma racional, que nas palavras da própria Karla quer dizer,

E assim, eu já tomei alguns cursos depois que eu comecei, que eu investi nesse centro de treinamento e a gente aprende que... a gente não ensina a eles batendo, sabe? Ainda muita gente usa isso: bater, furar, espora afiada. Minha espora, se você olhar, você diz: ah que espora! Não tira uma gota de sangue! Porque assim, a gente aprende, na verdade, você tem que ensinar ele... é como um filho. Você vai ensinar ele a fazer o certo e ele ter prazer em fazer o certo. E não ele ter que fazer o certo por medo de você ou por medo de ser machucado, né? [...] Eu mesmo, lá os meus animais, são, você vê os bons de prêmio, são extremamente [...] bem tratados. Mas assim, a gente não explora! Eles servem a gente e a gente também tem o dever de retribuir o que eles fazem por nós, né? Assim, cavalo tem o horário da alimentação, eu tenho, lá, eu tenho uma, uma tabela de horários. Os horários da ração, os horários do capim. Meu tratador, meu tratador segue rigorosamente essa tabela de horário. (SAMPAIO, 2019, p. 190-191)

No caso de Rita Cordeiro, o trabalho de artesã é que a mantém na vaquejada, depois que deixou as pistas, a partir da produção de troféus de vaquejada (figura 24). Além disso, ela trabalha na secretaria e gerência da Associação Baiana de Vaquejada (ABV).

**Figura 24** – Ateliê de troféus de vaquejada de Sra. Rita Cordeiro



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisa

Quando perguntada se ainda bate uma esteira em grandes vaquejadas Alana Nunes responde que de vez em quando dá um treinozinho, mas que só vai para grande vaquejada hoje, para trabalhar como juíza de bem-estar animal. Além desta atividade, participou como presidente da antiga Associação de Vaqueiras da Bahia, na tentativa de consolidar a categoria feminina em todas as vaquejadas da Bahia (NUNES, 2019, p. 199-200).

No caso de Sra. Socorro, todo final de semana ela competia em vaquejadas, mas vivia de outras atividades, como ela mesma menciona:

Era. Mas assim... é, é, é, no viver, assim, é, é, a gente ia, se tivesse um cavalo a gente negociava com cavalo, possuísse um cavalo negociava com o cavalo. Chegava em casa, não parava. Ele sempre tem um comércio de, de, tá negociando com gado, com cavalo. É, é, é tipo assim um comerciante ambulante. Já mexi, mexi com arreo, vendendo arreios, é, é, com várias coisas assim a gente, a gente negociava, entendeu? A gente não só vivia só em si da vaquejada. Quando a gente num chegava em casa era jogando as mala ali no canto que tinha uma menina que cuidava das minha menina,

deixava a mala ali no canto, cada um ia procurar fazer seus... entendeu? Seus negócio, negociava com uma coisa, com outra. Então, sempre a gente viveu, viveu assim. (MIRANDA, 2019, p. 183)

Tatiane Ribeiro vem trabalhando nos últimos anos para fortalecer a categoria feminina nas vaquejadas da Bahia. Inicialmente foi vice-presidente da antiga Associação de Vaqueiras da Bahia (AVAB) e agora se consolida enquanto diretora do grupo de Vaqueiras da Bahia (VBA).

Portanto, notamos que as mulheres têm ampliando as possibilidades de exercer funções outras dentro da vaquejada, para além do que já fazem ou fizeram enquanto vaqueiras, adentrando assim, em outros lugares que por muito tempo foi exercido por homens. Mas ainda faltam muitos outros espaços a serem ocupados pelas mulheres. Como diz Caliani Miranda: “Então eu creio que [...] futuramente pode ter uma mulher juíza [de vaquejada], uma mulher locutora, uma mulher calzeira, uma dona de equipe de curral. Então, a coisa tá evoluindo tanto que um dia pode acontecer isso, né?” (LUZ, 2019, p. 221).

Outro lugar que acreditamos que faltam as mulheres ocuparem em relação à vaquejada é o campo político. Ao dizermos isso, esclarecemos que a vaquejada hoje somente se alicerçou enquanto prática no país diante de um movimento que foi realizado dentro dos corredores do planalto central.

Em outubro de 2016, o Supremo Tribunal Federal (STF) considerou a lei que legalizava as vaquejadas do Ceará, inconstitucional, proibindo assim o exercício da atividade. Como um efeito dominó, vaquejadas em todo o país ficaram na iminência de também serem proibidas. Na Bahia, a decisão do STF no caso cearense, refletiu com o cancelamento da vaquejada de Praia do Forte, que aconteceria no dia 11 de outubro de 2016, a pedido do Ministério Público. Seis dias após a decisão do Supremo (ADAILTON, 2016, p. 6).

Desse modo, vários protestos foram feitos por vaqueiros e vaqueiras em todo o estado da Bahia, inclusive em Brasília. Segundo as depoentes, vários ônibus se dirigiram a capital do país para exigir a permanência da vaquejada que se configura enquanto prática cultural principalmente no Nordeste brasileiro e geradora de milhares de empregos diretos e indiretos.

Para se concretizar a permanência do exercício desta atividade, várias alterações na configuração da vaquejada precisaram ser feitas, desde a mudança de regras até o melhoramento das estruturas dos parques.

**Figura 25** – Proibição das vaquejadas pelo Supremo Tribunal Federal



Fonte: Jornal A Tarde de 26 de outubro de 2016. Biblioteca Central do Estado da Bahia

Apesar das mulheres terem feito parte das manifestações em Brasília e demonstrarem sua insatisfação com a decisão do STF pelas redes sociais, não houve influência direta delas na mudança das regras e nem na decisão da manutenção das vaquejadas, assim como nos conta Karla Sampaio:

Não! Nenhuma mulher teve interferência na criação dessas regras. Assim, foi uma comissão que foi feita por grandes criadores, nomes fortes que tem dentro do cenário nacional e que tem trânsito político também, né? Então assim, houve um grupo que se reuniu entre advogados, criadores e tal e elaboraram essas novas regras e que são ministrados a cada ano, um curso para treinamento de todas as pessoas que trabalham na vaquejada que é o anotador, o juiz, o locutor, o calzeiro, quem trabalha na secretaria. Todos os

anos eles tomam o curso sobre as regras e atualizações que tem pra aquele ano pra que possam trabalhar. Então essa entidade é a Associação Brasileira de Vaquejada, [que foi quem atuou e que conseguiu] reverter o processo, né? Criando essas regras. (SAMPAIO, 2019, p. 192)

Rosangela Ribeiro também reafirma que:

Olha, na época eu até fiz um, um videozinho, depois até se quiser eu te passo, coloquei na, nas redes pra defender não só a vaquejada, mas também como as pessoas que estão inseridas na vaquejada que vivem da vaquejada. Mas pensando até nelas do que em mim ou do que qualquer outro, outro interesse. É, é, é, as mulheres que, que estão envolvidas com a vaquejada, que fazem parte da vaquejada, cada uma deu sua contribuição da forma que pôde. Umas indo, outras é, é, é, como eu vi Tati Vaqueira em cima do, de, de, de trios, é, é, naquelas manifestações que foram feitas, mas, é, é, é, não vi, até porque também eu **aqui na Bahia a bancada que defende a vaquejada não é composta por mulher**. Mas a voz atuante daqui da Bahia que teve na vaquejada foi o senador Otto Alencar que também é desse mundo aí do cavalo e Eduardo Sales. Mas assim as outras contribuíram da mesma, da forma que elas puderam, assim como eu, é, é, fiz meu, meu ví, meu vídeo foi compartilhado aí pelas redes e as outras, é, é, é algumas nas manifestações, outras, é, é, nos trios, outras até naquela última que foi feita lá em Brasília que mobilizou tudo aí.<sup>71</sup> (RIBEIRO, R., 2019, p. 206)

Portanto, quem prevaleceu na atuação em prol das vaquejadas foi uma classe masculina dominante, deixando as mulheres às margens, exercendo apenas um papel de coadjuvantes nas decisões importantes que dizem respeito a esta prática cultural ou simplesmente executoras do que foi estabelecido. Ademais, o que se sabe, segundo Tatiane Ribeiro, é que se formou uma pequena comitiva de mulheres que procuraram um dos políticos supracitados, para apoiar as vaqueiras na Bahia. Infelizmente, essa mobilização não logrou nenhum resultado até o momento (RIBEIRO, T., 2019, p. 161).

Assim sendo, a partir de Coelho e Baptista (2009, p. 94) compreendemos que o fato de se ter destinado ao corpo feminino os espaços reservados ao “domínio do privado” durante anos de nossa história, acabou por produzir uma resistência para inserção das mulheres no cumprimento de diversas funções, inclusive, as relativas à atividade política, constituindo uma evolução desse quadro de modo lento e difícil. As autoras ainda complementam:

Apesar de presentes na política partidária de forma expressiva a partir dos tempos da ditadura, há apenas uma pequena parcela exercendo cargos políticos. Embora as mulheres constituam uma pequena maioria da população brasileira (50,78% em 2000, segundo dados do IBGE), as eleitas

---

<sup>71</sup> Grifo nosso.

para a Câmara Federal em 2002 não atingiram 10% do total, o que mostra a sub-representação feminina (IBAM, 2003). (COELHO; BAPTISTA, 2009, p. 94-95)

Diante disso, observamos que o discurso convencendo a mulher como portadora de uma identidade atrelada apenas as funções da maternidade, de esposa e de dona de casa, mesmo que aí seja incluso outras atividades profissionais, acaba por produzir um “cenário político [que] permanecerá como um espaço de pequena e difícil inserção feminina”. Precisa haver mudanças no que tange a ocupação de cargos de gestão no espaço público por mulheres, de modo a modificar as atuais estatísticas desta atuação. Ou seja, mais mulheres precisam ter o interesse e se dispor adentrar o lócus da gestão pública, impulsionando assim novos questionamentos que poderão repercutir em um novo pensar e um novo agir sobre o papel social de mulheres na política do país. (COELHO; BAPTISTA, 2009, p. 97).

Neste sentido, do mesmo modo que a vaquejada conseguiu se manter como possibilidade esportiva e de lazer no país, vias o auxílio deste campo político, acreditamos que as mulheres da vaquejada precisam se enveredar neste lugar, de modo a garantirem uma participação, mais profícua, da categoria feminina nas vaquejadas. Pensamos que se isso funcionou para a prática da vaquejada, também poderá se efetivar para melhor consolidar a categoria feminina no meio, haja vista que com os homens a frente para este fim, não se obteve resultados exitosos.

#### 4.3 O DIFÍCIL PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO/PROFISSIONALIZAÇÃO DAS MULHERES NAS VAQUEJADAS DA BAHIA: RESISTÊNCIA E PERSISTÊNCIA ATRAVÉS DO GRUPO DE VAQUEIRAS DA BAHIA

Historicamente, a ideia de frágil e dócil é que permeava o campo simbólico do ser mulher, tomando dimensões das quais, coube apenas a ela, ser mãe, esposa e dona de casa, caracterizada na figura de rainha do lar ou se muito, embelezar e agraciar os lugares, enquanto *miss* do baile, rainha da festa em espetáculos e festividades das cidades. Assim sendo, por um bom tempo, não lhe restou muito, a não ser estagnar outras possibilidades e potencialidades de seu corpo. Desse modo, ignoraram-se vontades, necessidades, intelectualidades e identidades.

Portanto, ser mulher estava ou ainda está ligado a um padrão normativo de feminilidade, que se encontra diretamente relacionado ao “mito da mulher” (WITTING, 2012;

BEAUVOIR, 2009). Falar de um mito de mulher é visualizá-la apenas pelo viés dos padrões de ser feminina, ou seja, “mantendo a ideia de que a capacidade de dar à luz [...] é o que define a mulher” (WITTIG, 2012, p. 1).

Desse modo, percebemos que no fluxo e refluxo da história, as mulheres tiveram seus corpos marcados por uma educação que reafirmava esse mito da mulher quando, por exemplo, nas décadas iniciais do século XX atribuíam-se a elas, única e exclusivamente a responsabilidade de prover uma raça forte, refinada e branca (GOELLNER, 2008). Para conquistar tal intento, os exercícios físicos e os esportes passaram a ser o mecanismo educacional desse corpo, no qual se reproduzia como que um slogan, uma representatividade de um corpo-nação, onde “as mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte” (GOELLNER, 2008, p. 1).

Assim sendo, constituiu-se aí um *corpus* normativo, na qual a mulher precisa apreender e seguir, no intuito de se conquistar o intento principal de nação dessa época: o refinamento da raça. Pesava principalmente sobre elas, portanto, diversas ações e recomendações das quais era imperativo,

[...] a vigilância sobre o casamento inter-racial, a realização do exame pré-nupcial e a esterilização de doentes, algumas se voltaram para o robustecimento do corpo e a potencialização da saúde. Dentre elas destacam-se as recomendações contrárias ao uso do fumo e do álcool, à prática sexual intensa e a poucas horas de sono bem como as prescrições em favor dos banhos de mar, da exposição ao sol, da alimentação adequada e da realização de atividades físicas. (GOELLNER, 2008, p. 2)

Indubitavelmente, havia uma diferenciação ao educar homens e mulheres por meio da atividade física e dos esportes. Para a mulher, o exercício físico deveria possibilitar o seu revigoramento, mas sem comprometer a “harmonia das formas, da beleza e da graciosidade” (GOELLNER, 2008, p. 14). A mulher, ainda, deveria cumprir bem sua missão de ser mãe. Por isso, não poderia ser qualquer exercício ou esporte, a ser praticado por elas. Dessa maneira, o turfe, o remo, a natação, a esgrima, o tênis, o arco e flecha, a ginástica e o ciclismo, entram como possibilidades de práticas corporais para as mulheres (GOELLNER, 2008).

Porém, as que de fato teriam acesso a isso seriam as mulheres brancas e de elite, já que eram as pessoas que tinham o acesso garantido à vida cultural e aos espaços públicos, bem como se constituía como o proposto como nação: corpos que se distanciassem da perspectiva mestiçada, defeituosa e indolente (GOELLNER, 2008).

Portanto, é preciso desmistificar essa relação direta entre sermos mulheres e seguir um padrão normativo de ser feminina. Se assim não o for, novos lugares e tempos continuarão nos sendo negados diante da justificativa e com as prerrogativas de que isso não é para a mulher ou que aquele lugar não é para atributos femininos. Pensar que o ser mulher é uma construção subjetiva e cultural de cada sujeito, poderá contribuir para descartar/desarmar tais prerrogativas, já que estamos falando de pessoas e construções identitárias e sociais que não estão exclusivamente relacionadas a constituição biológica de corpo, mas no reconhecimento de que são sujeitos atores e atrizes de sua história.

Até hoje carregamos conosco essa educação padronizadora que diz que menina só veste rosa, menino só veste azul. Menina só brinca de boneca, menino brinca de carrinho e de bola. Uma educação, como diz Louro (2000, p. 11), para produzir homens e mulheres civilizados, “para a formação de homens e mulheres ‘de verdade’”. Ainda segundo esta autora, existe uma pedagogia instituída, normatizada e executada pelos vários lócus de nossa vivência e experimentação de mundo, como a família, escola, mídia, igreja, leis, que insistem em cravar direta ou indiretamente nos corpos das pessoas, comportamentos específicos que colaboram para a construção de determinadas “identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas [...]” (LOURO, 2000, p. 17). Isso acaba por ocasionar enfrentamentos diversos, dos quais, impossibilitam ou dificultam, por exemplo, a inserção das mulheres em certas práticas do cotidiano.

Apesar dessas dificuldades, o que notamos é um movimento de resistência por parte das mulheres a tudo que as enclausuraram por muito tempo. O corpo feminino passa a se construir sob novas bases de modo a constituir identidades e subjetividades diferentes. As mulheres requerem para si, independência econômica e social, assim como sua autonomia e liberdade, dando um novo sentido ao ser mulher (ADELMAN, 2011).

Deste modo, o esporte também passa a se constituir, com mais afinco, neste lugar de domínio das mulheres, possibilitando visibilidade a figura da atleta, apesar das normatizações e ideais eugênicos e higienistas estabelecidas no início do século XX, como já tratado anteriormente, limitando o espaço-tempo de prática dessas mulheres em um território determinado até então, unicamente, como masculino (GOELLNER, 2008; 2005).

Na segunda edição dos Jogos Olímpicos Modernos, as mulheres conseguiram autorização para competir, mesmo sob fortes protestos daqueles que idealizaram o evento, pois se acreditava que sua presença vulgarizaria o ambiente, visto que era considerado lugar

de honras e conquistas (GOELLNER, 2005) – elementos pertencentes apenas, como diz Barbosa (2006), a uma gramática de masculinidade.

Esse fato se constituiu como um importante passo para a inserção cada vez mais crescente das mulheres no universo da prática esportiva, que com o passar do tempo, ampliava-se não só em número de atletas, mas também em número de modalidades em que se vislumbrava essa presença.

Obviamente, que este trilhar não se constituiu em tarefa fácil, como ainda até os dias de hoje não o é. No decorrer da história, retrocessos e avanços se configuraram no cenário esportivo, até a consolidação de meios pelos quais, hoje, as mulheres pudessem atuar, com maior liberdade, em práticas esportivas.

No que tange aos retrocessos, consideramos como exemplo, o que menciona Goellner (2005), a respeito dos decretos instituídos nos anos de 1941 e 1965, que proibiam as mulheres de competir em modalidades como lutas, boxes, salto com vara, salto triplo, decatlo, pentatlo, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, rugby, halterofilismo e baseball. Todos os “esportes considerados ‘violentos’ deveriam passar ao largo das experiências de sociabilização das meninas e das moças” (GOELLNER, 2005, p. 146). Afinal de contas, não se podia deixa-las a mercê da desonra e “nem infringir as leis da natureza, pois, ao mostrarem-se mais fortes do que se suponha, seria fissurado o discurso das diferenças naturais cuja base estava na sobrepujança física de um sexo sobre outro” (GOELLNER, 2005, p. 145).

Ainda assim, as mulheres, mesmo que em um quantitativo bem menor que os homens, se mantiveram a participar de esportes, como por exemplo, o futebol, desconsiderando tais interdições (GOELLNER, 2005). Isso nos mostra que muitos foram os conflitos, tensionamentos e enfrentamentos vivenciados por elas, para consolidarem, de fato, o direito a práticas e espaços de atuação, quaisquer que sejam. Esse fato se configura muito decorrente de um alicerçado imaginário de “oposição binária” entre os sexos (GOELLNER; BOTELHO-GOMES; SILVA, 2012, p. 5).

Contudo, tivemos avanços reconhecíveis nessa caminhada quando no final da década de 1970, “se estabelecem novas bases para a organização dos esportes no país, fazendo com que, em 1979, fosse revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos que vedava a prática do futebol e do futebol de salão pelas mulheres” (GOELLNER, 2005, p. 147).

Além dessas modalidades acima mencionadas, observou-se a inserção das mulheres em outras práticas esportivas, tidos como nocivas a elas, a saber, as práticas equestres, constituindo-se assim, em “[...] terreno de lutas simbólicas e práticas intensas sobre definições

de feminilidade, sobre ‘o que é uma mulher’ e quais as atividades que um corpo marcado como feminino pode ou deve realizar” (ADELMAN, 2011, p. 931).

A vaquejada enquanto uma possibilidade esportiva e de lazer na atualidade, também vem se demonstrando lugar no qual, as mulheres, ao longo do tempo, têm atuado de diversas formas, mas principalmente enquanto vaqueiras desportistas e rainhas de vaquejada. No que tange ao lugar de vaqueiras essa inserção tem se demonstrado um lugar de tensões, visto que o exercício desta atividade sempre foi de exclusividade da classe masculina, desde o tempo da interiorização do país, até pelo menos uns cinquenta anos atrás.

Observa-se que se constitui em uma inserção lenta, mas que ganhou nos últimos vinte anos um quantitativo maior de mulheres interessadas em derrubar boi na faixa, levar os prêmios e troféus. O principal objetivo pensado por elas e refletidos pelas entrevistas é consolidar a categoria/tropa feminina em todas as vaquejadas do nosso estado, assim como já acontece com as outras categorias: profissional, aspirante, intermediária e amadora.

Esse é um processo que vem acontecendo com muitas dificuldades e obstáculos. Um deles se refere ao pouco incentivo dado as mulheres por parte dos donos de parques e/ou organizadores das vaquejadas. São poucos aqueles que colocam a categoria feminina em suas competições, fazendo com que elas disputem em meio aos homens.

Não é fácil, né, pra gente que é mulher. Hoje aqui na Bahia são poucas tropas femininas que tem. Então, a maioria das vezes a gente tem que correr no meio dos homens que não é fácil! Né? Até porque tem um boi mais duro, pega um boi mais duro. Então exige mais força. Pra o homem já é mais fácil, pra gente já é mais difícil. Tá se expandindo, né? Sergipe você já vê mais tropas femininas, é, é, é. Em outros estados mais mulheres inseridas porque os donos de parque eles colocam a tropa feminina que só corre as mulheres, né? Mas aqui na Bahia ainda vejo muito pouco investimento pra gente. Serrinha, ano passado não teve mais tropa feminina que teve em 2016, 20...não, 2017. 2018 já não teve. E então assim, não fortalece, né, pra, pra, pra as mulheres. (ARGOLO, 2019, p. 143-144)

Todavia, um ponto que pode ser considerado desmotivador para alguns donos de parque é o pouco quantitativo de mulheres que correm em relação aos homens. Como diz Marcella Argolo, talvez por isso, não se tenha interesse de colocar uma categoria feminina na vaquejada, pois, do ponto de vista financeiro, diretamente, ainda não é tão lucrativo para os organizadores (ARGOLO, 2019, p. 146).

Por outro lado, se o prêmio é estabelecido pelo número de senhas vendidas por categoria e o valor dos prêmios é extremamente mais baixo para as mulheres, de acordo com a justificativa de se ter poucas delas competindo, teoricamente, o organizador da festa não

perderia nada com isso. Até porque como diz Tatiane Ribeiro e Alana Nunes, em dia de categoria feminina na vaquejada é sinônimo de arquivada cheia. O organizador da vaquejada pode, portanto, ganhar financeiramente por outras frentes, como inclusive, já o faz.

Mas, existem donos de parque que gostam da participação das mulheres e incentivam ao ponto de liberar a senha gratuita com premiação, mesmo que seja baixo o valor, e em alguns casos até emprestar cavalo para quem não tem (BARAUNA, 2019, p. 211).

Diante do exposto, notamos o outro obstáculo referente ao valor das premiações que se configura muito baixo em relação à competição somente com homens e acaba que não cobre os custos desta participação feminina. O critério para definir o prêmio poderia ser modificado, levando em consideração o valor total da arrecadação com a venda de todas as senhas, independente da categoria. Ou seja, para definição do valor do prêmio prevaleceria o parâmetro relacionado às especificidades práticas de cada categoria na competição e não o que cada uma, em separado, arrecada. Desse modo, há uma possibilidade de melhorar o valor do prêmio para as mulheres.

Os custos para cada competição dessa envolvem uma série de fatores. Alimentação do animal, medicamentos, tratador, deslocamento do animal e dos(as) vaqueiros(as), pagamento de senha, dentre outras coisas. Na maioria das vezes, o prêmio acaba que não cobre tantas despesas.

Os prêmios nunca vale a pena! Nunca vale a pena! É, é, é a gente vai com uma tropa feminina dessa aí, ganha 300, 400 reais. [...] A mesma coisa. O profissional que ainda ganha um prêmio maior quando a vaquejada é maior. Mas a disputa também é maior né? Mas assim, normalmente quando a gente sai aqui não tira nem a despesa quando ganha. Porque paga 600 de, digamos, paga 600 de, de senha. Aí quando você fica na vaga é 10.000. Aí quando vai dividir 10.000, divide pra, pra 10. Divide pra 10. Aí pronto! A gente sai porque a gente gosta. Como eu não vivo disso, né? [...] Porque hoje eu tenho o caminhão. Mas quando eu não tinha que tinha que pagar frete? [...] É pouco! É o gostar mesmo. Aí quando você bota tudo isso, aí você bota ração de cavalo, medicamentos, que tem mês que a gente precisa mais porque né, tem maior necessidade, tem tratador. Aí quando você coloca a despesa 1.500 quase 2.000 [...]. (ARGOLO, 2019, p. 147-148)

Por esse motivo, há certa desesperança no futuro da mulher na vaquejada. Como diz Rita Cordeiro:

[...] o futuro da mulher eu acho que tá se estreitando. Porque é justamente isso aí! A despesa muito grande numa vaquejada, certo? [...] E o quê que acontece? Como ela, a competitividade é bem menor do que tá o homem, eu acho que vai chegar um ponto que elas não vão aguentar, elas não vão resistir. (LIMA, 2019, p. 172)

Talvez toda essa dificuldade se relacione com o modo pelo qual a vaquejada se constitui na atualidade. Ou seja, a esfera de negócio no qual se transformou a prática faz com que se dificulte cada vez mais a participação. Por exemplo: o valor de um bom cavalo de vaquejada é muito alto e dependendo não se tem como comprar e/ou manter um animal deste porte. Às vezes precisa-se recorrer a um cavalo emprestado dos(as) colegas para competir, que nem sempre é possível. Pode-se até ter o cavalo, mas o custo de deslocamento para quem tem ou não o caminhão, também pode impossibilitar que as mulheres se façam presentes em todas as vaquejadas que possuem no estado durante o ano.

Isso se falarmos de categoria aspirante/iniciante ou feminina. Mulheres em categoria profissional, viver disso, constituir a vaquejada enquanto profissão, parece algo bem distante de realizar, embora há quem sonhe com isso. Mas segundo Karla Sampaio,

Hoje o nível dos cavalos é muito alto, padrão de competitividade é muito alto, é, é, é, e esses cavalos são caríssimos. São cavalos de 1 milhão, de 700 mil, de 500 mil. E assim, não tem quem invista para uma mulher correr. Entendeu? Sem contar que a força física é totalmente diferente. Então, não tem como uma mulher conseguir competir no meio do profissional. Primeiro por essa questão da desigualdade fisiológica, segundo porque o padrão dos cavalos desses profissionais que a maioria já tem nome, tem patrão, eles montam em cavalos como eu tô lhe falando de 700 mil, de 500 mil, de 1 milhão, de 400 mil. Então assim, são cavalos que o índice de acerto é muito alto e o de erro é muito pequeno. E aí, não tem um investidor pra bancar uma mulher com um cavalo desse. Entendeu? (SAMPAIO, 2019, p. 192)

Em suma, mesmo que algumas vaquejadas as mulheres tenham a senha gratuita, as outras despesas acabam apertando o bolso, bem como o “tom” de negócio dado as vaquejadas dificultam sua participação. Mas, na contramão, como informa Caliani Miranda e Marcella Argolo, às vezes seria melhor que se cobrasse um valor pela inscrição (senha), para tentar solucionar outro problema, que é a falta do cumprimento do horário e dia da participação da tropa feminina, firmado pela organização, anterior ao evento.

Isso porque as competidoras, normalmente, têm outros afazeres e obrigações na segunda-feira, e em muitas dessas vaquejadas, o horário da apresentação da categoria fica extremamente atrasado ou estipulam que seja em um domingo, que seria o dia para se preparar para o retorno às suas cidades. Assim sendo, acaba por inviabilizar a participação delas em alguns casos, haja vista que a vaquejada não é profissão (LUZ, 2019).

Mas, em relação a categoria feminina eu acho que ainda precisa de, de, de mais apoio em relação aos, aos donos de parque. É, mesmo que a gente pague a senha, mas quando a gente pagar, a gente ter, tipo, autonomia de dizer, vai marcar pra sábado, vai ser sábado. É, vai ser essa premiação, a

gente pagou vai ser essa premiação. Não desmotivar a gente. Porque muitas vezes marca uma vaquejada e quando chega lá comparece as meninas, aí muda de horário, muda de, de, de, de dia, é, pagar um valor, quando chega na hora não é aquilo. E também as mulheres se unir mais. Quando tiver, a gente tem que mostrar pra eles que a gente tá com interesse e ir comparecer. Porque tem muitas vaquejadas também que se comparece uma ou duas. E aí eu acho que eles acham que aquilo é falta de interesse e tal. E aí eles não, é, não apostam muito as fichas na categoria. (LUZ, 2019, p. 218-219)

Houve o caso da vaquejada de Serrinha que ofereceu um prêmio no valor de R\$ 9.000,00/R\$ 10.000,00 para a categoria feminina com senha gratuita. Muitas mulheres de outros estados do Nordeste vieram competir, mas por problemas justamente no que diz respeito ao cumprimento do horário de apresentação da categoria, aconteceram muitas reclamações. Atualmente, Serrinha não abre mais inscrição (senha) para a referida categoria. Agora as mulheres que querem correr, o fazem em meio aos homens na categoria aspirante (ARGOLO, 2019; RIBEIRO, T., 2019).

Algo que Tatiane Ribeiro considera um retrocesso, embora acredite que as mulheres precisam se acostumar a pagar senha, visto que a briga por esse espaço, em algum dado momento, vai exigir essa compreensão por parte das vaqueiras:

Mas se a gente continuar nessa labuta que tá, eu vejo a hora de que nem isso mais vai acontecer. A gente vai ter que pagar como eles. Se a gente quer correr como eles, a gente vai ter que pagar o que eles pagam. Sabe? Então, vai ter que se adaptar a isso também. (RIBEIRO, T., 2019, p. 162)

Para Karla Sampaio, em outras palavras, tudo é uma questão de saber se portar ao realizar as reivindicações. O caso de Serrinha foi motivo de muita briga desnecessária. Uma vaquejada com uma média de 1.800 senhas tem dificuldade de organizar os horários. Algo que deveria ser relevado, visto que a senha era gratuita e um valor alto em prêmios para a categoria feminina. Então se as pessoas estão galgando um espaço como esse, precisam saber esperar para correr e saber como reclamar quando algo não agrada. Até porque, quem paga espera sua vez na competição, então quem não paga também deveria esperar. Infelizmente, quem tem obrigações como ela na segunda-feira, não vai para a vaquejada, ou se for, volta sem correr, caso o atraso extrapole o horário dos compromissos (SAMPAIO, 2019, p. 192-193).

A nosso ver, pagar uma senha ao invés de mantê-la gratuita só agravaria mais a situação difícil que é para as mulheres se manterem na prática. Também não reclamar quando algo acordado não se cumpre, porque a senha é gratuita e o prêmio é alto, não contribui para o

avanço da causa. Embora fazer as reclamações com cautela nos parece mais prudente de fato. Temos que levar em consideração que Serrinha há muitos anos organiza essa vaquejada. Portanto, deveria está preparada para lidar melhor com os imprevistos. Retirar a categoria feminina da competição por ter um número relativo de queixas, se constitui em uma medida extremamente radical. Ambas as partes precisam abrir o diálogo para se reverter a situação.

Nesse sentido, no intuito de tentar fortalecer a categoria no estado e minimizar muitas das problemáticas que se colocam enquanto obstáculos da participação de mulheres nas vaquejadas, inicialmente, no ano de 2015, se formou a Associação de Vaqueiras da Bahia (AVAB) sob a presidência de Alana Nunes e vice-presidência de Tatiane Ribeiro (RIBEIRO, T., 2019, p. 152).

**Figura 26** – Representação da categoria feminina pela Associação de Vaqueiras da Bahia



Fonte: Facebook do Grupo de Vaqueiras da Bahia (VBA), 2015.

Iniciou-se aí a busca pelas mulheres no estado para fazer parte da Associação. A categoria ou tropa feminina precisava que em cada dupla, obrigatoriamente, a puxadora fosse mulher. Essa obrigatoriedade não se entendia para a função de esteira, oportunizando assim os homens a fazerem parte das duplas. Como apoio, a Associação Baiana de Vaquejada (ABV) sob a presidência de Dr. Valmir Veloso, incorpora a AVAB. Obviamente que a AVAB se constituía independente, a qual a ABV não possuía responsabilidade. Porém, as duas associações realizavam as corridas juntas, e o gado, pista e troféu a ABV providenciava. Os prêmios ficavam na responsabilidade da AVAB, a partir do pagamento das senhas (RIBEIRO, T., 2019, p. 152). Segundo Alana Nunes (2019, p. 199), o regulamento que regia as competições era o mesmo seguido pela ABV.

Segundo Tatiane Ribeiro,

Conseguimos levar o ano 2015 inteiro, junto com a ABV, né? Inclusive participamos da final, tudo foi muito bonito, muito lindo. Na final a gente

conseguiu reunir em torno de umas dez meninas correndo boi! [...] Então, teve um grande, pra um local que não tinha a categoria feminina junta, antes era só menina correndo no meio dos homens, pra a gente foi uma grande vitória! Foi aí que realmente começou, aqui na Bahia, ter só a categoria de mulher competindo com mulher, né? Foi aí que iniciou aqui. (RIBEIRO, T., 2019, p. 152)

Seguindo o perfil das outras associações da região Nordeste como a Associação de Vaqueiras do Rio Grande do Norte (AVARN), Associação de Vaqueiras de Sergipe (AVASE) e as associações de Pernambuco e Ceará, a AVAB seguiu com o circuito no ano de 2015, que teve a primeira etapa em Conceição do Coité. Para o êxito do circuito a AVAB teve também a ajuda da vice-presidente da AVARN que contribuiu com orientações relativas ao andamento de associações de mulheres vaqueiras (RIBEIRO, T., 2019; NUNES, 2019).

No ano de 2016, a AVAB não conseguiu se manter, visto que as vaqueiras se dispersaram, a vice-presidente precisou se afastar, tendo em vista a lesão sofrida pelo seu cavalo, a presidente também por questões de saúde na família, além da existência de divergências entre as integrantes (RIBEIRO, T., 2019; NUNES, 2019). Perdeu também o apoio da ABV, diante da dificuldade de organização interna e perante a um índice de reclamações oriundas de seus associados, alegando o atraso em seus eventos por conta da existência da tropa feminina, que possuía vaqueiras que não tinham tanta experiência e ficavam dando retorno de boi várias vezes, não estavam prontas na hora da chamada da senha e etc. A ABV só voltaria dá o suporte depois que a categoria se organizasse, de maneira a não comprometer as atividades dos eventos da associação (RIBEIRO, T., 2019, p. 153).

As perguntas que ficam diante disso: por que não colaborar com esse processo de organização da AVAB já que a ABV, por ter muito mais tempo de existência, teria experiência e condições necessárias para continuar oferecendo esse suporte? Seria de fato necessário retirar o apoio, sem ao menos um diálogo entre os associados e as frentes dirigentes das duas associações? E nesse interim colocarem-se sugestões que pudessem elencar soluções para os principais problemas que afligiam os dois grupos representativos das vaquejadas do estado? A resposta nos parece óbvia, quando Tatiane Ribeiro diz que “[...] as mulheres cresceram, começaram a criar pulso, peito, né, possibilidades [...]” (RIBEIRO, T., 2019, p. 162) e isso se constituiu em motivo para excluir e segregar.

Contudo, no ano de 2019, uma nova tentativa de consolidar a categoria feminina nas vaquejadas da Bahia foi apresentada. Assim como os outros estados, foi criado um grupo que aqui na Bahia se chama Grupo de Vaqueiras da Bahia (VBA). Isso porque além da AVAB, a

AVARN e a AVASE também não se sustentaram. Os grupos, além de permitirem que vaqueiras, amantes e curiosas da vaquejada façam parte, não tem anuidade e bancam com o que conseguem arrecadar entre cobranças de senhas e patrocínios os seus circuitos internos (RIBEIRO, T., 2019, p. 154).

A VBA tem Tatiane Ribeiro como Presidente, Carol Macedo como vice-presidente e mais três outras integrantes compõem a comissão que cuida da parte de gestão e organização do grupo. São confeccionados camisas com a marca e outros acessórios, rifas, busca de patrocínios para assim, juntamente com as inscrições, garantir a montagem de circuitos próprios.

E é por isso que eu digo que a VBA hoje só vai dar certo se a gente tiver dinheiro. Se não tiver, não rola, não vai dar certo. Então por isso que a gente precisa arrecadar um fundo de garantia pra que esse dinheiro circule e ele vá circulando, ele vá circulando que a gente vá tendo esse dinheiro sempre. Sabe? Sem dinheiro é melhor nem ir. Não dá. (RIBEIRO, T., 2019, p. 162)

**Figura 27** – Grupo de Vaqueiras da Bahia



Fonte: Instagram da VBA (@vaqueirasdabahia), 2019.

Além disso, possui um perfil no instagram, uma página no facebook e um grupo de whatsapp. Esse grupo tem sido fundamental para as manter articuladas e bem informadas sobre os assuntos de relevância para o bom andamento das atividades propostas pela equipe de gestão (RIBEIRO, T., 2019, p. 163).

A VBA ainda depende muito da boa vontade de donos de parque e organizadores do evento para conseguir espaço, mas o ano de 2019, o primeiro circuito VBA foi realizado com sucesso em quatro etapas, com uma média de 8 a 12 duplas participando. Ainda é pouco, visto a quantidade de meninas que estão correndo pelo estado, mas diversos fatores dificultam essa participação. Têm jovens que ainda são menores de idade e não podem viajar sem a

companhia de um responsável. Há casos que o preconceito vem de casa, da parte de familiares, que não permitem a participação dessas jovens, bem como os elementos que aqui já foram apresentados anteriormente (RIBEIRO, T., 2019, p. 159).

Mas a VBA segue firme se constituindo resistência, (re) existência e persistência, lutando para abertura de espaços para que essas mulheres que veem na vaquejada um lócus de paixão, força, de encontro de amigos e família (BARAUNA, 2019, p. 210), concentração, resiliência e superação (SAMPAIO, 2019, p. 190) materialize-se também enquanto campo de realização e de uma existência plena e feliz com o que as satisfaz que é montar em seu cavalo, derrubar boi na faixa, sentir a vibração da arquibancada, ganhar prêmios e troféus. Apesar de se padronizarem utilizando uma camisa que as representem no espaço da vaquejada, isso também se coloca, como diz Soares (2011), como mecanismo de distinção. É uma padronizar-se para despadronizar-se, promovendo, portanto, uma maior visibilidade no meio. Visibilidade para seus corpos revestido de anseios, lutas e desejos de dias melhores para as mulheres nas pistas de vaquejadas de todo o estado da Bahia.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho que nos fez chegar até aqui perpassou por uma gama de compreensões prévias para que, enfim, desenrolássemos a partir das trajetórias de mulheres vaqueiras e rainhas de vaquejada a constituição da participação dos corpos femininos nas vaquejadas da Bahia. Isso, levando em consideração, que desde o surgimento desta prática no século XVII enquanto trabalho, até os dias atuais, quando ganha vários campos de significação e ressignificação, dentre os quais, prevalecem às dimensões esportivas, de negócio e de lazer, vem a se consolidar enquanto território de domínio dos homens.

Todavia, percebemos que a vaquejada ao longo do tempo passou a se constituir, portanto, em lócus do protagonismo de mulheres destinadas a montar cavalos para perseguirem uma rês, derrubando-a na faixa em pistas de vaquejadas de todo o estado da Bahia, bem como de corpos que encontram no espectro da beleza, enquanto rainhas de vaquejada, possibilidades outras de encenar a sua existência.

Isso se permite a partir do momento que a prática se modifica, ganhando novos contornos, sentidos e significados, concedendo que novos personagens adentrem a este território, acontecendo múltiplos entrelaçamentos, seja na esfera do *status social*, da dimensão étnica ou de gênero.

A formação para o cumprimento desses papéis se estabelecem no campo dos saberes da experiência, imbuídos do acontecimental, bem como de uma produção criativa e coletiva permeados pela espontaneidade, mas que chega em algum dado momento das trajetórias a ter no planejamento um campo de racionalização do saber para se constituir vaqueiras e/ou rainhas de vaquejada.

No primeiro caso, das mulheres vaqueiras, a composição de corpo-cavalo, corpo-boi e corpo-gente, remontam tempos-momentos outros, distantes da concretude dos fatos passados, os reelaborando de maneira a materializar uma composição híbrida, mas ao mesmo tempo genuína.

Híbrida, porque a vaquejada se constitui fruto de diversos encontros e trocas culturais, do mesmo modo que incorpora as modernidades todas, os globalismos todos para dentro de si. Genuína, não no sentido essencialista, mas levando em consideração que apesar de uma multiplicidade desses encontros, têm também enquanto referência o lugar que se perfaz através da trama social, produzindo saberes, experiências, significados, simbolismos, ideários

e imaginários. Ou seja, o território somado aos encontros e as relações que constituem um produto cultural genuinamente nosso. Sendo assim, homens e mulheres fazem parte desta composição.

No segundo caso, das rainhas de vaquejada ou festa de vaqueiros, o culto a uma beleza padronizada que permite a ascensão e libertação dos mitos envoltos no corpo de uma mulher, por meio das fissuras que provoca no tempo-espaço da história, se coloca também em um efeito rebote e contraditório de privação de sentidos e potencialidades outras, que se encontram desejosas a emanar e expandir da profundidade da existência humana.

Esses papéis que se configuraram como principais – vaqueiras e rainhas – mas não os únicos, tiveram aparentemente marcos distintos no tempo histórico, mas seguem paralelamente, com raros entrelaçamentos até os dias atuais. Ao que tudo indica, as rainhas de vaquejada surgem a partir da década de 1960 e as vaqueiras desportistas, em sua maioria puxadoras, nos anos de 1980.

Desse modo, entre o permitido e o proibido, as mulheres buscam linhas de fuga não só para exercerem o que se encontra externo ao corpo, mas o que de fato é corpo. Vestem-se e revestem-se do que são para se constituírem existência plena no/para/pelo e com o mundo. Mas esse vestir e revestir são compostos de movimentos paradoxais, dos quais a educação dos corpos para um propósito de conter e disciplinar ainda se faz efetivo, desde tenra idade, inculcando incessantemente uma submissão em todos os espaços-tempos de convivência e formação. Mesmo com a busca por liberdade desses corpos, insistentemente, através de padrões e normatizações inventadas, forja-se um corpo feminino belo, gracioso, frágil, contido, submisso e dócil.

Assim sendo, em um território imbuído de um poderio masculino, dobram, se desdobram, constroem, destroem e se reconstroem corpo, para ser e fazer, além do instituído, disciplinado, domado, docilizado e programado. Com isso, compõe uma singularidade própria, mas que ao mesmo tempo configura uma dimensão coletiva de um *modus operandi* que as identifica, bem como localiza sua pertença numa ancestralidade que entrelaça força, coragem, bravura com estética e performance de um saber-fazer sertanejo que acaba por coadunar com as feições de homens e mulheres que se consolidam enquanto representação de uma baianidade sertaneja.

Portanto, nesse trilho de cinquenta e oito anos desvelados pelas páginas amareladas dos jornais da capital e do interior e de histórias que remetem as trajetórias de mulheres nas vaquejadas da Bahia, invisibilidades, silenciamentos, preconceitos, aprisionamentos,

contradições e mitos fizeram parte da cartilha que enclausurou e aprisionou corpos. Mas ao mesmo tempo ganhou outros contornos e encontrou apoios e possibilidades para se permitirem ser o que quiserem: vaqueiras, rainhas, veterinárias, artesãs, agenciadoras, empresárias, administradoras, mães, esposas e uma multiplicidade de outras possibilidades do existir, sem que isso seja um peso ou fardo a se carregar.

Porém, onde se chegou, revela a necessidade de mais insistência, persistência, resistência e (re) existência. A plenitude não foi alcançada, apesar de que muito já se conquistou. Só que ainda há dispositivos outros que estão a se confabular para a manutenção do domínio patriarcalista que desnuda o corpo ao ponto de fazê-lo invisível mesmo para quem queira ver, mesmo para quem queira ser visto.

Mesmo assim estratégias são organizadas, de modo que as mulheres se agrupam e se utilizam do mesmo mecanismo de padronização e normatização do opressor para ocasionar o efeito contrário de visibilizar o divergente, o que destoa, a distinção. Padroniza-se para despadronizar-se, esse é o dispositivo que o Grupo de Vaqueiras da Bahia (VBA), por exemplo, emprega para galgar o destaque e a visibilidade que precisam. Cada vez mais se agregam e movimentam-se em prol do que querem e precisam para se realizarem neste meio.

Revelar as histórias se cumpriu enquanto papel principal deste trabalho que passou panoramicamente pelo que constitui a vida de mulheres que se enveredaram pelo território-vaquejada de nosso estado entre os anos de 1960 a 2018. Ainda há muito que se desvelar, há muito que se contar, há muito que se mostrar. As arestas se encontram para serem aparadas se constituindo em meio de mostrar plenamente esses corpos invisíveis, ainda sem vez e sem voz em nossa história.

## REFERÊNCIAS

- ADAILTON, F. Secretaria da Agricultura defende a manutenção das vaquejadas. **A Tarde**, Salvador, 26 out. 2016. Região Metropolitana Salvador, p. A6.
- ADELMAN, M. As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades 'diferentes'. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(3): 392, setembro-dezembro/2011.
- AINSWORTH, V. L. dos S. **Vera Lúcia dos Santos Ainsworth**: depoimento [maio 2019]. Entrevistadora: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti. Salvador: FAGED/UFBA, 2019. 1 arquivo sonoro. Entrevista concedida ao Projeto "As Marias de Gado": descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia da FAGED/UFBA.
- AIRES, F. J. F. **O "espetáculo do cabra-macho"**: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas no Rio Grande do Norte. 2008. 182 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- ALBERNAZ, L. Serrinha se prepara para a XXXI Vaquejada. **A Tarde**, Salvador, 19 agost. 1997. Caderno A Tarde Municípios, p. 7.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de. **Nordestino: invenção do "falo"** — uma história do gênero masculino (1920- 1940). 2ª Edição - São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALEM, J. M. **Caipira e country**: a nova ruralidade brasileira. 1996. 243 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- ALMEIDA, M. L. de. **O Club Sportivo Feminino e as formas de sociabilidade para as mulheres da elite em Aracaju (1919-1926)**. 2017. 142f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- ALVES, C. **Vaqueiros e Vaquejadas**. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1986.
- ARAÚJO, N. K. S. et al. Avaliação da Eficácia dos Anti-helmínticos Ricobendazole e Abamectina Gel Composto em Equinos de Vaquejada. **Acta Veterinaria Brasilica**, v. 2, n. 2, p. 47-49, 2008. Disponível em: <http://www2.ufersa.edu.br/portal/view/uploads/setores/98/publicados/resistencia%20equinos%20vaquejada.pdf>. Acessado em 30 de out. de 2012.
- ARGOLO, M. C. S. **Marcella Carvalho Silva Argolo**: depoimento [mar. 2019]. Entrevistadora: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti. Salvador: FAGED/UFBA, 2019. 3 arquivos sonoros. Entrevista concedida ao Projeto "As Marias de Gado": descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia da FAGED/UFBA.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE VAQUEJADA. **Regulamento**. João Pessoa: [s. n], 2016. Disponível em: <http://www.abvaq.com.br/regulamento>. Acessado em 05/10/2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALO QUARTO DE MILHA. **Requisitos mínimos necessários para a realização das competições de vaquejada oficializadas pela ABQM**. São Paulo: [s. n], [20--]. Disponível em: [abqm.com. br /.../abqm\\_esportes-edital\\_potro-vaquejada\\_regras-para-certificacao.pdf](http://abqm.com.br/.../abqm_esportes-edital_potro-vaquejada_regras-para-certificacao.pdf)

ATELIÊ de troféus de vaquejada de Sra. Rita Cordeiro. JPEG. Altura: 2.592 pixels. Largura: 3.872 pixels. 100 pixels/pol. 24 BITES cores RGB. 4,27Mb. Formato JPEG. Compactado.

BAHIA, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da (SEI). [201-?]. Governo do Estado da Bahia. Disponível em: [https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2599&Itemid=703](https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2599&Itemid=703). Acesso em: 25 abr. 2019.

BAHIA. Lei 13.454, de 10 de novembro de 2015. Regulamenta a Vaquejada como prática desportiva e cultural no Estado da Bahia, institui medidas de proteção e combate aos maus tratos com os animais durante o evento e dá outras providências. **Diário Oficial [do] Estado da Bahia**, Salvador, BA, 11 nov. 2015. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=306067>. Acesso em: 25 jun. 2018.

BAHIA. Lei 13.200, de 28 de novembro de 2014. Declara a Vaquejada como Patrimônio Cultural Imaterial do estado da Bahia. **Diário Oficial [do] Estado da Bahia**, Salvador, BA, 29 e 30 nov. 2014. Disponível em: <http://dovirtual.ba.gov.br/egba/reader2/>. Acesso em: 25 jun. 2018.

BAHIA, Secretaria de Cultura. Instituto do patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. **Ofício de Vaqueiro**, Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2013.

BARAUNA, K. P. **Kaliane Piana Baraúna**: depoimento [abr. 2019]. Entrevistadora: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti. Salvador: FAGED/UFBA, 2019. 1 arquivo sonoro. Entrevista concedida ao Projeto “As Marias de Gado”: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia da FAGED/UFBA.

BARBOSA, E. L. **Valeu boi!** O negócio da vaquejada. Teresina: EDUFPI, 2006.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: **História das mulheres no Brasil**. PRIORE, M. D ; BASSANEZI, C. (org.); 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

BEZERRA, J. F. **Retalhos do meu sertão**. Rio de Janeiro: Gráfica e Papelaria Leão do Mar, 1978.

BIBLIOTECAS: sistema estadual de bibliotecas pública da Bahia. **Apresentação**. [s. l.], [201-] – Governo do Estado da Bahia. Disponível em: <http://www.bibliotecas.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=21>.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11<sup>o</sup> ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOLÃO de Vaquejada. **A Tarde**, Salvador, 12 abr. 1996. Para o seu lazer, Caderno A Tarde Municípios, p. 8.

BRANDÃO, I. M. Crimes ambientais: uma visão sobre as práticas do rodeio e da vaquejada. **Interfaces Científicas** – Aracaju: Direito, v. 2, n. 2, p. 93-104, fev. 2014.

BRASIL. Lei 13.873, de 17 de setembro de 2019. Altera a Lei nº 13.364, de 29 de novembro de 2016, para incluir o laço, bem como as respectivas expressões artísticas e esportivas, como manifestação cultural nacional, elevar essas atividades à condição de bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro e dispor sobre as modalidades esportivas equestres tradicionais e sobre a proteção ao bem-estar animal. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 18 set. 2019. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2019/lei-13873-17-setembro-2019-789120-norma-pl.html>. Acesso em: 20 set. 2019.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 96, de 6 de junho de 2017. Acrescenta § 7º ao art. 225 da Constituição Federal para determinar que práticas desportivas que utilizem animais não são consideradas cruéis, nas condições que especifica. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 7 jun. 2017. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/2017/emendaconstitucional-96-6-junho-2017-785026-norma-pl.html>. Acesso em: 25 jun. 2018.

BRASIL. Lei 13.364, de 29 de novembro de 2016. Eleva o Rodeio, a Vaquejada, bem como as respectivas expressões artístico-culturais, à condição de manifestação cultural nacional e de patrimônio cultural imaterial. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 30 nov. 2016. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2016/lei-13364-29-novembro-2016-783953-publicacaooriginal-151457-pl.html>. Acesso em: 25 jun. 2018.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Ação Direta de Inconstitucionalidade 4.983 Ceará, 06 de outubro de 2016. Vaquejada – manifestação cultural – animais – crueldade manifesta – preservação da fauna e da flora – inconstitucionalidade. Disponível em: [http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/sob\\_o\\_numero\\_12768407](http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/sob_o_numero_12768407). Acesso em: 25 jun. 2018.

BRETON, D. L. **A sociologia do corpo** - 2. ed. Tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CASCUDO, L. da C. **Vaqueiros e Cantadores**. São Paulo: Global, 2005.

CASCUDO, L. da C. **A vaquejada nordestina e sua origem**. Natal: Fundação José Augusto, 1976.

CASCUDO, L. da C. **Tradições populares da pecuária nordestina**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1956.

CASTRO JÚNIOR, L. V. **Campos de visibilidade da capoeira baiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985)**. Brasília: Ministério do Esporte, 2010.

CASTRO JÚNIOR, L. V., SANTOS, F. C dos; CAVALCANTI, A. P. C; COSTA JUNIOR, C. A. da. A lavagem do Bonfim: olhares e clicks cruzados entre as imagens de Weldon Americano e as fotografias da pesquisa Lazer e Corpo. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF**, v. 5, n. 2, dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20997>. Acessado em: 10 de nov. de 2019.

CAVALCANTI A. P. C.; CASTRO JÚNIOR, L. V. **Boi na pista!** Sociabilidade, esporte e lazer na Princesa do Sertão. UEFS Editora: Feira de Santana, 2019.

CAVALCANTI, A. P. C. **Valeu o boi!** Cartografia e redes de sociabilidade das vaquejadas e bolões enquanto prática esportiva de lazer na Princesa do Sertão. 2014. 128 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

CAVALCANTI, A. P. C. e CASTRO JÚNIOR, L. V. Vaquejada: Esporte e Cultura. *In*: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 14, 2010, Feira de Santana. **Anais [...]**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010. [cd-rom]. Tema: Seminário de Iniciação Científica da UEFS: ciência e sustentabilidade.

CEARÁ. Lei n. 15.299, de 8 de janeiro de 2013. Regulamenta a vaquejada como prática desportiva e cultural no Estado do Ceará. **Diário Oficial [do] Estado do Ceará**, Fortaleza, CE, 15 jan. 2013. Disponível: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=250070>. Acesso em: 25 jun. 2018.

COELHO, L. M.; BAPTISTA, M. A História da Inserção Política da Mulher no Brasil: uma Trajetória do Espaço Privado ao Público. **Psicologia Política**. v. 9. nº 17 . pp. 85-99. Jan. - Jun. 2009.

“COLISEU DO SERTÃO” abre a temporada de vaquejada. **A Tarde**, Salvador, 07 fev. 2001. Caderno 4, A Tarde Municípios, p. 1.

COSTA, J. R. N. A variante regionalista como recurso estético-estilístico de Catulo da Paixão Cearense. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA, 3, 2011, São Luís. **Anais eletrônicos [...]**. São Luís: Doutorado Interinstitucional – DINTER, 2011. Tema: Linguagem e identidades: múltiplos olhares. Disponível em: <http://www.linguagemidentidades.ufma.br/publicacoes/pdf/Artigo%20Jose%20Ribamar%20Neres%20Costa.pdf>. Acessado em: 15 de out. de 2014.

COSTA, L. P. da (org.). **Atlas do Esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>. Acessado em: 19 dez. 2019.

CRUZ, J. V. da. O uso metodológico da história oral: um caminho para a pesquisa histórica. **Fragmenta: revista científica**, v. V, p. 49-61, 2005.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DIAS, E. R.; LINS, J. G. G. Colisão de direitos fundamentais: manifestações culturais e o meio ambiente ecologicamente equilibrado. A inconstitucionalidade da lei regulamentadora da vaquejada no estado do Ceará. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS*, 2, 2013, Fortaleza. **Anais eletrônicos** [...]. Fortaleza: UNIFOR, 2013. Tema: A Matriz Constitucional e Cidadã dos Direitos Culturais. Disponível em: <http://www.direitosculturais.com.br/anais.php?id=3>. Acessado em: 15 de out. de 2014.

DOURADO, S. P. da C. O rural como fronteira do urbano: rodeios e vaquejadas nas interpretações do Brasil. **Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da Unioeste** - Campus de Foz Do Iguaçu: Ideação, v. 15, nº 2, p. 52-69, 2º semestre de 2013.

DUPLA DE VAQUEIROS (AS) NA VAQUEJADA. JPEG. 2018. Altura: 1.080 pixels. Largura: 1.080 pixels. 100pixels/pol. 24 BITS cores RGB. 96 dpi. Formato JPEG. Compactado. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/BrjNLabn-zOE8zfBvO2zU\\_uq-vCXmPuGoTiaYs0/?igshid=19wxeqjxzhczu](https://www.instagram.com/p/BrjNLabn-zOE8zfBvO2zU_uq-vCXmPuGoTiaYs0/?igshid=19wxeqjxzhczu). Acessado em 15 març. 2019.

ETAPA de Vaquejada no Argoim. **A Tarde**, Salvador, 30 març. 2001. Pra o seu lazer, caderno A Tarde Municípios, p. 4.

EXPOSIÇÃO de caprinos e ovinos. **A Tarde**, Salvador, 8 nov. 1997. Caderno A Tarde Local, p. 7.

FARIAS, C. M. de. **Sonhos, lutas e conquistas: projeção e emancipação social das mulheres brasileiras nos esportes, 1932-1979**. 2012. 246f. Tese (Doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

FELIX, F. K. L.; ALENCAR, F. A. G. de. O Vaqueiro e a Vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades. **Revista Geográfica de América Central**. Costa Rica: Egal, número especial, p. 1-13, 2011.

FESTA Country do Coliseu. **Diário da Feira**, Feira de Santana, 2 dez. 1998. Gente Acontece, Social, p. 5.

FONSECA, S. São Desidério. **A Tarde**, Salvador, 15 set. 1992. Notícias do Oeste, Caderno A Tarde Municípios, p. 4.

FRAGA, A. Acervo digital de A TARDE pode ser consultado no Arquivo e Biblioteca Pública. **A Tarde**, Salvador, 21 jan. 2010. [on line]. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1243729-acervo-digital-de-a-tarde-pode-ser-consultado-no-arquivo-e-biblioteca-publica> Acessado em: abril 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **A Tarde**. São Paulo: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), [1998?]. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tarde-a>. Acessado em 04/11/2018.

GADOTTI, M. Educação e ordem classista. *In*: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1979.

GALEFFI, D. A. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. *In*: MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa**: educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009.

GOELLNER, S.; BENDER, N. Os jogos intermunicipais do Rio Grande do Sul e as “rainhas da beleza” (1967-1971). *In*: MELO, V. A. ; PERES, F; DRUMOND, M; KARIS, C. (orgs.) **História(s) do Sport: uma estratégia de difusão científica**. 1ª edição. Rio de Janeiro:7 letras, 2015.

GOELLNER, V. S., BOTELHO-GOMES, P.; SILVA, P. Sobre os feminismos, o esporte e o potencial pedagógico dessa relação. **Labrys, études féministes/ estudos feministas** juillet/décembre 2012 - julho /dezembro 2012.

GOELLNER, V. S. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, mar. 2010.

GOELLNER, V. S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GOELLNER, V. S. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Recorde: Revista de História do Esporte**. volume 1, número 1, junho de 2008.

GOELLNER, V. S. A produção cultural do corpo *In*: LOURO, G.L. et al. **Corpo, Gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2003

GONÇALVES, E. L. **OPARA** – Formação Histórica e Social do Submédio São Francisco. Petrolina: Gráfica Franciscana, 1997.

GONÇALVES, C. A.; MELO, V. A. de. Lazer e urbanização no Brasil: notas de uma história recente (décadas de 1950/1970). **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 03, p. 249-271, julho/setembro de 2009.

GOULART, J. A. **Brasil do boi e do couro**. Rio de Janeiro: Ed. GRD, 1966.

GOULART, J. A. **Brasil do boi e do couro**. Rio de Janeiro: Ed. GRD, 1965.

GRANDE Vaquejada de Feira. **A Tarde**, Salvador, 17 Jan. 1997. A Tarde Municípios, Para o seu Lazer, p. 8

GRUPO DE VAQUEIRAS DA BAHIA. Foto 1. JPEG. 2019. Altura: 960 pixels. Largura: 981 pixels. 100 pixels/pol. 24 BITES cores RGB. 117 Kb. Formato JPEG. Compactado. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Bvjc2m\\_BNPr/?igshid=1q7sp8wpv0227](https://www.instagram.com/p/Bvjc2m_BNPr/?igshid=1q7sp8wpv0227). Acessado em 15 jan. 2020.

GRUPO DE VAQUEIRAS DA BAHIA. Foto 2. JPEG. 2019. Altura: 464 pixels. Largura: 496 pixels. 100 pixels/pol. 24 BITES cores RGB. 106 Kb. Formato JPEG. Compactado. Disponível em: <https://www.instagram.com/vaqueirasdabahia/>. Acessado em: 15 jan. 2020.

GRUPO DE VAQUEIRAS DA BAHIA. Foto 3. JPEG. 2019. Altura: 768 pixels. Largura: 768 pixels. 100 pixels/pol. 24 BITES cores RGB. 64,6 Kb. Formato JPEG. Compactado. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/BygOQEZh0\\_k/?igshid=1vzpei0pt9u8j](https://www.instagram.com/p/BygOQEZh0_k/?igshid=1vzpei0pt9u8j). Acessado em: 15 jan. 2020.

HOBSBAWN, E. J. Introdução: A invenção das Tradições. *In*: HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (org). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HOUBRE, G. Graciosa ou viril? a postura das amazonas no século XIX. **Revista Gênero**, EDUFF, 2007, 7 (2), pp.13-20.

JANOTTI, M. de L. M. Refletindo sobre História Oral: procedimentos e possibilidades. *In*: BOM MEIHY, José Carlos Sebe (org.). **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Cláudio e Julia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

JOUTARD, P. Desafios à História Oral do século XXI. *In*: FERREIRA, M. de M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz - Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

JOVENS de toda Bahia podem participar do concurso de rainha e peão. **Folha do Estado da Bahia**, Feira de Santana, 27 junh. 2015. Variedades, p. 9.

LAJEDINHO, A. do. **A Feira na década de 30**. Feira de Santana: [s.n.], 2004.

LAGEL, R. A. et al. Fatores de Risco para a Transmissão da Anemia Infecciosa Equina, Leptospirose, Tétano e raiva em Criatórios Equestres e Parques de Vaquejada no Município de Mossoró, RN. **Acta Veterinaria Brasília**, v. 1, n. 3, p. 84-88, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/acta/article/view/459>. Acessado em: 2 de out. de 2012.

LANG, A. B. da S. G. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. *In*: BOM MEIHY, José Carlos Sebe (org.). **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

LIMA, J. M. G. de. **Pelo que bate o coração de um vaqueiro?** uma análise das vivências corporais e estrutura dos sentimentos de praticantes de vaquejada do sertão pernambucano. 2018. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Campus Sede, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, 2018.

LIMA, R. de C. C. **Rita de Cassia Cordeiro Lima**: depoimento [mar. 2019]. Entrevistadora: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti. Salvador: FAGED/UFBA, 2019. 2 arquivos sonoros.

Entrevista concedida ao Projeto “As Marias de Gado”: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia da FAGED/UFBA.

LIVRES, Jornalistas. **Para quem não imagina que certos preconceitos sempre existiram.** [s. l.], 27 out. 2019. Facebook: jornalistaslivres. Disponível em: <https://www.facebook.com/jornalistaslivres/posts/%201409021355888404>. Acessado em: 01.12.2019.

LOPES, K. R. F. et al. Influência das Competições de Vaquejada Sobre os Parâmetros Indicadores de Estresse em Equinos. **Ciência Animal Brasileira**, v. 10, n. 2, p. 538-543, abr.-jun. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/vet/article/view/962/4842>. Acessado em: 2 de out. de 2012.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: Louro, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Edição. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

LUZ, C. C. M. **Caliani Catielle Miranda Luz:** depoimento [abr. 2019]. Entrevistadora: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti. Salvador: FAGED/UFBA, 2019. 1 arquivo sonoro. Entrevista concedida ao Projeto “As Marias de Gado”: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia da FAGED/UFBA.

MACEDO, R. S. **A pesquisa e o acontecimento:** compreender situações, experiências e saberes acontecimentais. Salvador: EDUFBA, 2016.

MACEDO, R. S. **Pesquisar a experiência:** compreender, mediar saberes experienciais. Curitiba, PR: CRV, 2015.

MACEDO, R. S. Outras luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa:** educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009.

MAIA, D. S. **Tempos lentos na cidade:** permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa-PB. 2000. 364 f. Tese (Doutorado em Geografia - Geografia Humana), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Biblioteca Depositária: CAPH-USP.

MARASCHIN, C.; ITAQUI, C. Os direitos dos animais e o judiciário: uma proposta de estudo. **Revista Estudos Legislativos**, n. 3, nov. 2009.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação.** Campinas, SP: Papirus, 2008.

MARIA Maria. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: Milton Nascimento / Fernando Brant. In: "Maria Maria". Intérprete: Milton Nascimento. Rio de Janeiro: Emi Music Ltda, 2002. 1 CD, faixa 1, (4 min).

MAURÍCIO, M. L. de A. **ABOIO, o canto que encanta:** uma experiência com a poesia popular cantada na escola. 2006. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. de D. **Introdução ao lazer**. 2ª ed. Ver. E atual. – Barueri, SP: Manole, 2012.

MENEZES, S. de S. M.; ALMEIDA, M. G. de. Vaquejada: a pega de boi na caatinga resiste no sertão sergipano. **Vivência**. n. 34, 2008, p. 181-193.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otavio; GOMES, Romeu e MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MIRANDA, M. do S. **Maria do Socorro Miranda**: depoimento [mar. 2019]. Entrevistadora: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti. Salvador: FACED/UFBA, 2019. 3 arquivos sonoros. Entrevista concedida ao Projeto “As Marias de Gado”: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia da FACED/UFBA.

MODELO vai representar Feira na escolha da Rainha da Vaquejada de Serrinha. **Folha do Estado da Bahia**, Feira de Santana, 2 agost. 2017. Variedades, p.11.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento** - Ano VII - Nº 13 – 2000.

MUSZKAT, S. Revisitando Adão e Eva. **Revista Cult – Revista Brasileira de Cultura**. São Paulo, v. 22, n. 242, fev. 2019.

NUNES, A. M. B. **A (re)pecuarização do semiárido nordestino**: reconversões produtivas entre agricultores familiares do Pajeú (PE). 2011. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.

NUNES, A. G. **Alana Gomes Nunes**: depoimento [abr. 2019]. Entrevistadora: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti. Salvador: FACED/UFBA, 2019. 1 arquivo sonoro. Entrevista concedida ao Projeto “As Marias de Gado”: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia da FACED/UFBA.

OLIVEIRA, A. N. de; CALVENTE, M. D.C. M. H. As múltiplas funções das festas no espaço geográfico. **Interações**. Campo Grande, v. 13, n. 1, p. 81-92, jan/jun, 2012.

O NORDESTE Bahiano acolhe festivamente o chefe da nação: inaugurado pelo sr. Getúlio Vargas o novo hotel da Estância de Cipó. **A Tarde**, Salvador, 25 junh. 1952, p. 2.

PAULA, F. L. de. 'Mostrei ao nosso país que os negros também são belos', diz primeira Miss Brasil negra. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 31 Out. 2019. F5 [on line]. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/de-faixa-a-coroa/2019/10/mostrei-ao-nosso-pais-que-os-negros-tambem-sao-belos-diz-primeira-miss-brasil-negra.shtml>. Acessado em 01.12.2019.

PAULA, S. G. de. O country no Brasil contemporâneo. **Hist. cienc. Saúde** - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, supl. p. 273-286, jul. 1998. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010459701998000400015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459701998000400015&lng=pt&nrm=iso).

PAULO Afonso quer atrair turistas com a vaquejada. **A Tarde**, Salvador, 28 abr. 2000. Caderno 2, A Tarde Municípios, p. 2.

PEGA DE BOI NO MATO. JPEG. 2016. Altura: 399 pixels. Largura: 600 pixels. 100 pixels/pol. 8 BIT cores RGB. 372Kb. Formato JPEG. Compactado. Disponível em: <https://www.vivaosertao.com.br/index.php/experiencias/item/73-pega-de-boi-na-fazenda-boa-esperanca>. Acesso em: 15 març. 2019.

PEREIRA, R. F. do N. **Da constitucionalização e legalização da vaquejada no brasil**. Do aspecto judicial ao político. 2017. 24f. TCC (Bacharel em Direito) – Centro Universitário Tabosa de Almeida, ACSES/UNITA, Caruaru, 2017.

PERROT, M. Os silêncios do corpo da mulher. In: **O corpo feminino em debate**. MATOS, M. I. S. de; SOIHET, Rachel (org.) - São Paulo: Editora UNESP 2003.

PIMENTEL, G. G. de A. Localismo e globalismo na esportivização do rodeio. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 91-104, set. 2006. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/40/47>.

PÚBLICO recorde na Festa do Vaqueiro. **A Tarde**, Salvador, 08 junh. 2000. Caderno A Tarde Municípios, p. 1.

POSICIONAMENTO atual dos(as) vaqueiros(as) para a saída do boi da sangra. Foto 1. JPEG. 2019. Altura: 736 pixels. Largura: 720 pixels. 100 pixels/pol. 24 BITES. Cores RGB. 0,5 Mp. Formato JPEG. Compactado. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B4gQEtiHV5/?igshid=17ha8q5e6poiv>. Acessado em: 20 dez. 2019.

POSICIONAMENTO atual dos(as) vaqueiros(as) para a saída do boi da sangra. Foto 2. JPEG. 2019. Altura: 736 pixels. Largura: 720 pixels. 100 pixels/pol. 24 BITES. Cores RGB. 0,5 Mp. Formato JPEG. Compactado. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B4gRKXHBBygf/?igshid=5ewgw6zjev0i> Acessado em: 20 dez. 2019.

QUEIROZ, W. Representações simbólicas. In: BAHIA, Secretaria de Cultura. Instituto do patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. **Ofício de Vaqueiro**, Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2013.

QUEIROZ, W. Cotidiano e o ofício de vaqueiro. In: BAHIA, Secretaria de Cultura. Instituto do patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. **Ofício de Vaqueiro**, Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2013.

QUEIROZ, W. Parecer do Conselho Estadual de Cultura. In: BAHIA, Secretaria de Cultura. Instituto do patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. **Ofício de Vaqueiro**, Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2013.

RAINHAS em trajes de couro! **Tribuna Popular**, Feira de Santana, 02 nov. 1967, p. 1.

RAINHA DA FESTA DE VAQUEIROS DE TANQUINHO. JPEG. 1967. Altura: 2.336 pixels. Largura: 4.160 pixels. 100 pixels/pol. 24 BITS preto e branco. 3,37MB. Formato JPEG. Compactado.

RAMOS, C. B. de O. Ideal de comportamento feminino em Feira de Santana, 1900-1950. **Folha do estado da Bahia**, Feira de Santana, 08 e 09 marc. 2015. Caderno variedades. p. 14.

REPRESENTAÇÃO da categoria feminina pela Associação de vaqueiras da Bahia. Foto 1. JPEG. 2015. Altura: 403 pixels. Largura: 720 pixels. 100 pixels/pol. 24 BITES cores RGB. 30,9 Kb. Formato JPEG. Compactado. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=229609800714919&set=piaarp.100009977018780&type=3&theater>. Acessado em: 15 jan. 2020.

REPRESENTAÇÃO da categoria feminina pela Associação de vaqueiras da Bahia. Foto 2. JPEG. 2015. Altura: 638 pixels. Largura: 960 pixels. 100 pixels/pol. 24 BITES cores RGB. 128 Kb. Formato JPEG. Compactado. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=649436815398880&set=piaarp.100009977018780&type=3&theater>. Acessado em: 15 jan. 2020.

RIBEIRO, R. de O. **Rosangela de Oliveira Ribeiro**: depoimento [abr. 2019]. Entrevistadora: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti. Salvador: FACED/UFBA, 2019. 1 arquivo sonoro. Entrevista concedida ao Projeto “As Marias de Gado”: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia da FACED/UFBA.

RIBEIRO, T. da C. **Tatiane da Conceição Ribeiro**: depoimento [mar. 2019]. Entrevistadora: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti. Salvador: FACED/UFBA, 2019. 3 arquivos sonoros. Entrevista concedida ao Projeto “As Marias de Gado”: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia da FACED/UFBA.

ROCHE, D. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII), tradução Assef Kfoury. São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2007.

SAMPAIO, K. M. C. **Karla Maria Coelho Sampaio**: depoimento [abr. 2019]. Entrevistadora: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti. Salvador: FACED/UFBA, 2019. 2 arquivos sonoros. Entrevista concedida ao Projeto “As Marias de Gado”: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia da FACED/UFBA.

SANT’ANNA, D. B. de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, A. B. L. **Valeu o boi !** Uma análise de gênero na vaquejada. 2017. 65f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina, Petrolina-PE, 2017.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, R. O. dos. **Fundamentos da pesquisa histórica**. Curitiba: InterSaberes, 2016.

SCOTT J. História das Mulheres. In: BURKE P. (org.). **A Escrita a história**: novas perspectivas; tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SEM MEDO de ser mulher. Produção: Luis Telles. Bahia/Sergipe: Cáritas Brasileira regional Nordeste 3, 2018. 1 vídeo (25:48 min), digital, son, color. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=XjJRA\\_mEjOI](https://www.youtube.com/watch?v=XjJRA_mEjOI) Acessado em: 07 de janeiro de 2019.

SERRINHA volta com sua tradicional vaquejada. **A Tarde**, Salvador, 08 set. 1994. Caderno A Tarde Rural, p. 14.

SERRINHA revive tradição com a 15ª Vaquejada. **A Tarde**, Salvador, 10 set. 1982, p. 5.

SILVA, G. K. N. da. **O espaço do consumo e o consumo do espaço no município de Macaíba-RN a partir das festas de vaquejada (1980-2012)**. 2013. 173 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

SILVA, J. da; BERNARDINO, M. C. R. A democracia racial em desfile: concursos de beleza na década de sessenta. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 12, nov. 2013 – fev. 2014, p. 203-221.

SILVA, T. de C. A prática da Vaquejada à luz da Constituição Federal. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XII, n. 63, abr 2009. Disponível em: <[http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=5922](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5922)>. Acesso em: 10 de julho de 2010.

SOARES, C. L. **As roupas nas práticas corporais e esportivas**: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SOUSA, G. G. Q. de; BROLLO, C. J.; ABREU, K. F. de. Prevalência de Lesões Ortopédicas em Atletas de Vaquejada. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 207-217, jan./mar., 2011.

TANQUINHO viveu um grande dia com a festa de vaqueiros. **Tribuna Popular**, Feira de Santana, 02 nov. 1967, p. 8

TATUAGEM FEITA POR KALIANE BARAUNA. JPEG. 2019. Altura: 2.336 pixels. Largura: 4.160 pixels. 100pixels/pol. 24 BITES cores RGB. 3,25Mb. Formato JPEG. Compactado.

THOMSON, A. A “maneira certa” de fazer história oral? In: FERREIRA, M. de M.; FERNANDES, T. M. e ALBERTI, V. (Orgs.). **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. **Casa do Sertão**. [s. l.], [201-] – Governo do Estado da Bahia. Disponível: <http://www.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=119>

VAQUEIRA SOCORRO MIRANDA. JPEG. 1989. Altura: 2.336 pixels. Largura: 4.160 pixels. 100pixels/pol. 24 BITES cores RGB. 2,29Mb. Formato JPEG. Compactado.

VAQUEIRAMA, Revista. [s.l.], 2010 – Pra quem ama vaquejada. Disponível em: <https://revistavaqueirama.com.br/>. Acesso em: 25 abr. 2019.

VAQUEJADA, Conexão. [s. l.], 2002. Disponível em: <https://conexaovaquejada.com.br/>. Acesso em: 25 abr. 2019.

VAQUEJADA, Portal. [s. l.], [2004?]. Nacional. Disponível em: <http://www.portalvaquejada.com.br/>. Acesso em: 25 abr. 2019.

VAQUEJADA de Serrinha confirma atrações. **A Tarde**, Salvador, 7 agost. 2006. Curtas, Caderno 2, p. 2.

VAQUEJADA agita Serrinha. **A Tarde**, Salvador, 3 nov. 2002. Caderno de Esporte, p. 4.

VAQUEJADA em Serrinha. **A Tarde**, Salvador, 24 març. 2001. Pra o seu lazer, caderno A Tarde Municípios, p. 4.

VAQUEJADA de Serrinha vai começar no dia 3. **A Tarde**, Salvador, 25 agost. 1998. Caderno A Tarde Municípios, p. 7.

VAQUEJADA de Serrinha entra no I Circuito Bahia-Sergipe. **A Tarde**, Salvador, 15 agost. 1997. Caderno A Tarde Municípios, p. 6.

VAQUEJADA está oferecendo prêmios de mais de R\$ 20 mil. **A Tarde**, Salvador, 10 jan. 1997. Para o seu lazer, Caderno A Tarde Municípios, p. 8.

VAQUEJADA. **A Tarde**, Salvador, 10 jan. 1996. Caderno A Tarde Esportes, p. 19.

VAQUEJADA de Santaluz encerra domingo. **A Tarde**, Salvador, 28. Abr. 1996. Municípios, caderno 2, p. 7.

VAQUEJADA em Dias D' Ávila dará R\$ 15 mil e um carro. **A Tarde**, Salvador, 04 nov. 1995. A Tarde Municípios, Caderno 2, p. 7.

VAQUEJADA. **A Tarde**, Salvador, 08 jan. 1993. Amadorismo, Caderno A Tarde Esportes, p. 15.

VAQUEJADA está oferecendo prêmios de mais de R\$ 20 mil. **A Tarde**, Salvador, 10 Jan. 1997. A Tarde Municípios, Para o seu Lazer, p. 8

VAQUEJADA em São Sebastião. **A Tarde**, Salvador, 12 fev. 1993. Caderno A Tarde Municípios, p. 01.

VAQUEJADA em São Sebastião. **A Tarde**, Salvador, 12 jan. 1996. Caderno A Tarde Municípios, p. 01.

VASCONCELOS, C. P. **Ser-Tão baiano**: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana, Salvador: EDUFBA, 2012.

VERA LÚCIA: rainha da Festa de Vaqueiros de Tanquinho de 1967. Foto 1. JPEG. 1967. Altura: 4160 pixels. Largura 2.336 pixels. 100 pixels/pol. 24 BITES. P&B. 2,78Mb. Formato JPEG. Compactado.

VERA LÚCIA: rainha da Festa de Vaqueiros de Tanquinho de 1967. Foto 2. JPEG. 1967. Altura: 4160 pixels. Largura 2.336 pixels. 100 pixels/pol. 24 BITES. P&B. 2,38Mb. Formato JPEG. Compactado.

VERA LÚCIA: rainha da Festa de Vaqueiros de Tanquinho de 1967. Foto 3. JPEG. 1967. Altura: 4160 pixels. Largura 2.336 pixels. 100 pixels/pol. 24 BITES. P&B. 2,28Mb. Formato JPEG. Compactado.

VÍDEO, Bís. [s. l.], [2007?]. Apaixonados por vaquejada. Disponível em: <http://www.bisvideo.com.br/>. Acesso em: em: 25 abr. 2019.

VIEIRA JÚNIOR, R. De mãe para filha. In: ROMEIRO, A.; VIEIRA JÚNIOR, R. Valeeeeeu Boi! **A Tarde**, Salvador, 16 out. 2003. Esporte Clube, p. 6-7.

VIEIRA, N. S. Cultura de vaqueiro: o sertão e a música dos vaqueiros Nordestinos. In: ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2014, Salvador. **Anais eletrônicos [...]** Salvador: Faculdade de Comunicação- UFBA, 2007. Disponível em: [http://www.cult.ufba.br/biblioteca\\_enecult\\_2007.html](http://www.cult.ufba.br/biblioteca_enecult_2007.html). Acessado em: 22 de set. de 2014.

VIGARELLO, G. **História da beleza**. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro : Ediouro, 2006

VIGARELLO, G. **História da Beleza**. Lisboa, Portugal: Editorial Teorema, Lda, 2004.

XAVIER, M. . de S. **História e memória**: experiências de migrantes paraibanos em Serra Do Ramalho, Ba (1970-1989). 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em História Regional) - Departamento de Ciências Humanas – Campus V. Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2011.

XXXI VAQUEJADA vai ter shows e muitas atrações. **A Tarde**, Salvador, 28. Agost. 1999. Caderno A Tarde Municípios, p. 11.

WEBER, C. **Rainha da moda**: como Maria Antonieta se vestiu para a Revolução. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

WILLIAMS, R. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WITTIG, M. **Ninguém nasce mulher**. Zine: Hurrah, um grupelho eco-anarquista e Coletivo Bonnot, Departamento de Terrorismo Performático de Gênero, p.1-20, 2012. Disponível em: <http://casadadiferencams.blogspot.com.br/2012/05/nao-se-nasce-mulher-texto-de-monique.html> . Acesso em: 15 out. 2018.

WOLF, N. **O mito da beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
GRUPO CORPO**



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO<sup>72</sup>

Eu, Adriana Priscilla Costa Cavalcanti, acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação - Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA) realizo uma pesquisa intitulada **FATORES DE CONSTRUÇÃO DE FEMINILIDADES A PARTIR DA DÉCADA DE 1960: A PRESENÇA E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NAS VAQUEJADAS DA BAHIA**. Tal estudo é parte da produção de uma dissertação de mestrado com orientação do Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior e tem o objetivo de analisar a constituição da presença e participação das mulheres, bem como de perfis de feminilidades nas vaquejadas da Bahia. Para tanto, será necessário entrevistar mulheres que já praticaram ou praticam esta possibilidade esportiva aqui na Bahia, em tempos históricos diferentes, desempenhando papéis distintos, que remetam desde as primeiras inserções das mulheres nesta atividade até atualidade. Nesse sentido, gostaríamos de entrevistá-la e, portanto, convidá-la a fazer parte desta pesquisa. As perguntas que serão feitas durante a entrevista se referem ao tema em estudo, não são invasivas e não oferecem qualquer tipo de risco e exposição. É importante mencionar que caso aceite participar da pesquisa não terá gastos materiais e/ou financeiros como também a pesquisadora estará garantindo a disponibilização de todas as informações referentes à pesquisa, a qualquer momento, através de explicações compreensíveis e do esclarecimento de eventuais dúvidas, por meio dos contatos de telefone/whatsapp (75) 9 9878-1404 ou nos e-mails [adrianacosta@uefs.br](mailto:adrianacosta@uefs.br) ou [adriprisc@gmail.com](mailto:adriprisc@gmail.com). Quanto a privacidade dos dados pessoais fornecidos por vossa senhoria durante a entrevista, serão mantidos em sigilo, não havendo a identificação do nome da senhora, caso não haja expressa autorização. A participação deverá ser voluntária, podendo se retirar do estudo a qualquer momento, com exclusão das informações prestadas, sem que seja submetida a qualquer penalização.

Para efeito de melhor identificar vossa posição na pesquisa, pedimos resposta a estas questões:

- 1- É de vosso interesse e gosto conceder a entrevista? Sim ( ) Não ( )
- 2 -A senhora autoriza o uso das informações concedidas por vossa senhoria para a aplicação e análise dos dados, que serão utilizados apenas para os fins de investigação, sendo tratados apenas pela acadêmica e pelo orientador. Sim ( ) Não ( )
- 3 – A entrevista pode ser gravada (áudio e visual)? Sim ( ) Não ( )
- 4 – Vosso nome pode ser utilizado na pesquisa como informante, identificando no texto da dissertação, de artigos científicos e de apresentação em eventos e congressos científicos as respostas? Sim ( ) Não ( )
- 5 – Caso seja disponibilizado algum material ou imagem particular, a senhora autoriza o uso para fonte de estudo, reprodução e publicação em artigos científicos, apresentação em eventos e congressos científicos e para a produção da dissertação? Sim ( ) Não ( )
- 6- A senhora autoriza o uso do áudio, imagens, nome e os dados produzidos nesta entrevista para fonte de estudo, reprodução e publicação em artigos científicos, apresentação em eventos e congressos científicos e para a produção da dissertação? Sim ( ) Não ( )

Por fim, deverá assinar este termo de Consentimento em duas vias, ficando com uma cópia do mesmo e a outra sob a guarda da pesquisadora responsável.

Salvador,            de            de 2019.  
Orientador: Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior

\_\_\_\_\_  
Acadêmica: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

<sup>72</sup> Adaptado do projeto para doutoramento - A EDUCAÇÃO FÍSICA DA BAHIA: A História nas décadas de 50 a 70 do século XX do Prof. Me. Wilson de Lima Brito Filho, 2018.

**APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**GRUPO CORPO**

**PRIMEIRA PARTE DO ROTEIRO****Dados Pessoais**

- 1- Nome Completo-
- 2- Data de Nascimento
- 3- Profissão –
- 4- Estado Civil-
- 5- Escolaridade –
- 6- Quantidade de filhos –
- 7- Onde nasceu –
- 8- Onde mora –

**SEGUNDA PARTE DO ROTEIRO****Perguntas relacionadas à proposta da pesquisa em si.**

- 1- A senhora tem alguém na família que tem aproximação com a vaquejada?
- 2- Como foi sua entrada na vaquejada?
- 3- Como a senhora enxerga a vaquejada como prática na Bahia?
- 4- Como é a posição da mulher na vaquejada hoje?
- 5- Como a senhora enxerga a relação da mulher na vaquejada e na sociedade?
- 6- Como a senhora enxerga as rainhas da vaquejada?
- 7- Em relação às regras da vaquejada, as mulheres tem algum tipo de participação nas decisões dessas regras?
- 8- A senhora pratica a vaquejada profissionalmente? Por quê?
- 9- Quais projeções a senhora faz de futuro da mulher na vaquejada?
- 10- Que outras mulheres a senhora conhece que pratica a vaquejada?

OBS: Aqui se configura apenas como um roteiro. A medida que os sujeitos da pesquisa forem respondendo, novos questionamentos irão surgindo.

**APÊNDICE C – Ficha Técnica/Entrevista I**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
GRUPO CORPO**

**Ficha Técnica**

Depoimento de Marcella Carvalho Silva Argolo

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador(es): Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Levantamento de dados: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Pesquisa e elaboração do roteiro: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Coriolano Pereira da Rocha Junior

Técnico de gravação: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Cales Alves da Costa Junior

Local: Cardeal da Silva - BA

Data: 18.03.2019

Duração: 58:41min

Gravações: 03

Páginas: 08

Entrevista – Cardeal da Silva - BA, 18.03.2019

## **PRIMEIRA PARTE DO ROTEIRO**

### **Dados Pessoais**

1- Nome Completo

Marcella Carvalho Silva Argolo

2- Data de Nascimento

25/11/1985

3- Profissão –

Enfermeira

4- Estado Civil-

Casada

5- Escolaridade –

Concluindo a pós em Urgência e Emergência. Só falta só entregar o artigo pra finalizar.

6- Quantidade de filhos –

Um filho

7- Onde nasceu –

Eu sou de Serrinha

8- Onde mora –

Cardeal da Silva. Tem 10 anos. Que eu tenho 10 anos de casada.

## **SEGUNDA PARTE DO ROTEIRO**

### **Perguntas relacionadas a proposta da pesquisa em si.**

1 -A senhora tem alguém na família que tem aproximação com a vaquejada?

Não tenho ninguém. Meu pai é, é, foi jogador profissional. Jogou no Botafogo do Rio, jogou no Bahia, jogou no Vitória. E assim, meu pai não tem nenhuma relação. Minha mãe, pior. E esse, esse, esse gostar de cavalo é desde de pequena, né? E, e, e cada vez mais, eu ia tendo certeza que gostava. Mas assim tive problemas por, por ser um esporte, né, mais pra prática masculina. Que meu pai não queria. Então, já não tinha ninguém pra me dá esse apoio na família, né? E aí meu pai não queria, minha não queria. Mas o tempo passou e graças a Deus eu tô aí. Fazendo o que eu gosto!

2 -Como foi sua entrada na vaquejada?

E como você consegue ter aproximação com o cavalo e depois com a Vaquejada?

A relação com o cavalo era assim: os vizinhos que tinha cavalo de carroça, né? Ou qualquer cavalo que eu via na rua, me aproximava. Até das pessoas que tinha cavalo. E aí, com o decorrer do tempo, né, eu fiquei pesquisando sobre as provas de tambores que naquela época era mais comum pra as mulheres, né? E em Serrinha tinha um, um rapaz chamado Roberto Queiroz, que ele tinha uma escolinha de três tambores. Mas, depois começou a fazer de vaquejada. Aí eu fui perguntando a um, perguntando a outro, acabou que cheguei até Roberto.

E aí Roberto: não Marcella, vai iniciar uma turma pra escolinha de vaquejada. Aí era ...pagamento é mensal, né? E aí eu: não minha mãe eu preciso, eu preciso. Aí levei minha mãe até ele. E aí marcamos, ele foi lá em casa, mostrou os equipamentos de segurança, falou como era a prática, né? E aí, pronto! Aí foi que eu comecei a ir pra escolinha. Mas só foi um dia! Porque no primeiro dia foi, a gente foi a turma, né? Apre... ele mostrou como é que sela e tal, mas aí no outro dia o cavalo morreu de cólica. Que era o cavalo professor. O nome do cavalo era, era até Cobra. E aí morreu e acabou a escolinha. Pro azar meu, né? Pro azar meu!

É só um cavalo?

É. Era um cavalo que ele tinha. Um cavalinho manso que disponibilizava pra os alunos. E aí eu parei. Passou os dois anos. E eu conheci Ni onça que mora em Serrinha. E aí foi que Ni me aproximou da vaquejada de novo. Mas assim, meio que complicado ele me ajudar porque ele não tinha cavalos mansos. Então, quando você tá aprendendo, você exige montar num cavalinho manso. Pra você aprender. E os cavalos de Ni era cavalo de montar um profissional. Então assim, tinha dias que eu ia montar na fazenda, caminhar, mas de correr não. Aí fui pra Salvador, morar em Salvador, e aí foi onde deixei tudo. Casei. E depois que casei foi que eu comprei um cavalo e comecei de novo a montar.

E o marido da senhora corre vaquejada?

Meu marido corre também. Conheci ele na vaquejada de Serrinha. A gente se conheceu lá. Nessa vaquejada ele não correu. Eu também não. Tava afastada. A gente sai juntos pra vaquejada.

E ele é o esteira da senhora?

Assim, na maioria das vezes a gente coloca outro ou um profissional. Porque muitas vezes Maurício acaba me passando um pouquinho de nervosismo.

Mas ele contribuiu de alguma maneira para a senhora se tornar uma vaqueira de vaquejada?  
Contribui muito. Porque Maurício ele trabalha final de semana, que ele trabalha com escala.

Mas ele te ensinou a derrubar boi?

Ajudou muito. Não é, Maurício não é muito de montar, de treinar. Maurício gosta de montar quando vai pra vaquejada. E eu logo quando comprei o cavalo, que eu comecei, eu tinha que tá montando pra poder aprender, né? Aí eu montava com um rapaz que tem ali, que ele tem um centro de treinamento e aí ele me dava as dicas.

Você chegou ser aluna desse centro de treinamento?

Não. Eu vou pra lá porque ele tem um centro de treinamento aí eu aproveitava e treinava. Ele me dava as dicas. Oh Marcella, faça assim, faça assim.. [...] Mas Maurício também me orientou muito, contribuiu muito. Ainda contribuí. Hoje aí contribui mais ainda. [...] Assim, muitas vezes Maurício não tinha tempo, de sair, de montar. Mas a curiosidade e o gostar você acaba aprendendo. Muitas vezes, até só! Então assim, ele também contribuiu. Ele tem, ele treina cavalos e aí digamos que, todas as tardes ele monta, né? Com os cavalos, pra poder ensinar os cavalos. [...] Faz cavalo de vaquejada. [...] Aí eu ia e colava lá, né? E aí posso montar? Bora Marcella!

Então a senhora é derrubadora, puxadora?

É. Eu corro puxando.

Quando tudo isso começou, você tinha quantos anos?

Eu tinha 11 anos. De ir pra escolinha. [...] Da escolinha da vaquejada. [...] Eu já gostava de cavalo, e já gostava de assistir esportes voltada pro cavalo. Mas como na época não tinha, né? Aí foi que quando eu vi essa escolinha, o pessoal falando que tinha essa escolinha de Roberto lá em Serrinha e aí foi quando eu fui a primeira vez e aí tudo assim muito lento, né? Com 11 anos, aí com 14 anos passei procurar Ni e aí...Foi por etapas assim, uma coisa bem...[...] Eu fui pra Salvador eu tinha 18 anos. Eu fui fazer, fiz o curso de patologia lá e aí fiquei totalmente distante, né? De vaquejada. Que eu já não, não participava muito. Não tinha aquele, aquela facilidade justamente por não ter ninguém pra me apoiar, né? Meu pai não gostava, porque era um, um esporte que só tinha homens, né? Então assim, meu pai não permitia. Mas, não teve...jeito!

Mas a senhora só participa mais intensamente da prática depois que casa?

Depois que eu casei que eu vim morar aqui em Cardeal. Em 2009 eu comprei um cavalo, 2009 eu comprei um cavalo e aí fui saindo devagarzinho. Aí fui pra vaquejada de Serrinha. Nessa época a gente não tinha tropa feminina. A gente corria mesmo no meio de homens que é muito mais difícil, né?

Mas foi a senhora que decidiu comprar o cavalo?

Foi! Junto com Maurício pelo apoio de Maurício. Que é do meu esposo.

Mas ele já tinha muito tempo na prática e que tinha cavalos?

Quando me conheceu ele vendeu o cavalo no outro dia (risos). Foi. A gente foi pra Serrinha quando começou a namorar mesmo, ele ... que eu vim conhecer os pais dele, teve uma vaquejada aqui e eu bati esteira pra ele nesse, nessa vaquejada. E aí eu gostei do cavalo dele, ele: oh Marcella, eu já vendi! Vendi o cavalo. [...] Quando eu casei que vim morar aqui, aí eu falei: não, agora eu compro o meu cavalo. [...] 2009, que eu casei em 2008, 2009 foi quando eu comprei. No finalzinho de 2009. [...] Aí pronto, aí depois, quando eu comprei já não, não parei mais. Compramos um sítio aqui pertinho, fizemos as baias, passei 3 anos com esse cavalo. Depois vendi. Aí montei em outro, outro cavalo. Passei uns 4 anos. Aí vendi e comprei minha égua que hoje a que eu tenho aí. Não deixei mais de criar depois desse tempo, né? 2009 pra cá.

3 -Como a senhora enxerga a vaquejada como prática na Bahia?

Como prática na Bahia? Hoje a Bahia é, é, todo final de semana, né, tem vaquejada na Bahia. Então assim, [...] é um, um campo, né, que oferece muito trabalho, muito emprego, uma fonte de renda muito grande pra as pessoas que vive da vaquejada, né? Tem os vaqueiros, tem os, os barraqueiros, né? Tem o pessoal, a equipe de curral. Então, eu vejo como um, um meio que fortaleceu muito, né? Pra renda, pra emprego. Que tavam querendo acabar, né, com a vaquejada. Mas graças a Deus não consegui. E se fosse realmente, e se conseguissem acabar, muita gente ia sofrer, né? Porque tem muita gente hoje que vive disso. Vive de vender um, um churrasco. Vive de acender as faixas. Vive do curral, vive da locução.

4 -Como é a posição da mulher na vaquejada hoje?

Não é fácil, né, pra gente que é mulher. Hoje aqui na Bahia são poucas tropas femininas que tem. Então, a maioria das vezes a gente tem que correr no meio dos homens que não é fácil! Né? Até porque tem um boi mais duro, pega um boi mais duro. Então exige mais força. Pra o homem já é mais fácil, pra gente já é mais difícil. Tá se expandindo, né? Sergipe você já vê mais tropas femininas, é, é, é. Em outros estados mais mulheres inseridas porque os donos de parque eles colocam a tropa feminina que só corre as mulheres, né? Mas aqui na Bahia ainda

vejo muito pouco investimento pra gente. Serrinha, ano passado não teve mais tropa feminina que teve em 2016, 2017. 2018 já não teve. E então assim, não fortalece pra as mulheres.

E em relação ao tempo que a senhora entrou e os dias de hoje como se dá essa participação das mulheres na vaquejada?

Na época que eu entrei a gente quase que não via mulheres. Tinha, tem Karla, Kelly Caliani. Eram contada as mulheres que corriam. Hoje graças a Deus toda a vaquejada que a gente vai, por mais que não tenha tropa feminina, mas sempre tem 2, 3, 4 mulheres correndo. Então assim, tem um mudança muito boa, né, pra gente. Que antigamente não tinha. A gente corria no meio de homem e malmente chegava uma mulher pra correr. Que eu acho também muito [...?] a mulher correndo. Não via. E hoje a gente já vê.

Como a senhora percebe a reação dos homens ao verem uma mulher correndo vaquejada?

Olhe! Antes, antes era assim, eu, eu ficava muito triste, porque quando a gente, quando eu ia correr, muitas vezes que ia correr, , eu ouvia muito na beira da cerca: é o quê que essa mulher tá fazendo montada? Essa mulher não vai consegui derrubar um boi. E aí, isso me deixava muito triste, né? Porque eles tinha realmente o preconceito grande com a mulher na vaquejada. E hoje graças a Deus é diferente. Hoje a gente vê o apoio dos homens. Chega, apoia. É. Não Marcella, você vai conseguir! É totalmente diferente. Que eu ouvia piadas, né, desfazendo literalmente que a mulher não ia consegui, que eu não ia consegui. O quê essa mulher tá fazendo montada? E essa mulher vai consegui derrubar um boi? E hoje não! Hoje é diferente! Hoje os homens tá ali aplaudindo, dando força, incentivando.

E de alguma maneira a senhora se sentiu mais exigida para alcançar essa condição na participação na vaquejada?

Senti, senti sim. Porque ele dizia assim: ele na época, né, antigamente, que não ia consegui. Então eu me esforçava pra consegui. Pra mostrar que eu consigo sim. Por que não? Então acabou que a gente, eu acabei me dedicando mais também pra mostrar. Não! Eu consigo sim! É o que eu gosto. É um desejo que eu tenho. Por que queeu não vou consegui? Por que eu sou mulher? Né?

A senhora já sentiu que isso modificou. Mas ainda tem alguém que se comporta com preconceito?

Tem. Não deixa de ter. Tem aqueles homens que tem a opinião deles, que acha que, né, que a mulher é pra tá, é, tomando conta de filho, é, é, é, inserida mais no lar. Mas, a maioria dos homens hoje apoia a mulher na vaquejada. Eu vejo até que eles acham bonito as mulheres correndo.

5 -Como a senhora enxerga a relação da mulher na vaquejada e na sociedade?

É, é, é. Eu enxergo da forma mais simples mesmo. Tipo, a gente pode fazer o quê a gente quer também, né? Tipo, eu hoje sou enfermeira, sou dona de casa, corro vaquejada. E é uma coisa que é simples pra mim. De ir pra uma vaquejada, de correr boi, de tomar conta de meu filho, de ficar dentro de casa. Você tá entendendo? Então assim, eu não vejo como dificuldade. Eu vejo como aquilo que a gente quer fazer, a gente conseguir fazer, né? Basta você querer, é é, , você gostar. Mas assim, não vejo como empecilho nenhum.

6 -Como a senhora enxerga as rainhas da vaquejada?

Ainda tem né? Que as rainhas eram aquelas, são aquelas meninas que desfilam pra poder sair montada nos desfiles de cavalo. E que Serrinha hoje faz uma festa grande pra poder selecionar

a rainha. Todo o ano em agosto ele faz uma festa só pra os desfiles pra poder selecionar aquela, né, mais elegante que se enquadre diante dos critérios deles pra ser a rainha. [...] Eu, eu vejo como algo bonito que insere a mulher, que a mulher, né, tem a beleza e que, na minha opinião tem que ter a presença da mulher. [...] Mas eu acho bonito, elegante, tem a presença da mulher, né, no meio dos cavalos. Inclusive, na, na época que eu morava em Serrinha me convidaram pra desfilar, pra participar da seleção. Só que como eu sempre fui muito tímida eu nunca quis. Mas assim, eu acho que é fundamental. [...] Mais um espaço!

7 -Em relação às regras da vaquejada, as mulheres tem algum tipo de participação nas decisões dessas regras?

Quando teve tudo isso, teve aquela, é, paralisação que fizeram lá em Brasília, né, que muitas que puderam ir, foram participar, né? Mas assim, é, é, eu acho que a mudança só trouxe o melhor pro esporte. Porque antigamente você via a, a, o pessoal maltratando os animais, né? É. O cavalo muito furado, é, batiam muito nos cavalos. O boi também sendo muito humilhado. Então hoje, eu gostei da mudança. Porque hoje você pode, chega pra correr seu boi, você olha o boi, você não tá rodando cavalo, você não tá esquentando cavalo dentro de pista, não tá batendo em cavalo, nem furando. Então assim, melhorou bastante! O boi não é mais judiado, né? Tem a proteção da cauda, que é, é muito difícil rancar a cauda do, do, do boi com o protetor, né? A gente que se machuca muito a mão por conta da, do protetor que ele é bem áspero. Mas já tem uma luvinha também que usa pra proteger. E assim, cada dia que passa eles estão aperfeiçoando cada vez mais, né, essa parte do bem estar animal mesmo. O cavalo ele não pode ser judiado, nem, o boi, ele não pode ser tocado durante a corrida, porque senão você é desclassificado. E se chegar lá na, na pista que você rodar um cavalo, você também é desclassificado. Então, acho que isso só, só veio pra somar.

Mas as mulheres participaram dessa decisão de mudança. Da elaboração dessas novas regras? Não! Eu não sei dizer dessa decisão. Eu sei que teve, né, esse encontro com o pessoal que, que corre vaquejada e que muitas foram. Mas que ela participou nas mudanças, não.

Então o aquecimento dos cavalos não é feito mais na pista?

Dentro da pista não. Você pode aquecer seu cavalo no retorno. Mas dentro da pista você tem que chegar, olhar o boi e pedir o boi. Você não pode mais tá rodando o cavalo dentro da pista e aquecendo como antigamente, né? Que era feito muito isso! Mas hoje não! Hoje, cada dia que passa as regras são bem mais aperfeiçoadas, né? Então, chegou lá, encosta, pedi o boi e vai correr seu boi.

Mas se chega escolher boi?

Não. A gente chega lá e olha o boi, né? No protetor, o final do protetor ele tem que tá com a cauda, né? Ele não pode só correr com a rabada do boi. Ele tem que tá com a cauda. Então, a gente pergunta onde que tá ali a cauda. Pronto! O protetor tá apertada...tá justo. Pronto! Pede o boi. Não demora não. É rapidinho! Pede o boi. Aí você corre o boi. O esteira pega a cauda. Ele não pode mais nem tocar no boi. Depois que ele passou a cauda, ele não pode, ele aliás, ele não pode tocar no corpo do boi. Tem que pegar na cauda.

8 - A senhora pratica a vaquejada profissionalmente? Por quê?

Não! Nossa categoria feminina ela não tem profissional e amador não. Ela é uma categoria só. Categoria feminina. Ela não tem essa divisão, né? Que nem hoje os homens. Tem o aspirante, o amador e o profissional. Na categoria feminina é só a categoria feminina.

Mas a senhora não vive disso?

Não. Eu não vivo disso. Eu tenho como esporte que eu gosto muito, muito, né? Não é um esporte fácil, é esporte difícil. E são detalhes, que tem dias que a gente sai de casa e volta feliz como tem dias que a gente sai de casa e volta triste porque tem a sensação de que não, não sabe fazer nada. Mas eu não vivo do meu esporte.

A senhora tem algum momento de treinamento? Ou o treino é na hora mesmo da vaquejada ou do bolão de vaquejada?

Assim, aqui em Cardeal da Silva, né, nossa região aqui, é pouca. É pouco os bolões de vaquejada. Feira de Santana, Serrinha, aquela região ali, todo final de semana tem um bolãozinho. Aqui hoje não! Porque muitas fazendas foram vendidas pra plantação de eucalipto, então, é, não tem muito boi, né? Então assim, eu saio muito pouco, muito pouco pra vaquejada. Não tô todo final de semana. [...] Digamos que uma vez no mês. Tem mês que eu não vou. Esse mês agora eu não fui. Tô pensando ir agora em abril. [...] Meu treino na maioria das vezes é na vaquejada. Aqui eu não puxo boi em casa. Eu só puxo boi em vaquejada. Por que? Porque a gente tem pouco boi. Eu mesmo hoje não tenho boi. Então os colegas que tem, eles não, eles, o boi já é duro. Então, quando você vai puxar, o boi já não cai. E acaba que a gente puxa pouco em casa, né? É muito difícil eu treinar derrubando.

9 -Quais projeções a senhora faz de futuro da mulher na vaquejada?

Ave Maria! Diante do que a gente tá vendo, né? Como hoje, a maioria das vaquejadas em outros estados, todas tem feminino. Espero que aqui na Bahia também passe a promover mais em vaquejadas, pensar mais na categoria. Porque hoje, ainda é muito pouco o incentivo aqui na Bahia.

A senhora acha que esse pouco incentivo se deve a qual motivo?

Assim, dono de parque não quer dá muita vez a mulher. Hoje a gente já paga mais. Porque antigamente, logo quando saiu a tropa feminina, que começaram colocar na vaquejada, eles colocavam as tropas grátis. Então, a gente sempre ficava. A gente chega na vaquejada na sexta e ia correr no domingo já 8 horas da noite. Sendo que, como a gente não vive disso, então fica muito mais difícil. Porque domingo já é um dia que a gente já deve tá retornando, que na segunda já trabalha. Então assim, poucas ainda oferece e as que tão oferecendo, a gente sugere que eles ofereçam que a gente pague. Porque a gente pagando, a gente pode cobrar um horário. Que hoje, infelizmente, não sei, mas eu acredito que pela categoria, que é muito bonito você vê uma tropa feminina, mas os donos de parque hoje eles não tem uma preocupação de dizer: não, vou botar a tropa feminina. Porque ainda assim, aqui na Bahia é muito poucas as mulheres que correm. Então eu acho que no financeiro, eu acho que não vale a pena pra eles.

O que seria a tropa feminina?

A tropa feminina, é, é assim: a gente, eles, eles colocam, oh, no cartaz, vai ter tropa feminina. Aí o quê que acontece, a gente, digamos a tropa vai ser sábado 8 horas da noite. Aí as mulheres se juntam, todas elas, e vai correr. [...] Só pra mulheres. E agora eles já estão colocando diferente, pra as mulheres bater senha. Tipo, dois boi, você bate a senha e aí, digamos, num domingo de manhã a primeira disputa, as mulheres. Pronto! Vamos botar logo as mulheres pra disputar. Agora só aquelas que foram, que bateram a senha. Que foram classificadas, né? Já a tropa não! A tropa você pode ser bonificada como não. Um boi só, você bota, né? Se você não botar, você vem pro segundo boi que é bonificado e você tem duas chances pra poder chegar até o final, né? Pra vê quem é que vai chegar no final.

Hoje como é essa senha?

Hoje pra gente, pra mulher, dependendo da regra que o dono do parque colocar não vai ser tropa feminina, vai ser batendo senha. Hoje ainda, a gente pega dois boi e bate uma senha, né? Com a tropa feminina que você tem duas chances, no primeiro boi você botou, você já não vem pra segunda chance. Aí você já vai ficando pra quem vai se classificando. [...] Aí tem bonificação se não botar. Se eu não botar nem na primeira e nem na segunda chance aí já é eliminada. [...] Quando bate senha a gente já fica pra disputa e aí se for uma senha só que você bateu, você tem obrigação de botar. Se você não botar você já é des...já né?

Mas tem que colocar os dois bois?

Um boi só! Porque a disputa é de uma senha só que você bateu. Então você vai botar um boi, né? Pra você continuar, pra chegar até o final. Se naquela senha que você bateu uma senha só, você não colocar o boi, aí você já eliminado.

A senha é mais dura no que na tropa?

É. Porque a tropa ela é bonificada, né? E depois que você classifica nas, nas duas senhas, na, na classificação, é um boi só na disputa. [...] Na classificação são dois. [Na disputa] é um só. É um só vírgula, né? Se eu botar, aí você botou, aí vem a outra pessoa não botou, ela perde. Aí nós duas vamo continuar disputando.

Então diminuiu mais as carreiras?

Diminuiu. É. Agora é, é, na, na profissional são 4 bois. Mas antigamente, nessa época de seu pai era mais boi que corria, que o homem corria pra poder bater.

10 -Que outras mulheres a senhora conhece que pratica a vaquejada?

Eu conheço Karla, Kelly que tem uma história muito linda também, né? Caliani que também foi uma pessoa que me inspirei muito quando eu comecei a correr. Dona Socorro. É, Leandra. Tem Kaliani Baraúna também que é uma vaqueira retada. Tem várias aqui na Bahia. Tem as meninas de Sergipe também.

O que é ser vaqueira testada?

Testada, né? O pessoal usa muito. Testada, arrojada. É aquela que, que corre, que faz força, que derruba, né? Não, você é testada porque você derruba boi mesmo. Então a gente usa muito isso. Testada, arrojada.

Tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de falar, acrescentar?

Não! É isso! Eu gosto de vaquejada como eu já falei anteriormente. É, não tenho nenhuma assim, não tive nenhum incentivo. Isso eu acho que nasceu, de mim mesmo, gostar de cavalos. Me faz bem demais montar nos meus cavalos. E, e, e meu filho criou junto deles, né? E assim, não é fácil pra gente, pra mulher. Não é fácil! Ainda assim mesmo com toda mudança, mas a gente também ouvi muito, muitas críticas. Mas mudou bastante. E não desistir porque é mulher, né? Não desistir, buscar sempre! Se é aquilo que você sonha, corra atrás e esqueça, que, as críticas.

O valor dos prêmios da vaquejada estão valendo a pena?

Os prêmios nunca vale a pena! Nunca vale a pena! É, é, é a gente vai com uma tropa feminina dessa aí, ganha 300, 400 reais.

E os homens estão na mesma escala de ganho?

A mesma coisa. O profissional que ainda ganha um prêmio maior quando a vaquejada é maior. Mas a disputa também é maior né? Mas assim, normalmente quando a gente sai aqui não tira nem a despesa quando ganha. Porque paga 600 de, digamos, paga 600 de, de senha. Aí quando você fica na vaga é 10.000. Aí quando vai dividir 10.000, divide pra, pra 10. Divide pra 10. Aí pronto! A gente sai porque a gente gosta. Como eu não vivo disso, né?

Então na Bahia anda meio fraco o ganho da prática?

É fraco!

Só Serrinha que tem prêmios bons?

Serrinha no ano que eu ganhei, que eu fiquei em terceiro lugar, eu ganhei 1.300 reais. A melhor premiação que eu ganhei até hoje. Porque nesse dia só ficaram 3.

E aí foi pela tropa?

Foi pela tropa.

O prêmio é menor pra mulher do que pra homem?

É menor. É menor.

Será que não é porque tem menos senhas?

É. Porque assim: quando eles botam, agora em Teodoro Sampaio mesmo, Caliani até tavanessa vaquejada, eles fizeram uma tropa feminina com 500 reais, a senha grátis. Aí quando corre, sempre bota uma ou duas. Aí a gente divide. Nós duas se junta e divide a primeira senha. Aí fica 250 reais.

Aí não paga nem o combustível pra sair, não é?

É. Porque hoje eu tenho o caminhão. Mas quando eu não tinha que tinha que pagar frete? [...] É pouco! É o gostar mesmo. Aí quando você bota tudo isso, aí você bota ração de cavalo, medicamentos, que tem mês que a gente precisa mais porque né, tem maior necessidade, tem tratador. Aí quando você coloca a despesa 1.500 quase 2.000[...].

Então o profissional tem ficado apenas por aqui na Bahia?

Não! Sai também. Até porque os profissionais eles tem, eles tem dono de parque, né, que fazem festa. Então, eles precisam sair pra convidar o pessoal pra vim pra festa. Então, mesmo que não tenha lucro, né? [...] É isso a vaquejada! Tem as mais, as melhores, né, que ganha prêmio, os prêmios maiores, mas a realidade mesmo é essa![...] se for um da gente aqui que vá viver disso, vai porque gosta. Porque dizer que tem um retorno, não tem não!

**APÊNDICE D – Ficha Técnica/Entrevista II**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
GRUPO CORPO**



Depoimento de Tatiane da Conceição Ribeiro

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador(es): Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Levantamento de dados: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Pesquisa e elaboração do roteiro: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Coriolano Pereira da Rocha Junior

Técnico de gravação: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Cales Alves da Costa Junior

Local: São Sebastião do Passé/Catu - BA

Data: 19.03.2019

Duração: 1h33min41s

Gravações: 03

Páginas: 14

Entrevista – São Sebastião do Passé - BA, 19.03.2019

## **PRIMEIRA PARTE DO ROTEIRO**

### **Dados Pessoais**

1- Nome Completo?

Tatiane da Conceição Ribeiro

2- Data de Nascimento?

29 de Julho de 1983

3- Profissão?

Eu sou formada em Tecnóloga em Segurança do Trabalho e Capacitada na área de Resgate

4- Estado Civil?

Solteira

5- Qual escolaridade?

Ensino Superior

6- Quantidade de filhos?

Um filho

7- Onde nasceu?

Eu? Aqui mesmo em São Sebastião do Passé

8- Onde mora, aqui em São Sebastião do Passé?

Sim. Apesar de ter morado em outras cidades, retornei de novo, pra cá.

## **SEGUNDA PARTE DO ROTEIRO**

### **Perguntas relacionadas a proposta da pesquisa em si.**

1 -A senhora tem alguém na família que tem aproximação com a vaquejada?

Simm... Na verdade minha família paterna, praticamente toda, envolvida com essa coisa da vaquejada, né? Na verdade não só da vaquejada, como, é é..., o manejo, né, com cavalo, boi, fazenda, né... é é é... Na época, meu avô, paterno, ele foi que, na verdade deu, né, início a essa, essa paixão, né, esse, esse, digamos, esse pulsar no sangue, de gostar, né, da, da vida na roça...é... Eles viviam da farinha, né, da mandioca, né? Eles plantavam mandioca, colhia mandioca, fazia farinha e iriam vender na feira e foi assim que ele, né, constituiu uma família de treze filhos, né? Meu pai é o mais velho, deles todos. E aí, através do meu pai foi que, também, né, eu nasci já nesse seio familiar de fazenda, né? Mas, nunca morei em fazenda, sempre morei na cidade, e e e... meu pai ele sempre criou cavalos e a maioria desses cavalos eram quarto-de-milha, eram cavalos desses que eram realmente, é é é... os mais utilizados nessa área do esporte da vaquejada. Então, minha paixão se deu através disso, né? Com 13 anos de idade eu já comecei a correr, mas como falei, tangendo boi nas pistas, batendo esteira no treno, né, passeando, indo pras vaquejadas junto com ele, e e e..., só que na época eu ainda não tinha coragem, muiitaaa coragem pra poder entrar no ritmo de puxar boi, né? Enfim, aí hoje tenho tios, tenho primos, vários que correm, também, vaquejada, que praticam

vaquejada. Meu pai, hoje, está fora do ramo, por incrível que pareça. Foi o que começou, na verdade, né? Todo processo dentro da vaquejada, né? Meu avô, fazendeiro, com boi, aquele negócio do boi, pegar, é é... Pega de boi, né? No mato, né? Mas, na vaquejada mesmo que iniciou essa, essa coisa foi com o meu pai. E aí veio os irmãos dele, alguns, primos também. Hoje ele está fora do esporte! Graça a Deus ainda vivo, mas vivendo de uma outra forma. Mas ainda tenho tios que ainda fazem isso, inclusive, né, foi fundada a, a a a..., construída uma pista de vaquejada na fazenda proximidade da onde meu avô vivia mais minha vó e a família, na época. Só que na fazenda de um tio meu, né? Então, eles construíram uma, uma pista, lá. Hoje já é um parque de vaquejada que se dar, que se deu, batizou-se com o nome do meu avô que faleceu, já tem, mais ou menos, uns seis ou sete anos que meu avô faleceu. E aí hoje nós temos um parque de vaquejada chamado Moura Ribeiro que era como, carinhosamente, chamava ele. O nome dele é Moacir, mas chamava ele de velho Moura. Aí se deu o nome de Moura Ribeiro, hoje parque.

2 -Como foi sua entrada na vaquejada?

Bom, ééé... Agora, pra puxar boi, como eu falei, eu comecei tangendo boi, fazendo esteira, batendo esteira. Minha primeira vaquejada, mesmo, foi em Entre Rios. Toda minha vida a primeira vaquejada foi em Entre Rios. (Risos). É, lá no Manelito Argolo, nunca me esqueço! E isto eu estava com quatorze anos que foi batendo esteira por vaqueiro do meu pai, na época. José de Horácio, né? E e..., de lá eu só fazia bater esteira, mesmo. Parei um tempo, né? Que foi para estudar. Comecei a estudar em Salvador, é, é, morando aqui no interior, como Salvador é perto, eu ia e voltava todos os dias. Então, comecei estudar, fiz segundo grau em Salvador, depois entrei pra escola técnica, aí da escola técnica, foi uma época em que eu comecei a trabalhar, também, fora. Eu terminei a escola técnica, depois eu fui trabalhar em outra cidade chamada Catu. Aí trabalhei em Catu por um bom tempo. Nessa época foi quando eu engravidei. E aí quando eu engravidei, realmente me distanciei do esporte. Me distanciei a ponto de, realmente, ficar, quase nove anos sem nem entrar numa pista de vaquejada. E aí quando foi em 2015, é é é... eu recebi um convite para participar de uma associação de vaqueiras, né?. Inclusive a primeira reunião se deu lá na casa de dona Socorro Miranda, com algumas pessoas, né? Umas meninas queee..., digamos que uma mera brincadeira formaram uma sigla onde essa sigla se dava o nome de AVAB, né? A gente pronunciava como AVAB: que é Associação de Vaqueiras da Bahia. E eu fui convidada pra participar dessa reunião e as meninas querendo de fato tentar ver se conseguíamos reunir um, um, um grupo de meninas daqui na região da Bahia pra poder ganhar um espaço, né? E aí eu fui, né? Muito tempo sem montar e tal. Uma amiga, essa filha de Zé de Horácio, na época quando eu montava com o pai dela, ela era ainda muito pequenininha que era a Leidiane. E foi ela que, na verdade, me convidou, porque ela achava mais próxima assim com a Daiane, com a Nicole que é lá de Camaçari, [...], né? Que tinha contatos com a Sâmia lá de Feira também e a Alana, né? Enfim, e aí surgiu essa ideia! Né? Vamos fazer uma associação de vaqueiras. E aí eu fui a essa reunião, né, logo, prontamente eu fui convidada para fazer parte da secretaria, se não me engano foi a secretaria. E, e, e, nomearam Alana como presidente, né, na reunião nomeamos Alana como presidente e a vice-presidente Daiane que foi a quem deu a ideia da associação. Só que com o tempo passando a Daiane ainda era de menor e aí o pessoal disse assim: - Não! Acho que a gente não vai conseguir colocar Daiane como vice-presidente porque vai ter que assinar algumas coisas e ela precisa ser de maior e não é. E vai ter vaquejadas que ela vai precisar que o pai dela responda por elaaa..., enfim. E aí com a desenvoltura, acredito eu, né, de comunicação, que tipo, eu só fazia marketing pelas redes sociais. Na época tinha o Orkut, ainda, se eu não me engano, facebook. Não! Orkut não, só tinha facebook, mas não tinha Instagram. Na época não tinha ainda essa ideia do Instagram, era só Facebook que tava em alta, né? A página do Facebook. Aí criamos uma página, fizemos um grupo de WhatsApp.

Começamos a catar as meninas, algumas que tinham paixão por isso. Pronto! Aí reacendeu aquela chama de querer voltar a correr boi. Só que, agora, correndo puxando porque a gente precisava de um número de meninas, pelo menos mínimo para poder fazer uma tropa nos bolões. Foi quando o Dr<sup>o</sup>. Valmir Veloso abriu as portas da Associação Baiana de Vaquejada, que é a ABV e dentro da ABV, a AVAB ficou parecendo que era uma filhinha da ABV. Obviamente ABV não tinha responsabilidade sobre a AVAB, tá! Era independente, porém as portas, as nossas corridas estavam fazendo em conjunto com a deles. E aí Dr<sup>o</sup>. Valmir, ele abriu as portas, [...], do gado, da pista até troféu. Agora, em termo de premiação, se dava com o que a gente pagava as senhas. E todo o arrecado, era o que a gente fazia de prêmio, na época. Aí vamos Tati, vamos correr, vamos dar movimento, (risos)! Aí foi que não tinha mais cavalo, meu pai já tinha, já tava dispensando que ele tinha e eu disse: - gente, mais eu não tenho cavalo, muito tempo que eu não corro. Mas a... aí foi eu quando comecei a montar de novo com cavalos de amigos meus, não tinha cavalo próprio. E aí eu comecei. É é é..., contei com a ajuda muito grande de um vaqueiro chamado Ricardo Palito, né, muito amigo meu! Foi quem me deu, realmente, também um empurrão. Na época do meu pai, foi Zé de Horácio que me ensinou muita coisa, muita técnica de como se segurar em cima de uma sela, a guiar um animal, né, a segurar uma rédea. Então, Zé de Horácio me ensinou muito isso! Já o Ricardo Palito começou a me ensinar técnicas de derrubar boi, né, enrolar boi, né? Como enrolar numa luva. Então, ambos tiveram uma grande participação na minha vida nesses termos, né? Como eu disse, meu pai era criador, mas não corria! Ele gostava mais de ficar chamando pra esses bolões, dava um de locutor. Enfim, e com isso, eu voltei e voltei já puxando boi em 2015. Foi aí que na associação nas etapas que eu comecei a participar das etapas junto com as meninas, né? E aí fui me aperfeiçoando um pouquinho, com alguns meses meu pai me deu, me ajudou a comprar um cavalo, o Pantanal, né? Eu chamo ele de Pantanal! Ainda vive hoje, graça a Deus. Mas, com o tempo ele teve um problema, né? Numa vaquejada, inclusive correndo com outra pessoa ele teve um acidente eee... elee..., ééé..., teve um problema no tendão, na, na, nas patas, é, é, é... Na mão, né? No tendão da, um problema no tendão da mão. E, com isso ele parou! Eu tive que realmente parar com ele. Foi muito triste pra mim nessa época, foi realmente num momento que eu cai de novo. Cai no sentido assim, ééé... desmotivei que novamente! Porque foi um cavalo que na verdade estava me dando uma condição, era cavalo professor, cavalo maduro que estava praticamente me dando a condição de aprender mais outras técnicas, né, que estavam faltando ainda muita coisa ainda a ser aperfeiçoado pra correr vaquejada. Enfim, foi aí que meu cavalo teve esse acidente, com esse acidente eu acabei me afastando de novo. Foi na fase, também, que AVAB começou a se esmorecer, né? Teve alguns problemas internos entre as próprias integrantes. Aí depois externamente. Então já não tava tendo mais um consenso real dentro da própria associação, né? Infelizmente, e aí com isso, ééé..., eu até esqueci de contar que com a, a, a, passar do tempo quando a Daiane não pode assumir foi quando fui convidada a fazer parte da vice-presidência. Aí Alana Nunes ficou como presidente e eu como a vice-presidente. Saí da secretaria foi [...] espaço de um mês! (Risos). E aí fui para vice-diretor, a vice-presidência! Enfim, e a gente tentou levar isso a frente! Conseguimos levar o ano 2015 inteiro, junto com a ABV, né? Inclusive participamos da final, tudo foi muito bonito, muito lindo. Na final a gente conseguiu reunir em torno de umas dez meninas correndo boi! Só daqui na nossa região! Porque ainda tem pessoas lá, tem as meninas do oeste, né? Que é muito longe, não participavam, mas as meninas da região todas, né? Como Keli, Zumira, Daniele, Santo Antônio de Jesus, também. Caliane Miranda, Caliane Baraúna, am..., Daiane, a Nicole, Marcella, Carla Sampaio na época também participava junto com a gente. Então, teve um grande, pra um local que não tinha a categoria feminina junta, antes era só menina correndo no meio dos homens, pra a gente foi uma grande vitória! Foi aí que realmente começou, aqui na Bahia, ter só a categoria de mulher competindo com mulher, né? Foi aí que iniciou aqui. A

gente já via isso acontecer no Rio Grande do Norte, já via acontecer isso no Pernambuco e Ceará. A AVARN, que inclusive a AVARN foi uma das nossas, é, eu conheci a [Marinha?] que ela é a Vice-presidente da AVARN também, que foi uma das nossas incentivadoras. Foi que me deu muitas dicas, né, de como proceder com as associações [...] pra mulheres. Enfim, e foi nessa, nessa pegada aí, né, que a gente deu uma andada na carruagem. Só que como eu falei, né, foi só um ano: 2015. Quando chegou em 2016 já tava meio, que meio quebrada a questão da associação. Chegou a ter um chamado pra etapa da ABV de 2016. Drº. Valmir chegou até fazer par de troféu para equipe feminina. Só que já começou a ser pouquinha, sabe? Eu com a questão do meu cavalo, com as divergências que estavam acontecendo, me afastei um pouco. Eu já não tava indo mais como eu estava indo nas vaquejadas, outras vaqueiras já não tavam mais. Então, ou seja, acabou que houve um esfriamento, acredito que de sua grande maioria. Pronto! Aí aquela porta que a gente tinha conseguido abrir, é vai ela se fechando de novo! E sem contar, também, né, na ABV tava tendo muitas, aí entra a parte da, da, do preconceito, né, dos vaqueiros que começavam falar que as mulheres atrasavam a festa deles, né? Que as mulheres tinham que começar montar nos seus cavalos para chegar lá preparadas e não ficar dando retorno de boi toda hora. (Risos). E a gente sofria com isso, né? Ouvia esse comentário: eita, vem a tropa. Tipo assim, chamava a tropa feminina a arquibancada lotava. Vai começar tropa feminina todo mundo queria ver a mulher correr, todo mundo queria, é atração! Todo mundo quer ver! Só quem tá dentro do esporte, correndo, esperando sua disputa chegar pra ir embora cedo, já não gostava, porque achava que a gente atrasava. E aí Drº. Valmir começou a conversar com a gente. Disse: - olha gente, tá tendo muita reclamação dos próprios associados e os associados já tão reclamando disso e daquilo e que, tipo assim, até chegou um momento que eu falei para ele: Drº vamos fazer com que a gente se associe a ABV, que pelo menos a gente gerando um, um, um, um lucro, né, pra vocês, de repente essa, essa coisa quebra! Ahh... Tati mas não é só isso! As meninas têm que tá mais organizadas, vocês têm que tá mais preparadas, na hora que começa chegar as meninas não tão todas prontas, ainda tem que tá na procura do cavalo para correr. E realmente ele não tava errado! Ele tava certo! É fato! É verdade! Eu não discordo nem uma vírgula do que ele falou. Porque ele tem razão. Sempre teve. No que diz respeito, ele diz que a, a, ele sempre teve muito boa vontade. Mas nós mulheres, não estávamos preparadas, organizadas a ponto de estarmos comprometidas no horário certo de começar, terminar, tinham meninas que só montavam na hora de correr, não trenavam. Porque, não porque não queriam, porque não tinham oportunidade. Porque elas não tinham quem apoiassem elas. É..., conheço meninas de que tem pai que tem cavalo, que corre que não eram apoiadas pelos pais para correr! Entendeu? E aí chegava, sem contar nas meninas que também não tinham condições de pagar uma senha. Então, gerava uma coisa, uma coisa atrás da outra e isso realmente acabava que... é, é, começou a, a esmorecer, a esfriar, né? Eu tive a questão do meu cavalo, né? Me afastei um pouco da associação por conta dessas divergências que aconteceram, eu preferi um pouco me afastar. E com tudo isso foi, né, gerando esse processo. Enfim, é muita história! Risos... É muita coisa!

3 -Como a senhora enxerga a vaquejada como prática na Bahia?

4 -Como é a posição da mulher na vaquejada hoje?

Bom, como eu falei, éé... eu me distanciei um pouco. Atualmente eu me, eu me considero afastada da vaquejada, atualmente. É..., mas, ainda, apaixonada! Afastada, mas apaixonada! Ainda corre aqui nas veias, ainda sinto quando vejo uma vaquejada acontecendo, fico ligada final de semana ali na internet, olhando no Youtube, seguindo, né? Quando tem a tropa feminina, então, eu sou muito feliz em ver as meninas correndo, também adoro ver as meninas correndo. E, no geral, eu vejo uma vaquejada, eu vejo um esporte muito caro, que na

verdade não dar oportunidade para todos aqueles que realmente querem correr, boi. Como antigamente. Antigamente qualquer um corria. Eu vejo que antigamente a, a senha era mais barata, as condições de, de correr eram melhores. Hoje, obviamente, não discordo que aconteceu com as regras da Vaquejada Legal. Eu estive em Brasília. Eu fui para Brasília. Na época queriam acabar com a vaquejada, eu me prontifiquei, peguei, juntamente, com outras pessoas, fui para Feira, pegamos o ônibus. Viajamos horas e horas pra Brasília. Ficamos lá na porta do congresso (risos), né? Lutando e gritando para que a vaquejada não acabasse, certo? Se continuar, se houver outra vez eu estarei disposta a fazer a mesma coisa, certo? Então, eu me vejo hoje na vaquejada como mais uma incentivadora, não muito mais como competidora. Tanto assim que a gente tem um grupo hoje chamado VBA que é Vaqueiras da Bahia, né? A AVAB acabou, como a associação, tanto que o mesmo grupo que era do WhatsApp de AVAB, foi transformado em VBA. Não é mais uma associação. As meninas pra participar não precisam pagar taxa, nenhuma, que na época da associação tinha uma taxazinha da associação, você tem que pagar uma taxazinha mensal e tal. Agora, não! É um grupo aberto onde qualquer pessoa, amante ou atleta da vaquejada, pode participar, né? Então, é, é, geralmente alguma das meninas me ver muito como isso, como líder, como impulsionar as outras. Eu não tô correndo, mas não é por isso que eu irei abandonar a categoria ou deixar de apoiar a categoria feminina nesse sentido, né? Então, voltando como geral, total, apoio totalmente a Vaquejada Legal, não aos maus tratos aos animais. As leis, as normas que hoje a ABVAQ, né, constituiu na vaquejada, também aprovo. Tem algumas coisinhas que precisavam ser melhoradas, muito exigentes, por sinal. O top, o cavalo quando cai, o vaqueiro, eu acho que isso deveria ser considerado, por exemplo, e não é. O boi se for, é 0. Entre outras coisas que eu não acho, né, que são legais. Mas por si só, no geral, eu apoio a Vaquejada Legal. Eu acho massa, isso! De não maltratar o cavalo, de se o cavalo estiver sangrando ser desclassificado sim, se bater, sim, eu acho bacana isso. Realmente desde quando isso não existia, também eu nunca gostei de cortar o meu cavalo. Nunca gostei de ver alguém cortando ele. Não gostava de ver, se quer, a venta dele sangrando. Então, pra mim, a vaquejada, no sentido geral, melhorou bastante, só a questão, né, desta questão do, do, do encarecer, né? As políticas mudaram e aumentou. Hoje, pra mim, o esporte vaquejada é muito caro! Muito caro! Uma senha hoje numa vaquejada grande não é menos que mil reais! Então, não é qualquer pessoa que tem esse dinheiro pra dar em uma senha quando chegar perder um boi já foi esse mil reais bateu asas e voou, por exemplo. Né? Então, eu acho caro! Não é todo mundo que gosta que tá podendo correr. Eu mesmo hoje sou noiva de um vaqueiro que diante as condições dele ele não pode tá correndo vaquejada todos os dias, toda hora, tempo todo quando ele quer. E quando corre é quando alguém patrocina, quando alguém paga, quando tem um patrão pra fazer isso, sabe? Então, vivendo isso a gente ver que não é todo mundo que pode, né? Então, a vaquejada para mim não é para todos! Não é para todos! Como antes era! E para a categoria feminina, é, é, é... eu vejo que... continua, sim, desmotivado, nós não temos apoio, tanto como eu acho que deveria ter. Alguns donos de parques estão de parabéns. Ainda sim faz uma tropa feminina para chamar as meninas para correrem e tal. Já tem outros que não são muito bem gratos a isso. Apesar, de como inicialmente eu falei, é... apesar das meninas hoje serem atrativas, serem atração pra qualquer público, seja pra quem for pessoal assistir, até mesmo para quem pratica a vaquejada, gostam de ver as mulheres correndo. Enfim, é... e eu junto com esse grupo VBA, estou tentando, estou tentando, né? Até um tempo atrás que eu entrei em contato com Dr. Valmir de novo pra falar sobre isso, ele disse que por ele tá, continua dando os apoios necessários. Porém, a gente precisa ir organizada. Como nós éramos ou como, como nós estamos hoje, ele foi bem sincero [a nos?] dizer que não dar! E realmente ele tá certo! Uma associação como a ABV, que é organizada, começa, tem horário para iniciar e tem horário pra acabar, tudo certinho nos seus pontos, nos seus is, né? Ee... ele entrar com ... tanto que, hoje, a categoria já mudou! Já não tem mais jovem, justamente pra

organizarem mais ainda! Então, a gente como desorganizadas que somos, nesse momento, vamos ser sinceras a esse ponto, não tem, não podemos entrar no lugar que estar tão organizado, né? Então, não dar! Então, eu prometi inclusive a ele! Claro e é óbvio que uma andorinha não faz verão, eu sozinha não vou consegui fazer isso, mas eu tenho vontade. Hoje a gente tem uma comissãozinha pequena de pessoas voluntárias, não ganhamos um centavo pra isso, não temos interesse em dinheiro, mas apenas em reerguer a categoria feminina dentro do nosso estado da Bahia, tá? É, é, é... eu não sei se as associações é um carma, mas nenhuma associação no Brasil, hoje, feminina deu certo. A AVARN acabou, a AVAB acabou, surgiu a da Sergipe, a AVASE também acabou. Então, percebemos que associações femininas, não dá! Eu, pelo menos, tiro essa conclusão. Porque se fosse só um problema na Bahia, só a AVAB tinha acabado! Mas a AVARN acabou também, Rio Grande do Norte, foi pioneira. Onde mulher corria com mulher! Tanto que é, é, é, mulher com mulher. Até a esteireira tinha que ser mulher. Acabou! E lá a gente tem mais vaqueiras! Tem mais meninas correndo no lado de lá, né? E, éé..., surgiu a AVASE em Sergipe, teve aquela, aquela força total. Foi depois da AVAB, inclusive, a AVASE, com Carla Sampaio, Júlia Fonseca, na época. Também não sei o que se deu, mas também não deu certo, acabou! E hoje, eles estão, elas estão andando com os circuitos! A AVARN, eu participo tanto no grupo da AVARN, quanto do grupo da, da, da, da AVARN vírgula ... da vaqueiras do Rio Grande do Norte e vaqueiras de Sergipe. Todas, amm..., ambas estão andando com suas próprias pernas sem associação e elas estão criando circuitos dentro do próprio estado delas! E eu vejo que isso, se para elas é possível, não vejo impossibilidades também pra Bahia. Desde que realmente exista comprometimento das próprias vaqueiras daqui. Que é o que eu acho que está faltando. É o impulsionar, é a vontade, é o, é o, é o querer fazer, acontecer das próprias meninas, das próprias vaqueiras baianas que eu vejo não ter, entendeu? Então, eu não tô correndo boi, mas tô aqui à disposição pra poder [vê] essas meninas correndo. Não sei, Deus quem sabe, daqui pra frente, quem sabe eu volte a correr, né? Éé..., mas assim, eu botei na cabeça que enquanto eu não tiver outro animal, meu, eu não vou correr! Pegar animal de tio, de tio, de primo disso aquilo outro, voltar correr ... não que não, não, não é, não é legal. Eles dão no maior agrado. Estão à disposição para mim quando na hora que preciso, mas é coisa minha mesmo, sabe? De ter o que é meu, de correr e treinar no que é meu. Atualmente eu tô realmente muito atarefada na minha vida profissional. Não tenho tempo hoje de está treinando, está me dedicando a correr, né? Porque eu acho que hoje, as meninas estão crescendo de tal maneira que hoje elas correm com homem e, e, não tem diferença. Então, vai uma, uma eu da vida que não tá treinando, que não tá se dedicando, no meio..., só vai mesmo brincar! Como sempre, na verdade, desde da época da AVAB sempre entrava para brincar. Nunca entrei para competir! Mas, graça a Deus conseguir alguns [troféus] (risos), né? Eu, graças a Deus, eu éé..., consegui ganhar um em Sergipe também, junto com Caliani Miranda. Na época a gente rachou lá. Ela ... só que a gente competiu troféu e ela ficou com o primeiro e segundo lugar. Na vaquejada de Sergipe, lá em Lagarto, Zezé Rocha pra mim foi uma das melhores experiências que eu tive em toda minha vida dentro da vaquejada. Foi um..., uma emoção muito grande pra mim. Inclusive do lado de Caliani Miranda que, hoje, éé... de todas as vaqueiras, é uma das mais conhecidas, porque começou bem pequenininha, por ter a mãe como matriarca na vaquejada, nasceu no berço de vaqueiros. Então, né, tem uma experiência técnica muito boa, muito grande, né? Admiro muito a técnica dela! Então, ela me deu muitas dicas, me ajudou, fomos pro Milanny, né, lá no Pernambuco. Voltamos pra Serrinha e ganhamos aqui em Se, Se, Serrinha na época também, entre as melhores. Então, pra mim, correndo no meio de muitas meninas experientes, sabe, que corria e corre vaquejada em cavalos bons, porque vaquejada tem isso! Vaquejada é você ter técnica, experiência no montar e ter cavalo bom pra correr. É um conjunto. Que não adianta você ter técnica e não ter um bom cavalo para correr, que não lhe ajude, sabe? E aí eu montava, eu chegava, tinha

vaquejada que eu chegava e nunca tinha montado no cavalo, montava, corria, sabe? E via que não dava. Então eu vi que aquilo ali não tinha mais o porquê ter que tá acontecendo, ter que chegar na vaquejada e empresta esse cavalo, aí! Dr<sup>o</sup>. Valmir, mesmo, foi um dos que me emprestou a égua dele. Foi na égua dele, inclusive, que eu ganhei em Serrinha, [...]. Ah, eu acho massa aquela égua dele! Ele, acho que ele não tá nem mais correndo com ela. Não sei. Aí em Lagarto já corri em outro cavalo. O de Tales Miranda, o cavalo Apache. Que eu sou apaixonada por ele até hoje. Eu disse a ele: me venda esse cavalo, rapaz! Mas ele não vende. Um cavalo já velho, velho no sentido maduro, né? Ele é quase a idade do meu cavalo. Meu cavalo também é meio maduro. Meu cavalo, hoje, não mais serviu para voltar. Que é uns dos ... a maior dor que eu tenho, foi o que aconteceu com ele, né? Eu sofri muito com ... eu fiz de tudo pra, pra que ele fosse recuperasse. Mais aí Deus não quis! Aí o boleto dele foi para frente! Ele ficou com a unha um pouco deformada. Anda normal hoje. Mas, na vaquejada ... Ele até correu uma duas corridas com o meu noivo. Retornou porque ele não sente mais dor. Tipo, ficou, éé... como é que o pessoal fala? Calcificou o local, né? Então ele reaprendeu a andar de uma outra forma com o boleto para frente, né? Mas eu fico com muito medo de colocar ele, ele já tá com uma certa idade também. Botar ele na pista, acontecer uma coisa, né, de ele topar, aí acontecer uma coisa pior. E aí eu resolvi, realmente, aposentar ele, né? Aí tá solto hoje, mas tô lá sempre vendo ele, cuidando dele. Que é meu primeiro amor, no sentido de vaquejada, de puxar boi. Eu tive um amor de esteira. Que era a égua do meu pai. Na época, meu pai chamava Moça Nua. O nome dela porque ela tinha um pelo bem lisinho, bem bejinho, parecia que tava nua. E deu o nome de Moça Nua. Só que infelizmente ela, ela, ela morreu e aí, pronto. Acho que os dois animais que eu mais, se você me perguntar, os animais que mais me marcou na vaquejada foi Moça Nua, a esteira, foi com ela quem me ensinou a montar, ela sempre foi arredia, muito braba e eu aprendi montar nesse cavalo brabo. Então, acho que foi por isso que eu consegui me adaptar mais na sela. Rum... pessoal falou: mas eu sou caidoura também. Cair bastante também. Boi já me levou (risos). Já melei muita a cara de areia. Já cair, já levantei. Inclusive na inauguração lá do parque Moura Ribeiro lá, na primeira vaquejada lá, eu tive que cair. Eu digo: - É meu avô, tive que batizar tua areia, tinha que cair, né? Cair lá toda desbuchada no chão, mas, graça a Deus, nunca tive nada que pudesse me impedi de voltar, tipo, uma fratura, uma coisa. Tive um probleminha, inclusive numa outra queda que eu corri na égua de Dr<sup>o</sup>. Valmir, [...]. Foi numa segunda que dessa vez já não deu certo, por conta disso mesmo, né? Eu tive um problema aqui na escápula do braço esquerdo. Mas, foram dois ou foi uns três meses só mobilizado, mas depois voltou tudo ao normal. Nada que me tire, me tirasse do esporte. Então foi nada disso. Foi realmente questões sentimentais, motivadas, motivadoras que eu não tive mais e foi por isso que eu me afastei. Mas, num sentido de ver, de ver a categoria feminina funcionar na Bahia, de novo, eu tô assim, totalmente a disposição. Tanto que hoje já me colocaram, também, como a presidente da VBA. Mas, tipo, nós hoje somos, na comissão, temos cinco pessoas. Mas a gente tem um grupo hoje com mais de 100 meninas, participando, misturadas. Meninas que correm boi, meninas amantes também, que tão iniciando também. Então, tem de todo tipo nesse grupo. Então através desse grupo que a gente tá tentando reativar e reemoti... é, e reanimar, vamos dizer assim, essa galera aí. Pra voltar e quem sabe até fazer circuitos femininos também aqui na Bahia. Quem sabe até, voltando, batendo na porta dos donos de parque para que eles possam de fato abrir as portas, novamente, para que a gente possa fazer a nossa categoria, novamente. Só que a gente que ir organizada. A gente não quer ir mais como fomos a primeira vez. A gente que ir, no mínimo, pelo menos com um caixa, com um dinheirinho bom, inclusive vamos tá fazendo rifas. Já temos doações de uma das próprias meninas, mesmo. Vamos fazer rifas, talões pra que a gente consiga fundos, para arrecadar dinheiro, para fazermos uma mini loja VBA. Vamos criar alguns acessórios com a marca VBA, vamos vender camisas, vender bonés, é, chapéu, aquele chapéu [...] com a marca da VBA, canecas,

copos, entre outros acessórios. A gente pensa em fazer tipo uma lojinha virtual pra que a gente possa arrecadar esse dinheiro, pra que possa gerar ... temos uma tesoureira, uma pessoa muito madura que, além de Rodrigues, é Eduarda Safira, lá de Santo Antônio de Jesus. É uma pessoa que é proprietária de algumas lojas em Salvador. Então, ela sabe lidar com o dinheiro. Então, vai ser tudo transparente pra que a gente também não corra o risco de dizer que nós estamos nos aproveitando dessa situação para termos nos beneficiando com alguma coisa. Então, vai ser, vai ser tudo muito transparente pra todas elas. Porque o grupo, hoje, ele não tem um dono, né? Eu não sou a dona do grupo. Neide não é. A Carol, que é a vice-presidente hoje, a Carol Macedo, também não é a dona. Então, eu digo que a VBA hoje é de todo mundo. Porém, pra que ela possa andar, pra que ela possa prosseguir é necessário ter umas cabeças. Então, por esta razão fizemos essa comissão, mas todas as outras têm direito de opinar, de falar. Vai fazer uma camisa: - ah que eu acho que essa cor melhor e tal. Todo mundo tem direito de opinar, de falar. Mas a gente quis, né, é, mitigar, é, melhorar, melhor, minimizar esse impacto de tá falando tudo num grupo com mais de 100 meninas, várias cabeças falando. Porque se não nunca a gente ia conseguir organização dessa forma. E é por isso, a gente, né, eu pensei, aí eu fui selecionando umas pessoas chaves que eu achava que, segundo o perfil, dava pra a gente montar, aceitaram o meu convite. Aí a gente fez essa comissão. Atualmente, é essa ... é o status atual meu, dentro da vaquejada no processo feminino é esse. É participando de um grupo feminino, tentando reaver essas questões no que diz respeito a fazer novamente as categorias femininas, mulher competindo com mulher. Que é o que não tem acontecido, atualmente. Quando acontece, é uma ou outra. Mesmo assim, porque o parque, que o organizador da festa abre o espaço. Mas a gente quer fazer com que seja categoria em todas as vaquejadas. Tenha a categoria profissional, tenha a categoria amador, tenha a categoria jovem, então a gente quer ter a categoria feminina, também, nesse ponto. Nem que seja como antes, de a gente montar o nosso próprio prêmio, de a gente fazer toda aquela questão. Mas, que tenha um espaço aberto, né? Que tenham a por, que tenham a porta aberta. Que é o que acho que ainda, é... ainda tá meio complicado em alguns locais.

5 -Como a senhora enxerga a relação da mulher na vaquejada e na sociedade?

Bom, eu acho que antes, antes era mais complicado! Eu acho! Que antes era mais ... Mas acho que agora já é uma coisa mais normal! Por que? Assim! Quando eu era mais novinha, que eu ainda só fazia montar, tanger boi, eu só via, eu só conheci Socorro Miranda e Leandra, na minha época que eu comecei a conhecer a vaquejada de perto, né? Então, pra mim, meu Deus eu não tinha nem filho! Meu filho tem doze anos, hoje! Nossa...! Mais... hoje eu tenho trinta e cinco anos, eu acho que isso tem, eu tinha quato ... comecei com treze tangendo os bois aí! (Risos). Então, quatorze, quinze anos, então eu tenho trinta e cinco, vinte anos atrás, digamos assim! Hoje eu tenho trinta e cinco anos! Então, eu só conhecia era Leandra e Socorro Miranda naquela época. E hoje, nos anos de 2018, 2015, 2019 é muita mulher correndo boi, é muita mulher! Eu participei numa tropa feminina no Millany, lá em Pernambuco, que foram cinquenta e sete mulheres. Foi a maior tropa feminina que eu já participei de toda minha vida, de toda que eu já soube, no Brasil! Que eu soube! [...] Então, então, nesses atuais anos, porque assim, como eu falei, eu participe e tal. Depois com 18, 18, 17, 18 anos eu me afastei de novo pra estudar [...] pra Salvador. Na época tinha que escolher. Meu pai na verdade não me deu escolha. A verdade é essa! Que se por mim eu ia pra ele, com ele pra vaquejada toda. Mas ele que dizia: - não, você vai estudar! Não, você...tem aula? Então, você não vai! Então, tipo assim, ficava triste em casa, amargurada. Oh, meu pai me leve! (risos) Pelo amor de Deus! Aí ele: Não! Se tem aula, não vai! Porque sabe que chega tarde. Na segunda-feira as vezes chega só de tarde. Você vai perder aula? Não vai! Então... Ele tinha aquilo como prioridade e me fez vê que aquilo era de fato uma prioridade na minha vida naquele momento na minha vida. Então eu fui me afastando, me afastando até que me afastei de vez, porque quando eu comecei

a trabalhar, com 18, 17 anos já estava trabalhando. Até meus 16, 17 anos eu ainda só fazia estudar. Com essa idade, antes mesmo de sair da escola técnica eu já tinha conseguido um estágio, depois comecei na [...], eu trabalho com segurança no trabalho, com a peãozada, com homens, a maioria das vezes, né, [...] na construção civil, né? Então a construção civil é peão mesmo. Nas áreas de Petrobrás, então eu não tinha mais tempo. Montar era só mais nos finais de semana. E geralmente os finais de semana o povo corre vaquejada. Então, tempo pra treinar eu não tinha mais dia de semana e quando chegava no final de semana o povo tava na vaquejada. Então, fui esmorecendo, esmorecendo. Aí comecei a me relacionar, né, ter uma vida de parceria e aí enfim. Aí fui trabalhar em Catu e aí foi que aconteceu de eu gravidar com 22 anos, engravidei. E aí passei o processo, né, de gravidez. Foi na época que eu comecei, eu entrei na Faculdade de Engenharia Ambiental. Eu tive que trancar porque na época eu não consegui conciliar trabalho, faculdade e gravidez, os três ao mesmo tempo. Então, eu tive que trancar a faculdade na época. Aí eu fiquei só com a gravidez e com o trabalho dia inteiro, enfim. Aí passei o processo, né, 9 meses. Depois de 9 meses, aí veio, né, a fase, né, de, de gestação, depois, é, teve a fase de gestação, depois ele nasceu, aí foi o processo de cuidar, enfim. E aí quando ele tava com mais ou menos uns 5, 6 anos, tem o quê? 2015 temos 4 anos, né? Então, não! Ele tinha, ele hoje tem 12. 8, né? 7 a 8 anos. Então quando ele 7, 8 anos foi que aí eu comecei a montar de novo. Montar pra caminhar, não pra correr! Pra andar. Foi aí que eu me reaproximei de Zé de Horácio. Meu pai na época já não tinha mais cavalo. Já tinha despertando, né, o desinteresse dele. Só os meus parentes mesmo, tio e primos, ainda mais um pouco distantes. Então, foi aí que eu comecei a reinterar de novo. Quando meu filho já tinha o quê? 7 anos. E aí de lá pra cá eu comecei a ver muita mulher correndo. Como eu tava distante eu não sabia como é que tava. Eu realmente me desapeguei mesmo. Foi acho, que foi um cordão que foi cortado naquela época, né? Do meu, do meu 17 anos até meu filho fazer, então, como eu falei até 10 anos. Até meus vinte poucos anos. Mas sempre com aquela vontade, né? Sempre querendo saber como é que tava. Mas na época não tinha muita mulher correndo. Era homem ou mulher no meio de homem mesmo. E aí comecei a me interessar. Disse: Olha! Já tá tendo mulher com mulher! Aí comecei a conhecer a AVARN. Comecei a ver algumas na TV, na internet. Aí pronto! Aí começou a reacender de novo aquele negócio. E aí pronto! Foi isso! Eu acho que eu consegui responder. Assim, a questão da sociedade. Então, na época anterior, logo no início quando eu comecei a ver, eu achava que tinha muito mais preconceitos. Eu acho que na atualidade não tem tanto quanto antes. Mais não! Justamente por isso. Porque cresceu muito. Cresceu muito! Hoje em dia é muita mulher correndo boi. Hoje se você fizer uma vaquejada aí, só de mulher, eu acho que dá muita vaqueira. Se botar uns prêmio bom, as meninas desce tudo. Antigamente em Serrinha que dava prêmio de graça, uns 9.000, 10.000, as meninas lá de cima desciam todo mundo. Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco. Então, eu acho que se fizer uma vaquejada grande aí, como muitas aqui viajam hoje ... Muitas daqui não! Na verdade, na Bahia tem poucas meninas que se atrevem a sair do estado, né? Como a Yasmin. Eu só conheço a Yasmin. Caliani, né, passou pelo processo, Miranda, passou pelo processo de [...] teve os nenéns, depois dessa época dos nenéns, ela teve menino, depois teve a menina, acho que tá retornando agora de novo. Mas foi a que mais viajou eu acho pra fora daqui da Bahia, Yasmin e Caliani Miranda. Você vê que a gente não tem muitas meninas que daqui sai da Bahia pra ir correr em outros estados. Kelly Vaqueira de lá de Santo Antonio de Jesus, ela foi pra alguns estados também, mas também sumiu. Nunca mais eu ouvi falar de Kelly também. Enfim! Já lá em cima não! As meninas lá são mais, né? Todo mundo desce. Tiver uma vaquejada na Bahia, com dinheiro, pra mulher, aí vem todo mundo. Então, a gente, eu acho que a Bahia tem muita mulher correndo, mas não tem a disposição que muitas outras de outros estados tem. Sabe? Nesse sentido. E para mim melhorou. Perante a sociedade acho que melhorou no sentido de, de preconceito. Termos de mulher, que espaço só pra homem, não sei o quê. Não! Acho que

isso já mudou muito! Acho que hoje tá mais natural! Mais normal! Da mulher no meio do homem. Antigamente era mais preconceito. Antigamente, as pessoas e sem contar também do preconceito da mulher fazendo o quê o homem faz, também tem a questão de ela ser julgada demais, né? Tinha um negócio de um, de um [gameto?] que a mulher que corre vaquejada, namorava nas vaquejada, andava nos caminhão com os home. Mas isso é tu ... é pura conversa, pura ... se tinha uma ou outra que fazia, fazia. Mas aquilo era generalizado na época. Era muito generalizado! Tipo assim, eu, eu lembro, eu vou contar isso aqui (risos), eu lembro uma época, em que, não vou citar nomes, claro, é, é, é, que eu fui testada. Fui testada, né? Em 2015 ainda, já na época, 2015 agora, na época da AVAB mesmo. Foi quando eu comecei a correr puxando. Eu fui testada e depois me contaram que eu tava sendo testada. Na época eu não sabia que tava sendo testada. Mas depois que tudo passou, diz: - rapaz, você sabia que você tava sendo testada? Eu disse: como é que é? Tinha um, um vaqueiro, amigo, que se achava um garanhão das vaquejadas e que ele dizia que ia pegar todas as vaqueiras da AVAB. Que ia namorar, que ia ficar com todo mundo dessas va, dessas meninas. Porque as meninas era tidas assim como as meninas fáceis, como as meninas que cedia a qualquer encanto, de qualquer vaqueiro, coisa do tipo. Então a gente passava por esse preconceito também. Eu vivi isso. Sempre fui uma pessoa muito correta, muito direita. Em todo lugar que eu passo, se perguntar de mim, qualquer pessoa, todo mundo vai dizer sobre. Então, eu me sentia mal com aquilo. Eu digo: - Ué! Por causa de uma a gente tem que pagar o pato? Pagar o preço? Como assim? Se teve uma que, que quis, é vida dela. Ela faz o que ela quiser. Não vamos generalizar o negócio, né? Não é porque ela fez que todo mundo vai fazer. E aí fizeram uma aposta que essa pessoa ia dá em cima de mim e eu ia dizer tá. Tipo assim, né? (risos). Verdade, verdadeira! Fato verídico! E, na época eu não sabia que era isso, né? Mas ficou o tempo inteiro, numa, ah porque, querendo, me cantando. E eu sempre tratei bem. Dando minhas, minhas, meus, minhas saídas de forma sutil, sem ignorar, sem falar coisas grossas. Aí eu belê, levando na esportiva, mas não aceitei convites, não sai. Então, pra ele, na época, acho que aquilo foi uma derrota. Não sei se por conta de algumas aberturas de outras meninas e comigo não aconteceu. O que eu acredito que não só comigo. Com outras meninas deve ter acontecido a mesma coisa. Mas quando eu fiquei sabendo que aquilo era um teste, mulher, eu fiquei arrasada! Eu fiquei assim: eu disse como que é? Olha só a imagem que esse povo da vaquejada tá tendo da mulher vaqueira! Né? E eu disse: não! Isso não existe um negócio desse não! Foi. Foi aí que aí eu comecei até divulgar isso! Eu disse assim: - rapaz, o problema sabe o que acontece? É que as vezes eu tô tendo, até eu particularmente, eu tô tendo vergonha da minha classe. Eu tô tendo vergonha da minha classe! Eu não sei se dizer que eu sou vaqueira hoje é bom pra mim ou se é ruim. Por quê? Por causa de uma ou duas, a gente tá levando uma fama dentro de uma vaquejada que eu acho que totalmente errada. Sabe? Esse negócio de ah porque a vaquejada foi feita pra homem correr e não é mulher. Hoje em dia a mulher tá fazendo tudo que o homem faz. Por que que numa vaquejada não? Não é? Claro que tem ainda os preconceitos, tem ainda as pessoas arcaicas naquela época que ainda não aceita, que não quer aceitar, como eu disse logo no início que teve pais de meninas [...] que não apoia a menina correndo. Que eu acho que tem pra muito. Meu pai tinha orgulho de mim! Até hoje se eu disser, o troféu que eu trazia pra minha casa, meu pai tava alegre e feliz da vida! Eu tive apoio do meu pai, mesmo ele fora. Ele me deu um cavalo, mesmo ele fora da vaquejada. Ele não negou apoio. Você quer? Vou te dá. Vou te dá um cavalo. Então, igual ao meu pai eu vejo que não tem muitos. Tem muitos aí que não apoia os seus, as suas filhas. Eu conheço várias que fala isso. Que a maior dificuldade é que tem pai no ramo que até cavalo tem, mas não dá pra correr, pra treinar. Sabe? Talvez até um preconceito vem da própria, própria casa, da própria família. No meu ponto de vista, né? Vendo isso! Então é complicado nesse sentido. Então, tem a questão do preconceito familiar, vem da própria família. Eu acho que a própria sociedade, não vejo muito, pelo o que na arqui, na arquibancada, não vejo muito. Pelo

contrário, o povo gosta de vê a mulher correndo. Eu vejo muita coisa positiva quando eu tô numa arquibancada assistindo, eu vejo as pessoas falando. Então as pessoas se levantam, as pessoas filmam, as pessoas tiram foto. Na, na época mesmo, eu era passar no corredor um monte de gente até pra pegar em minha mão. Me sentia um artista! Oh meu Deus do céu! Quem sou eu? E como era aquele mundo! Nossa! [...] Poxa! Uma menina até te chama querendo tirar foto com a gente. Como se nós fossemos estrelas. E na época era realmente! O povo não via mulher em vaquejada. E quando via uma, ou duas ou três ficavam encantados em ver a coragem daquela mulher no meio de tanto homem, correndo, né? Então foi uma fase boa também. Ruim ao certo ponto, boa em outro ponto. Mas hoje já não vejo muito com muita novidade não. Hoje eu acho que é normal! A mulher na vaquejada hoje pra mim é normal. Até porque, como eu disse, cresceu muito o lado feminino. Tem muita menina correndo hoje, muita mulher correndo hoje. E que hoje tem muita mulher aí que bota muito homem no bolso. Que corre feito homens, que bota boi seguramente que nem homens e que tem técnicas até mais que homens. Então não vejo porque diferenciar no sentido, não tô falando no sentido de competir por competição. Agora sim, vamos dizer assim, Daiane mesmo, ela competiu no meio de jovens e ela tava, ela a única mulher que tava correndo e ela tava no ranking de primeiro lugar, segundo a ABV. No meio, mas no meio de que? De jovens, de pessoas da mesma categoria que a dela, de aprendizado, né, de, de, de, de experiência. Então, lógico que não vamos pegar uma Daiane correr com um Celso Vitório da vida, você vai querer competir, querer ... não. Pelo amor de Deus, né? Testar essa categoria aí. E é isso! Eu acho isso, né?

6 -Como a senhora enxerga as rainhas da vaquejada?

Pra ser rainha de vaqueiros, né, precisava, pelo menos, montar cavalo, saber andar no cavalo, saber o que é uma vaquejada, saber, né, ou melhor, rainha de vaqueiros não, rainha da vaquejada, né? Porque rainha de vaqueiros pode ser qualquer outro tipo de esporte equestre, né? Uma cavalgada, uma Argolinha, um negócio assim. Mas ser rainha de uma vaquejada eu acho que pelo menos a pessoa precisa conhecer um pouco o esporte, a mulher, né? Entender um pouco, não precisa nem correr vaquejada. Mas, pelo menos viver o que é a vaquejada. Mas geralmente o que a gente vê hoje essas meninas que tem o padrão de beleza aceitável, digamos bonita, né? Beleza bonita pra sociedade é quem participa dos concursos e quem concorre, e quem ganha, né? As tidas modelos, né? Mas eu não acho bom! Eu acho assim, eu não sei qual o objetivo deles. Talvez seja o objetivo seja esse mesmo: chamar o público no geral, porque Serrinha, não sei se você sabe, eles, eles, eles, eles investem muito nas festas para o público geral. A vaquejada em si é a, é a, é a, como é? A tradição, mas a tradição não vem do Parque Maria do Carmo, a tradição vem do Parque Fernando Carneiro que na época era aquele parquezinho bem simples, não tinha nem se quer uma área de show. Então era ali que começou a tradição vaquejada Serrinha. Eu cheguei a ir com meu pai, na época eu ainda não corria, mas, não corria assim puxando, mas eu sempre ia na vaquejada com ele. Eu cheguei a época, as vezes tava tendo vaquejada nos dois parques. Ia correr uma senha num parque daqui a pouco atravessava a rua tava no outro parque. Maria do Carmo não era tããõ estruturado quanto é hoje, na época. Sei que com o tempo passou, eu me afastei da vaquejada, quando eu retornei, o Fernando Carneiro já não existia mais. Então só era o Maria do Carmo. Aí a tradição Maria do Carmo veio as festas, na época tinha o Frajola que era fora do Parque. Hoje, segundo o que já me falaram que o próprio Maria do Carmo que comprou o Frajola pra que não houvesse festa no mesmo dia e que todas as pessoas fossem para o parque e não se dividissem. Eu não sei se é uma questão verídica, eu não sei se é verdadeiro. Mas hoje realmente nem o Frajola mais existe. Que era uma festa fora do parque. Hoje só é, a vaquejada de Serrinha só é dentro do parque, enfim. Então eles hoje eles investem mais na festa em si do que na própria vaquejada. Eu acredito que porque, acho que ganham mais né?

Tem um lucro maior. Na venda da camisa, do ingresso, né? Enfim, não sei. Mas acho que na vaquejada em si o prêmio quem paga é o próprio vaqueiro. Porque só uma senha pra correr em profissional de Serrinha é quase mil reais. É muito caro! Então eu não apoio esse negócio de rainha não. Mas eu acho que pra ser rainha de vaquejada tem que conhecer pelo menos o que é a vaquejada. Não precisa ser vaqueira pra puxar boi. [...] Que entenda da vaquejada. Ah se o boi bater ali naquela faixa [...] como é que a gente julga esse boi? Ou se o boi caiu de um jeito, será que esse boi caiu pra ponto? Pelo menos pra entender um pouco como é que funciona. Qual é a regra da vaquejada? Se você, é, hoje, né, hoje se o cavalo, hoje tem até o fiscal de pista que é o veterinário que fica no final, né? O bem-estar animal. Eles chamam de bem-estar animal. Eles fiscalizam pra saber se o cavalo foi cortado na hora. Se o cavalo, se você vê um cortizinho, um sangue, é desclassificado da festa. Então, hoje todo vaqueiro tem que correr com esporas cegas que não cortem ou que estejam enroladas, né? Hoje o boi não pode correr só com o rabo, tem que ter o protetor de cauda. Que é o que acaba com a mão do povo. Eu tenho um sinalzinho que ficou aqui, que corri direita, na verdade, nunca consegui correr de esquerda. Só corria de direita. Mas quando surgiu essa época do protetor de cauda, acho que eu corri umas duas vaquejadas com o protetor de cauda. E agora nenhuma vaquejada mais pode sem esse protetor, né? Tem muita gente aí mesmo que se rala, mas hoje até um bolaozinho que tiver tem que ter o protetor de cauda. Então muita coisa mudou. Eu não sei qual a diferença de pegar no rabo do boi, no sentido bem-estar animal, e na cauda? No sentido bem-estar. Enfim, eu não sei qual o critério que usaram pra isso não.

7 -Em relação às regras da vaquejada, as mulheres tem algum tipo de participação nas decisões dessas regras?

Se houve alguma representação feminina ... dentro do próprio congresso? Da ABVAQ? Se teve eu desconheço. Se teve daqui da Bahia eu acredito que não. Se teve foi de algum outro estado. Outro estado. Eu lembro que teve ainda uma conversa aí que a ABV ia abrir as portas novamente pras meninas e tal. Foi por isso que inclusive eu entrei em contato de novo com Valmir, mas ele disse que não tá nada formalizado não. Foi através de um deputado, um deputado, aquele que apoia muito a vaquejada, ah ... Eduardo Sales. O Eduardo Sales junto com uma, acho que uma comitivazinha da, das meninas que procuraram acho que ele pra um apoio, né? Dá um apoio pra as meninas na Bahia. Só que daí eu, eu achei, fiquei até feliz, achando que o negócio ia render... Tinha gente achando até que era eu que tinha ido. Mas, disse assim: - não, não sou eu não [...]. Aí eu acho que daqui da Bahia se teve eu não, eu não sei lhe responder se teve alguém que participou dessas discussões, dessa resolução não.

8 - A senhora pratica a vaquejada profissionalmente? Por quê?

Como eu disse, né, mesmo não praticando atualmente continuo com a mesma paixão, amo vaquejada, adoro vaquejada. É, é, é não tô conseguido ter a mesma disponibilidade que eu já tinha antes, né? Como eu disse as coisas vão pá, pá, pá, passando a gente vai assumindo outras responsabilidades, nosso tempo vai ficando desse tamanho, né? É, é, é, então da medida como eu posso, da forma que eu posso eu, eu me envolvo. Não tô mais como antes, toda vaquejada que tinha, tá Tatiane lá. Não é qualquer vaquejada hoje que você vai me encontrar como antes. Era qualquer vaquejada que tinha tava eu lá. Era certo de você me encontrar. Hoje é bem pingado assim, quando eu posso mesmo. Mas voltando tudo, se realmente retomar, a gente consegui fazer os circuitoinhos femininos, acredito que eu ainda consiga retomar. A gente consegue na verdade, né? (risos) Retomar. Mas enquanto tá nessa frieza, aí eu tô mais [...].

9 -Quais projeções a senhora faz de futuro da mulher na vaquejada?

Oh! Existe ... eu acho que futuramente ela ... bom, ela tá brigando por espaço. Se ela tá brigando por espaço, ela vai ter que obedecer regras. Que as vezes até ... regras não, ela vai ter que, como é que eu posso dizer, fazer o que antes não fazia. Hoje a mulher pra entender que ela precisa pagar senha, por exemplo, demora um pouco. Antes, porque a mulher corria de graça. Até no meio dos homens. Dona Socorro talvez possa responder isso na época dela, por ela ser mulher, as vezes né? Até na minha época já acontecia isso. Até hoje o mesmo [...] acontece. Quando é pra correr no meio de homem eles dão a senha, né? Mas se a gente continuar nessa labuta que tá, eu vejo a hora de que nem isso mais vai acontecer. A gente vai ter que pagar como eles. Se a gente quer correr como eles, a gente vai ter que pagar o que eles pagam. Sabe? Então, vai ter que se adaptar a isso também. Hoje, pra você ter uma ideia, Serrinha estava dando prêmio de graça. Chegou a dar 9.000, 10.000 em prêmios e mulher sem pagar nada. Senha gratuita. Por isso que todo mundo descia. Vou correr de graça, não vou pagar nem senha, só vou ter despesa de viagem, né? E já ano passado não teve mais isso, né? Ano passado já não teve prêmio dado por Serrinha. E seu eu não me engano, se eu não me engano, se teve, foi, mulher teve que pagar. Sabe? Então, isso mudou! Mas, dizem o povo, que foi devido a uns problemas que aconteceu numa vaquejada lá que as meninas reclamaram por alguma coisa ou outra e os organizadores da festa resolveram então não fazer mais, né? A categoria feminina e ainda gratuita. Eu nunca vi um parque de vaquejada dá 9.000 reais de prêmios sem pagar senha. E Serrinha fazia isso! E hoje já não faz mais. Entendeu? Acho que se mulher quiser correr lá vai ter que correr pagando. Mulher com mulher. E se quiser correr no meio dos homens, até que acho tava dando senha, no meio dos homens. Quer correr aspirante? Então dá senha. Corra no meio dos aspirantes, dos aspirantes, lá no meio dos homens. Acho que a jogada foi essa aí. Então é um exemplo de, de regressão, né? A gente tinha, mas perdemos. Por quê? Porque as mulheres cresceram, começaram a criar pulso, peito, né, possibilidades e aí eles viram e começaram: vocês querem correr com mais gente? Então pronto! Vocês vão agora fazer como a gente faz: pagar pra correr! E é por isso que eu digo que a VBA hoje só vai dar certo se a gente tiver dinheiro. Se não tiver, não rola, não vai dar certo. Então por isso que a gente precisa arrecadar um fundo de garantia pra que esse dinheiro circule e ele vá circulando, ele vá circulando que a gente vá tendo esse dinheiro sempre. Sabe? Sem dinheiro é melhor nem ir. Não dá!

10 -Que outras mulheres a senhora conhece que pratica a vaquejada?

Nicole Nogueira de Camaçari, Daiane Oliveira daqui de São Sebastião lá da JP, é, Caliani Miranda, Kaliane Baraúna, Kelly Vaqueira, Daniele, teve Karla Sampaio participou uma época também, eu, Tatiane, Zulmira Sena, [...]. Então, tem mais o quê? Leidiane Machado, Leidiane, aí tem 10, na época AVAB. Não me lembro de mais ninguém na época da AVAB, sem ser essas 10. Agora tem mais. A gente vem com Yasmin Hagge, a gente tem é, é, é, Paloma, é, é, é, se eu abri aqui o grupo de vaqueiras aqui, eu me lembro, deixa eu só [...]. Bom, Caliani que corre, aí vem Any, uma menina chamada Any que corre vaquejada agora também, Camila, Brena, Karini, Carol Macedo que é a vice-presidente, Nicole que eu falei, Daiane, Dani que tá começando, Daniele, Daniele é de lá de Serrinha, Feitosa, Aila que é uma pequenininha de 12 anos que tá iniciando agora, também é de São Sebastião, Gel de Catu Jenifer do Oeste, Julia de Ribeira do Pombal, Leidiane, Letícia de Senhor do Bonfim, Maiara de Serrinha, Marcella que você já conhece, de Cardeal, [...], Milena que eu acho que é só bate-esteira, tem uma Nique aqui também, eu não conheço muito ela, mas ela corre vaquejada, tá até com uma foto correndo boi aqui, Radija que é veterinária, tá correndo também, Raila que ela é de Catu, Rita tá aqui também, Rita Cordeiro, você vai investigar ela também, [...], Tamy vaqueira de Catu, Thauaná lá de Inhambupe, Taiá de Camaçari. Tem muita mulher, muita mulher. Por isso que eu disse que mudou muito. Eu disse, até eu fiquei

surpresa em vê tanta mulher correndo agora. Verônica em Conceição do Coité. Tem um monte! Só nesse grupo são cento... não todas correm, mas a maioria, 108 participantes. Nesse grupo aqui da VBA. Hoje tenho esse sloganzinho aqui. [...] Tem face, tem instagram. Aí mexe mais no instagram. Você tem instagram? Pronto! É, e dessas outras que eu já acabei de citar pra você. Tem muita gente. Agora é como eu disse, se essa mulherada resolve se unir realmente como elas falam e, e transformar fala em atitude, e num instante esse negócio resolve. O problema que fala, fala, que quer, que quer, mas sabe como é? Eu acho que é aquela história, querem, não querem participar na mexida do bolo, eles querem o bolo pronto. Tem muita mulher ...

Quem ensinou a senhora a correr boi?

Foi os vaqueiros, citei Zé de Horácio, né, que foi na época que era vaqueiro de meu pai e era com ele que eu ia treinar, tanger os boi, como eu sempre falo. E quando eu retornei Ricardo Palito. Me ajudou muito! Claro que no decorrer sempre tem um ou outro que me ajuda. Mas os, os principais foram esses. Meus tios, meu tio sempre me deu dica e tal, mas mesmo sendo tio, era mais próximo ao... meu cavalo mesmo tava em outro haras, não tava no haras do meu tio. Também por conta da, da, da acessibilidade. Era mais fácil pra mim também, sabe? Mas todos eles sempre me apoiaram. Nunca, nunca foram contra a isso não. Da minha família eu sou a única mulher que corre vaquejada.

**APÊNDICE E – Ficha Técnica/Entrevista III**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**GRUPO CORPO**



Depoimento de Rita de Cassia Cordeiro Lima

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador(es): Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Levantamento de dados: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Pesquisa e elaboração do roteiro: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Coriolano Pereira da Rocha Junior

Técnico de gravação: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Cales Alves da Costa Junior

Local: Feira de Santana - BA

Data: 20.03.2019

Duração: 57:34min

Gravações: 02

Páginas: 10

Entrevista – Feira de Santana, 20.03.2019

## **PRIMEIRA PARTE DO ROTEIRO**

### **Dados Pessoais**

1- Nome Completo

Rita de Cassia Cordeiro Lima

2- Data de Nascimento

Data de nascimento – 05/02/1967

3- Profissão –

Eu, artesã. Trabalho na arte de artesã com troféus pra vaquejada e, e, e, pitchu.

O que é picthu?

Colcha de retalho da vovó. (risos)

4- Estado Civil-

Tico tico no fubá. Casada (risos)

5- Escolaridade –

Eu tenho só o segundo grau completo, né?

6- Quantidade de filhos –

Nenhum

7- Onde nasceu –

Serrinha

8- Onde mora –

Moro aqui (Feira de Santana) há 28 anos...28, 29 anos

## **SEGUNDA PARTE DO ROTEIRO**

### **Perguntas relacionadas a proposta da pesquisa em si.**

1 -A senhora tem alguém na família que tem aproximação com a vaquejada?

Todos. Eu participei da vaquejada desde 8 anos de idade que acompanhava meus irmãos. Meu pai, né? Aí vem meus irmãos, tal. E todo mundo lá meu irmão. Meus irmãos todos foram vaqueiros. É, hoje, questão da idade, né, já estão aposentados. Mas, sempre foram vaqueiros. Então sempre participei com ele. O marido veio, quando marido veio eu fui parando. Quando o marido chegou eu tava saindo já.

Quando a relação da sua saída das vaquejadas com o casamento? Era porque ele não gostava? Não! Não! Foi os janeiros mermo. Foi a idade mermo que já foi chegando, eu já fui, entendeu? Aí eu passei a viver, me realizava vendo ele correndo.

Ele também é vaqueiro?

Ele também é vaqueiro.

Ele ainda corre?

Ele ainda corre. Aí eu me realizei. Eu via ele correndo. Aí eu perdi o estímulo, aquela vontade de correr. Mas sempre participei, todo final de semana a gente tá nas vaquejadas. Eu só não tô mais montando no cavalo. Mas o resto na vaquejada tô participando em tudo (risos).

2 -Como foi sua entrada na vaquejada?

Eu acho que...eu não, não tenho nem como explicar, porque como eu te disse, tem que desde 8 anos de idade que eu começava acompanhando meus irmãos. Lá na fazenda, aquela coisa, aquelas vaquejadas antigas, na lida do gado, entendeu? Então veio da minha, da minha infância mesmo. E foi a vaquejada foi se, se modernizando e eu acompanhando ela. Acompanhando a tecnologia da vaquejada, né? E tô aí. E não penso em sair. De jeito ou de outro eu tô no meio dela. (risos)

Mas teve alguém que ensinou a senhora?

Ah meu irmão. Meu irmão, ele, é, é, meu irmão, ele, ele me incentivou muito. Na época mesmo, resolvi sair com ele, pivete, menininha, até então as pessoas achavam que era um menino – cabelinho curto – aí eu.... foi mal, lembrando da infância, aí... (emoção). Mas assim, foi meus dois irmãos, na verdade, que mais me incentivaram. Meu pai também aceitava, concordava. Era, era muito natural! Ele agia numa naturalidade, porque ele veio, ele era da, da roça, né, da fazenda, da lida do gado. Então tudo aquilo pra ele, tocar uma, uma boiada ou a gente ir pra uma vaquejada, a diferença era bem pouca. Fazia parte da... é bater um baba ou jogar numa seleção. Era mesma coisa pra ele, entendeu? Então assim, ela veio disso aí, é sangue mesmo, a família, todo mundo em vaquejada. Meu irmão foi um dos maiores vaqueiros do Brasil, entendeu? No tempo dele, né? No tempo dele é, é como Pelé. No tempo dele, ele foi um bom mesmo, entendeu? E, e, inclusive agradeço a seu pai, né, que foi o primeiro que incentivou ele a, a brilhar. Foi o velho Eriberto. E, e, enfim, é, é, é família mesmo, é o sangue. Tá na veia! Eu sou apaixonada!

Tendo em vista que muitos não consideram a vaquejada da atualidade a verdadeira tradição, como era a vaquejada quando você começou? Como a era a derrubada de boi de bucho, por exemplo?

É! Era como cha..., dizia, chamavam o...existe muito linguajar né, no ramo da vaquejada. É, é, é chiar o boi. Era derrubar e poderia vim puxando o boi até as duas faixas, que é as duas linhas de demarcação. Então poderia vim arrastando ele no chão e ele levantar entre as duas linhas. E hoje não pode! Hoje é proibido! Hoje tem que derrubar e levantar entre as duas faixas, entendeu?

Mas de que distância podia derrubar e arrastá-lo?

Aí o vaqueiro que ia ser o herói, quanto mais força tivesse pra carregar. Normalmente eles derrubavam o quê? Dois metros antes do cal. Porque a gente chama o cal aquela linha de demarcação. Então, derrubava o boi antes ali e vinha trazendo tchuuuuuuuu, vinha trazendo, beleza! Era faixa de seis metros. Mas podia você vim derrubando. E hoje não! Ela aumentou pra oito metros, na verdade, dez metros, porque é oficial. Baixou fica nove, mas a oficial eram dez metros. E aí você tem... aí aumentou, por quê? Porque o boi tem que cair e levantar entre as duas faixas. Não derruba mais pra vim derrubando. Hoje, se o boi é, é, é...aí agora é a parte do juiz, né? Se o boi .....

Ele é juiz também? (referindo-se ao esposo)

Também! Aí o boi...aí tem os regulamentos. Tipo o pênalti, o não sei o quê da, do, do futebol. Não sei discutir nada de futebol. Mas existe o regulamento hoje. Totalmente diferente daquela época. Naquela época derrubou o boi, valeu e acabou! Entendeu? Derrubou o boi, valeu e acabou! Podia ser de um jeito ou de outro [...] de um lado, de outro. Hoje mudou muito as regras. E naquela época existia assim: a vaquejada era uma festa, era uma festa. Hoje é um comércio. Era totalmente diferente. Era reunião que tinha dos fazendeiros, né, praaa fazer uma vaquejada. Vamo reunir todo mundo na casa de Rita, vamo tomar uma cervejinha. Lá era uma vaquejada que eles faziam. Hoje não! Hoje é comércio. Mudou totalmente! Hoje é comércio! É o boi, é, é, é tudo, tudo, da manei... do modo geral que, que hoje lida com a vaquejada, é só fins lucrativos. Não vão mais aquela diversão. Tem um ou outro que vai pra se divertir, vai, vai. Mas o próprio dono da vaquejada hoje faz como comércio. Entendeu? Pra arrecadar fundos, né? Antigamente não! Prendia a boiada na fazenda de alguém e vamos passar, treinar os cavalos né? Fazia aquele tipo bolão, tudo 0800. Mas só queriam ir lá pra tomar cachaça, derrubar, vê o amigo, comer um bom churrasco. Hoje acabou! Então hoje mudou totalmente daquele tempo pra cá! Hoje ela tá mais moderna, mais... a tecnologia. Antigamente ninguém sabia o que era, o que quer, queria dizer uma televisão na vaquejada. Hoje tem que ter. Até, qualquer bolãozinho pequeno tem que ter a, a, a filmagem. É, é, é, o vaqueiro hoje tem que tá informatizado, né? Tem que tá com, com a internet 24 horas. Antigamente ninguém sabia nem o que diabo era celular (risos). Então assim, a, a mudança, é a mudança mesmo do nosso tempo, né? Não é só a vaquejada. A nossa vida mudou também, né? Então a vaquejada acompanhou.

Quando a senhora começou já era essa época que possuía as pistas de vaquejada? Da faixa de seis metros, ou participou antes disso?

Não! Ainda foi na faixa de seis metros. Eu sou antiga bebê!

Mas já tinha essa ideia de pista?

Já! Não! Já! O parque de Serrinha, o, o, o Fernando Carneiro, é, é, é já existia. A mudança da faixa de, de seis metros pra dez metros foi assim uma mudança, é, é, é radical. Foi uma mudança total na cabeça dos vaqueiros. Foi uma das primeiras mudanças que existiu. Hoje não! Tá mudando tudo. Todo dia tá mudando! Mas a, a, a, tecnologia tá aí avançada e, e tá explicando ao, ao pessoal, aos competidores. Mas naquela época foi assim, bem, bem chocante a mudança da, da faixa de seis metros pra dez metros.

Isso foi em que período?

Eita que você puxou pela minha mente, mas deve ser o quê? Deixa eu vê. Uns 30 anos. 30 anos mais ou menos. Deve ter uns 30 anos. 35 anos. Puxe muito da minha mente não viu querida! (risos) Mais ou menos essa, essa época aí! Uns 30 a 35 anos a mudança da, da faixa. Poderia um dia lhe dá uma, uma, como é que se diz? Uma resposta até mais precisa, mas....

Quando é que a senhora começa a correr?

67. 80 mais ou menos. Era assim, era, não era no profissional. Era, acompanhava. Aquela época era novidade.

Mas a senhora derrubava boi?

É! Aí era novidade! Quando não derrubava, mas só a presença, já era marcante, né? Que era uma coisa interessante. Ah Rita vai correr! Uma mulher vai correr! Fomos numa vaquejada uma vez em Petrolina, eu e Socorro. Aí quando chegou lá, parou tudo, a vaquejada, só pra correr só nós duas. Foi lindo! Foi muito bonito! Fosse hoje, no, no, no tempo de hoje pra gente ter uma filmagem, uma coisa dessa, mas foi muita [linda?] nossa apresentação. Corria

eu e meu irmão, Socorro e o irmão dela. Aí o locutor ficava narrando, aquele locutor Pio, que é uma pessoa muito interessante até pra você fazer uma entrevista também. Que é do tempo também, do meu tempo (risos).

3 -Como a senhora enxerga a vaquejada como prática na Bahia?

Eu hoje do lado economicamente falando, a vaquejada hoje, ela, graças a Deus, né, tá normalizando, não só na Bahia como no Brasil todo, principalmente no Nordeste, né? Que...eu, eu costumo dizer isso: que se parar a vaquejada, o Nordeste morre de fome. O Nordeste consegue conviver com esse calor infernal, com essa seca que nós nordestinos já estamos acostumados a seca, né? Mas a vaquejada, morre muita gente de fome. A necessidade. Então hoje eu vejo a vaquejada que é um meio de vida que as pessoas tão agregando todos os meios. Tem sempre alguém, alguma família sendo beneficiada com a vaquejada. Ela tem um, ela tem um comércio muito, muito grande, a vaquejada. É um comércio muito grande. Porqueee é como é que se diz? Vive o... eu mesmo trabalho com troféus. Vendo troféus pra vaquejada. Meu marido é, é juiz de vaquejada. Eu trabalho em secretaria. Aí a gente tem um caminhão que transporta o cavalo pra vaquejada que cobra um frete e assim eu tô dando exemplo daqui de casa. Mas tem um faixeiro, tem, tem o menino que monta no cavalo, um que dá o banho no cavalo, o locutor, o carro de som. Então tem é, é, é, uma, uma cadeia de, de, de, de empregos que a vaquejada...alimentação, demais. Aí tem, você falou em alimentação, tem o barraqueiro, tem o, o, o menino ali, tem um pessoal mesmo que bota barraca todo final de semana, acompanha a gente. Ah tá com dinheiro, tá sem dinheiro, a gente senta pra almoçar na barraca dela ..... Então já é uma família. E essa foi.... e a, e a vaquejada se parar ela morre de fome. Ela morre de fome [...] Nordeste, como é que se diz? Resiste a seca, agora não resiste a falta da vaquejada. Ela é muito, muito, muito importante aqui na nossa região.

4 -Como é a posição da mulher na vaquejada hoje?

Eu acho, eu, a mulher na vaquejada eu acho natural. Porque eu acho que ela tem o mesmo espaço que o homem tem. Porque ela tem... o futebol ter a mulher é normal, né? Na, na política as mulheres tão aí, né? Nossa amiga Dilma, tia Dilma, tia Dilma aí. Então assim, eu acho que é, eu acho natural. No tempo que a gente corria era mais assim, existia mais um tabu. Hoje é bastante natural a mulher correndo. É até então que naquela época quando a gente ia correr, pára tudo. Era, era prefeito, era vereador. Afe Maria, eu vestia camisa de político na época da eleição, o povo fazia questão. Hoje a mulher vai correr não tá nem... Tá tão aceito a mulher, entendeu? Na, na, na vaquejada como em qualquer um outro espaço que nós, graças a Deus, conquistamos, né, todos os espaços, que eu acho, eu acho bonito. Eu, eu prestígio muito, inclusive a gente é do grupo de mulheres, a gente tem uma associação, o grupo do Whatsapp, a gente discute muito isso. E, e, e eu acho...eu dou o maior apoio. Em resumo eu dou o maior apoio a quem quiser. É gostoso! É uma adrenalina nova (risos).

5 -Como a senhora enxerga a relação da mulher na vaquejada e na sociedade?

É, é, é, acho...quase a, a, a, o que falei anteriormente, é que antigamente a gente era novidade, né? Era basicamente a Socorro, uma ou outra, tinha uma menina em Petrolina e tal. Mas era assim, era uma novidade. Hoje a gente tá mais na vaquejada, as mulheres tão aí na vaquejada, tem muitas que participam. Então, já não ficou mais, já não tá mais aquela, aquela novidade, aquela garra que tínhamos. Tem uma menina em São Sebastião, tem muitas vaqueiras em São Sebastião, boas, começando agora e tudo, mas tem muita vaqueira em São Sebastião. Muita gente que gosta de vaquejada, né, de modo geral. Mas, é, é, como é que se diz? Antigamente era novidade. Então, hoje as vezes passa despercebida até, coitadas. Tá entendendo? Assim não tem mais aquela ênfase de é, é, é dono de festa fazer questão do convite da gente. Socorro

vai, não sei se não falou, mas vai falar isso pra você, da gente ser convidada especial, convidada especial e tal. Hoje, a mulher chega na vaquejada, faz a senha dela, mas tem...tá tão comum. Não, não, não, não tem mais aquele impacto que tínhamos antes. Então, em resumo antigamente era bem melhor (risos).

6 -Como a senhora enxerga as rainhas da vaquejada?

Ela é, é, é, na, antigamente, ela até, até que participava mais. Tinha mais a participação na festa do vaqueiro, tinha a rainha, a princesa, né? E, e, e, tinha as eleições, né? Elegia a melhor e tal. Hoje, aqui, ultimamente, acho que só em Serrinha que faz. Eu não sei, puxando pro lado de cavalgadas. Que não é muito o ramo da gente. Gosto de cavalo e tal, mas não participo muito de cavalgadas. Mas vaquejada em si hoje, só ser a vaquejada de Serrinha. Que também tem aquela festa, a festa, que tem a rainha que não é da vaquejada de Serrinha, é da Bahia. Hoje é a rainha da Bahia, né? Porque são várias cidades que vão participar, né? E, e, e, e eu achava interessante naquela época. Eu achava lindo porque elegia a rainha dos vaqueiros, né? Era bonito, né? Ela vestida a caráter, entendeu? Hoje perdeu a, perdeu a, a, a graça. As pessoas não, não valorizam mais isso aí. Justamente baseado em quê? No danadinho do dinheiro que o povo corre atrás de fazer uma vaquejada, mas não se preocupa tanto assim como teve aí no Coliseu algumas vezes. Teve abertura, com missa, com desfile, com bandeira da Bahia, bandeira do Brasil. Era muito bonito, muito emocionante, com Nossa Senhora Aparecida, e tal, aquela coisa bonita. Hoje não! Hoje o locutor pega é, é, é, vamo pedir a Deus que dê tudo certo, não sei o quê. Reza ali aquele Pai Nosso e Ave Maria ligeirinho e tchau e bênção! Bora correr boi! E acabou! Entendeu? Seis horas que faz a... Então assim a, a, a vaquejada hoje, tá, tá bem diferente, inclusive esqueceram um pouco de fazer isso, né? De fazer uma coisa gostosa que é eleger uma rainha, uma princesa né? É isso, né?

Como era essas rainhas? Eram modelos, eram da prática da vaquejada?

Não! Não! Era só modelo mesmo! Tinha nada a ver com, com a prática. Era só botar uma roupa de couro, botar uma [...] e tal, muita franja, né? Muita franja, chapéu e tal. Beleza. Essas coisitas que, que, que...e naquela época não era nem tanto a beleza. Era, lá antigamente, fazia assim por votação. Ah, tipo, é, é, é poderia ser a mulher mais bonita, mas eu, que não sou essa beleza toda, mas eu tinha muita amizade. Então, eu ia pegando, conquistando votos. Inclusive, a gente vendia bilhete. Tipo assim: vote em mim! Me ajude aqui, um bilhete pra gente comprar a nossa roupa. Que a rainha ainda comprava a roupa, né? Pra poder se aparecer, né? E a gente comprava os votos, na verdade. A gente pedia os votos. Pedia a você. Ia pedindo os votos. Então não era tanto eleita pela beleza, como hoje é em Serrinha, né? Eles elegem pela beleza como um desfile como outro qualquer. Mas antigamente era mais questão de amizade. De, de da gente correr atrás, de conquistar.

A senhora já foi rainha de vaqueiros?

Já! Já, já participei de, de desfile, de, de desfile em Serrinha, encourada. Toda de cou....., aquele couro mesmo, do, do homem do campo. Ah, várias e várias vezes, desfile em Serrinha, eu participei desse, desse desfile de...

Mas também puxava boi?

É! Não! Era o desfile da cidade. Saia os cavalos, tipo a cavalgada, né? Era o desfile dos vaqueiros antes de começar a vaquejada é, é, é, naquele tempo eles, a gente passe.... é, é, é, tinha o desfile na cidade. Então saia o carro de som com os aboiadores, né? Com os repentes e, e, e o pessoal, todo mundo desfilando. Aí desfilava as autoridades tipo prefeito, que, que se montasse ou não, mas taria, era prefeito, a rainha e a gen..., eu era, normalmente, eu sempre saia a rainha do vaqueiro. A, a legítima! A que era encourada, né? Com aquela roupa de couro

antiga. E, e, e as bandeiras e tal, tal. Então assim, eu participei mais dessa, desse lado. Da rainha dos vaqueiros. Mais eu vestida de couro, a caráter.

Mas depois a senhora ia derrubar boi?

Aí depois eu ia derrubar boi. Ah era só o desfile que todo o vaqueiro queria participar do desfile da vaquejada de Serrinha. Desfile de Serrinha era hiper famoso. Hoje não tá, tem uma quantidade boa de gente, mas é, é, é, até devido essas, essas proibições, essa.....e eu pensei que era meu! (Risos. A entrevistada confundiu os celulares). Aí devido essas proibições, né, aí perdeu muito o, o, o clim do desfile, né? Por causa dessa, dessa....

Aqui em Feira de Santana a senhora também já foi rainha dos vaqueiros? No Coliseu do Sertão?

Não, não, não. Já, já, já tinha acabado. Não tinha mais essa, essa coisa. Não tinha o desfile. Eu na verdade participava no desfile, né? E aí, aqui no Coliseu não tinha não. Teve umas duas vezes, teve a rainha aqui, que eu, eu ajudei, como sempre eu ajudei a, a fazer a festa daí do Coliseu, né? É, é, eu tenho um pedacinho aí desse Coliseu aí. Eu digo ao dono que eu tenho um pedacinho disso aí (risos).

7 -Em relação às regras da vaquejada, as mulheres tem algum tipo de participação nas decisões dessas regras?

Estamos. Estamos. Na, na verdade, quando teve aquela, aquela movimentação que nós fizemos em Brasília, eu fui, né? Inclusive eu fui! Uns dois ônibus, de, de, de, de pessoas, né? Fui, fui, fui o guia dos ônibus. A gente foi pra lá pra fazer a manifestação lá em Brasília que diga-se de passagem, dizem que foi uma das maiores do Brasil, né? Na história do Brasil, fomos nós que conseguimos parar Brasília. E paramos mermo, viu! E aí assim, e hoje eu participo da Associação, a ABV, que, pelo qual o Valmir é o presidente e eu tô com ele, desde quando fundamos essa associação. E a gente tá sempre ligado a, a, as novas regras, a cumprir as novas regras. Porque, se não iam parar a vaquejada. Ela ia parar. A mudança de, a cauda postiça que mudou. Muito. Na época da mudança o vaqueiro achou ruim. Hoje eles tão sentindo sentado no sofá da casa. Que antigamente, acho que eles hoje não sabe mais derrubar o boi, se não...se caso precisasse, se não tiver cauda postiça. Que antigamente era um bicho de sete cabeça. Hoje é natural. Entendeu? A cauda postiça. Então assim, e todas as outras regras a gente tá sempre atua...atualizado, porque eu participo ainda, né? Não, não correndo, mas, é, é, é, eu trabalho na, na secretaria, eu trabalho numa gerência também de vaquejada. E... tô comendo e dormindo vaquejada, né? Que o marido também tem que tá estudando. Aí, aí é igual a um, um advogado. Ele é um juiz. Ele tem que tá estudando as leis. Ele tá... a gente tem, teve, tem congresso, a gente vai pra palestra do congresso. Eu na minha área, ele na dele. Teve um aqui em Feira de Santana, teve em Sergipe, em Aracaju. Fomos a trinta dias atrás pra Vitória da Conquista, que teve lá. É como fosse assim, mais uma...um teste, uma, uma, um debate pra a gente se aprimorar as novas regras, né? Até então pra passar pra alguém, pra e pra exercer também, né? E de uma certa forma, eu tenho que exercer também, né? Apesar da secretaria não ter nada a ver com a derruba do boi mais, mas eu tenho, participo.

Mas a senhora dá opinião, sugere algo ou é só uma capacitação apresentando as regras?

Não, não. Tem, tem, tem uma associação que ela foi a maior madrinha da vaquejada que é ABVAQ. Então assim, é, é, é vereador, prefeito, governador, presidente, então é uma, uma uma pirâmide, né? E ABVAQ ela tá, ela tá expandida ao Brasil todo. Então ela foi a, a maior madrinha, ela foi a responsável por tá lá dentro, ter mais um acesso a brigar, a, a lutar pela, pela liberação da vaquejada. Então hoje a gente, esse congresso mesmo foi sobre, foi da ABVAQ. Então veio o pessoal da ABVAQ passar pra gente o porquê, o porquê disso, porque

não usa mais a taca, porque não vamos usar, porque é maus-tratos aos animais e a lei tá aí pra isso. Porque se não cortasse várias, várias e várias coisas a gente não ia consegui voltar a correr vaquejada. Se não fosse tirado, sabe, assim... o pessoal usava espora, hoje vaqueiro não usa mais uma taca numa vaquejada. É, é comum! Ninguém tem uma taca nem dentro do caminhão. Não tem mais. Que não pode! [...] Então, eu, eu, eu não...várias e várias funcionários, normalmente quem participa mais desses congressos são mais os funcionários da área, né? Juiz, locutor, faixeiro, hã, hã, hã. E tá aberto ao público, a qualquer pessoa que queira participar do congresso. Mas a gente vai sempre. A gente debate. Por que não faz assim? As vezes, ele: é realmente gostei da ideia. Teve um, um lance lá mesmo que eu falei com ele, com o rapaz lá, com o [...], aí ele disse: vamos colocar em pauta isso aí! Vamos pensar, realmente é uma coisa interessante. Então assim, cada um dá ideia. Um debate, uma sala de aula que tem o debate pra vê onde fica melhor para o vaqueiro, para o dono do parque e que não venha agredir as leis, né? Porque ...

Então a ABV é chancelada pela ABVAQ?

Ela é chancelada pela ABVAQ.

8 - A senhora pratica a vaquejada profissionalmente? Por quê?

Não! Só hobby mesmo. É tanto que quando você perguntou o porquê, quando eu disse quando ele, quando depois de marido eu parei, porque veio a responsabilidade e, e, e, não dava pra, pra associar as duas coisas, entendeu? Então eu preferi parar, ou seja, é, é, sempre foi como hobby, não era, nunca foi, nunca, nunca visei do modo é, é, profissional, entendeu? Era só, gostava, montava, corria. Só isso! Mas não, nunca usei como profissionalismo, como meio de, de vida assim. Não, porque tomava muito tempo! [Tem que ter?] um certo tempo para dedicação. E eu, na verdade, eu ah, tipo assim, ah tinha um meios, tinha outros meios pra ganhar meu dinheiro. Lógico! E, e, e, não dava para associar os dois. Porque tomava tempo, chegava segunda-feira, cansada, terça-feira tava cansada. Quarta, quinta já tava voltando... E aí? Entendeu? E o lado financeiro não era... Que pra gente mulher não é um meio de vida! Financeiramente. Ah! As meninas tão aí participando, tão ganhando. Tem Kaliani mermo, mulher de Ricardo Palito, ganha. Karla também! Karla Sampaio. Mas num, ela não sustenta! Ela não se sustenta com o que ela ganha. Você tá entendendo? Ela ganha! É um hobby também pra ela. Eu acho que ela, que elas visam como hobby. Entendeu? Elas ganham, mas num, num dá! Um vaqueiro homem não tá conseguindo sobreviver com só com o dinheiro da vaquejada. Então por isso assim que eu parei, mas continuo no meio dela.

9 -Quais projeções a senhora faz de futuro da mulher na vaquejada?

### **Projeções da vaquejada**

Rapaz, pense que cada dia que passa ela tá se estreitando mais, porque em termo a vaquejada em si, eu acredito, se não tiver nenhuma outra [barra?] aí, né? Que a gente ainda não tá cem por cento ainda legal, né? Sabe disso! Eu acho que a vaquejada, ela, ela veio pra ficar! Vai mudar! Vai, vai vim novas regras. Vai vim qualquer outra coisa. O vaqueiro as vezes, é, é, é, critica do juiz, que diz assim: daqui uns dias a gente vai derrubar o boi só soprando, porque não pode nem tocar nele (risos). Porque, por causa da proibição, né? Não pode bater no boi, que antigamente batia. Batia em cara de boi. Vaqueiro corria com a taca batendo no boi pro boi correr mais. O boi queria voltar, o vaqueiro metia a taca na cara do boi, metia a mão no olho do boi. Hoje é intocável o boi. Você tem que pegar [...] na cauda postiça e derrubar o boi. Não pode mais ter nenhum atrito o boi com cavalo, pá. Tocar o cavalo no boi, agredir o boi dessa forma. Aí os vaqueiros as vezes tão chateados. Ah, daqui uns dias a gente pra derrubar o boi vai ter que soprar, porque não pode mais tocar no boi. Como é que a gente vai derrubar o boi? (risos) Ou então com...no computador. Entendeu? Mas assim, mas ela tem que ficar. A

vaquejada tem que ficar pra, pra nós sobrevivermos. Entendeu? E cada dia que passa, ela tá crescendo mais, né?

### **Projeções da mulher**

Eu não sei se ela vai muito a frente não, viu! É, é, é o futuro, desculpe, o futuro da mulher eu, eu acho que tá se estreitando. Porque é justamente isso aí! A despesa muito grande numa vaquejada, certo? É muito grande! E o quê que acontece? Como ela, a competitividade é bem menor do que tá o homem, eu acho que vai chegar um ponto que elas não vão aguentar, elas não vão resistir. Vai ter uma, duas mulheres que vão participar porque tem irmão, tem marido, tem um pai que participa, entendeu? Que tem um haras ou até então um marido, normalmente, ah, um ...como Ricardo Palito, ele tem um haras que ele, ele doma os cavalos, ele é domador de cavalos. Então a mulher dele tá ali sempre no meio, tá sempre.... Mas assim, pra gente ter o, o cavalo em si pra participar, pra competir com eles, está meio difícil. Porque pra eles mesmo já tão difícil a competição. Porque hoje todo mundo derruba, sabe derrubar o boi. [...] usar um termo da vaquejada: hoje todo mundo sabe derrubar um boi. Que antigamente era só os vaqueiros, vaqueiros empregados de, de um fazendeiro. Hoje doutor, juiz. São pessoas, só tem, só tem na maioria o amador mesmo, o amador são todos, é, é, é, doutores, né? De um modo geral. É juiz, é, é, é, é vereador, é, é, é advogado, entendeu? Então hoje são todos... comerciante, os, os empresários. E antigamente, a gente não via isso, os empresários. Via na arquibancada, né? Torcendo pelo vaqueiro dele. E hoje eles tão lá dentro, participando. Entendeu?

10 -Que outras mulheres a senhora conhece que pratica a vaquejada?

Olha! Eu sou admiradora hoje, que todas as outras entendam que eu sou amiga de todas e torço por todas, eu quero que todas .... mas eu tenho um carinho muito grande por uma menina, é, é, kaliani, é, é, como é que se diz, Kaliani é uma vaqueira, eu sou apaixonada por ela. Ela montada num cavalo eu acho lindo! Só que Kaliani, ela já veio de uma geração de apoios. Do pai, dos tio, da mãe, foi uma maior vaqueira do Brasil. Então ela já tinha um alicerce, já tava pertinho de telhar a casa dela, né? Ela não deixa a desejar pra nenhum. Agora tem uma menina que eu tenho um carinho por ela, porque ela veio de uma família carente. Não carente financeiramente, mas carente de, de, do incentivo. É Kelly de Santo Antonio de Jesus. Ela deste tamainho, ela montava mais o pai pra correr. E ela é muito guerreira! Eu tenho certeza que se uma vaqueira ouvir eu falar dessa menina, ninguém tá dizendo que eu tô mentindo, porque ela é muito, muito guerreira! Ela é muito... sabe aquela pessoa que derruba um boi, que se acaba... um dia, um dia desse mesmo ela caiu, a calça dela rasgou daqui até aqui. Na maior naturalidade ela levantou. E foi correr o boi e ainda tava com a calça rasgada. A filhinha no colo do marido, que o marido não participa. A filhinha lá no colo do marido, assistindo e ela competindo. Entendeu? E compete e ganha, viu! É muito guerreira! Ela, Kaliani e Karla também. Hoje, agora, Kaliani, Kaliani Baraúna. Que é mulher de Ricardo Palito, que é de São Sebastião também. E aí, tá aí. Eu, Socorro e Leandra na velha guarda (risos). Só... na velha guarda. Kaliani também...ôh... como é o nome dela? Leandra. Leandra também foi muito boa vaqueira! Esquerda mesmo ela fazia sucesso! Porque normalmente eu e Socorro era direita. Então uma mulher correndo de esquerda aff. Um homem correndo de esquerda já era uma novidade, imagine uma mulher. Ela era de esquerda.

Me explica como é essa coisa de correr de direita, correr de esquerda?

Direita, enrolar o rabo do boi na direita. Esquerda – enrolar o boi, eu não sei fazer nada na esquerda. Meu marido ele corre dos dois lados. Ele acha melhor de esquerda. Ele disse que se apoia mais. Inclusive o cavalo dele é de esquerda. Mas, é, é, que Leandra era de esquerda. Esquerda era mais novidade. Assim, o vaqueiro era novidade. Veja como.... o vaqueiro era novidade, imagine uma mulher. Aí quando....vem de esquerda, vem de esquerda! Até hoje

ainda tem, ainda tem essa, essa coisa, essa admiração por, por, pela mulher correr de esquerda, que tem uma ou duas assim. Uma ou duas que tem aqui no Nordeste né? Não vou vou pra longe não. Aqui no nosso Nordeste. Onde é o cotidiano, né? Nosso dia a dia. Então, tem, tem, tem ali uma menina em São Sebastião que corre de esquerda. Hum, esqueci o nome dela agora. Mas eu sei que ela corre de esquerda. Este é o grupo de whatsapp que a gente fica trocando umas ideias. Mas São Sebastião tem muita mulher vaqueira. Hoje São Sebastião é um lugar que mais tem mulher vaqueira é lá. Que não seja grandes vaqueiras, médias, mas que participam, que as.... adoram, que torcem, que convivem com essa coisa toda, São Sebastião tem muita gente.

O que a senhora acha que seria o motivo que leva a tantas meninas de São Sebastião se interessarem por vaquejada?

Olhe, eu acho que quem deva isso a Socorro, né? Que é a mais velha! Que é a nossa mais velha vaqueira. Incentivou, aí veio Caliani, veio Leandra. E ficou essa história lá. Leandra é, é, é Caliani até que não tá participando depois que, que casou, diminuiu também. Leandra também diminuiu, parou de correr. Depois que o cavalo dela morreu, ela parou de correr. E foi ficando lá, enraizando lá em São Sebastião. Uma cidade que fala muito em vaquejada. Tem muita, muita, muita gente lá. Muito mais que Serrinha. Muito mais que Feira de Santana. Que participa, que estão na ativa. Então acho que isso deu uma, uma incentivada, né? Um bate-papo com uma Leandra da vida, uma ex-vaqueira, um bate-papo com a Socorro – Ah! Também eu vou correr vaquejada. Isso vai, né? E vão tentando botar em prática, quando olham tão enraizada, né? E tem muito haras lá que, que, que faz treinamento. Que lá Ricardo Palito mesmo, o centro de treinamento dele, todo mundo diz que Ricardo lá é cheio de mulher. Ricardo é o professor das mulheres (risos). Ricardo Palito que é o treinador das mulheres lá. Vão todo mundo pra lá pro haras dele. Entendeu?

E como a senhora aprendeu a correr?

É como eu falei anteriormente, devido o sangue, aquela coisa de montar a cavalo já na fazenda, na lida de prender o boi, a vaca de leite com meu pai. E aquilo ali foi, aí foi, meu irmão: – Oh! Monta, monta no cavalo assim, assim, assim. É, é, o, o linguajar que vocês não vão entender muito, mas: – toca o cavalo desse jeito! Folgue a rédea! Aperte a rédea! Bota ele com a cara pra cá! Com a cara pra ali! E tal. Não sei quê! Confie nele! Que era o que ele mais falava. Você ter confiança em você e no animal, entendeu? E eu era assim, a parceria com meu irmão. Aí depois que eu casei [...] não dá pra substituir meu irmão não. Aí eu fui perdendo justamente por isso. Porque foi uma eterna aprendizagem, né? Com ele. Eu, não, não, não, quando parei de correr não tinha mais graça não. Perdi a graça! Assim. Você diz assim: não, não tive mais interesse de, de correr.

Tem quanto tempo fora das pistas?

Eu...xo vê. Uns 25 anos. Uns 25 anos. Depois que troquei de animal (risos).

Mas seu irmão indicava uma técnica? Como era isso?

Ah não! Normalmente, até hoje, a gente vai tentando, porque é, é, o, o, a gente usa, a gente usa falar assim: cada boi é uma carreira. Então, a gente nunca sabe por onde é que o boi vai passando, né? Que o carro você sabe que tem que passar a primeira, a segunda, a terceira. Mas o boi sai daqui, sai dali. Então, é... vai acontecendo! Isso vai acontecendo até, não é só comigo que aconteceu. Com qualquer um deles. Cada boi é uma carreira! Então cada boi é cada boi. Você nunca pode dizer assim: - Ah! Você é pra botar aquele boi daquele jeito ali. As vezes eles tentam, como a posição de correr. Bota boi no meio. Um boi no meio é sair o boi entre os dois cavalos. Que facilita mais a queda. Tira o boi de pé de cerca! Quer dizer, tudo

esse, esse, essa coisa, que pra cada um facilita mais. Meu marido mermo ele não suporta o boi em pé de cerca. Ele, o boi aqui, o cavalo de esteira cá atrás, tangendo o boi. Ele quer que fique todo mundo ajustadinho, sanduíche. Que faça sanduíche com o boi. Então, ele falava. Meu irmão falava. É claro, eu, eu não tinha experiência. É, é, tava aprendendo, na verdade. Ele sempre falava: Oh! Deixa o boi sair assim oh. Deixa o boi sair assim. Mas as vezes o boi não deixava. A gente tentava, mas é o boi é um ser vivo também, né? Ele tinha o raciocínio dele de querer se defender até da gente, né? Aí já, já tinha esse outro lado. Ele queria se defender pelo lugar mais prático. E nunca era como a gente planejava. Até hoje, nunca é! As vezes tá na arquibancada a gente julga dizer assim: rapaz, fulano de tal correu, botou, correu errado! Quem tá na arquibancada, mas quem tá lá dentro, tá raciocinando xiiiiiii, né? É muito rápido! E não dá tempo nem vê o que é certo, nem o que é errado. Tem que arriscar do jeito que vê. Aí do jeito que vê tem que arriscar. Aí pra quem tá lá em cima é ótimo! Ô era pra ter feito assim. Tipo, não, vamo apagar isso aqui (risos). Tipo computador, vamo apagar aqui, vamo fazer do outro jeito. Não! Já aconteceu, já foi.

Até porque o boi acaba interferindo nas decisões.

Ah nas decisões é. Que, o que na verdade existe, são cinco ser vivo, né? Não é um jogador quer uma bola. Não! Você compete com o outro, né? Na verdade, você divide uma bola com o outro jogador. Não! Aqui são 5 animais. Racionais e irracionais são 5. Porque dois vaqueiros, dois cavalos e o boi. Existe o cavalo de esteira também que tem um, é, é, que um fator .... e tem o outro lá avaliando. Ainda tem o juiz ainda pra dizer valeu ou não. Então eles correm contra o boi e contra o juiz. Ainda tem isso, né? Que ainda tem que mostrar pra o juiz que valeu. E o juiz não vai perdoar porque o boi não quis cair. Ele quer saber que o boi tem que cair. Ah mas só pegou ali. Não, não tem nada a ver. Entendeu? A regra é essa! Então, é, é, difícil você dizer assim: Não! Vou aprender direitinho, pá, pá, pá, primeira, segunda, terceira e quarta. Não é a máquina, né? São cinco ser vivos.

Então tem umas dicas, a priore?

Ah tem! Depois, a experiência, o dia a dia. É mesma coisa de dirigir. Com o tempo a gente vai deixando... não vai mais interrompendo o carro na saída, né? Que quando a gente aprende assim, né? Interrompe. Mas que só a prática mesmo que vai aperfeiçoando. E tem também o outro lado: o sangue. E tem gente também que morre de velho e não aprende. Tem muitos aí. Muitos vaqueiros antigos, antigos, antigos que foi do tempo de seu pai que eles não aprenderam até hoje. E corre vaquejada. E direto e não aprendeu até hoje. Quer dizer, tem gente que já tem lá, tem uma facilidade, um raciocínio rápido, entendeu? De pegar as coisas e com a prática vai ficando mais eficiente. E tem outros que ficam naquela, errou, hã, errou, hã. Dá no mesmo. Tem uns dois aí que é do, do, do, das antigas mesmo, e é péssimo vaqueiro. Até hoje não sabe porque ele é vaqueiro. Como a gente diz assim: qual foi a cigana que disse que ele era vaqueiro (risos).

**APÊNDICE F – Ficha Técnica/Entrevista IV**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
GRUPO CORPO**



Depoimento de Maria do Socorro Miranda

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador(es): Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Levantamento de dados: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Pesquisa e elaboração do roteiro: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Coriolano Pereira da Rocha Junior

Técnico de gravação: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Cales Alves da Costa Junior

Local: São Sebastião do Passé/Catu - BA

Data: 21.03.2019

Duração: 1h 22min 21s

Gravações: 03

Páginas: 12

Entrevista – São Sebastião do Passé - BA, 21.03.2019

## **PRIMEIRA PARTE DO ROTEIRO**

### **Dados Pessoais**

1- Nome Completo

Maria do Socorro Miranda conhecida como Socorro Miranda

2- Data de Nascimento

28.07.1953

3- Profissão –

Dona de casa

4- Estado Civil-

Casada

5- Escolaridade –

Segundo grau completo

6- Quantidade de filhos –

Duas. Duas filhas

7- Onde nasceu –

Eu em uma cidade por nome de São José da Laje em Alagoas

Quando a senhora veio para Bahia?

Eu vim pra Bahia em 81.

8- Onde mora –

Eu fui pra Conceição do Coité. Morei 9 meses. Tinha um irmão que morava aqui. Aí ele me convidou pra vim até aqui. Gostei da, da, do ambiente. Gostei da, das, das terras daqui que era...aí me convidou e eu vim praqui. Aqui eu já moro eu acredito já vai fazer uns 40 anos. Aqui nessa, nessa, nesse reduto aqui. Aqui tive, aqui nasceu a Cleciane, nasceu a Caliani. Todas as duas aqui.

## **SEGUNDA PARTE DO ROTEIRO**

### **Perguntas relacionadas a proposta da pesquisa em si.**

1 -A senhora tem alguém na família que tem aproximação com a vaquejada?

2 -Como foi sua entrada na vaquejada?

Da família que corre vaquejada tem cinco irmãos. Todos cinco. Tem o Tonho Vaqueiro, que ele foi o pioneiro. É meu ídolo. Foi meu estereiro. Muito, muitos anos. Tem também João Garrincha que é meu irmão. Que foi meu estereiro. É. Eles quem me incentivaram. Eles quem me ensinaram. Tonho Vaqueiro e João Garrincha, eles que procuravam o cavalo certo pra mim correr. Eles me levaram, primeiramente eles me levaram pra pista pra ensinar, eu já tô fazendo uma, dando uma resposta quase (risos). Eles me levaram, me levou pra pista pra

soltar boi pra eles. E eu ficava brava quando ele, eles iam correr e não derrubava os boi. Que eu achava que todos que corria tinha que derrubar. Mas aí ele falou que não. Uma hora ele pegou lá um cavalo combinou com os outro menino, pegou um cavalo e, e, e mandou que eu montasse e aí eu montei, corri este boi, que boi foi esse?[...] comecei e não parei mais. Agora que esses tempos que eu assim....uns oito ano mais ou meno que eu parei de correr.

A senhora tinha quantos anos?

Quando eu comecei? Ah eu comecei com 17 anos. Eu não comecei novinha não. Já comecei com 16, 17 anos. [...] Deveria ser mais ou menos, é, 196.... mais ou menos em 70. 19....é em 70. Eu casei em 75. Foi mais ou menos isso. Em 70.

Quando vocês começaram a correr já havia pista de vaquejada? Como se derrubava boi nesse tempo?

Jááá! Já era pista. É, nessa época, porque nessa época é, é, os vaqueiros naquele tempo no modo de se dizer, era uma fase da época. O vaqueiro derrubava o boi antes, saia, eles falavam completar, completar o boi. Então eles derrubavam antes, a primeira faixa poderia queimar. Eles vinham antes, chegava no meio da pi...da, daquelas duas faixas e soltava o boi, aí era ali onde valia o boi. Tinha deles que arrastava 5, 6 metros, 8 metros. Mas era uma fase da época. Mas isso foi mudando, a, a, a faixa foi aumentando. Foi ficando, era uma faixa de 4 metro. Já corri faixa de 4 metro. Corri a de 6 metro e hoje tá a de 10. Hoje não faz mais isso, porque na faixa hoje tem espaço pra, pra derrubai o boi, pra o boi cair. Então hoje não existe mais. Hoje as faixas são super intocável. Tanto uma que nem a outra. Naquela época não! Pessoal diz que naquela época, era a época de cavalo bons e vaqueiro bons. Hoje, essa época de hoje, eu, na minha visão assim, tem que ter cavalo bom e vaqueiro técnico. Porque se não for um cavalo bom, um cavalo inteligente, um cavalo experiente e um vaqueiro técnico, então isso aí, eu acredito que não aconteça. Na época voltando, na época, é, é, é, o meu irmão, eu tenho um irmão chama-se Antonio Vaqueiro, no mundo da vaquejada todo mundo conhece, ele não chi...naquele tempo chamava chiar boi, ele não fazia isso. Ele ia na técnica. Ele nunca...eu acredito, nos anos que ele correu, ele nunca chiou um boi. Ele nunca completou assim um boi. Ele sempre, os boi dele era, era sempre na técnica. Já o João Garrincha, já o Zequinha, já o Zé Carlos, que eles corriam, o André, todos tinha essa mania de chiar o boi. E eu aprendi muito com esse [...] com Antonio Vaqueiro que eu também nunca, num chiava o boi. Eu sempre ia na técnica. Se desse pra chegar lá ia, se não desse ... que eu tinha muito medo de cair. As vezes o vaqueiro que chiava o boi ele caia muito.

E como era ser vaqueiro com técnica? Era derrubar sem chiar o boi?

É. É. Tem que ser um cavalo bom e ter a técnica. A técnica é, é, você vem com o boi e quando chega mais ou menos a 2 metro da faixa, você vai jo...é, tira o cavalo, sai, você tira o boi e o boi cai lá. É uma força que é, é, é estranha, entendeu? Mas é, é assim. Ele puxa o boi e cai, e, e aquele boi, ele tem aquela técnica pra fazer isso. É uma técnica. E joga o boi lá e, e, e não [...]. Se você for assistir vídeo antigo, você vai vê que, que derruba o boi e leva pra faixa. E ho... e esse que eu falo que não só meu irmão, mas existiu também outros vaqueiro técnico, que pega o boi e joga na faixa...esse chama o técnico. Vaqueiro técnico, cavalo experiência. Esses são assim.

Como é que os irmãos ensinavam a senhora?

Olhe! Eles era assim: na época não tinha mulher que corria. Nesse dia que eu fui esterar um boi pra ele, que eles viram que eu tinha jeito e coragem, então eles começaram aquele incentivo pra me incentivar pra mim correr. Aííí, eu comecei a correr escolhendo o cavalo. Olhava qual era o lado que era, que eu me adaptava. Então eu corria de direita. Então, as

vezes até, na época eu não possuía cavalo. Eles chegavam nas vaquejada, tinha os amigos que tinha cavalo de direita, cavalo bom, era mansinho, cavalo que fosse manso, cavalo que fosse dócil. Era esse sempre que eles ficavam procurando pra mim. Eles já visualizava isso, antes até de eu ir pra vaquejada, de chegar na vaquejada. Aí quando chegava lá, falava com aquele amigo, aquele amigo cedia o cavalo e eu corria nele. Tinha vez de eu correr quatro, cinco, seis vaquejada ou mais no cavalo de um, desse, de um amigo. E quando foi uma época eu encontrei com um cidadão que era patrão, foi, patrão de meus irmãos, ele era como se fosse um pai pra gente. Então foi ele, ele, ele, meu irmão corria, corria com ele, Antonio Vaqueiro, João Garrincha, corria com ele. Aí foi quando meu irmão Tonho Vaqueiro falou pra ele que tinha uma irmã que derrubava boi. Disse: - eu não acredito! Conversa Tonho Vaqueiro! - Eu tenho seu Zé. Eu tenho uma irmã que corre. Aí foi quando ele chamou, mandou me buscar, que teve uma vaquejada em uma cidade por nome Palmeira dos Índios, nós chamava no tempo, mini-vaquejada. Mudou. Hoje é bolão. Aí vai ter mini-vaquejada aqui, traga sua irmã. Aí eu fui. Nessa época eu tinha, já ia fazer quase 18 ano. Aí eu fui. Chegou lá me arrumou um cavalo. Menina, eu cheguei com sede de correr boi (risos). Sei que eu corri nessa época, bati a, a, a senha lá e tudo. Aí daí, ele, ele, ele ficou muito feliz seu Zé Maria e atééé [onde a gente corria vaquejada?], enquanto eu morei em Alagoas eu corria lá com ele. Com...nos cavalos dele, mas sempre quem batia esteira era meus irmão. E tinha outros rapaz lá também chamado Neolivan, cedeu muito cavalo dele, muitas vezes pra mim correr. Aí foi quando eu conheci Antonio Guede, casei, vir morar com ele, a gente veio embora aqui pra Bahia. Quando chegou aqui, aí foi comprou um cavalo. Aí daí a gente começou. Começou mesmo! [...] A gente se conheceu lá mesmo. Ele é Alagoano. [...] Zé Maria que trouxe a gente pra Bahia. Zé Maria Gomes da Costa, que ele é de Maceió. Aí trouxe a gente praqui. A gente foi pra Conceição do Coité. Lá fez uma vaquejada, orga...organizamos lá a vaquejada pra um cidadão. De lá mermo eu não gostava muito assim. Diz que hoje, diz que hoje tá uma, uma benção lá. Conceição do Coité. Mas aí foi quando eu vim embora praqui pra São Sebastião e aqui já morava um irmão meu. Hoje ele não mora mais aqui. Mas ele morava na época. Aí me adaptei bem aqui. Fui bem acolhida pelos Sebastianense e tô até hoje aqui.

### 3 -Como a senhora enxerga a vaquejada como prática na Bahia?

Pra mim a vaquejada da Bahia, antiga ... quando eu cheguei aqui tinha muitas vaquejada na Bahia. Mas hoje, vaquejada mermo na Bahia que se fala, hoje tem pe...assim não grandes vaquejada. A grande vaquejada que tem hoje na Bahia é a vaquejada de, de Serrinha, é a vaquejada de, de, de, a vaquejada de Serrinha, a vaquejada de, de, de Entre Rios é, é, é, são, são essas vaquejada. E tem outras, não são grandes vaquejada, mas é uma vaquejada muito bem organizada, umas vaquejada assim muito... é da ABV. São as vaquejada muito organizada que é Valmir junto com, com a turma. Tem a vaquejada também de Arminho, que é uma vaquejada muito conhecida, uma vaquejada boa. Inclusive é ele também que organiza. E essas ABV todas são ele que organiza. São as vaquejada boas, umas vaquejada bem organizada. Agora em porte de prêmio, ela, ela não é, não é assim grande que nem a de Serrinha, a de Entre Rios. É uma vaquejada de, de, de, em prêmio ela não é, entendeu? É, é mais pra região. Pra Bahia. Agora a de Serrinha vem gente de vários estado. A de Entre Rios vem gente de vários estado. E a de, de, da ABV vem dos estado vizinho, entendeu? É, é só, é uma vaquejada boa, vaquejada bem organizada. Hoje é muita fiscalização. É, é, é tem muita, agora o que eu acho, a única coisa que eu acho da vaquejada hoje, que o cavalo hoje ele bem cuidado, o boi ele é bem cuidado, agora eles estão esquecendo do vaqueiro. Porque o cavalo, ele não, não faz seu nome sozinho, é, é, é, o cavalo ele não aprende sozinho, ele não corre, ele não leva prêmio pra casa sozinho, ele depende muito do vaqueiro. O vaqueiro depende do cavalo, mas...o cava...não o cava...o va...o cavalo não depende do vaqueiro, mas o vaqueiro depende assim de um, do cavalo. Mas só que hoje, só quem tem, é bem falado, é bem

cuidado, essa coisa toda é o cavalo. E o boi. Que hoje exige tudo, do, da, tão exigindo muita coisa na vaquejada, do, do cavalo e do boi. E o vaqueiro? Se por acaso, numa vaquejada, tem vaquejada aí, se o cavalo quebrar uma perna, se acontecer, que raramente, raramente acontece, mas se isso acontecer é capaz de prender até o vaqueiro. E o vaqueiro se chegar a ter um acidente, numa, numa, numa pista de vaquejada e tudo, ele não é na, na, nada feito quase por aquele vaqueiro. Era bom que citasse isso, que criasse um sindicato pra os vaqueiro. Futuramente. Que cada um pagava sua taxa, como, quase INSS. Que na, na, na, no final da vida dele ele tinha como se aposentar. Se acontecesse um acidente com ele, ele não ficava sem. Porque tem muitos vaqueiros que tem um acidente aí, tem algum problema, alguma coisa, é, é, é, os outros vaqueiros que faz campanha pra ajudar ele. Então, isso na vaquejada era muito bom ser visto pela sociedade que é, é, é participa da vaquejada. A vaquejada ela é assim, ela, ela, ela é um meio hoje que muitos encontros de amigo, é, é, é, negócio. A vaquejada hoje virou um comércio caro (risos). Ficou caro, porque na minha época não era tanto assim. Era uma vaquejada sofrida. Hoje você chega numa vaquejada tem parque aí que parece Shopping center. Você chega no meu tempo é do, o caminhão as vezes saia que a gente tinha um cidadão aqui na Bahia que chamava Zé Vando Teixeira que foi um ícone na vaquejada, ele levava vários vaqueiro. Tinha vez de ir até dois caminhões dele com os cavalo, ele levando, sem co... não cobrava nada. Hoje a gente [paga?] pra uma vaquejada? Claro! Claro que sim! Hoje tem que, que, naquela época que ele não cobrava, mas hoje se freta cavalo pra ir pra vaquejada e tudo. E naquela época ele, de, derrubava, os boi descia, os boi descia da, da, do caminhão e, e, e, já saiam, pra, o cami ... aquele caminhão já saia, dava uma limpada numa coisa e já saia pra vaquejada. Chegava na vaquejada, forrava uma lona ali em cima, cada um levava seu colchão, sua rede porá dormir em cima daquele caminhão. E todo mundo se sentia bem, dormindo ali com o cheiro do gado, né? Mas hoje é diferente! Você chega numa vaquejada, os caminhão muito sofisticado, com ar condicionado é muito bom! Hoje é uma, uma coisa muito boa sobre isso. Mas o que eu acho assim é o lado do vaqueiro. O vaqueiro nunca foi assim um, um cara que ele faz tudo que a vaquejada, a vaquejada em si sem o vaqueiro ela não existe. E o vaqueiro ele, ele hoje não, não tem uma assistência que ele deveria ter. Eu conheço vaquejada, eu conheço vaquejada desde dos meus, acho que meus seis anos de idade. Só vir participar com meus 17, porque meu pai tinha o maior medo que eu corresse vaquejada, que eu montasse num cavalo, porque só tinha meus irmão e eu, só eu de mulher. Depois foi que veio mais duas irmãs. É, é, é, então eu sei a, a, a, o sofrimento daquela época e sei a sufisticação de hoje, mas alguma coisa ficou a desejar. E é, é o lado do vaqueiro. Hoje, tem muitos a.... a vaquejada da ABV mesmo é uma vaquejada que é, é, é, um vaqueiro que tenha pouca renda, ele pode participar, porque não é uma vaquejada tão cara. Mas tem muitos que tem o desejo de correr uma vaquejada de Serrinha, tem que trabalhar o ano todo pra correr, guardando aquele dinheiro, pra correr a vaquejada de Serrinha, porque também é um prêmio alto, né? Deve ser uns 200, 300 mil. Mas é assim, vaquejada é assim! É, é, são coisas. E hoje a mulher entrou na vaquejada. E elas tão lutando! Os vaqueiros que se cuide porque elas tão lutando pra chegar lá! Tem muitas vaqueiras boas aí. Muitas vaqueira que ela pode chegar hoje até pra disputar com, não vou dizer com os grandes profissionais, mas se colocar elas é capaz até delas, delas irem viu. Mas... vaquejada, as, as vaqueira tão comandando, essa área aí mesmo é a mulher, né? Em todo o setor que a gente chega, a gente.... Tem hora que o homem chega quietinho, a gente chega fala alto e resolve. Não tudo, mas tem alguns lugar que é assim.

4 -Como é a posição da mulher na vaquejada hoje?

5 -Como a senhora enxerga a relação da mulher na vaquejada e na sociedade?

Não. Na minha época, eu acredito assim, na vaquejada, na vaquejada, eu treinava em casa, meus irmãos me treinaram em casa, me preparam em casa, pra poder levar pra uma

vaquejada. Pra eu já chegar na vaquejada sabendo o que eu ia fazer. Então, naquele tempo a vaquejada era, era, eu entrei na vaquejada, eu graças a Deus eu não fui discriminada, porque tem lugares que a pessoa, eu não, não fui discriminada. Eu fui aplaudida do, do primeiro boi que eu corri até o último. Muito, muito amada pelos vaqueiro, muito respeitada. Isso é um troféu que eu ganhei que vou levar para sempre. É, é, é, todos eles me tratavam bem. Nunca teve algum, algo pra negar de mim. Na época quando eu tava na, na vaquejada, precisando deles, muito bem, bem tra... Eu tenho um respeito tão grande por vaqueiro, eles, que eu digo que são meus filho. Meus filho, meus sobrinhos. É, é, é. Foi um grande respeito. E o, o que na minha época a diferença pra hoje é, porque na minha época eu corria junto com os profissionais. Não tinha iniciante, aspirante, amador, não existia. Existia profissionais! E os grandes profissionais! Muitos deles, tanto aqui da Bahia, de todo, de todo o, o Nordeste, de todo o Nordeste, de todo o Centro-Oeste, de todo o lugar onde tinha vaqueiro. Quando a gente se encontravam, que tinha vaquejada que se encontrava, eu ta... que eles estavam eu tava ali no meio. E todos me dando, torcendo na hora que eu ia correr. Eles torciam demais por mim! Eu sentia assim. Eu acho que era por isso que eu fazia, tão, tão bonito pela a positividade que eles passavam pra mim. E tem deles mesmo hoje que diz que tem muita saudade. – Oh dona Socorro, tenho tanta saudade do tempo que a senhora corria. E hoje a diferença hoje é, é essa: porque hoje tem assim, é, é, é, a classe feminina, que fala. Então na classe feminina só corre as mulheres. É separado uma boiada pra elas correrem. Mas é muito bom pra elas. É, é, na minha época eu, eu gostava de correr com os vaqueiro. Porque eu era assim de, como é que fala? Eu era de, de, de me testar ... a mim. Eu era testar a minha potência, o meu, as minhas forças, as minhas qualidade. Então eu gostava de correr junto com eles, gostava, de, de, de disputar com eles. Brincava. Era todo o tempo eu brincava na, na, na, na cerca. Não tinha tantas mulheres. Tinha assim, tinha, Rita, Rita Cordeiro que era, era minha amiga. A gente toda vida foi amiga, era uma união da gente. A gente brincava muito, eu chamava ela Rita de gado. É, é, é. Era e foi, até hoje somos amigas. Tinha Leandra na época. Maria Valentim que ela é, é de Pernambuco. E quase na época que eu fui saindo de vaquejada foi chegando Poliana Cister e hoje tem muitas, muitas meninas que correm bem por aí. Aí depois chegou a Caliani que é minha filha e, e, e, eu acho muito bonito quando elas tão correndo. É uma, uma atração, uma atração a parte. Porque parece umas modelos desfilando dentro de uma pista. Eu acho muito bonito! Na época que eu corria era que nem assim, em respeito aos homem. Eu tinha um, um, um modo de me vestir, eu não, eu me, me, me vestia umas roupa comportada ao, ao máximo, porque quem eu tava, se tivesse assim, 500 homens dentro de uma pista, só ia ter eu de mulher. Então eu fazia o, o possível pra eu tá bem comportada, minhas roupas comportada e tudo que era pra, pra não ... em respeito a eles, respeito o público. Mas hoje como mudou muita coisa, nós tamo nos, nos, nos anos 21, né? 20, 21 [...] século XXI. Então é pra mudar mermo. Eu acho bonito hoje a maneira que elas se, se vestem, as maneira que ela corre, que elas correm com aquelas, com essas blusinha, com essa ro... esporte. Acho muito bonito, lindo! Tem, quando, tem muitas meninas aí no grupo, tem várias mulher aí, nos três grupo, eu só chamo minhas filha, como é que vai minhas meninas? É, tem as do Pernambuco, tem do Maranhão. Tem aqui da Bahia. Isso é muito bom! Eu, eu tenho uma intimidade muito grande assim com elas.

Como e quando foi que a Caliani despertou o interesse pra correr vaquejada, assim como a senhora? Porque é só a Caliani das filhas que corre, não é isso?

Aqui em casa só a Caliani. Olha, a Caliani foi engraçado viu! E a Cleciane? A Cleciane começou a correr e depois desistiu. Mas ela dava umas quedas de esquerda até, até boa viu! Aí depois, ela desistiu! E a Caliani ela tinha 7 anos na época que teve a entrevista com o Fantástico e, e, e, ela já montava bem. Montava direitinho e tudo. Quando foi no dia da, da, da entrevista, aí eu falei assim, é tanto que ela tá de shortzinho e tudo, quando chegou lá eu falei

assim: - quem vai bater a esteira pra você, pra mim é você. Ela: - eu minha mãe! E eu vou saber pegar o boi? – Não se preocupe que eu pego pra você! Aí quando eu corri, eu peguei o boi e tudo, aquela coisa. Então eu acho que nasceu naquela hora, ela já tinha vontade, naquela hora foi que nasceu mermo a, a vontade dela correr. Aí ela começou, o pai incentivou, incentivou demais e incentiva até hoje. Foi quando foi comprar os cavalos pra e... pra ir treinando pra ela. Foi dela pequenininha, ela com 10 anos de idade ela já bateu uma senha. Ela não tinha nem 10 anos ainda, era 8 quando ela bateu a primeira senha no cavalo que ela, que ele comprou pra ela chamado Borrachinha. E depois foi variando, mudando de cavalo e já tinha cavalo que ela vendia e onde ela chega na vaquejada ela não fica sem cavalo que é tanto amigos que chega e oferece. As vezes ela vai lá e pede. É que nem quando eu corria. Graças a Deus até hoje ela ainda não recebeu um não. [...] Vê um cavalo e o cavalo for bom que ela vê se vai se adaptar aquele cavalo, ela pede e nunca recebeu um não. Todos dão com maior alegria. E surgiu assim. Aí o pai começou treinar ela, treinando e tudo. E daí ela começou indo pros bolão, começou indo pras vaquejada. Ia com o pai ou ia comigo. E hoje tá aí a Caliani. O marido, é, casou. O marido também corre. E o filho, tudo indica que futuramente o filho vai ser vaqueiro também, viu (risos). Que ele é apaixonado por cavalo, por, por boi. Ele é um, ele é um sonho. Você vai conhecer ele.

Como é que surge a ideia de Socorro rainha da vaquejada?

Olha! Esse, esse título não fui eu que, que assim ... eu sou a rainha! Não! Foi os ... Pra você vê o carinho que eles tinha e tem por mim. Foi os vaqueiro que colocaram esse título em mim. De rainha. Passavam [...] ô minha rainha, ô minha rainha! Aí começou a ... naquela época só tinha eu e já quando eu fui quase parando de correr ficavam me chamando de rainha, rainha. Aí ficou. E às vezes eu perguntava: por que rainha? Que não vai existir outra! Só você! Eu dizia: -Vai! Breve vai chegar! Espero que um dia chegue! Mas que esse título quem me deu foi os vaqueiro.

Então não tem nada a ver com aquela ideia de rainha modelo?

Nããã! Não! Não! Eu não era nem tão...é como hoje. Eu nem sou tão modelo! (risos). Não! Não era não! É porque é a ... assim, eles dizem assim porque só existia, eles homem e sou eu de mulher. E graças a Deus eles tinham respeito. Eu me sentia assim elogiada, uma pessoa assim orgulhosa. Com humildade, simplicidade em dizer isso, que eu tinha assim aquela maior alegria e hoje eu tenho quando chego na vaquejada que eles chegam, que me abraçam e como que a senhora tá? É um carinho que eu não sei nem definir o carinho que eles tem por mim. E eu por eles todos também. Eu só chamo de meus filhos. Os mais...os da minha idade é meu amigo, tem deles que eu chamo até de meu filho mermo e os juvenzinho que tão começando hoje é a merma coisa, trato com maior carinho. E assim, eles, eu fui tratada, eu em vaquejada, eu fui uma privilegiada. Eu fui tratada assim com, eu era como que se eu fosse a bebê deles. Porque dos meus irmão, tinha 5, tinha época que chegava e tinha vaquejada que tava os 5 irmãos e o marido. Então, pessoas que ficava assim: essa mulher uma hora tá com uma pessoa, com uma pessoa, oxeee, quem é o marido dela finalmente? Que eu não corria com o meu esposo. Eu tinha assim muita segurança assim em meus irmão quando eles batiam pra mim. Batia esteira. E meu marido não, não, não batia esteira pra ... até nos treino as vezes a gente conversava: - Oh rapaz, você não bateu esteira certo. Você não fez isso! E o meus irmão, é, sempre, eu, eu escolhi meus irmão, então ele deixou. Ele também foi um vaqueiro, ele corria muito bem! Ganhou vários prêmio! Mas praaa ganhar, mas pra bater esteira, só escolhia meus irmão. Até que eu falo as vezes a ele, brinco com ele, que ele ganhou vários prêmio quando fala com as amiga, foi você correu, ele também correu vaquejada, ganhou vários prêmio, ele fala: - Inclusive o maior foi você! Ele fala assim comigo (risos). Mas é assim, vaquejada é.... (silêncio, emoção). Eu as vezes até me emociono assim as vezes quando

eu falo de vaquejada, porque em vaque, vaquejada foi e é minha vida. Hoje eu não ando assim em vaquejada devido os afazeres, assim, de casa. Eu vivi, eu viajei muito! Eu não vivi tanto em casa. Eu praticamente eu quase que num, num, num criei, quase num cuidei das minhas filha. Que eu só vivi em vaquejada. Todos os 365 dias do ano em vaquejada. Final de semana em vaquejada. Então hoje assim, eu, eu, fico mais em casa, cuido mais de minha casa, é, é, é me dedico assim mais a, a, a, casa. Gosto de, hoje eu gosto muito de lavar minha roupa. Gosto muito de cuidar da minha casa. Gosto muito de, de, de, é, fazer alguma coisa. Minhas menina quando... hoje Caliani já não vai, encerrou a carreira dela de filho, mas os enxoval dos meus neto quem gostava de costurar era eu. Dá coisa de cama e mesa quem gosta, eu sempre gosto de dá. Pra casa! Eu gosto de fazer. Não é que nem Rita. Que Rita eu chamo ela, mulher, mulher, a mulher das colchas linda (risos). Que Rita é uma, é uma guerreira, é uma... ela é potente nas, nas costuras dela. De Rita, não sei se você conhece [...] Então, eu fico muito, só muito em casa. Curto muito minha casa! As vezes, as vezes Tonho até fala, meu marido fala: - você só quer viver dentro de casa. Vamo sair, vamo viajar, vamo na praia. Eu não, não, não gosto, não vou. Então vamo na vaque...eu vou no bolão, num bolão. Que dia eu fui numa vaquejada? Esse final de semana. Mas fico assim meia ... tanta gente que chega: - ô dona Socorro, a senhora onde tava? Eu tava com saudade! Aqui eu converso com todos e tudo. As vezes, as menina fala: - Oh, minha mãe, vamo ali. Me chama até pra ir no banheiro, uma coisa dessa. Bora minha mãe! Eu vou. Aí elas vai e volta e eu no caminho. O povo me parando, os vaqueiro, os amigo me parando e eu conversando com eles. Então as menina, elas indo só e voltando e eu ainda ali conversando com o pessoal. Quando eu vou saindo, outro chega, fala. Quando sai, outro chega, fala. Isso pra mim é um prêmio que eu vou levar comigo e vou deixar pra minhas filha, pra meus sobrinhos. Porque onde eles chegarem que tiver uma pista de vaquejada, eles vão bater na cancela, se tiver precisando de alguma coisa, e a gente não sabe o dia do amanhã, bater numa cancela daquela e disser assim: - eu sou filha de Socorro Miranda ou sou sobrinho de Socorro Miranda ou irmão de Socorro Miranda, eu tenho certeza que uma porta daquela abre pra eles. E a porta da casa abre, eu tenho certeza que eles são recebido. Aonde eles estiver, se for em qualquer lugar, onde for vaquejada. Qualquer lugar desse país. Então isso é uma, meu prêmio maior. Pessoal fala assim, pergunta as vezes de seus troféu, pergunta do que a senhora tem, dos... Meu prêmio maior é esse! É um prêmio que é só meu! É só meu! Eu...é como meu coração é uma caixinha guarda, tem aqui, todos eles guardado das vaquejadas que eu fui. Tenho muita recordação, de muitas e muitas vaquejada que eu fui, de tratamento, do respeito que eu tinha na vaquejada. É uma coisa que eu vou levar pra sempre e vou deixar pra meus netos, bisneto. Vai ficar aí a minha história. Vai ter muitas outras mulheres que vai ter história, mas eu também vou deixar um pedacinho dessa história.

6 -Como a senhora enxerga as rainhas da vaquejada?

Ah, que nem no caso de Serrinha, né? Que tem a eleição da rainha, né? É bonito! É, é, é nas vaquejada de Serrinha mesmo, eu assisti, você fica sem até saber votar de tantas mulheres lindas que aparece. Cada uma mais bonita de que a outra, cada uma do corpo mais perfeito de que a outra. É bonito, é válido, né? Porque ali é o momento delas. Elas não, não, não corre, não, não pratica o, o, o esporte. É, é, é, que eu vi nenhuma, acho que elas mon...tem delas que monta até bem e tudo, mas correr vaquejada elas não corre. Mas eu acho bonito, é bom, é, é, é inovador até pra vaquejada porque é uma coisa mais diferente. É bonito! Passa cada, cada marota queeee cada uma o corpo diferente, modelo diferente. Tem delas que eu faço: - Meu Deus fizeram com... Aquela dali é perfeita! Quando vê a outra, eita. Cada uma mais bonita de que a outra. Se eu tivesse lá pra votar eu não sabia nem que era que eu ia fazer, porque não sabia nem como votar de tantas menina linda que, que, que fica nesse, nessa concorrência toda do, da rainha. É muito bonito só que assim é, é, é, no *status* dela na, na, na, na, onde elas ocupam o lugar delas, entendeu, é muito bonito porque é só pra inovar a vaquejada, praaaa dá

mais incentivo, né, a mulher mesmo, porque dali as próprias vaqueiras uma hora vão tá lá desfilando também. Não querendo tomar lugar delas, mas que tem muitas mulheres bonitas correndo vaquejada. Cês sobem pra esse Pernambuco aí e pra esse Paraíba, Rio Grande do Norte, Ma... esse Nordeste todo aí, é cada... parando na, na, pra correr pra você assistir a tropa feminina, nossa! Cada uma mais bonita de que a outra! E temos muitas mulheres bonita aí correndo vaquejada. Não tem.... parece que só, só, só as modelos que quer correr. Porque são muitas mulheres lindas que tão correndo vaquejada aí. Eu acho muito, muito bom! Isso que tá acontecendo. Acontece na vaquejada de Serrinha e queria que fosse em outras também que, que escolhesse na vaquejada a, a rainha. E que lá também tem o rei. Que lá tem também tem a rainha e tem os modelo que, que, que, também.... Cada um mais bonito, cada um mais bonito que o outro! É muito bom isso! É, é, Vadinho Serra sempre inovando, sempre colocando algo diferente! É muito bonita a vaquejada de Serrinha [...] quando tem aquele desfile, desfile da vaquejada é, é, é que vem com aquela ... é muito emocionante quando vem com aquela, a foto da mãe dele, que todas vem com a foto da mãe dele, acompanhando a foto da mãe dele que vem ali na frente. É muito bonito! Muito lindo!

7 -Em relação às regras da vaquejada, as mulheres tem algum tipo de participação nas decisões dessas regras?

Olhe, foi uma, assim, uma, uma quantidade de mulheres praaaa manifestação. Mas lá, nenhuma, elas só foram só pra manifestação. Mas que elas, é, chegou a falar, comunicar, assim, explicar, falar alguma coisa não. Só foram só pra manifestação. Que eu saiba nenhuma chegou a usar microfone pra falar, pra pedir. Não, não, não, nenhuma dessas fizeram essa manifestação não. Mas foram. Teve, elas participaram da manifestação. Mas que chegaram a falar não. [...] Montaram, foram montadas, montaram nos animais pra ir pra vaquejada e tudo, mas eu acredito que só isso! Porque esse menino, os meninos que tava na manifestação, eu acompanhei assim pela televisão, depois vídeo essas coisas, não teve assim fala nem coisas assim de nenhuma. Se teve não sei Drica, mas eu acho que não.

8 - A senhora pratica a vaquejada profissionalmente? Por quê?

Pelo que entendi a senhora vivia de vaquejada. A senhora e Antonio Guedes.

Era. Mas assim... é, é, é, no viver, assim, é, é, a gente ia, se tivesse um cavalo a gente negociava com cavalo, possuísse um cavalo negociava com o cavalo. Chegava em casa, não parava. Ele sempre tem um comércio de, de, tá negociando com gado, com cavalo. È, é, é tipo assim um comerciante ambulante. Já mexi, mexi com arreio, vendendo arreios, é, é, com várias coisas assim a gente, a gente negociava, entendeu? A gente não só vivia só em si da vaquejada. Quando a gente num chegava em casa era jogando as mala ali no canto que tinha uma menina que cuidava das minha menina, deixava a mala ali no canto, cada um ia procurar fazer seus... entendeu? Seus negócio, negociava com uma coisa, com outra. Então, sempre a gente viveu, viveu assim. Eu nunca fui assim, tive muito tempo assim pra minhas filha, nunca tive ... nunca tive tempo assim pra minhas filha [celular da entrevistada tocou].

9 -Quais projeções a senhora faz de futuro da mulher na vaquejada?

Olhe, se tiver incentivo, porque elas mesmo, as mulheres, as mulheres hoje, elas mesmo, elas tem que, que se colocar assim: no tempo que eu corria eu nunca dei trabalho a locutor! Nunca dei trabalho a locutor! Nunca dei trabalho praaa demorar. Faltava assim mais ou menos uma meia hora, colocava os minutos assim, ia lá procurar saber o rodízio que eu ia entrar pra correr eee sempre já estava preparada ali, meu cavalo preparado. Só isso que elas tinha que se organizarem um pouco. Delas, delas se organizarem pra na hora não ter demora, não ter demora assim pra, pra elas se apresentarem. Mas de um jeito que elas vão daqui uns dias vai ter vaquejada só de mulheres. Não vou dizer todas, muitas vaquejadas. Mas vai ter em alguns

lugares que vai ter. Porque hoje tem compe ... tem vaquejada aí que elas tão competindo as vezes até em 50, 60. Já vi até 70 inscrita. Que nem uma vaquejada que eu vi em Caruaru. E cada dia mais elas tão se aperfeiçoando. Cada dia mais elas tão se....Começaram a correr já na tropa de elite femi ... masculina na, na categoria é, é, é masculina na, na, nos iniciante também. Eu acredito que elas vão longe viu! A mulher é bicho de coragem, teimosa é, é, é elas sempre tão tentando. E é bom a gente tentar, né? Já que, já que tem, chega tanto, tantos homens pra chegar nesse Brasil pra, tentando consertar, fazer alguma coisa e não conserta e as vezes não dá certo, uma hora chega uma mulher lá, uma mu-lher, chegue lá e diga assim: eu vim pra que é, é, no dia da minha posse vou receber os meus aplauso e no dia que eu tiver entregando a, a, a chave do Brasil a outro ou a outra eu receber os mesmos aplauso. Porque demora, né, mas quando a pessoa quer, consegue. Eu espero que um dia, tem tantas mulheres aí que é prefeita e tem é, é, é só recebe parabéns e quando vai embora só deixa saudade. É que nem até, a, a, digamos, a, a, falar de uma mulher, a prefeita de São Francisco do Conde, Rilza Valentim. Eu sempre falo, daqui a 100 anos não aparece uma mulher daquela em São Francisco. Então eu espero que um dia apareça uma, uma presidente para o Brasil também que seja Rilza Valentim. É uma mulher eu acredito que eu, eu sou fã dela antes e depois da morte dela. Ela hoje não tá mais entre nós, mas ela foi uma mulher que fez muito bem a São Francisco do Conde é, é, é, pulando demais, mas falando de mulher, né. Então que, que um dia que eu quero assim ainda que um dia chegue assim pra dizer assim: uma mulher entrou no meio dos profissional e ela foi lá e tirou o primeiro lugar. Quem sabe um dia né? Isso pode acontecer. Eu já fui várias vezes classificada no meio dos profissional. Eu tenho certeza que elas também tem potência pra isso.

10 -Que outras mulheres a senhora conhece que pratica a vaquejada?

Olhe tem muitas mulheres assim. O respeito são a todas! A todas as mulheres que tão nesse meio. Respeito todas. Porque eu passo meu respeito pra elas é, é, pra que delas venha respeito pra mim. Eu respeito todas. E espero que um dia que elas também venha dizer, contar a história delas. E que na história delas só fique coisa bonita. E a minha vida é o seguinte, a minha vida em vaquejada tem muitas histórias linda, tem muitas história triste é, é, é, tem muitas história que comoveu o mundo da vaquejada e, e, e, me fez forte. Me fez forte porque aonde eu achei apoio primeiramente em Deus e depois na vaquejada. Encontrando com meus amigo, cada um me dando um abraço, cada um me dando uma palavra de apoio, cada um me dando força. Cada um dizendo pra mim não desistir. Cada um dizendo que ali que era meu lugar. Cada um dizendo que eu tinha que caminhar, que eu não podia esmorecer, que eles precisavam de mim. Então, eu quero que um dia umas chegue não passar o que eu passei, mas que, que elas também tenha muitas histórias bonita pra contar. E ter muito cuidado assim essas menina que tão aí hoje, as que tão chegando e tudo, ter cuidado porque vaquejada é uma vitrine. O que você faz aqui hoje nessa vaquejada, ela, onde tiver vaquejada, ela vai pra lá. E principalmente hoje que o, as internet de celular hoje não é ... você tá acontecendo agora e agora mermo tá indo. Então tem que ter muito cuidado, muito pé no chão. Calçar, procurar calçar sempre a sandália da humildade. É, é, é, saber chegar e saber sair. É, é, é e sempre quando sair deixar uma história boa, uma história bonita pra contar. É o que eu desejo a todas. É como que eu desejo até a minha filha, começando por minha filha. O que eu desejo pra minha filha que siga pra elas também. E elas sempre deixem uma história bonita pra contar, porque é muito bonito a gente deixar esse legado. A gente aqui e quando também não existir mais aqui. Mas é bom ser lembrado com boas lembranças, com respeito, com histórias bonita, entendeu? E eu sempre agradeço assim a, aos vaqueiro por tudo que eles fizeram por mim. Pela preocupação, por tudo, porque um dia aconteceu comigo que eu, minhas duas filha mais velha partiu daqui em um acidente que houve. Um acidente com elas e elas foi embora eu pensei em parar tudo. Desistir! E foi através deles, da minha família, primeiramente Deus,

depois minha família e meus amigo e filhos vaqueiro. Porque vaqueiro também são minha família. É, é, é, então eu agradeço muito a eles por tudo que eles fizeram por mim. Com respeito e sempre me ... hoje me tratam com muito carinho. Todos! Não, não tiro... Todos! Me tratam com carinho. Por onde eu passo, por eu ando eles todos me trata com respeito. Dono de parque, do calzeiro ao, ao, o o pessoal do curral, juiz de vaquejada, locutores, aqueles que fazia parte de todo o trabalho da vaquejada, graças a Deus eu tô...Era assim eles, eu me sentia assim, tinha hora que eu sentia assim, sentava num canto e meu coração chorava, mas era de emoção por aquela, por aquele modo que eles conversava comigo e me tratava. Mas isso foi que eu conquistei! Foi que eu conquistei! Por quê? A gente pra a gente ser alguém a gente tem que saber conquistar. E eu conquistei graças a Deus e ..... e tô aqui até quando Deus quiser. Eu não sei! Se ele me deixar aqui um bocado de tempo pra vê meus neto, agora. Agora eu torço pra vê meus neto. Antigamente era pra vê minhas filha. Hoje eu vi minhas filhas, hoje eu torço pra vê meus netinho rapaz, mocinha. Pra eu vê, conversar com eles, contar minha história a eles. Dizer o que eu fazia, por onde eu andava. E que um dia eu .... eles possam ter orgulho de mim. A minha família, é, é, meu amigos e amigas. Quando eu falo amigos é, é, é, amigos e amigas. Por onde eu passei eles terem assim orgulho de mim. É, hoje tem uma, uma, uma mulher que ela fez muita vaquejada em Teixeira de Freitas que ela se chama Telma [Agripino?]. Você fala em mulher guerreira é Telma [Agripino?]. Ainda hoje quando eu falo pra ele e pra ela, ela hoje me trata: - ô minha filha eu te amo. Um abraço! Tô com muita saudade! Muitas vezes ela me emociona com as palavra dela. Mas é uma pessoa que chegava lá na vaquejada dela, ah ela me tratava de uma maneira queee eu não sei nem explicar. Ela e a família dela toda. O esposo, a família. Hoje ela tá em Rondônia, o esposo dela mora, o ex esposo dela mora em, em outro lugar. Mas ela ainda tem um carinho muito grande por mim. E eu por ela também. Pelo esposo dela, pelo ex esposo dela, o filho dela. Mas ela era uma guerreira. Era não, ela é! Uma guerreira! Existe mulheres guerreiras, ela tá nesse meio. Uma mulher que eu admiro, uma mulher guerreira. Ela é uma delas. Tem muitas aí. Se eu for falar em todas. Tô falando assim as que vem assim na minha mente. E, e, e na minha filha também, né? Que tenha certeza que você vai uma hora vai encontrar com ela e ela é, é, é .... ela é diferente! Não por ser minha filha, porque eu não falo muito dela por isso. Porque em casa ela é a dona de casa. É a mã...ela é su ... ela é super mãe! Ela tão mãe que eu falo assim: - minha filha, pare um pouco! [...] De tão mãe que ela é. Mas na hora de ela ser mãe, dona de casa, na hora que disser assim: - vamo no trabalho, vamo pegar o carro pra sair dirigindo, vamo, vamo correr um boi, vamo selar um cavalo, vamo, tudo. Eu, eu acredito... eu me vejo ela, eu me vejo ela. Porque ela tem a mesma determinação minha. Tem assim o mesmo pensamento, a mesma .... é uma pessoa assim muito assim reservada, ao mesmo tempo cismada (risos). Mas ela é uma pessoa boa. Você vai conhecer ela e vai, vai, depois essa, isso que eu te falei. Mas a vaquejada pra mim só me deixou muita saudade! Muita saudade! Muita! Eu queria hoje ter é, é, ser mais nova pelo menos 10 anos pra eu correr nessa tropa com essas menina aí. Mas não tenho. Vamos torcer por elas [...] a senhora vai correr, corra dona Socorro! Digo: – Minha filha, oh tenho osso tudo desmembrado (risos). Se eu tomar uma queda aí não dar certo! Mas é assim. Eu, eu me sinto assim uma, uma vitoriosa nesse meio. Aconteceu muitas coisas assim na minha vida até de saúde mermo e tudo, mas quem tem Deus nunca chega o fim da caminhada só. Sempre ele tá ali junto. É isso que eu, que eu que eu te falo. Esse menino que falou agora comigo, é Gilson Teles, ele é uma pessoa que é de uma, de um carisma que é fora de série. Ele é um, um homem muito admirável por mim, por várias pessoas no, tanto no mundo profissional, da profissão dele, nem de vaquejada. Ele é muito querido no, no meio da vaquejada, porque ele todo final de semana o programa dele é só vaquejada. Ele sai de lá do, do, do ambiente dele, da do, do, do estado dele e anda esse mundo todo fazendo trabalho sobre vaquejada. O programa dele é sobre vaquejada. Tudo dele é sobre vaquejada. É um, um apaixonado por vaquejada. É tanto ele que nem a esposa. Que nem Marina. E eu espero que

você um dia também, pega, sela um cavalo, que seu pai foi um grande vaqueiro, estereiro apaixonado por vaquejada, espero que um dia você monte num cavalo e saia pelo menos trotando atrás de um boi (risos). Já que você é filha de um grande homem vaqueiro, arrume o estereiro que é Junior e, e, e, comece os dois (risos) pra você senti o clima. Não é pra você, se você quiser, é só pra você senti a, a sensação de que é. Porque tem bois que você pode correr, não é, você não vai derrubar. Mas pode montar num cavalo se for mansinho, pega na cauda dele e você vai ali, só pra você sentir aquela sensação. É uma coisa diferente! Eu... se eu pudesse, fosse, se eu pudesse colocar um dedinho no mundo da vaquejada, eu não acabava a vaquejada. Eu mudaria algumas coisa. Melhoraria algumas coisa. Mas acabar não. Que vaquejada ela é... Ó eu acho que eu tinha 6 anos, já existia. Já existia vaquejada. Eu sou de 53. Eu já tinha 6 anos, mais ou menos uns 6 anos eu acho quando eu conheci vaquejada. Vaquejada já conhece ... já existia bem há uns 30 anos. Vaquejada tem mais de 100 anos. Tem! Muito mais! Muito mais! Vaquejada deve ter seus cennnnto e... berando seus 150 anos. Porque quando ela veio conhecer, ser conhecida, quando ela expandiu mesmo, ela já existia a muito tempo. Neum, neum, numa modalidade diferente mas ela já existia. É tanto que fizeram negócio pra vaquejada ser a cultura, ser, virar cultura, né? Então vaquejada, eu acredito que ela é, ela é ... existe muito trabalho em vaquejada. Trabalho pra aqueles que vão lá comercializar. É, é, é sobreviver da vaquejada. Tem muito sobrevivente da vaquejada. E, e, e eu acho que vaquejada ela nunca deveria assim acabar. Que a vaquejada ela é uma... tá certo que é com o boi, a festa com o boi, mas já foi, foi mudada tanta coisa pra não machucar o boi, praaa sempre ter uma proteção pra o boi. Mas tá mudando muita coisa e as vezes até pra melhor. Agora, só quem tá sendo castigado nessa é o vaqueiro. Se você for olhar a vida do vaqueiro, ela é sofrida. Aonde deveria ter um sindicato, ter um, alguma coisa assim pra o vaqueiro. Pra beneficiar o vaqueiro. Porque tem muitos aí que ele é clandestino, clandestino modo de dizer, não tem carteira assinada. As vezes um patrão também paga, mas assim mesmo não pode assinar a carteira. É, é, é, que tivesse uma, uma, uma, uma coisa assim fora até do patrão. Que ele ... não tem o INSS? Você tiver trabalhando numa empresa você paga INSS. E se você não trabalhar você paga INSS. Que fosse assim também, né? Pra beneficiar sempre o vaqueiro, beneficiar a família do vaqueiro. Tá faltando isso! Na vaquejada tá faltando isso! E, e, e, no tempo que teve aquela, aquela, aquela manifestação pra que a vaquejada não acabasse, eu falei com as meninas, que eu não fui, mas eu falei: - rapaz, vocês tem que conversar sobre isso. [...] repara a manifestação que o vaqueiro tá fazendo agora, o pedido que o vaqueiro tá fazendo agora. Mas eu acho que não teve, não sei se foi relatado. Falei se ainda existi uma manifestação aí eu vou! Eu vou e vou querer dá um minuto. Fazer que nem o historiador: - dá um minuto de prosa, dá um dedo de prosa. Pra falar pelo vaqueiro. É muito triste ... (silêncio) o vaqueiro quando ele se acidenta. Ele é ajudado pelos irmão vaqueiro. Às vezes tem muitos vaqueiro aí que até, patrão, que até nem dão assistência que eles merece. Eu falo por esse, por esse lado aí. E vaquejada ela é um, ela é um, ela é um, é um símbolo muito bonito. É um encontro de amigos, de vaqueiros, de boi, dos bons cavalo, de ruins cavalo e aí vai. Isso aí!

Como é esse grupo Socorro Miranda?

Risos....Esse grupo Socorro Miranda, isso foi, é, é, é, um grande, um grande, um grande amigo, irmão que numa vaquejada ele correndo, eu correndo e várias vaquejadas ele ainda chegou a narrar eu correndo. Aí depois eu corria, depois entrava Caliani, depois entrava Antonio Guedes e, e depois era o meus irmão. Aí ele falou: - aí não é mais só dona Socorro Miranda, aí é um grupo! Foi meu amigo Pará. Que Deus [o] tenha lá aonde ele estiver! Pará que começou a falar o grupo Socorro Miranda. Aí ele que batizou e ficou. Aí Caliani pra onde ela vai, ela sempre, ela coloca o grupo Socorro Miranda. Antonio Guedes quando vai, grupo Socorro Miranda. Mas foi batizado por Pará que invés de ver, assim, isso não é mais, dona

Socorro hoje não é mais única. Ela agora é o grupo, é o grupo Socorro Miranda. E toda vez que entrava e aí vem o Grupo Socorro Miranda e ficou. E Caliani toda vaquejada que vai agora é o grupo Socorro Miranda. Aí fica! Porque tem assim, o grupo tem o Haras, tem o, o, o, é, é, é fazenda, tem empresa. Sempre eles apresentam lá alguma coisa, né, onde eles correm. Aí eles falam assim, os menino sempre fala, haras, haras. Aí pode ser uma casa com o quintal lá atrás e bota haras. Aí eu falo na..... Ficou esse grupo porque foi Paré que anunciou o grupo Socorro Miranda. Paré que batizou e aí ficou até hoje. Dona Socorro isso não é mais um, ela não é mais única. Ela agora é o grupo. Aí eu: - É o grupo Socorro Miranda. Aí ficou sempre! Foi isso aí que ficou. Grupo Socorro Miranda por isso, por isso. Ficou esse legado que ele deixou. Foi meu amigo Paré. Ele era uma pessoa decente. Ele era locutor de vaquejada. Chamava-se Paré. Tem Pio também que é outro irmaozão que mora em Serrinha que é locutor. As minha carreira, minhas, minhas vaquejadas que eu fui quase todas foi narrada por Pio. Quase todas! Pio era, é um amigão, irmaozão que eu tenho. E, e Paré foi embora indo pra uma vaquejada. Teve um acidente com ele indo pro Pará. Teve um acidente no meio do caminho, ele foi embora. Mas era um irmão, um amigo que ele falava assim: - Oh, a senhora vai correr agora? Daqui a meia hora. Pronto! Eu só vou começar o trabalho tal hora. Terminei [...] tal hora. Eu quero, se lhe for possível, eu quero uma hora de relógio da senhora pra gente conversar, bater papo. Tá bom! Aí quando eu terminava de correr que voltava ele tava naquele mermo lugar. Oh! Oh eu aqui! As vezes eu já descia do cavalo ali, mandava o menino levar pro caminhão, já ficava ali conversando com ele. Aí conversava, porque ele era muito amigo dos meus irmão, da minha família, dos meus irmão, é, é, é de Zé Carlos, do André e todo mundo. Aí ele conversava muito. A gente ficava horas ali. As vezes não era uma hora, era mais de uma hora conversando com ele. Aí reunia, aí chegando um, chegando outro, quando você olhava assim, dizia o quê que tá acontecendo ali? [...] 20, 30 amigo ali batendo papo ali. Era bom! [...] Minha vida em vaquejada foi assim. E continua assim. Não corro, mas quando eu chego sempre tem essas reuniões. O povo sempre chega perto de mim pra me cumprimentar, pra ficar ali junto de mim. Seu Eriberto era muito caladão, mas quando chegava ele ainda dava umas duas, três palavras assim comigo. Conversava, perguntava. Uma vez ele chegou até, ele falou até do meu cavalo. Que ele admirava muito meu cavalo. – Rapaz seu cavalo é bom! É, é, é às vezes tinha gente assim que ficava assim, tinha assim, tipo assim, criava, tipo assim, uma parede pra se aproximar de mim. E achava que eu ..... Mas aí quando ia conversar comigo, dizia: - rapaz, eu pensei que a senhora não era assim não (risos). Aí conversava comigo, aí pronto, naquele tempo ficava amigo e tudo. Mas seu Eriberto ele sempre foi uma pessoa assim reservada. Ele era assim muito reservado. Ele brincava com a turma dele assim e tudo. Mas todo acaso assim, se aproximasse ele parava, ouvia e tudo. Não brincava muito. Ele era muito assim, muito reservado. Sempre ficava lá no lugar dele reservado, as vezes era na beira da pista. Mas era um homem bom ele. Foi, foi um grande patrão pra seu Antonio Lúcio. No dia, no dia que aconteceu dele partir daqui pra outra é, é, é, teve alguém que me falou, parece, não sei se foi Ricardo. Foi Ricardo. Que eu tinha esquecido até o nome dele. Perguntei a Ricardo: e aquele rapaz que corria com Tonho Lúcio? Aí ele me falou que Senhor Antonio Lúcio tava muito doente que ele tava doentinho também. Aí tinha uma semana, duas atrás, uma semana que ele tinha ido visitar ele. Vaquejada pra mim só ficou boas lembranças. Boas história. Boas lembrança. E vaquejada é, é, muito bom! Muito boa! Ia pra vaquejada. Até uma vaquejada que eu fui em Teixeira de Freitas, me classifiquei nessa vaquejada e de lá ainda trouxe Caliani, guardadinha (risos) depois 9 meses ela chegou. Aí os menino fala: Ah Caliani, você foi encomendada numa vaquejada, por isso você é do jeito que você é.

**APÊNDICE G – Ficha Técnica/Entrevista V**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
GRUPO CORPO**



Depoimento de Karla Maria Coelho Sampaio

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador(es): Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Levantamento de dados: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Pesquisa e elaboração do roteiro: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Coriolano Pereira da Rocha Junior

Técnico de gravação: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Local: Feira de Santana - BA

Data: 03.04.2019

Duração: 17:00min

Gravações: 02

Páginas: 05

Entrevista – Feira de Santana, 03 de abril de 2019

## **PRIMEIRA PARTE DO ROTEIRO**

### **Dados Pessoais**

1- Nome Completo

Karla Maria Coelho Sampaio

2- Data de Nascimento

03/07/1976

3- Profissão –

Eu sou formada em Administração, né? Mas atualmente eu tomo conta de um rancho, de um centro de treinamento de cavalos.

4- Estado Civil-

Casada

5- Escolaridade –

Pós-graduada

6- Quantidade de filhos –

Dois

7- Onde nasceu –

Feira de Santana

8- Onde mora –

Itabaianinha - SE

## **SEGUNDA PARTE DO ROTEIRO**

### **Perguntas relacionadas a proposta da pesquisa em si.**

1 -A senhora tem alguém na família que tem aproximação com a vaquejada?

Não. Ninguém. Meu pai, médico. Minha mãe, nutricionista. Meus três irmãos, dois médicos e um engenheiro civil. Ninguém monta num cavalo nem pra passear.

2 -Como foi sua entrada na vaquejada?

Eu sempre gostei de cavalo, desde de pequena. Porque todos os finais de semana eu ia pra fazenda com meus pais. Aí era como que eu me divertia. Aí eu comecei a procurar atividades envolvidas com o cavalo. Que tivesse o cavalo como protagonista. Aí fui em alguns esportes, eu não gostei. Me identifiquei na vaquejada.

Mas a senhora assistia vaquejada?

Não. Foi um dia, eu fui num...numa pista de vaquejada que tinha lá, de um amigo de meu pai, ele tava treinando, eu pedi pra treinar também e gostei. Nunca tinha visto vaquejada. Vi a primeira vez e entrei. No dia que eu fui apresentada a vaquejada, já entrei pra pista.

Isso foi em que período mais ou menos?

Isso foiiii... noventa e sete, por aí. Só que daí eu parei de correr, né? Corri um ano, aí passei em vestibular, passei no vestibular, fui morar em Salvador. Aí passei cinco anos afastada. Aí depois voltei a correr de novo. Aí fui aprovada numa seleção de uma pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas. Aí parei de novo... Aí voltei (risos) de novo. Depois fui aprovada em outro vestibular que eu resolvi fazer...parei de novo (risos). Aí voltei agora, tem oito anos.

Oito anos ininterruptos?

Ininterruptos

No caso, a senhora atua profissionalmente?

Não. Não. Eu corro aspirante e a categoria feminina.

O que é a vaquejada para a senhora?

Ahh...eu amo demais vaquejada. Vaquejada é tudo! É adrenalina! É tudo! Tudo de bom!

Assim...gosto demais. Vaquejada é você ter foco, em se melhorar, é ter foco em se concentrar, ter foco em se superar. Vaquejada é resiliência.

3 -Como a senhora enxerga a vaquejada como prática na Bahia?

Mudou muito, né? Na verdade, tanto na Bahia, como em outros estados, que, que a gente vai, mudou muito. Porque...antigamente, cada um fazia como queria, o arreo do cavalo era como queria... machucava, maltratava, não havia policiamento. E hoje não! Hoje, o critério realmente é bastante rígido na questão do, do trato dos animais. Os animais não podem se ferir, não podem se machucar. Você não pode tá maltratando seu cavalo. E assim, eu já tomei alguns cursos depois que eu comecei, que eu investi nesse centro de treinamento e a gente aprendi que... a gente não ensina a eles batendo, sabe? Ainda muita gente usa isso: bater, furar, espora afiada. Minha espora, se você olhar, você diz: ah que espora! Não tira uma gota de sangue! Porque assim, a gente aprendi, na verdade, você tem que ensinar ele... é como um filho. Você vai ensinar ele a fazer o certo e ele ter prazer em fazer o certo. E não ele ter que fazer o certo por medo de você ou por medo de ser machucado, né? Acho que a grande mudança da vaquejada hoje foi essa.

Quando a senhora sai de Feira para Sergipe?

Fez sete anos em dezembro.

Então você recomeça aqui em Feira...inicia em Feira... vai e volta?

Isso. Eu trabalhava com seu Quimoro, quando eu voltei, eu trabalhava com seu Quimoro do grupo Fofão, e aí eu voltei, trabalhava pra ele, foi quando eu fui pra uma vaquejada em Caruaru e conheci meu esposo. A gente começou a namorar, aí depois eu sair do grupo Fofão, me casei e fui pra Itabaiana.

Ficou um ano mais ou menos aqui em Feira e depois foi pra lá.

Isso.

Me explica o que é esse centro de treinamento. É centro de treinamento de vaqueiro? É centro de treinamento de cavalo?

Não. De cavalos. Nós temos as baias, onde a gente aloja os animais, de terceiros, de pessoas que nos procuram, pra formar esses campeões. E a gente recebe esses cavalos e cuida deles desde da, da dieta, do condicionamento, do treinamento e da competição.

Então vocês fazem cavalo de vaquejada?

Isso.

E não o vaqueiro de vaquejada?

Não. Fazemos cavalos. Fazemos campeões!

4 -Como é a posição da mulher na vaquejada hoje?

Então, evoluiu muito! Mas, no início todo mundo achava que a mulher tava ali era pra brincar, era...exceto dona Socorro que sempre foi uma referência, né? Mas chegava e achava que a mulher tava ali pra brincar, pra se divertir, pra...mas hoje mudou muito, né? Porque as mulheres também tem se focado no, no esporte, tem procurado evoluir, tem procurado melhorar, se superar. Então a tendência des..., dessa, dessa mudança de foco foi realmente um respeito maior dentro do esporte.

A senhora me falou que no dia que conheceu a vaquejada já entrou na pista. E depois disso, a senhora teve algum processo específico de treinamento para aprender melhorar a técnica? Teve alguém que te ensinou, que te motivou ou te iniciou na prática?

Então, nessa época, eu via os meninos da cidade lá onde meu pai tinha fazenda, treinando, então eu ia e treinava também. Cada um montado em seu cavalo. Já via mais ou menos qual era o movimento e aí você vai tentando igual a uma aula de dança, né? Você vê lá o professor dançando e você quer fazer igual. Então, você fazia mais ou menos desse jeito, o aprendizado. E a questão do trato dos animais, eu sempre gostei muito de animal e eu nunca gostei de maltrato. Desde de pequena eu sempre amei cavalo eee boi e tudo, então assim, a gente usa muito o firme e um coração. Eu mesmo, lá os meus animais, são, você vê os bons de prêmio, são extremamente bem trei, bem tratados. Mas assim, a gente não explora! Eles servem a gente e a gente também tem o dever de retribuir o que eles fazem por nós, né? Assim, cavalo tem o horário da alimentação, eu tenho, lá, eu tenho uma, uma tabela de horários. Os horários da ração, os horários do capim. Meu tratador, meu tratador segue rigorosamente essa tabela de horário.

5 -Como a senhora enxerga a relação da mulher na vaquejada e na sociedade?

Assim... a sociedade ainda é um pouco preconceituosa com a mulher, porque acha: ah tá ali, é um esporte que é masculino, ah que não vai conseguir, ah que não vai ganhar. Tá ali fazendo o quê? Ainda tem um certo preconceito em relação a isso. Quanto aos vaqueiros, assim, eu nunca tive nenhuma dificuldade. Assim, eu sempre fui muito bem recebida. Num tive, nunca tive dificuldade de ter um cavalo emprestado. Nunca tive essas dificuldades. Então, fica difícil pra mim falar duma realidade que eu não vivi. Já tive dificuldade sim, de pedir cavalo pra alguma amiga e e e ter uma recusa, entendeu? Mas assim, por eu já ter um tempo correndo, as pessoas me conhecerem, tanto a nível de caráter como de, deee, de técnica, então facilita mais, né? Entendeu? A questão da, daaa, do empréstimo. E a categoria feminina tem se estabelecido agora, né? É é é, enquanto... nas vaquejadas todas a gente vê que, a grande maioria das vaquejadas grandes, eles já tem colocado a categoria feminina.

Aqui na Bahia também?

Aqui na Bahia, inclusive.

6 -Como a senhora enxerga as rainhas da vaquejada?

A rainha da vaquejada, ela num tem muita associação com a vaquejada, porque ela como se fosse um desfile de moda. Ganha ali a mais bonita, a mais charmosa, a a a mais, mais completa, digamos assim, né? Que tem um corpo legal, que seja bem, bem, é, arrumada e tal.

Mas não tem muito a ver com a vaquejada, né? Na verdade, você vê que elas nem montam num cavalo, a não ser no dia do desfile, que tem um desfile oficial, né? Então, assim o desfile, a a a, rainha da vaquejada, não....(silêncio).

Essa rainha só tem aqui em Serrinha?

Só tem aqui em Serrinha. Todas as outras que eu fui, eu nunca vi.

7 -Em relação às regras da vaquejada, as mulheres tem algum tipo de participação nas decisões dessas regras?

Não! Nenhuma mulher teve interferência na criação dessas regras. Assim, foi uma comissão que foi feita por grandes criadores, nomes fortes que tem dentro do cenário nacional e que tem trânsito político também, né? Então assim, houve um grupo que se reuniu entre advogados, criadores e tal e elaboraram essas novas regras e que são ministrados a cada ano, um curso para treinamento de todas as pessoas que trabalham na vaquejada que é o anotador, o juiz, o locutor, o calzeiro, quem trabalha na secretaria. Todos os anos eles tomam o curso sobre as regras e atualizações que tem pra aquele ano pra que possam trabalhar. Então essa entidade é a Associação Brasileira de Vaquejada, é que atuaram e que conseguiram reverter o processo, né? Criando essas regras.

8 - A senhora pratica a vaquejada profissionalmente? Por quê?

No caso, a senhora atua profissionalmente?

Não. Não. Eu corro aspirante e a categoria feminina. A questão da vaquejada como meio de vida pra mulher é muito complicado pela falta de oportunidade. Hoje o nível dos cavalos é muito alto, padrão de competitividade é muito alto, é, é, é, e esses cavalos são caríssimos. São cavalos de 1 milhão, de 700 mil, de 500 mil. E assim, não tem quem invista para uma mulher correr. Entendeu? Sem contar que a força física é totalmente diferente. Então, não tem como uma mulher conseguir competir no meio do profissional. Primeiro por essa questão da desigualdade fisiológica, segundo porque o padrão dos cavalos desses profissionais que a maioria já tem nome, tem padrão, eles montam em cavalos como eu tô lhe falando de 700 mil, de 500 mil, de 1 milhão, de 400 mil. Então assim, são cavalos que o índice de acerto é muito alto e o de erro é muito pequeno. E aí, não tem um investidor pra bancar uma mulher com um cavalo desse. Entendeu? Não tem primeiro pela questão da força física e segundo porque, num, num, não tem como competir, entendeu? Não tem como competir. Infelizmente uma mulher competir no profissional não tem e eu acredito que não vai ter por muito tempo, entendeu? Por essa limitação.

9 -Quais projeções a senhora faz de futuro da mulher na vaquejada?

Assim...(silêncio). Na verdade, eu acho que a categoria tende a se solidificar. Mas eu acho que nós, competidores também temos que saber nos, nos, nos portar e de que maneira colocar a, a, a, nos colocarmos, a, a.. colocar as nossas reivindicações e nos colocar diante da situação, entendeu? Porque muitas vezes a gente vai pra uma vaquejada, como você citou o exemplo Serrinha, pagava 10 mil reais em prêmio, que era 8 mil reais de prêmio e 2 mil reais de troféu e, e, e houve muita briga, as, as vaqueiras lá, porque era pra correr sábado de noite, mudou pra domingo de noite e ficava todo muito brigando, porque o dono do parque... só que difícil você cronometrar o tempo. Uma vaquejada que dá 1.800 senhas. Infelizmente extrapola, normalmente o tempo passa e foge o controle. Então o cara faz uma categoria dessa, não cobra senha, dá um prêmio desse, e ainda algumas se acham no direito de... Então assim, a gente tem que procurar conquistar espaço.... quem paga espera pra correr, quem não paga também tem que esperar. Infelizmente, quem tem suas obrigações como as vezes eu tenho, eu não vou. Eu volto pra casa sem correr, porque na segunda feira eu tenho que tá fazendo outras

coisas. Então, quem tem a mesma situação que eu, vai ter que abrir mão de correr uma vaquejada dessa que atrasar.

10 -Que outras mulheres a senhora conhece que pratica a vaquejada?

Hoje eu indicaria Jenifer Emanuelle. É uma Potiguar, né? Do Rio Grande do Norte. Tem a Cariline Silva, também que é do Rio Grande do Norte. Excelente, muito boa! Tem uma menina novinha que tá correndo agora também, que ela [ ] super bem, Geovana, que é de.. do Pernambuco. Santa Cruz de Capibaribe. Acho que essas que eu mais destaco.

Bahia você tem algum nome?

Não. Bahia, eu não teria nenhum nome não. Aliás, Bahia tem. Caliane Baraúna. Caliane Baraúna. Tá correndo super bem! Show ela!

**APÊNCIDE H** – Ficha Técnica/Entrevista VI

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**GRUPO CORPO**



Depoimento de Alana Gomes Nunes

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador(es): Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Levantamento de dados: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Pesquisa e elaboração do roteiro: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Coriolano Pereira da Rocha Junior

Técnico de gravação: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Cales Alves da Costa Junior

Local: Cruz das Almas - BA

Data: 06.04.2019

Duração: 20:21min

Gravações: 01

Páginas: 06

Entrevista – Cruz das Almas, 06 de abril de 2019

## **PRIMEIRA PARTE DO ROTEIRO**

### **Dados Pessoais**

#### 1- Nome Completo

Meu nome é Alana Nunes. Eu tenho 31 anos. Sou formada há 2 anos. Me formei em Feira de Santana. E e e nasci em Salvador. É é é mas foi aquela coisa, eu sou fiz nascer em Salvador e me criei na cidade de Dias D'Ávila, onde realmente eu vim ter o contato com o cavalo e com a vaquejada. Meus pais sempre criaram cavalos, meus irmãos também correm vaquejada, meu esposo também corre vaquejada.

#### 2- Data de Nascimento

Eu nasci no dia 09 de outubro de 1987

#### 3- Profissão –

Sou médica veterinária

#### 4- Estado Civil-

Sou casada.

#### 5- Escolaridade –

Nível Superior Completo

#### 6- Quantidade de filhos –

Não temos filhos

#### 7- Onde nasceu –

Salvador

#### 8- Onde mora –

Hoje moro em Inhambupe

Tem quanto tempo em Inhambupe?

Tenho, morando mesmo, eu tenho sete meses, mais ou menos. Agora, aí o tempo da faculdade, como eu morei em Feira de Santana, aí eu ficava indo assim, nas férias pra Inhambupe e e e período de final de semana, quando tinha vaquejada, essa coisas assim.

## **SEGUNDA PARTE DO ROTEIRO**

### **Perguntas relacionadas a proposta da pesquisa em si.**

1 -A senhora tem alguém na família que tem aproximação com a vaquejada?

É, é, é. Meus pais sempre criaram cavalos, né? Eles montam até hoje. Agora, assim, sempre criaram cavalos de passeio. Meus irmãos que começaram com a vaquejada. Coisa de uns quinze anos pra cá. E aí eu também desenvolvi, né, esse amor pelos cavalos de vaquejada. E aí, meus dois irmãos, Rômulo e João, eles correm, competem nesses circuitos da Bahia e meu esposo também. Ele compete com a vaquejada, na vaquejada e ele é domador e treinador de cavalos.

2 -Como foi sua entrada na vaquejada?

Então...então. É é é, acho que eu tinha uns catorze anos a primeira vez que eu montei num cavalo de vaquejada realmente pra correr. Depois entrei na faculdade. Aí eu não consegui conciliar faculdade e vaquejada. Porque final de semana era o tempo livre que eu tinha pra estudar. E aí eu... parei um pouco a vaquejada, né? Por causa da faculdade. E agora... que eu, eu formando, que eu me formei, né ... eu continuo ainda na vaquejada. Fui presidente da AVAB, que foi a associação que a gente teve em 2015. E e e nessa época eu não tinha voltado a competir, porque eu ainda tava estudando. Eu era a presidente, mas assim, ajudava as meninas a a a desenvolver o trabalho durante todos os eventos, né? Nós fazíamos parte da ABV que é a Associação Baiana de Vaquejada e a gente caminhava junto, né? Toda vaq...toda etapa que tinha na ABV, os donos dos parques abriam espaço pra a categoria feminina.

Como era aprender a puxar boi? A senhora era puxadora ou batia esteira?

Não. Eu tentava puxar, mas eu batia mais esteira pro meus irmãos, né? Assim, tudo é a dedicação e o amor que a gente tem e a vontade né? Quando a gente tem vontade de fazer uma coisa, fica mais fácil, né? Lá em casa sempre teve pista, sempre teve boi, tinha cavalo manso. (risos). E aí, assim que eu, que eu iniciei... na vaquejada.

Então eram seus irmãos que foram os precursores?

Meus irmãos. Tinha um rapaz que montava lá com a gente. Então ele sempre vinha: não, faz assim, faça assado. Dava aquelas dicas pra gente.

O que é a vaquejada para a senhora?

Ahhh. Vaquejada hoje é é é a minha vida, né? Porque eu e o marido vivemos da vaquejada. Né? A gente tira o nosso sustento da vaquejada.

Seu marido é profissional?

É profissional! Ele é treinador de cavalos e corre também.

Treinador de cavalos pra vaquejada?

Pra vaquejada. Cavalos específicos de vaquejada.

É o quê? Um centro de treinamento?

É um centro de treinamento. Rancho Santa Fé.

3 -Como a senhora enxerga a vaquejada como prática na Bahia?

Evoluiu muito, muito, muito, muito. Acho que coisa de vinte anos pra cá. Hoje o vaqueiro tem a consciência de que ele não pode sangrar o animal, que ele não pode bater no animal. E hoje também veio, chegou pra gente a doma racional, né? Hoje a gente não vê mais uma pessoa fazer uma borracha no cavalo, deixar o cavalo ali trinta minutos, quarenta minutos com a borracha pra poder amolecer de um lado. A gente não vê mais nada disso, né? Hoje a gente vê as pessoas queee realmente tem paciência no tempo certo do cavalo, né?

O que seria essa borracha?

É pra você amolecer o lado dum cavalo. As vezes o cavalo é duro dum lado. Pra esquerda, pra direita. Pra ladiar um cavalo, né? Um exemplo: Você tá numa corrida o o ca...o o o boi risca, o boi pára. Você tem que retornar esse boi. Então esse cavalo tem que ser treinado a retornar esse boi. Então é é é uma atividade que ele precisa muito tá treinado, né? Porque assim, é como eu sempre digo, é é, tanto na minha vida pessoal como profissional. Matemática não é biologia! Então, muitas coisas podem acontecer tanto na minha vida profissional, eu como

médica veterinária, e também dentro da pista de vaquejada com o boi. Você não sabe como aquele boi vai correr. Então seu cavalo tem que tá preparado pro que vai acontecer ali naquele momento.

4 -Como é a posição da mulher na vaquejada hoje?

Assim, não é fácil! Não, assim. A vaquejada pra as mulheres hoje, melhorou! Mas eu lembro de quando eu era menina, mulheres não eram bem vistas na vaquejada, né? Mas melhorou bastante! Hoje a gente é bem respeitada, é bem vista. É, tanto a mulher vaqueira como a mulher profissional doo, na medicina veterinária, dentro da vaquejada. Hoje a gente tem outras veterinárias que também atuam somente com aqueles cavalos de vaquejada, os cavalos atletas, né? E a mulher vaqueira também. Acho que o espaço é é é bem amplo, né? O espaço tá aí, tá aberto. E realmente as mulheres que querem trabalhar com profissionalismo, tanto como vaqueira como veterinária, cabe a elas também, né, impor o seu respeito, né, num ambiente que é só, era só pra homem, né? Que hoje a gente não vê mais a vaquejada como esporte só de homem. Hoje a gente, no Brasil tem mais de cinquenta mulheres que competem. Hoje a gente tem mulheres que só vivem da vaquejada. Que só vivem da corrida de boi. Né?

Mas aqui na Bahia a gente tem essa realidade?

A gente tem sim. Hoje na Bahia a gente tem mulheres que só vivem da vaquejada

5 -Como a senhora enxerga a relação da mulher na vaquejada e na sociedade?

A sociedade ainda tem, tem gente que até hoje não sabe o que é vaquejada. Tem gente que confunde a vaquejada, cavalgada e o rodeio. Mas hoje a gente também tem é é é deputados na Bahia que vem defendendo a vaquejada e com as redes sociais, com essas mobilizações que a gente teve de 2015 pra, de 2016 pra cá, a gente vê que as pessoas hoje enxergam a vaquejada com outros olhos. Porque a vaquejada é fonte de renda de muitas famílias. Com empregos diretos e empregos indiretos, né? Então hoje, acho que a sociedade tá enxergando a vaquejada com outros olhos. Um olhar mais positivo. Entendeu? E a mulher também. A mulher também. Que tem muitas mulheres que vivem de vaquejada. Não só eu como médica veterinária, que tô ali pra trabalhar, não só como a mulher vaqueira, mas também tem a moça que vende o acarajé na vaquejada. Tem a moça que tem a barraca de, de, de comida na vaquejada. Tem a moça que vende o churrasquinho na vaquejada. Então não é só mulher veterinária e nem só mulher vaqueira. Tem as mulheres que tão ali naquela parte do comércio, na parte da alimentação. Tem mulheres que tem loja, as vezes que trabalham só em vaquejadas, entendeu? Então, pra mulher acho que só tem a crescer, hoje, né? Só tem a crescer.

6 -Como a senhora enxerga as rainhas da vaquejada?

Eu acho o seguinte: é é é, é uma maneira de mostrar a sociedade que a vaquejada não é só a derrubada de boi. Tem uma mulher bonita, tem uma mulher maquiada, tem uma mulher cheirosa, uma mulher bem vestida, tem tudo isso na vaquejada. Não é só aquela mulher que tá ali suja de lama (risos), suja porque levou uma queda, tá com o cabelo cheio de areia, que tá com o rosto cheio de barro, de que machucou, as vezes machuca, né? Não. Acho que hoje tem que ter também, né, aquela mulher bonita na vaquejada. E muita gente gosta. Muita gente vai lá, participa. Tem as votações, né? Tem...acho bacana! Tem os desfiles. Acho que é uma área também que vem crescendo muito. Tem gente que ver isso também como profissionalismo, né? Porque a gente vê que tem modelos hoje que se inscrevem nesses concursos pra ser a rainha da vaquejada. Né?

7 -Em relação às regras da vaquejada, as mulheres tem algum tipo de participação nas decisões dessas regras?

Na Bahia, em termo de falar de mulher, a gente sempre fala no nome de Dona Socorro Miranda. Que foi a pioneira é é é como a mulher vaqueira na Bahia, né? Então tiveram outros programas queeee, outras entrevistas queeee, estavam lá na casa de dona Socorro Miranda e com certeza, é é é, chegou aos deputados, chegou lá ao cenário mesmo, político, né, a opinião dela. Porque dona Socorro mesmo conta, né, que no tempo dela era muito difícil. Era muito difícil. E hoje a gente chega numa vaquejada, você vê que tem uma premiação pra mulheres, você vê que as pessoas hoje incentivam. Tem vaquejada que as mulheres não precisam nem mais pagar senha, entendeu? Então, dessa maneira, com certeza acho que dona Socorro Miranda ajudou bastante, entendeu? E ela com certeza faz parte desse cenário da mulher vaqueira. Na evolução da vaquejada que é hoje, né?

8 - A senhora pratica a vaquejada profissionalmente? Por quê?

Não. Não corro profissionalmente. Profissionalmente é médica veterinária. (risos)

Então você entra nas categorias femininas ou iniciantes?

Feminina ou Aspirante.

9 -Quais projeções a senhora faz de futuro da mulher na vaquejada?

Só tem a crescer. A mulher hoje na vaquejada só tem a crescer. Porque hoje a gente via assim era os bolões do feminino e hoje não. Hoje o feminino é uma categoria que é pontuada nacionalmente pelo, pelo Portal Vaquejada que é o maior circuito que a gente tem no Brasil e pela ABVAQ que é a Associação Brasileira de Vaquejada, né, que também abriu a categoria feminina e as meninas também somam pontos pra no final do ano ter uma premiação maior.

Me conta essa história dos bolões feminino.

Antes era assim, a gente chegava numa vaquejada e tinha lá a categoria profissional, amador e aspirante. E o bolão era o seguinte, tinha duas, três meninas, aí elas corriam, estipulava o valor de uma senha e aí no final o primeiro lugar e segundo ganhava. E hoje não. Quando você chega você vai vê um cartaz de vaquejada, já tem lá, categoria feminina, categoria profissional, categoria aspirante, intermediário.

A dinâmica de pensar um bolão feminino era algo mais informal?

É. Era mais algo informal. Antigamente. Hoje não!

Dentro da vaquejada?

É. Hoje não! Hoje a categoria feminina é o que anima também a vaquejada, né? Porque você chega no sábado a noite, numa arquibancada, aquela arquibancada cheia, entrar dez meninas pra correr atrás dum boi, você vê aquela arquibancada vibrar junto com as mulheres, não é, então, é lindo. Uma disputa no feminino hoje é linda! Linda! E arquibancada é cheia, vibrando e é lindo, muito lindo mesmo!

10 -Que outras mulheres a senhora conhece que pratica a vaquejada?

Tem, Caliani Miranda que é filha de dona Socorro. Kelly vaqueira de Santo Antonio de Jesus. As meninas lá também de São Sebastião do Passé, Daiane, é é é, Leandra que também hoje não corre mais, mas que corria junto com dona Socorro, no tempo de dona Socorro. E são grandes nomes, né e com certeza são, são sempre lembrados em vaquejada.

Me fala mais da Associação de Vaqueiras da Bahia

Assim, é, é, é, em 2015 foi que surgiu a [AVAB] junto com a ABV. Nossa primeira etapa foi em março de 2015 em Coité. Aí diante disso, a gente quase todos os meses nós tínhamos etapas e quando chegou em setembro de 2015, é, é, é eu tive um problema na minha família. Minha mãe teve um AVC e eu precisei me afastar da, da Associação. Porque eu tinha que dá uma assistência maior a minha mãe, né? E aí, a.. deu uma esfriada, entendeu? E aí no ano de 2016 as meninas falaram assim: vamos continuar com a AB..., com, com a Associação? Eu falei assim: gente, vocês tem meu total apoio, só que eu não vou mais poder tá em frente, de frente, né, realmente como a presidente, porque eu tô nessa situação com minha mãe. E aí acabou que esfriou, as meninas fizeram acho que mais uma ou duas etapas, mas realmente não foi, não foi pra frente. Mas assim, eu tô disposta, é, é, é a ajudar as meninas, as que queiram realmente voltarem a associação. Porque assim é uma coisa que não pode morrer, de jeito nenhum. É um nome que a gente leva pra, pra fora da Bahia. Inclusive, no ano de 2015, nós tivemos em Caruaru, na vaquejada do Roland Jack, no Parque Milane e fomos homenageadas e eu fui lá receber, é, é, é, um troféu, lá na, em Caruaru. E foi maravilhoso! Foi muito lindo! Porque assim, a gente aqui na Bahia éramos quinze mu..., média de quinze mulheres e estávamos conhecidas nacionalmente, entendeu? Porque a Bahia tem boas vaqueiras. Excelentes vaqueiras e são mulheres que, realmente correm as vaquejadas no Brasil todo. Entendeu?

Vocês tinham aquela parte, vamos dizer assim, burocrática da AVAB? Toda associação tem seu regulamento.

Sim. Nós seguíamos todo o regulamento da ABV. Todo o regulamento era o regulamento da ABV, da Associação Baiana de Vaquejada.

Era como se vocês fossem uma ramificação da ABV?

Isso, uma ramificação da ABV.

Então, no caso elas pagavam uma taxa? Como era pra se associar?

Nós tínhamos a anuidade. Era pago a anuidade e aí esse valor era revertido para uma premiação no final do ano. Entendeu? Mas era tudo organizadinho. Nós tínhamos camisa, fazíamos troféu toda vaquejada. As vaqueiras campeãs recebiam troféus. Nós tínhamos também apoio deeee uma casa de ração que quisesse ajudar. Ou dava uma quantia em dinheiro ou dava um saco de ração. Podia dá um boner. Tínhamos também uma loja em Feira de Santana que apoiava. Aí todo mês ela mandava um brinde. As vezes era uma bolsa com uma estampa de um cavalo, as vezes era uma camisa, um top, alguma blusa assim com estampa de cavalo. A gente sempre teve esses mimos, né, que a gente dava junto com a premiação. As vaqueiras.

Eram quinze mulheres?

Era.

Aí no caso, era um cadastro que você tinha?

Era, era um cadastro. Todo mundo preenchia uma ficha.

Hoje a senhora está mais afastada das vaquejadas?

É hoje eu tô mais afastada. Hoje eu tô realmente me dedicando mais a minha, a profissão, né? Como Médica Veterinária. E também a a... formei, tem que fazer a especialização, aí tem que fazer um curso, uma coisa ou outra, aí a gente as vezes tem ...

Ainda bate uma esterinha? Vai em grande vaquejada?

É. De vez em quando eu dou um treinozinho (risos). Vaquejada não. Quando eu vou pra vaquejada hoje é pra trabalhar. Eu também sou juíza de bem estar animal. Aí trabalho também.

**APÊNCIDE I – Ficha Técnica/Entrevista VII**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
GRUPO CORPO**



Depoimento de Rosangela de Oliveira Ribeiro

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador(es): Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Levantamento de dados: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Pesquisa e elaboração do roteiro: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Coriolano Pereira da Rocha Junior

Técnico de gravação: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Cales Alves da Costa Junior

Local: Feira de Santana - BA

Data: 17.04.2019

Duração: 28:44min

Gravações: 01

Páginas: 06

Entrevista – Feira de Santana, 17 de abril de 2019

## **PRIMEIRA PARTE DO ROTEIRO**

### **Dados Pessoais**

1- Nome Completo

Rosângela de Oliveira Ribeiro

2- Data de Nascimento

07/04/1978

3- Profissão –

Empresária, corretora, representante

4- Estado Civil-

Solteira

5- Escolaridade –

Superior Incompleto – Pedagogia

Futura pedagoga?

Acho que foi a finalidade mais para ter um nível universitário. Mas, é, é, no que a vida do campo, que eu sempre quis, que eu sempre gostei de ter, não possibilitou que eu desse continuidade. Mas, é, é, sei a importância da, da pedagogia, não desmerecendo qualquer outra atividade ou, ou formação e com certeza a pedagogia, além assim, como ainda, como há outras atividades, outras profissões tem a importância dela na sociedade.

6- Quantidade de filhos –

Não tem filhos

7- Onde nasceu –

Feira de Santana - BA

8- Onde mora –

Passo parte do tempo aqui, parte viajando. Parte do mês, né? Mas tive uma, uma vida, é, é, na infância, juventude em Itaberaba. Minha família é de lá e essa história toda de fazenda, de vaquejada começou por lá também.

## **SEGUNDA PARTE DO ROTEIRO**

### **Perguntas relacionadas a proposta da pesquisa em si.**

1 -A senhora tem alguém na família que tem aproximação com a vaquejada?

Não, não. É, é. Começou mesmo pela, pela coisa da fazenda. Meus, meus avós são do Recôncavo, foram para Itaberaba há uns 50 anos, há 60 anos atrás. Lá eles compraram, compraram fazenda e, e, e participaram também de forma ativa na, na sociedade, na política, é, é, no comércio também e aí eu cresci, nesse, nesse, nesse mundo não da vaquejada, mas de fazenda. E aos poucos contato com animais, com cavalos. É, é primeiro argolinha, depois, é, é, a gente... nós...eu, meu irmão na infância a gente colocava alguns tambores, eu começava a,

a saltar e enfim, conhecemos algumas pessoas que tinham, que gostavam da vaquejada, que tinham animais, tinham pista e aí começamos a inserir aos poucos na, no meio da vaquejada.

2 -Como foi sua entrada na vaquejada?

A senhora teve alguém em específico que lhe ensinou a correr vaquejada?

Olha eu comecei montando no, no Mangalarga, é, é, é, quer dizer, antes desse meu, meu primeiro né, presente assim de cavalo mesmo foi, não era nem um puro, era um mestiço, é, é, é, e aí com os amigos e os vizinhos que gostavam de vaquejada em Boa Vista do Tupim, eles começaram a convidar e a gente, eu achei que aquele cavalo já não era mais o cavalo pra vaquejada. Eu com uns 13, 14 anos vendi alguns animais e fui até a fazenda Boa Sorte, que na época era referência do Quarto de Milha, naquela região. Quem não conheceu Alberto Gentil? É, é, é, a gente tinha um carinho muito grande por ele. Ele...muitos animais dele foram introduzidos na vaquejada e eu, é, é, é, lembro como hoje, de bicicleta, fui até a fazenda dele e consegui comprar meu primeiro Quarto de Milha. Daí então, é, é, é, coloquei esse, cheguei a colocar no, no fundo da casa lá de meus pais, fazer uma cocheira pra colocar esse cavalo e aí era durante um período na escola (risos) e o outro, a tarde pra cuidar do, do cavalo, dar banho, enfim. E aí começou! Eu acompanhei o desenvolvimento desse, desse animal. E depois, esse cavalo foi pra Cravolândia, na mão de um, pra um vaqueiro que chama, quem é da vaquejada conhece, talvez os mais novos não, mas aí da década de 80, 90, todo mundo sabe quem é, Tinho, lá de, de Cravolândia. Esse animal foi pra lá, e aí cada dia que passava meu gosto foi aumentando, e eu não, ainda, antes desse cavalo ficar pronto, eu comecei a montar em outros também. Um amigo empresta daqui outro dali e assim, foi indo, até que eu pudesse fazer outras, outras aquisições.

3 -Como a senhora enxerga a vaquejada como prática na Bahia?

Ela cresceu bastante, progrediu muito. Era um, como a gente chama, eram um, eram bolões, tinham as vaquejadas maiores que era a de Serrinha, chegou a ter do Coliseu também, lá em Pedro Hugo. Mas foi tomando assim uma proporção muito grande, é, é, profissionalizou, o, o, o, virou algo assim, empresarial. Pessoas que, é, não tinham o, o, hábito de, de um nível mais elevado assim financeiramente que não participava desse mundo, passaram a participar, passou a ter a vaquejada realmente não só como, como um hobby, mas também como o negócio.

4 -Como é a posição da mulher na vaquejada hoje? Como é ser mulher na vaquejada?

É, já foi, já foi mais difícil né? Existia lá atrás muito preconceito com relação o que era que o homem fazia, o que é que mulher tinha que fazer, é, é, mas para mim foi sempre assim gratificante e eu sempre, sempre procuro fazer o que eu gosto que me agrada não que os outros querem que eu faça. Então minha vida foi essa e agora tá no momento bom de fazer e de viver isso porque, é, é, é não existe mais, é, é, como a 10 anos ou 15 anos atrás no, no, no meio da vaquejada, aquela, aquele preconceito com relação a isso.

5 -Como a senhora enxerga a relação da mulher na vaquejada e na sociedade?

Olha! É como eu te falei. A vaqueja..., hoje a mulher tá inserida em qualquer, tem espaço hoje pra, pra mulher em qualquer lugar que ela queira estar. Seja na vaquejada, seja no automobilismo, seja em qualquer esporte que era intitulado pra ser um esporte masculino. Então, pra mim, basta ela ter vontade, habilidade, um pouco de condição financeira, porque é um esporte, que é, que é, que é caro. Naquele tempo ainda era mais difícil ainda, porque por não existir essas categorias, elas, eu, pouquíssimas foram as vezes que eu ganhei inscrição. Eu sempre paguei, sempre paguei inscrição. Não gostava de tá pedindo cavalo de ninguém! Então, era mais, era mais difícil. Hoje não! Você, você quiser correr vaquejada aí, no

Nordeste inteiro, na categoria feminina, existe essa facilidade. Você tá indo, e, e, e, sem, sem, pelo menos, sem esse custo da, da inscrição.

A senhora ainda corre?

Não! Já tem um tempo, já. Na verdade, eu, é, é, mesmo do, passei um tempo dentro da vaquejada, sem correr. Que eu, eu sempre gostei.....existia um mito que, eu tinha, tinha um olhar bom pra cavalos. E aí eu comprava, acreditava em algum animal, comprava o cavalo, colocava pra, pra fazer, pra mexer, né? E pra fazer a doma como se fala hoje. Antes, naquele tempo era açoitar. Hoje é doma racional, doma racional voltada pra vaquejada. Então fazia, essa, essa doma e quando o cavalo já, já estava numa fase boa, com uma valorização melhor, eu ia lá e vendia. E aí fiquei nisso. Pagando pra um vaqueiro, pagando pra outro e graças a Deus sempre com, com, com êxito. As pessoas que eu colocava pra correr é, é, é sempre eu tinha sucesso! Era difícil ir pra uma vaquejada com algum vaqueiro que eu levava pra num, num ganhar. Não tá entre as colocações.

Quando a senhora passou a fazer cavalo de vaquejada, parou de correr?

É! Eu passei um tempo, morei, passei dois anos no Rio de Janeiro. Voltei quando voltei, eu passei 10 anos casada com uma pessoa, a pessoa era da vaquejada também mas, é, é, é não queria que, que, que eu continuasse e eu acompanhava volta e meia, assim, esporadicamente o acompanhava, ele nas vaquejadas, e, e, e, mas eu pela paixão que eu tinha, que eu tinha não, que eu sem....., tinha naquele tempo, (risos) continuo tendo mas na, na 10, a quase 20 anos atrás era, era, era, era mais intenso. Então para não ficar separada do cavalo é, é, é, e nem de algum tipo de esporte que envolvia o cavalo, eu, é, é, é comecei a participar de corridas. Então, que era que eu fazia, comprava um cavalo de corrida, lá em Itaberaba existe o parque de vaquejada onde eu também sou sócia, é, é, é, tinha umas cocheiras lá que pertencia a alguns dos sócios e também da associação e a gente diariamente se reunia naquele local onde a gente participava naquele tempo muito de, de corrida de, de, de cavalo corrida. Aí eu, eu também sempre mesmo pra na vaquejada eu, a minha preferência sempre foi a linhagem de corrida. E coincidência ou não, os animais que eu gostava que eram da linhagem de corrida eram animais que tinham aptidão pra vaquejada. Então quando não dava certo na, na corrida, eu encaminhava para vaquejada e colocava no tempo na ...quem fazia esses animais era caboclinho. Trabalhava com, com Gegel. Não sei se você lembra dele. Ele trabalha hoje no Haras São Francisco. Até pouco tempo trabalhava. Não sei ... eu acredito que sim. Então ele que hoje está próximo também por ser um, por ser um bom profissional, ia para mão dele. E quando começava sair aí, eu colocava geralmente, colocava algum vaqueiro bom, fazia uma apresentação e rapidinho vendia. Então, passei um tempo nisso aí, depois que eu me separei, eu passei um tempo fora de vaquejada, coloquei uma distribuidora aqui em Feira de, de cosméticos. E um belo dia me aparece Carla que, talvez até ela não saiba, mas eu tinha uma certa admiração, ela é um pouco mais velha que eu. Não sei se você vai colocar aí na ..... (risos) nossa idade, mas ela tá, tá em perfeita forma. Mas eu, não ... Ouvia falar, mas não conhecia. Ela rodava aí, a Bahia e o Brasil. Em uma certa feita eu estava no Rio de Janeiro, lá na pista de vaquejada e ela, é, é tinha ido também, ia, estava prestes a ir. Só que a gente ... houve um desencontro. Não meu e dela, mas a expectativa seria de que, chegando lá ia encontrar, conhecer e o tempo passou, não aconteceu. Quando eu, quando eu vim pra Feira, que eu montei essa distribuidora aí, aí me aparece Carla. E...Carla...tava... estava acho que também voltando pra vaquejada, disse que tinha um cavalo lá em... no Parque de Gegeo e me convidou pra ir com ela pra eu voltar a montar, voltar a correr. Eu disse: oh Carla, já isso eu com 28 anos 29, eu tô velha, engordei, não quero saber de vaquejada mais não! (risos). Não! Então vamos só pra me acompanhar! Dessa ida lá, eu já voltei com dois cavalos comprados. (risos). Um, um cavalo de esquerda que chama Nanquim Verde. Quem montava nesse cavalo

era Genildo. Genildo filho. Não sei, não tenho acompanhado, é, é, como é que é a atuação do animal. Não tenho visto, mas foi um cavalo que na época se destacou e um outro cavalinho lá que chamava, que era um meia-boca. Que era o que eu montava. (risos). Chamava Gegê. Então, eu voltei de lá com esses dois, por sinal até esse Nanquim era de sociedade com Gegel. Gegê era, ficou sendo meu e Nanquim ficou de sociedade com Gegel. Aí, aquilo que eu te falei da, do olhar para cavalo aconteceu também com Nanquim. Uns 4 meses depois, 6 meses depois, é, é, é, foi feita a proposta no cavalo e eu não aguentava vê dinheiro (Risos. Muitos risos) Vai embora! Deixa a vaga pra outro!

Pelo que entendi, competir, a senhora competiu pouco.  
Pouco.

Dos 13 aos 14 anos, até....

Isso! É! Voltei nesse tempo. Cheguei a correr algum bolão aí, no, no Coliseu, em alguns lugares, mas virou mais o business mesmo, do, do negócio da vaquejada.

A senhora estava com 20 anos?  
Não, quando eu... é isso! É!

Uns 20 anos?

É! Foi nessa época uma resistência também porque é, é, é, eu só contava com, em casa os pais, num, num queriam, não apoiavam. Também não, não gostavam disso! a fazenda que tinha e tem até hoje não era porque vivia de fazenda, que antes existia, né, o fazendeiro mesmo que, que vivia da Fazenda. Existia um empresário que tinha fazenda porque herdou, ou porque é, é, é, uma outra atividade. Não viviam aquela coisa da fazenda que eu e meu irmão vivia. Então, era meio, que sem contar que, de uma certa forma também, no início os estudos começou a ficar um pouco comprometido porque, como eu te falei, eu coloquei um cavalo dentro de casa. Aí agora não tinha cabeça para outra coisa (risos). Era saindo do colégio pra pensar no, na ração do cavalo, na água, no banho e os pais não iam, nenhum pai, é, é, ficar satisfeito com, com essa situação né, e começava a criar um pouco de, de resistência. Mas, é, é, é, foi, foi tudo muito, foi tudo muito bom! E eu agradeço a Deus onde, onde eu cheguei. Primeiro ele, depois a minha família e em seguida a vaquejada, o mundo do cavalo que me proporcionou tantas amizades e muitos negócios nesse, nesse mundo aí. Gente do Brasil inteiro. Certa feita, eu cheguei no, no Acre e, e, e um rapaz lá e disse assim: eu estava lá para ser recebida por, por uma pessoa lá tinha sido um deputado, o parque fica no centro da cidade, e tinha lá um, já um banquete, churrasco e tudo e a pessoa não me conhecia. E tava aguardando, né? E o que estava me acompanhando disse: eu só daqui e esse homem nunca fez uma recepção dessa e você, (risos), a linguagem dele foi essa, lá dos infernos e te recebem desse jeito! Disse: isso é a vaquejada! Então assim, os amigos que estão em outros estados é como se fosse uma, uma corporação. Oh, Rosa tá aí! Toma conta! Quando às vezes, quando eles também precisam de mim aqui em Feira onde eu estiver, eu também sou sempre solícita, tô sempre pronta a servir. Isso de uma certa forma, a gente termina que sendo retribuído onde a gente vai, né? Então, conheço gente aí no nordeste inteiro e onde a gente chega é bem, bem recebido.

6 -Como a senhora enxerga as rainhas da vaquejada?

Olha aquela que, que, que, é, é, é, passada a imagem pra gente... eu.... é uma coisa assim mesmo que simbólica, mas não retrata a rainha da vaquejada. Talvez a rainha dos Vaqueiros, dos Vaqueiros, assim regional, é, é, é, não voltado pra, pra vaquejada. Eu acho que a rainha da vaquejada teria que ser, se é que, que, que a gente pode é, é, é, dizer que tem uma rainha da

vaquejada tem que ser uma Socorro Miranda. E não uma, uma, uma moça ainda que seja de Serrinha mas que talvez não, não teve ou não tem essa vivência da vaquejada como eu tive, como tantas outras aí que também estão sendo entrevistadas tiveram e ainda têm.

7 -Em relação às regras da vaquejada, as mulheres tem algum tipo de participação nas decisões dessas regras?

Olha, na época eu até fiz um, um videozinho, depois até se quiser eu te passo, coloquei na, nas redes pra defender não só a vaquejada, mas também como as pessoas que estão inseridas na vaquejada que vivem da vaquejada. Mas pensando até nelas do que em mim ou do que qualquer outro, outro interesse. É, é, é, as mulheres que, que estão envolvidas com a vaquejada, que fazem parte da vaquejada, cada uma deu sua contribuição da forma que pôde. Umás indo, outras é, é, é, como eu vi Tati Vaqueira em cima do, de, de, de trios, é, é, naquelas manifestações que foram feitas, mas, é, é, é, não vi, até porque também eu aqui na Bahia a bancada que defende a vaquejada não é composta por mulher. Mas a voz atuante daqui da Bahia que teve na vaquejada foi o senador Otto Alencar que também é desse mundo aí do cavalo e Eduardo Sales. Mas assim as outras contribuíram da mesma, da forma que elas puderam, assim como eu, é, é, fiz meu, meu ví, meu vídeo foi compartilhado aí pelas redes e as outras, é, é, é algumas nas manifestações, outras, é, é, nos trios, outras até naquela última que foi feita lá em Brasília que mobilizou tudo aí.

8 - A senhora pratica a vaquejada profissionalmente? Por quê?

Não! Não! Naquela época, naquele tempo era, não vou dizer aquela época, porque eu não sou tão coroa assim (risos) mas, é, é, é não existia essas categorias que tem hoje, é, é, é mulher corria junto com homem e para mim assim uma referência no meio da vaquejada tanto daquela época como hoje vai ser sempre Socorro Miranda porque ela corria, disputava e ganhava. Ganhava, é, é, como se tivesse ganhando hoje para um Celso Vitório que é um campeão nacional. Ela vai ser sempre o Pelé da vaquejada (risos).

A senhora batia esteira ou era puxadora?

Não. Eu mais puxava. É. Isso!

9 -Quais projeções a senhora faz de futuro da mulher na vaquejada?

Ah! Cada, cada vez, cada dia que passa, né, é, é, é, vai crescendo, vai aumentando o número de mulheres na vaquejada, é, é, é, não em quantidade, mas também com pessoas, é, é, é, com uma certa formação, com uma certa escolaridade. Você vê aí hoje no nordeste inteiro todas elas com, assim, bastante atuante no mercado, no mercado de trabalho. Então, acho que a perspectiva é muito boa. Quando eu falo isso não é menosprezando a que não tem um, um nível de escolaridade. Eu falo é por conta de ser um esporte caro! Então, é o cavalo, são as viagens. Ainda que não tenha a inscrição, que tem a inscrição gratuita. Que essa inscrição, é, é, é, eu acredito também que seja pra poder incentivar o número maiores de, de, de mulheres a participar porque também se não tivesse, tem hoje uma gama de mulheres aí que tem condições de, de, de pagar, porém não poderia tá competindo de igual para igual com homem, né? Que ninguém pega lá seu dinheiro, ou poucas pessoas, pra poder saber que não tem condições nenhuma de, de tá competindo e, e ganhando. Isso aí só Socorro Miranda que fazia isso! (risos)...

10 -Que outras mulheres a senhora conhece que pratica a vaquejada?

No, no, aqui na Bahia, eu diria que uma das que eu mais admiro assim, como, como atleta, não da época de Socorro, mas da atualidade, é, é, que você ainda não entrevistou, a Kelly.

(risos) Kelly é, é, ela é muito boa! Muito mesmo! Ela consegue fazer mágica com, com o cavalo que ela montou durante um tempo aí. Que não era um animal fácil de correr. E mesmo assim ela tinha um bom desempenho nas, nas provas.

Quando a senhora falou que trabalhava com corrida, era na própria pista de vaquejada?  
Alguns, alguns, alguns lugares de treinamento sim, outros não. Mas não, não fica assim, são esportes, são distintos, né? O público é outro!

É o Turfe?

Não! É estilo. O turfe quando a gente tem o, tem o, tem o inglês, que é só, a, a, a funcionalidade dele é só pra, pra corrida e, e, e já o Quarto de Milha não. Quando ele vai pra corrida, quando não dá pra corrida, você tem uma série de, de, de outros esportes. Então, foi, foi um casamento bom da corrida com, com a vaquejada foi isso. Que quando o animal, as vezes, os animais caros não davam pra corrida, aí ia pra vaquejada e, e isso fez com que também Quarto de Milha crescesse bastante. Mas assim, são, são coisas distintas. Tem, tem, tem a ver por conta do cavalo, mas são coisas distintas.

**APÊNDICE J – Ficha Técnica/Entrevista VIII**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
GRUPO CORPO**



Depoimento de Kaliane Piana Barauna

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador(es): Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Levantamento de dados: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Pesquisa e elaboração do roteiro: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Coriolano Pereira da Rocha Junior

Técnico de gravação: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Cales Alves da Costa Junior

Local: São Sebastião do Passé/Catu - BA

Data: 17.04.2019

Duração: 23:04min

Gravações: 01

Páginas: 06

Entrevista – São Sebastião do Passé/Catu, 17 de abril de 2019

## **PRIMEIRA PARTE DO ROTEIRO**

### **Dados Pessoais**

1- Nome Completo

É, é, é ...Kaliane Piana Barauna

2- Data de Nascimento

Eu sou de 08/06/1995

3- Profissão –

Eu no momento eu, eu pretendo ser veterinária, mas no momento não tô fazendo nada. Já trabalhei em lotérica, já trabalhei também com é, é, é confecção, essas coisas. Mas no momento não....

Mas a senhora já começou o curso?

Não, não, não! Só planejamento.

4- Estado Civil-

Solteira.

5- Escolaridade –

Eu tenho ensino médio completo.

6- Quantidade de filhos –

Tenho uma filha

7- Onde nasceu –

Simões Filho - Bahia

8- Onde mora –

Eu moro aqui em São Sebastião. Aqui é metade São Sebastião, metade Catu

## **SEGUNDA PARTE DO ROTEIRO**

### **Perguntas relacionadas a proposta da pesquisa em si.**

1 -A senhora tem alguém na família que tem aproximação com a vaquejada?

Oh! Meu pai corria boi. Já tem um tempinho atrás já. Aí tipo assim, ele sempre a gente pedia para ele ensinar, ele nunca.... Mas até um tempinho atrás ele ainda corria. Aí agora que deixou de vez. Mexe com gado, lida com vaca de leite, essas coisas. Mas não corre mais o boi não. Tem cavalo de pisada para andar para passeio, mas vaquejada mesmo, ele não corre mais não. Também da minha família só ele.

2 -Como foi sua entrada na vaquejada?

Quem ensinou a senhora correr vaquejada?

Meu pai, meu pai, a gente sempre pedia, pedia. Minha irmã também sempre teve vontade de aprender a correr vaquejada e ele nunca quis ensinar. Aí conversa vai, conversa vem, um dia tive aqui, vim passar umas férias aqui. Um pessoal da ilha que eu conheci vinha aqui nesse lugar e tava tendo um bolão de vaquejada. Aqui é um parque de vaquejada. Aí chegando aqui o pessoal, aí eu conheci os meninos daqui, uma galera, aí falaram que eu falei que tinha vontade de aprender a correr e aqui é um centro de treinamento também. Aí, não, Ricardo te ensina e tal. Aí eu falei: será que ensina? Os meninos falaram: ensina. Aí eu... Aí falaram: próximo fim de semana pode vir que ele tá aqui. Aí eu comecei a vir todo fim de semana. Eu vinha para cá treinar pra correr. Aí fui, fui, e consegui aprender. Aí eu comecei a competir. Aí depois disso eu falei pra meu pai que tava correndo vaquejada. Ele nem acreditou (risos). Ele só acreditou quando eu, quando eu mostrei vídeo, foto essas coisas assim. Que ele falou: é mentira! Eu falei: não! É verdade! Você não quis ensinar. Eu sempre tive vontade de aprender! Agora aprendi!

Mas ele não queria ensinar por quê?

Ah! Eu acho que é um pensamento muito machista, na verdade. É, é, é dessa posição que eles tem de lugar de mulher é como você falou né, que na beira do fogão esquentando a barriga. E é esse pensamento mesmo! Pensamento mais pré-histórico, vamos se dizer assim. Porque o pessoal, tem gente fala: Ah porque mulher não era pra tá em vaquejada! Mulher correndo boi. O povo acha que aquilo é uma coisa muito... um negócio estranho! Que o pessoal fala: Poxa, é, já cansei chegar em Parque de Vaquejada, correr e o pessoal: Poxa nunca vi uma mulher correndo vaquejada! De chegar para mim falar. Pra você vê que a presença dos homens, na verdade, que é o que predomina, né? Quando vê uma mulher, chega acha diferente, bem diferente do que tá acostumado a ver, habituado a ver.

Em que ano, mais ou menos, a senhora começa a aprender?

2015 comecei a aprender. No início de 2015.

A senhora é puxadora?

Sim

3 -Como a senhora enxerga a vaquejada como prática na Bahia?

Rapaz, a vaquejada aqui na Bahia. Deixa eu tentar definir assim, no que, no que eu acho mais ou menos. A vaquejada aqui hoje tem muitos parques bons, tem muita vaquejada boa, tem donos de parque excelentes assim, não só com as mulheres, mas com os homens também. Em termos de, de hospedagem da gente, diária de higiene, de tudo isso. E também como é que eu posso dizer (pensativa, procurando resposta).

Pra facilitar: o que é vaquejada pra você?

Pra mim vaquejada é, é, é, encontro de amigos, é família, é, é, é, nosso lazer, é um esporte para quem gosta. Para quem gosta, admira e ama. Porque pra a gente que anda em vaquejada, pra tá em vaquejada tem que gostar mesmo. Como eu escuto de muita gente: para tá vaquejada você tem que amar. Porque muitas vezes você não tem um caminhão bom, uma dormida boa e a gente não liga para isso. Vai pra vaquejada dorme numa rede. Gosta de montar. Fica de quarta a domingo até segunda e sem se importar. A gente gosta do que faz, a gente ama o que faz. Vaquejada eu enxergo assim: é amor, é família, é amigos, é lazer, é esporte. Para mim tudo isso vem o conjunto na vaquejada hoje.

4 -Como é a posição da mulher na vaquejada hoje?

A presença feminina hoje tá predominando bastante. Porque... aqui no nosso estado, ainda pouco, mas fora daqui, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte tem muita menina correndo, muita mulher correndo mesmo. Aqui a gente tenta organizar, mostrar pra femininas, tenta fazer [pirão?] de parque e muitos concedem, até incentivam, porque gostam, porque acham legal a presença das mulheres, a mulher correndo boi. Todo mundo, arquibancada cheia. Todo mundo pára para assistir. Porque, é diferente, né? Realmente um esporte que predomina só os homens, ter, ter mulher, hoje, no meio correndo boi e competindo de igual para igual como a gente compete. Quando muitas vezes não tem mesmo a tropa feminina, a gente compete com os homens na categoria aspirante de igual para igual e não tem isso. E eu acho que é é pela quantidade de, de mulheres que tem, que tem correndo e tem intenção de aprender hoje que a gente tem um grupo também no WhatsApp que chama o VBA, que Vaqueiras da Bahia, tem muita mulher interessada em aprender correr, muita gente mesmo. A gente fica até besta assim. Se você for parar para olhar quantidade de gente que tem, muita menina mesmo. E forte a presença! Muito interessante! Que todo mundo hoje, as meninas que até quem o pai não gosta como meu, que não queria e tudo, se incentivam mais, tentam buscar um lugar para treinar, para poder aprender, para competir. Porque querem de verdade, né? Porque como muitas que eu conheço também, é a mesma, o mesmo problema tinha, do pai não querer. Até hoje, uma menina falou comigo um dia desses aí, que o pai não quer, que a mãe não quer, que não incentivam e que não quer que ela treine de jeito nenhum. Mas acho que muito forte tá hoje a presença feminina na vaquejada. E só tem a crescer! Porque pela quantidade de dono de parque, hoje, que vem incentivando, querendo que a gente teja no parque pra correr, pra poder se apresentar. Bota uma premiação gratuita. E tudo isso eu acho que só tem a crescer mesmo.

5 -Como a senhora enxerga a relação da mulher na vaquejada e na sociedade?

Na sociedade eu acho que a aceitação hoje, assim, da mulher na vaquejada, no nosso esporte melhorou bastante, porque o que eu escuto das pessoas que, que correm da Velha Guarda, como você falou, né, que não era assim, que não tinha incentivo, que era aquele machismo mesmo, que era o que predominava antes. Não tinha aquela, aquela grande aceitação. Hoje em vários lugares aqui, os donos de parque dão cavalo, pagam uma senha, é, é, colaboram com as meninas que não pode mesmo, que não tem um cavalo, que não pode [realizar?] eles ajudam. E acho que é isso! A sociedade, acho que mudou muito nesse termo, da mulher, porque antes era só isso mesmo. Ah, lugar de mulher é na beira do fogão e não tinha mais nada. Se a gente fosse entrar no esporte como vaquejada mesmo.... Dona Socorro que é a pioneira conta, né, que já sofreu também com o machismo do pessoal. De achar que até em disputas mesmo, tá disputando com homem, e dizer: Ah, vou perder para mulher? Se eu perder, se eu perder pra essa mulher eu não corro nunca mais! Como esses tipo de comentário que até hoje, a gente até escuta isso aí. Mas é isso!

6 -Como a senhora enxerga as rainhas da vaquejada?

Eu acho que é um símbolo importante no nosso meio. Além de dar aquele brilho maior a festa. Porque uma mulher, é, montada, bem arrumadinha, bonita, em cima dum cavalo é diferente, né? Porque homem a gente tá acostumado a vê todos os dias montado. E mulher que a gente não vê assim? São poucos, são poucos lugares. Você vê uma mulher destaque, numa cavalgada mesmo, todo mundo acha muito bonito. Como eu vejo em vaquejada. Eu não sou, nunca fui, nunca participei dessas coisas de rainha, nem.... Mas eu sempre tive amigos, amigas que participaram e achava muito legal! Incentivava porque na verdade realmente é bem bonito. Diferente né? Você ver tá com aquele negócio... Agora é assim, é, muitas.... Eu gosto quando a rainha da vaquejada tem um espírito, pelo menos de montar, de

gostar, porque tem gente que faz um concurso, aí coloca qualquer pessoa, não sabe nem montar direito. Vai para cavalgada. Como já aconteceu que eu já vi, vai para cavalgada com uma menina montada que não sabe nem montar. Acontece acidente, de cair, se machucar. Aí pra mim, pra mim, eu acho que tinha que ter pelo menos... as pessoas gostarem. Tinha que ter um...como um termo, né, vamos se dizer assim, que a pessoa gostasse ou então que pelo menos soubesse andar, montar a cavalo. Que é pra não ficar nem feio. Porque você vê muitas vezes botam as meninas que não sabem nem montar direito. Aí acaba acontecendo até acidente. Como eu já vi.

7 -Em relação às regras da vaquejada, as mulheres tem algum tipo de participação nas decisões dessas regras?

Não! Que par...é, é,...assim, a gente teve participação de tá em manifestação, redes sociais. A gente podia postar para tá ajudando como na manifestação que a gente foi em Brasília. A gente foi. Fomos de ônibus. Como foi muita mulher, minha irmã foi, Tati foi, uma galera mesmo. Tem uma menina que é veterinária, uma amiga nossa, Silésia Radija, ela foi. Foi muita gente mesmo. Assim, agora assim, que participar, participou das decisões a fundo, eu acho que eu não conheço ninguém não.

8 - A senhora pratica a vaquejada profissionalmente? Por quê? A senhora está no campo profissional?

Não. Não. Eu corro aspirante. Corro feminino. E quando tem bolão assim, que é todo mundo junto, eu corro todo mundo junto. Não tem... Quando não tem separação, a gente corre junto também. Não tem...

Toda semana está em vaquejada?

Toda semana! É raro uma semana que a gente não teja em vaquejada. Quando não tá em vaquejada, tem um bolãozinho aqui perto, a gente vai. Não tem uma vaquejada grande, mas quase todo fim de semana a gente tá em vaquejada.

A senhora disse que aqui é um centro de treinamento. De cavalo ou de vaqueiro de vaquejada?

Isso. De cavalo de vaquejada; voltado pra vaquejada.

9 -Quais projeções a senhora faz de futuro da mulher na vaquejada?

Eu...o futuro das mulheres na vaquejada, eu creio que daqui para frente vai ter muita mulher correndo profissionalmente, pra ganhar dinheiro mesmo, como os homens competem pra concorrer a prêmios grandes, pra ganhar, fazer dinheiro mesmo, né? Que o pessoal corre muito pra isso também. Pelo esporte porque gosta e também pela, pela premiação que tem e eu enxergo muito isso hoje porque as meninas todo mundo que fala, que corre profissionalmente, já tem como profissão, muitas delas já tem como profissão, tá todo fim de semana em vaquejada, correndo vaquejada e ganhando prêmio. Ganhando, fora o reconhecimento, a premiação em dinheiro também, né? Que já ajuda quem não tem uma profissão, que não tem um trabalho. As meninas estão correndo profissionalmente, ganhando dinheiro através da vaquejada também. Como aqui na Bahia não tem muito, mas fora daqui da Bahia toda semana tem uma vaquejada com premiação boa pra a categoria feminina. Isso é maravilhoso!

A senhora corre fora da Bahia?

Rapaz, eu corro, mas é difícil a gente ir pra outro estado. O estado que a gente mais vai aqui é o Sergipe ali. É bem pertinho da gente aqui. A gente sempre vai.

E a senhora sonha ser essas vaqueiras profissionais?

Eu sonho! Realmente é um sonho. Eu acho que todas nós que corremos vaquejada, eu acho que tem um pouquinho disso em cada uma de nós. Se profissionalizar mesmo. Correr bem! Tá no meio dos homens aí, ou então nas tropas femininas, ganhando prêmio e o reconhecimento também, né, que eu acho que é bem interessante para gente que corre, que gosta desse esporte e ama o esporte, eu acho que é bem... o reconhecimento, a gente leva para a vida.

10-Que outras mulheres a senhora conhece que pratica a vaquejada?

Dona Socorro de Miranda, que assim, eu vejo muito o pessoal falar, né, que foi uma das primeiras, das pioneiras da vaquejada. A filha dela Caliane, tem Kelly. Oxe, tem Carla Sampaio, tem Marcella Argolo, tem Tati, tem muita gente assim, que eu conheço. Eu comecei um dia desses. As meninas, as meninas tão aí já há muito tempo. Tem Júlia a menina aqui de Sergipe. Tem uma galera mesmo que a gente apoia e também admira muito, pela força, pela garra.

A senhora disse anteriormente que quem te treinou foi Ricardo. Como era esse treino? Era na pista? Tinha alguma técnica específica?

Na pista. Não, na verdade foi, foi ..... a gente foi por etapa, né? A gente... não, tem isso aqui. É, é, tirar um boi da cancela, fazer a viagem no cavalo até a faixa, faixa. Cada procedimento desse ele foi ensinado aos poucos, porque é como ele fala, pra aprender tudo de uma vez só, não dá. Você tem que ir por etapas que senão ninguém aprende.

Ele já não pensou em treinar vaqueiros além de cavalos?

Daqui, daqui, já saiu muito vaqueiro viu? Muita gente aqui já foi treinada por ele. Até hoje mesmo, muita gente vem treinar aqui. Ele ajuda, ele incentiva, ele dá cavalo. Como eu cheguei aqui mesmo não conhecia ninguém aqui, vim. Depois conheci os meninos. Não! Vai treinar até aprender. Ele ensina com uma boa ação, mas muita gente que chega aqui, ele ensina, não, não tem tempo ruim. Qualquer hora que chegar...não, deixa eu dá uma montada aí, me ensina e tal, ele não tempo ruim com ele não. Toda hora ele tá pronto pra ajudar, pra ensinar.

Mas profissionalmente é o fazer cavalo de vaquejada? E correr a vaquejada?

É! E correr também.

Mas fazer vaqueiro e vaqueira ele faz informalmente?

Faz. Se alguém chegar aqui, pedir, quiser, aí, vai. Ele ensina também.

Em outras palavras, como Sr. Ricardo colabora, especificamente, para a inserção das mulheres na vaquejada? Além, é claro, de treinado a senhora?

Ele, na verdade, é, é, é Caliani Miranda corria com ele. Ele batia esteira pra ela em muita vaquejada. Em muitas, antes de eu chegar aqui, ela corria muito com ele. Ela parou mais, porque teve os dois meninos dela agora. Mas ele sempre correu com ela e as meninas que chegavam aqui; tinha outra menina daqui também que ele que ensinou. Muita gente assim que chegava aqui ...é que na verdade ele tem paciência pra ensinar, tem, ele, ele sabe muito, ele passa muito do conhecimento dele pra gente quando ele vai ensinar. E isso é importante,

porque você vai treinar com uma pessoa também que não sabe ou sabe pouco, você pega pouca experiência, você adquire pouca experiência. Aí fica mais complicado ainda pra quem não sabe. Como é que vai aprender? E ele já é, ele é treinador de cavalo de vaquejada, ele corre vaquejada. Então a experiência dele é enorme. Tem um monte de troféu como vocês podem ver. Sempre a gente vai pra vaquejada, sempre tem alguém e pede pra bater esteira. O pessoal pede. Porque assim, ele já tem, já correndo com mulher, eu acho que pessoal já enxerga ele com mais experiência assim em tá correndo com mulher, porque sempre eu tô com ele ou então quando ia as meninas, ou qualquer uma, alguma das minhas amigas, o pessoal [?] quando pede ele estera e estera bem. E estera pra qualquer um do mesmo jeito. Também é importante, né? Que as vezes, ah tem uma mulher, aí já acha, que, como o pessoal costuma a chamar, é ariada. Aí, não liga pra esterar bem. E não. Ele já pelo costume eu acho até que o pessoal já chama ele, por, por vê assim, ele esterando pra mulheres, quando tem alguém, sempre o pessoal chama ele.

O que é ariada?

Até vaqueiro. Não é só mulher, também vaqueiro. Ah, é ariado, quando não é bom. Que corre vaquejada, mas que não é bom. Entendeu?

E o que é vaqueira testada?

Rapaz, o pessoal usa muito quando a mulher, não só, também com mulher e com homem também. Quando a mulher é boa de boi mesmo. Que bota no chão, amansa, que dá queda em boi, qualquer boi. Boi, bezerro. Aí o pessoal costuma chamar de testada. É um, é um termo que tem. Na verdade, vaquejada tem muitos termos, né? O pessoal usa que, quem tá de fora, não sabe nem, não faz a mínima do que seja.

**APÊNCIDE K** – Ficha Técnica/Entrevista IX



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
GRUPO CORPO**



Depoimento de Caliani Catielle Miranda Luz

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador(es): Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Levantamento de dados: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Pesquisa e elaboração do roteiro: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Coriolano Pereira da Rocha Junior

Técnico de gravação: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Local: São Sebastião do Passé - BA

Data: 26.04.2019

Duração: 36:33 min

Gravações: 01

Páginas: 08

Entrevista – São Sebastião do Passé, 26.04.2019

## **PRIMEIRA PARTE DO ROTEIRO**

### **Dados Pessoais**

1- Nome Completo

Caliani Catielle Miranda Luz

2- Data de Nascimento

28/01/1988

3- Profissão –

É, eu sou Técnica de Planejamento de obras

4- Estado Civil-

Solteira

5- Escolaridade –

Nível Técnico

6- Quantidade de filhos –

Dois. Um casal. João Pedro e Calini

7- Onde nasceu –

São Sebastião do Passé

8- Onde mora –

Em Teodoro Sampaio

Tem muito tempo em Teodoro Sampaio?

Que, que eu moro com, com o meu marido, com o pai dos meninos tem ... vai fazer 5 anos.

Que eu moro lá vai fazer 1 ano.

## **SEGUNDA PARTE DO ROTEIRO**

### **Perguntas relacionadas a proposta da pesquisa em si.**

1 -A senhora tem alguém na família que tem aproximação com a vaquejada?

Veio, é de, é de, de, de pai pra filho, né? Meu avô, pai de minha mãe, sempre gostou. Era, era capataz de fazenda que chamava na época, que hoje é gerente de fazenda que chama. Porque a coisa evoluiu. E aí veio. Minha mãe sempre, os, os ir ... meus tios que iam treinar, né, lá nas fazendas que meu avô sempre tomou conta e aí minha mãe tomou gosto pela coisa. Ela disse que quando eles iam treinar, ela ia olhar, ia soltar um boi, ia uma coisa e outra. E um dia ela pediu pra meu tio, meu tio mais, meu tio vaqueiro pra que ele deixasse ela tirar um boi. E aí ela disse que tirou, derrubou e aí gostou. É de geração. Veio tanto da parte da minha mãe como da parte do meu pai. Agora sendo que da parte do meu pai é agora a terceira geração que tá gostando. Veio meu pai, teve todos os irmãos, nenhum gostou, só ele, que, que, que é mais próximo ao esporte. Os outros, é, viveram mais lá na cidade. E aí agora a terceira geração que inclusive, é uma prima minha chamada Calini que eu botei o nome da minha filha em homenagem a ela. É, Calini. Que ela também é louca por vaquejada. E ela sempre me fala

que se a gente tivesse mais próxima, ela aqui comigo ou eu lá perto dela que ela teria certeza que ela já tava até derrubando. Que hoje ela é ainda bate-esteira.

E a senhora é puxadora?

É! Eu sou puxadora!

2 -Como foi sua entrada na vaquejada?

Assim, é, é, meu pai era gerente de uma fazenda aqui em São Sebastião mesmo. E aí era gado leiteiro na época e tinha os cavalos de vaquejada. Ele nos finais de semana ia pra vaquejada e no meado da semana ele ficava tomando conta daquele gado, da fazenda e tal. E aí eu sempre ia com ele pra que ... eu sempre amei a vida do campo. E aí eu ia com ele, ajudava. É, é, é, tinha o nome das vacas, né, eu ficava ali perto do bezerreiro, chamando os bezerros pra soltar, né, e, e, e, lá tirar o colostro primeiro pra iniciar o, o, o desleito da vaca. E aí tinha o vaqueiro, era até um grande amigo que hoje ele mora lá, não sei se é Sergipe, era Roberto. Um dos vaqueiros que era mais, que eu era mais apegada. E aí, aí eu falei com ele: - Roberto, eu quero derrubar boi. Ele: - você tem coragem? Aí eu disse: - tenho. Eu vou falar com seu pai. Aí, sim, meu pai sempre me incentivando. Aí eu falei: - painho, hoje eu quero correr. Ele: - mas minha filha não tem. Aí eu falei: bora botar o bezerrinho de leite. Ele: - não, mas eu não posso, porque só o trabalho [...] e se eu fizer isso eu posso ser desempregado. Aí o dono da fazenda chegou e ele comentou com ele e ele disse se ela realmente tiver coragem pode pegar e prender. E aí ele pegou, prendeu era uns garrotinhos de 5 arrobas, 6 arrobas na época, ainda mamando e aí a gente, meu pai foi prender a primeira vez e aí batendo esteira pra mim, do meu lado e aí na primeira tentativa eu derrubei logo o primeiro. Aí Roberto falou: - olha, olha Antonio Guedes ela vai lhe dar tra ... vai ser que nem a mãe. Vaqueira e lado a lado do pai, com esse sentido, quem sabe ela não vai longe? E aí a gente passou quase uns 30 dias treinando escondido da minha família aqui [...] de minha mãe, de minhas tias, de meus tios. Porque meu pai disse queria que eu ficasse craque primeiro e um dia de domingo ia chamar a família pra ir passar o dia lá na fazenda, lá ia fazer uma festinha e aí ele ia prender o gado ia dizer que eu ia correr pra vê se eu sabia. E aí ficou treinando as escondidas. Quando foi mais ou menos uns 30 poucos dias aí a gente chamou o pessoal, aí minha mãe foi, minha irmã, todo mundo. Chegou lá mainha, painho prendeu os bezerros e aí falou: - oi Socorro Caliani vai correr! Mas você é doido Tonho ela pequenininha. Caliani com 7 anos ela não consegue derrubar um boi. Ela é muito magrinha! Aí vai, vai pra gente tentar. Aí pronto! Nesse dia a gente derrubou quase 3 bezerros, 4. Aí pronto! Aí começou aquela, um passando pro outro na família. Eta, Caliani tá correndo e tal. Aí pronto! Desse dia pra cá até hoje!

A senhora tinha 7 anos?

Tinha 7 anos na época.

Eu consegui recuperar no youtube uma reportagem do fantástico de 1995 onde a senhora e sua mãe corriam boi.

Isso! Foi a partir daquilo ali.

Ali foi o começo?

Foi. Ali eu tinha 7 anos na época que foi em 95. Eu tinha 7 anos. Dali daquele começo da esteira aí eu já comecei, meu pai como eu te falei botando os bezerrinhos e tal. A partir daquilo ali.

E como foi aquele momento pro fantástico? Sua mãe ali na hora decidiu, vamos tentar?

É. Foi! É tanto que eu tava de sapato, uma, uma bermudinha. Mas ali eu já montava bastante, ia prender bezerro com meu pai no pasto. Ia, ia curar vaca. E aí meu pai sempre trabalhou em fazenda. E aí eu sempre montei desde novinha e eu tinha noção que eu vinha, né, eles correndo, eu via treinando, via.... Sempre acompanhei ele. Aí eu tinha noção de como ia ser. Aí ali foi a primeira vez que encostei e bati esteira. Foi naquela reportagem.

E depois?

E depois fui treinar com meu pai e até hoje.

O que é vaquejada para a senhora?

Olha, vaquejada pra mim, é, é, é, falar de vaquejada pra mim é uma emoção, porque vem do meu avô. Aí do meu avô passou pra minha mãe e, e, e, eu tenho orgulho assim, porque minha mãe foi uma das primeiras mulheres a correr vaquejada no Brasil, passou numa emissora é, é, de, de alto porte, né? Muita audiência a globo na época no fantástico. E assim tenho orgulho também do meu pai que ele sempre teve presente assim nas nossas vidas, na minha vida, na vida de minha família. De tá ali incentivando e, e me levando pro, pro meio bom que é ali a vida do campo, o gado, aí eu conheci a vaquejada, né? Então, pra mim vaquejada é um, faz parte da, da, do meu eu, da minha família, da minha vida e eu tenho certeza que eu vou passar pra meus filhos. Meu filho já ama cavalo. Meu filho tem 2 anos e 9 meses, mas já é apaixonado. Eu...Ele já nasceu vendo aquilo, criando. João Pedro montou em cavalo com 30 dias de nascido pra tirar foto. E ali já foi pegando aquele amor. Os 4 meses dele, os 5 meses ele já foi brincado e tal. Então vaquejada pra mim hoje é um, é um, um membro da minha família, uma parte do meu coração. Vaquejada pra mim hoje é, é, é onde tipo eu me desestresso, onde eu vou rever meus amigos, onde eu vou conversar, onde eu vou dá risada, é onde eu vou receber aquele calor de muitas amizades boas que veio da minha mãe e passou pra mim. Então vaquejada pra mim é amor!

3 -Como a senhora enxerga a vaquejada como prática na Bahia?

Oh, a prática na Bahia, assim, na época da minha mãe eu creio que não tinha, não era voltado muito pra mulher. É, minha mãe competia no meio de homem. E não tinha destinação profissio...é amador como tem hoje várias categorias. Era só profissional. Então ela corria no meio daqueles homens. Então, daquela época pra cá evoluiu muito na Bahia. Estendeu. Hoje tem categoria feminina. Hoje alguns donos de parque cede essa, esse, essa categoria, né? Mas assim, ainda um pouco restrito pra mulher. Na Bahia! Um pouco restrito pra mulher. Tem agora aí uns campeonatos que inclusive é nacional que tá incluindo a mulher. Já tá incluindo a mulher nesse meio. Então... e aí, é, é, tá inserindo. Mas assim, na Bahia eu, eu achei que a vaquejada amorteceu um pouquinho. É, é, é hoje a gente só tem na Bahia duas vaquejadas grandes que é Serrinha e hoje ali Inhambupe. Então a vaquejada, também tem, também acho que é por causa do, da era, da era até do financeiro, né? Porque a vaquejada hoje se tornou um pouco mais cara. Tem o animal, tem o transporte, tem a senha, tem o tratador, tem a ração, tem o treino. Então o cavalo é uma família, entendeu? Mas assim, é, é, criou muito emprego, a vaquejada cresceu. Ele emprega muitas pessoas. Então a vaquejada cresceu, né? Dando empregos, né? Gerou muito emprego. Valorizou muito o cavalo. Tá valorizando o boi, o vaqueiro, agora com o bem-estar animal. Todas, todas sob o regulamento, né? Tem que ter, hoje a gente tem que correr com espora coberta, não pode usar mais a taca, que é o chicote, não pode mais haver o sangramento, nem da parte do boi, nem da parte do cavalo, entendeu? Então tá, é, é, criou um melhoramento imenso. Então a vaquejada hoje, no Brasil cresceu. Na Bahia também. Mas, em relação a categoria feminina eu acho que ainda precisa de, de, de mais apoio em relação aos, aos donos de parque. É, mesmo que a gente pague a senha, mas

quando a gente pagar, a gente ter, tipo, autonomia de dizer, vai marcou pra sábado, vai ser sábado. É, vai ser essa premiação, a gente pagou vai ser essa premiação. Não desmotivar a gente. Porque muitas vezes marca uma vaquejada e quando chega lá comparece as meninas, aí muda de horário, muda de, de, de, de dia, é, pagar um valor, quando chega na hora não é aquilo. E também as mulheres se unir mais. Quando tiver, a gente tem que mostrar pra eles que a gente tá com interesse e ir comparecer. Porque tem muitas vaquejadas também que se comparece uma ou duas. E aí eu acho que eles acham que aquilo é falta de interesse e tal. E aí eles não, é, não apostam muito as fichas na categoria.

4 -Como é a posição da mulher na vaquejada hoje?

Ser mulher no meio da vaquejada é complicado, porque ainda existe um grande preconceito. Porque ali não é pra mulher tá. Ali é um esporte bruto que tem que ser pra homem. Só que assim, hoje a mulher não tá só no esporte da vaquejada como em qualquer outro esporte. Aonde ela quer tá, ela tá, entendeu? Mas assim hoje ainda existe muito preconceito. Então é difícil você ser mulher e tá ali naquele meio. Você tem que saber, você tem que ser uma bola naquele meio. Você rolar, entendeu? Você aprender como lidar com certas situações, com, até com piadas é, é, tipo assim, de desmotivação. Ah você não paga. Você não vai consegui. Entendeu? Ah sim, você tem que, você já é mulher, mas ali você tem que ser mais mulher ainda. Você tem que ser forte, corajosa pra enfrentar qualquer tipo de, de, de preconceito que venha ali te atingir. Porque infelizmente ainda tem muitos.

5 -Como a senhora enxerga a relação da mulher na vaquejada e na sociedade?

Eu, eu acho bacana! Porque tipo assim, eu, eu, eu como mulher corro a vaquejada, tenho o meu emprego, né? Em meio ... é lado de fora eu chego no meu emprego, Caliani, você trabalha aqui e tal, e aí a gente vai conversando com as pessoas dizendo nosso dia a dia, compartilhando com aquele pessoal do trabalho. E aí o pessoal fica, quando eu falo, eu corro vaquejada, eu derrubo boi, os homens logo pensam: você derruba o boi ou você tange o boi? Eles falam, eles imaginam isso. Inclusive eu tenho um amigo engenheiro que trabalha comigo, que ele, quando eu falei com ele, ele falou logo: você derruba o boi como os homens derruba ou você tange o boi? Porque muitas das vezes que eu fui a mulher nem pegava no rabo do boi, nem derrubava. Você ganha mesmo? E tal. E aí comecei mostrar meus vídeos, mostrar o vídeo de minha mãe e tal. E aí a soci ... é, tipo ali aquele ambiente que só tinha homem, que só tem homem na obra foi, poxa, gostando da ideia, abraçando. E toda vez que eu ia competi em algum lugar eu falava com eles, eles assistiam. Quando eu ganhava, eles chegavam na segunda-feira e faziam a maior festa. Então, então, ali aquela sociedade, aquele distrito que eu tava trabalhando ia gostando daquilo. Poxa, interessante, assim como você tava, vi outras também. Que corre bem também, que derruba. Então, a sociedade vai abraçando aos poucos quando conhece as histórias das mulheres na vaquejada. Então eu acho que é um, é, se torna uma coisa legal, né? Quando a sociedade conhece realmente a história da gente. Então, fica, fica equilibrado, né? Um negócio que, é, eles abraçam a ideia. Todos, todas as pessoas que eu conheci que é homem, que as vezes é até machista, que eu falo, de início fica....mas aí quando ele vai vendo que não é aquilo e tal, eles abraçam [...] pô gostei! O dia que tiver perto me fale que eu vou. Então é manero! É legal!

A senhora se sente pressionada por isso? Pensa que sempre tem que ser a melhor para poder ser respeitada no meio e fora dele?

Me sinto. Tenho! Demais! São um dos pontos que eu sempre falo com minha mãe. E algumas vaquejadas que eu vou, eu chego muito revoltada assim. Muito triste! Porque eles, muitos vaqueiros, muitos amigos meus que não são vaqueiros, e que tipo assim, da cidade ou de qualquer outra cidade que a gente tem contato no *whatsapp* e, e, e que a gente tem

aproximação, eles acham que eu tenho que ganhar todas que eu for. Por que eu tenho que ganhar todas que eu for? Não por eu ser boa, ou sei lá. Eu não me acho boa. Porque eu acho assim: ninguém dentro da vaquejada não existe mulher melhor do que outra mulher. A gente somos apenas diferentes uma das outras. Eu não sou melhor do que A, do que B, do que C. C não é melhor que eu, B não é melhor que eu, entendeu? Somos diferentes. Cada uma tem sua diferença. No pegar no rabo do boi, no encostar numa, numa sangra, num pedir um boi, entendeu? Numa carreira, como você fez. Então, tem várias diferenças. Então, eu me sinto pressionada por eu ser filha de Socorro Miranda. Porque eu sendo filha dela eles acham que eu tenho a obrigação de ganhar. Porque eles, hoje mui... a vaquejada praticamente toda considera como se minha mãe fosse a melhor vaqueira do Brasil! É, é, hoje tem muitas boas, mas pra eles vai ter essas boas, mas nunca vai ser melhor do que ela. Porque ela competia no meio de homem, de profissional. Minha mãe já ganhou carro no meio de homem, já ganhou moto e já ganhou diversos prêmios. E a gente não! A gente compete com as, com outras mulheres. Então é mulher com mulher, entendeu? E ela não! Ela era só ela de mulher com muitos homens. E vaqueiros bons, renomados do Brasil inteiro. Aí eu me sinto pressionada por esse lado. Como eu sou filha dela, então eles querem que toda vaquejada que eu, que eu vá eu me apresente bem e que eu ganhe. Então eu me sinto um pouco pressionada nesse lado.

Então a senhora se sente mais pressionada por ser filha da rainha da vaquejada do que necessariamente por ser mulher?

Isso! É. Com certeza!

6 -Como a senhora enxerga as rainhas da vaquejada?

Eu enxergo, eu acho interessante, porque ali, é, é, inclusive em Serrinha que é uma vaquejada conhecida mundialmente, mundialmente, não é nacionalmente não, aquela vaquejada ali foi levada pro mundo. É, é, o pessoal fora do Brasil, muitos que tão aqui, é, é, as vezes chega em agosto, fica, estende pra ir conhecer a vaquejada de Serrinha. Então eu acho interessante. É bonito você ter uma rainha que vai representar aquilo ali tudo. Não só os vaqueiros como a cavalgada que ela puxa. Então ela tá representando todo o, toda a nossa, a nossa classe. Então é bonito! Você chegar e vê hoje, na, na vaquejada de Serrinha e cadê a rainha da vaquejada? Ela, ela representa a nossa classe né? Feminina.

7 -Em relação às regras da vaquejada, as mulheres tem algum tipo de participação nas decisões dessas regras?

Olhe! Todas nós tivemos que nos adequar as novas regras, né? E várias delas foram pra Brasília. É, é, eu não fui na época porque eu estava grávida de João. E, e, e, muitas amigas minhas ... hoje existe várias associações de vaqueiras no Rio Grande do Norte, no Pernambuco, no Ceará e, e, e aqui na Bahia tá tendo um grupo aí agora também que tá querendo erguer. Então assim, a gente apoiou a causa e, e, e, eu, eu não digo e, e, e, as vezes até mais do que o homem na competição a gente quer se adequar mais a regra. Porque a gente sabe que qualquer falhinha hoje a gente pode ser desclassificada. Não só no cavalo como na prova por geral. Então cada um de nós tá tentando se adequar cada vez mais, cada competição, não usar espora [...] não puxar bruscamente a rédea e tal. Então a gente tá se adequando a isso, porque a gente realmente quer o melhoramento. Não quer que o esporte acabe. Porque imagine a vaquejada hoje acabar? Vai desempregar milhões de pessoas. O que faz a sela, o que faz a espora, o que vende a bota, o que doma o cavalo, inclusive os domadores de cavalo, né? Porque muitos amam aquilo ali. Tem seu estudo e tal, mas largou tudo pra fazer aquilo que ama. Então a gente tá realmente se ... tentando, a cada dia ter mais, melhorar mais em relação ao bem-estar do cavalo e do boi.

Mas decidir mesmo se as regras seriam de um jeito ou de outro não teve nenhuma mulher? Não. Não. Que eu saiba não!

8 - A senhora pratica a vaquejada profissionalmente? Por quê?

Em alguns momentos sim. Quando, geralmente quando eu tô ... eu sempre trabalhei de carteira assinada, desde dos meus 18 anos. Não, minto. Desde dos meus 20 anos. Que eu fiz dois anos de curso técnico, sair do curso técnico e aí comecei a trabalhar em seguida. Mas na época que eu tô desempregada eu levo a vaquejada como profissão. Porque querendo ou não se eu vier com qualquer dinheiro já é algo pra eu comprar pra mim, pra meus filhos, pra me manter, né? Então em alguns momentos eu levo ela como profissão.

9 -Quais projeções a senhora faz de futuro da mulher na vaquejada?

Olha, eu no meu ver, eu queria assim, que no futuro como existe vaquejada só pra homem, existisse uma vaquejada só pra mulher. Eu creio que isso pode acontecer porque eu creio que hoje tem muitas mulheres no Brasil inteiro que corre vaquejada. Deve ter no mínimo, no mínimo vamos botar umas 10.000 mulheres que corre vaquejada. Eu creio, em todos os estados [...] do Brasil. Então assim, eu queria assim pro, pro futuro, eu queria, claro que vai vim mais, as filhas das, das nossas, das minhas amigas e aí vai, vai crescendo, né? É como meu avô sempre me dizia: os tempos mudaram. E aí eu creio que vai, vai crescer muito mais. O tempo, o, o, o, hoje em dia a nossa expectativa é cada, é cada dia ter uma mudança. Então a gente quer que mude pra melhor. Então eu creio que futuramente a, a mulher vai tá muito mais inserida na vaquejada. Até como, não sei como uma locutora, como uma juíza de vaquejada, de vídeo. Porque hoje eu tô oh acompanhando aí nas redes sociais que a vaquejada vai ter juiz de vídeo. Já tem né, o boi de televisão, mas eu não, não, não olhei, não estudei muito ainda esse, essa novidade aí de jui... de boi de vídeo, juiz de vídeo em vaquejada. Mas eu creio que vai ser um juiz ali perto do, do outro juiz que tá marcando, com a televisão, pra ali já julgar antes de descer pro juiz da [...]. Então eu creio que [...] futuramente pode ter uma mulher juíza, uma mulher locutora, uma mulher calzeira, uma dona de equipe de curral. Então, a coisa tá evoluindo tanto que um dia pode acontecer isso, né?

10-Que outras mulheres a senhora conhece que pratica a vaquejada?

Olha, hoje eu tenho a grande referência em mulher na vaquejada. Primeira de todas é a minha mãe, porque eu sigo o exemplo dela não só na vaquejada como na minha vida pessoal, né, como mãe, como dona de casa, como mãe de família. Então o meu maior orgulho é de Deus ter me dado os pais que eu tenho. A minha mãe e o meu pai. Então hoje eu sigo de exemplo primeiro minha mãe, porque ela é uma mulher guerreira, uma mulher que batalha muito, uma mãe, vó, amiga. Foi vaqueira e hoje na idade que ela tem, no físico que já não é mais o mesmo de 20 anos atrás, mas se ela montar ainda hoje num cavalo ela ainda derruba boi. E depois da minha mãe eu tenho como ... sou fã número 1, número 1 de Carilini Silva. Ela é do Rio Grande do Norte. É, é, é, ela é muito minha amiga, gosto, gosto dela, de, de graça, de coração. Por que eu falo Carilini Silva do Rio Grande do Norte? Ela é, ela é uma vaqueira completa. Ela é uma vaqueira que corre dos dois lados, tanto na direita, como na esquerda. É uma vaqueira que bate esteira também. E você vê ela, ela, ela leva a vaquejada profissionalmente. Ela é, ela é como se ali, ali, ela ali entra um homem nela e sai Carilini de cena. E quando sai da pista Carilini volta e o homem sai. E tem outra também que é Lorena Laís que ela é do Pernambuco. É, é, é, vaqueira excelente, corre de direita, de esquerda, bate esteira, entendeu? Uma menina do coração gigante. Uma menina humilde. Que assim, em termos de vaqueira foi as duas meninas mais humildes que eu conheci, uma das mais humildes que eu conheci na vaquejada, foi elas duas: que é Carilini Silva e Lorena Laís.

Principalmente Lorena Laís que é uma menina brincalhona, uma menina extrovertida, carinhosa, meiga. E então é meus dois nomes de referência no [...] Nordeste. Na Bahia eu tenho Kelly que é ali de Santo Antonio de Jesus que pra mim hoje se ela voltar, é, é, porque eu creio que ela trabalha, tem a filha dela, tem a vida pessoal dela. Mas nome, nome de, de, de que assim, que eu admiro também na Bahia é Kelly. Kelly ela é uma, uma vaqueira, como vamos dizer no ditado popular, testada mesmo.

Lembrando a época dos bezerrinhos, seu pai tinha uma técnica específica pra te ensinar?

Oh, quando começou, ele tinha uma técnica específica. É porque, cê, cê conhece, cê acompanhou, ainda cê acompanha seu pai também como você tinha conversando comigo, foi vaqueiro e a técnica é encostar os dois cavalos um do lado, um de frente pro outro. E aí ele encostava na época que chamava a saída a baiana. Que era um cavalo do lado do outro na mesma maneira que eu ia correr. Como eu corria de direita ele botava o cavalo de esteira do lado, encostado no, no mourão, no, no brete e o meu cavalo encostado no dele. E aí pra quando o boi sair ser mais fácil de o boi não riscar. Se, se o bezerrinho sair, ele passava o bezerrinho, ficava ali botando ele pra lá, pra cá, pra lá pra ele descer galopando, pra eu ter a facilidade de pegar o rabo dele, enrolar e derrubar. Então ele já tinha aquela, aquele jeitinho lá, facilitava muito pra eu ir pegando realmente o, o manejo.

E só ele que fazia esse processo de ensinar para a senhora?

Isso. Só ele.

E depois?

Minha mãe. Ele lá e minha mãe em casa. Ou quando eu ia, ela ia as vezes. Quando ela viu que o negócio tava ficando sério que eu realmente ia ser vaqueira, que eu ia gostar do esporte, aí ela sempre ia. Aí ela me dava várias dicas. É que bota o cavalo assim. Não, tenha calma. É, é, e, e quando ela ia eu ficava nervosa dobrado. Com, com meu pai eu ficava, mas não muito. Mas quando ela ia eu ficava muito nervosa. E aí ela sempre me ensinou, sempre me incentivou. E quem me ensinou de verdade foi meu pai e junto com minha mãe. E aí depois dele, aí eu fui saindo pra vaquejada, fui observando os grandes vaqueiros correndo, via muito vídeo e tentava sempre, é, buscar perfeição. Que claro que perfeito é Deus, mas ali dentro do esporte eu buscava sempre fazer o melhor, sabe? Tanto na, na, no encostar da cancela, no sair do boi, no pegar no rabo do boi, na técnica de olhar pra frente, entendeu? Eu não queria tipo correr só por correr. Eu queria correr pra fazer valer e pra eu ganhar. Se eu não ganhasse bem, mas se pelo menos eu me apresentasse bem.

A senhora tem alguma mensagem final?

Assim a mensagem final que eu tenho é pra nossa classe mesmo na vaquejada. Pra as mulheres. Assim que elas se tornem mais unidas, principalmente as da Bahia. Se tornem mais unidas, tipo assim, e a gente por na nossa cabeça que vaquejada é, é um jogo. Deus, é, Deus, eu creio assim que Deus dá aquele dia. Hoje quem vai ganhar é Caliani. Hoje quem vai ganhar é Kelly. Hoje quem vai ganhar é Lorena. Hoje quem vai ganhar é Carilini, entendeu? Então vaquejada pra mim é um jogo. É sorte! É você tá montada, bem montada, bem esterada, entendeu? É, é, é, a gente se unir mais, ser mais humilde. Porque uma das coisas que minha mãe sempre me ensinou é a gente ser humilde em todas as ocasiões da nossa vida. Humilde no trabalho, humilde no esporte, humilde na família. Humilde quando a gente ganhar, humilde quando a gente errar, entendeu? Então, assim eu deixo o recado para que a nossa classe seja mais unida, tenha mais humildade. Não tenha aquele negócio de tá torcendo contra um, outro e não. Nosso dia chega! Sempre! Em todas as ocasiões da nossa vida. Na

vaquejada, um dia nosso dia vai chegar, na nossa, pra gente casar um dia, o dia vai chegar. Pra gente ter filho. Então pronto! A mensagem que eu deixo é que a humildade prevaleça sempre!

**APÊNDICE L – Ficha Técnica/Entrevista X**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
GRUPO CORPO**



Depoimento de Vera Lúcia Maria dos Santos Ainsworth

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador(es): Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Levantamento de dados: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Pesquisa e elaboração do roteiro: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Coriolano Pereira da Rocha Junior

Técnico de gravação: Adriana Priscilla Costa Cavalcanti e Cales Alves da Costa Junior

Local: Tanquinho - BA

Data: 04.05.2019

Duração: 41:47min

Gravações: 01

Páginas: 04

Entrevista – Feira de Santana, 04.05. 2019

## **PRIMEIRA PARTE DO ROTEIRO**

### **Dados Pessoais**

1- Nome Completo

Vera Lúcia Maria dos Santos Ainsworth

2- Data de Nascimento –

23/10/1949

3- Profissão –

Eu me, eu estudei. Sou doméstica, mas não, não exerci a profissão de, de professora. Só fiz formar.

A senhora é formada a nível de magistério.

Magistério

4- Estado Civil-

Casada

5- Escolaridade –

Nível técnico – magistério

6- Quantidade de filhos –

Cinco (1 menina)

7- Onde nasceu –

Eu nasci em Tanquinho. Aqui mesmo.

8- Onde mora –

Mora até hoje em Tanquinho

## **SEGUNDA PARTE DO ROTEIRO**

### **Perguntas relacionadas a proposta da pesquisa em si.**

1 -A senhora tem alguém na família que tem aproximação com a vaquejada?

2 -Como foi sua entrada na vaquejada?

Pelas fotos que a senhora me mostrou percebe-se que a vaquejada já acontecia em pista, não é verdade?

Tinha. Mas realmente a pista não era aí. Era lá no morro, em outro lugar. Só que depois meu irmão que construiu, meu pai construiu e ele tomou conta. Que morreu, meu irmão caçula.

Como era que acontecia a prática nessa época? Era como hoje?

Não. Hoje é completamente diferente, porque hoje já tá tendo só, né, [...] tá tendo mais é cavalgada. Não é a vaquejada.

Aqui na região?

É. Mais é cavalgada. Cavalos vão lá e desfila. Mais as festas. Agora não é como pai vinha fazendo. Não tá fazendo hoje porque já morreu. Meu irmão continuou a fazer, mas chegou a morrer. Mas a vaquejada de pai é realmente aí é como você tá vendo aí. [...] Soltava o boi e os cavalos vinha com as pessoas montada e puxava e derrubava. Se derrubar antes da, do, do, do, da faixa era válido. Agora, depois não. [...] Era muitos prêmios que dava. Primeiro pessoa de vaquejada aqui foi meu pai. [...] Depois os povo começou a fazer cavalgada. Aí começou sem parar. É direto assim. Domingo mermo teve uma aí. Mas não como a que pai fazia. Nunca!

Me conte aí, como era tudo que seu pai fazia.

Ai, ele botava boi, dava comida a todo mundo. Era uma festa! Uma festa! Trazia policial, trazia muita gente de fora. Vinha muita gente de fora mesmo. Exclusive, Luiz Gonzaga ele trouxe. Tá aí. É. Era muito influente sobre negócio de vaquejada. Gostava bastante.

E a senhora já puxou boi alguma vez?

Não. Não cheguei não. Só, só fiz desfilar. Eu presenciava tudo, mas depois eu parei de ser, aí continuou outras pessoas. Outras meninas.

Para ser uma rainha de vaquejada, era por eleição, por indicação? Como era isso?

Não. Escolhia. Ele escolhia. Aí aquelas pessoa aceitava, ia, se vestia. Vestia de couro. Eu mesmo vesti de couro. Toda de couro. E essas outras era com couro, agora com roupa. Longa, comprida, brusa de manga comprida. E eu, foi coroa, foi tudo aí (risos).

Na foto, parece que a roupa foi feita pra senhora. Foi isso mesmo?

Foi feita. Foi. Foi feita. Na medida. Ele tirou e fez em Feira.

Como as pessoas reagiram quando viram a senhora vestida como encourada que era uma roupa considera apenas de uso do vaqueiro? De homem?

Ah, acharam uma coisa assim muito encantado. Gostaram bastante. O povo que achou bonito, muito bonito, porque apesar que ninguém nunca viu assim, foi a primeira vez e aí gostaram muito, muito mesmo. Muita gente adorou. Apesar que pra Marion até guardou essa vestimenta minha como Edmundo falou. Tá aí na casa dele. Sempre me comenta: sua vestimenta tá aqui Vera. Oh praqui. Ele guardou essa vestimenta. Tá novinha! Tá perfeita!

Quando a senhora foi rainha, entendia tudo de vaquejada?

Não. Não entendia, porque ele me botou como sem experiência, aí disse que era pra eu ser, eu fui. [...] Não tinha ninguém, ele achava que eu deveria ser a rainha. [...] Fui a primeira.

A senhora já viu a vaquejada de hoje? Já foi em alguma?

Deixei, deixei [de ir]. Já [vi] de longe. Meu sobrinho passa aqui. É, é, ele que faz o comentário. Ele que traz aqueles boiador de Riachão, sabe? Aboiando aí na caminhada, vai tudo de fila, depois retorna pra aí [...].

3 - Em relação ao seu tempo e comparando com a atualidade como a senhora enxerga a vaquejada como prática na Bahia?

O que eu penso da vaquejada de antigamente era melhor do que da agora que eu tô vendo. Só tem cavalgada. Cavalgada. E é banda tocando, esse povo aí bebendo e pronto! Mas é ir pra uma vaquejada mesmo.

E o que a senhora entende como vaquejada mesmo?

Uma vaquejada, uma vaquejada é... meu pai sempre gostou. Gostava demais, demais mesmo! E sempre ele foi um fundador da vaquejada em Tanquinho.

4 -Como é a posição da mulher na vaquejada hoje?

Tem mulheres que puxa boi também. Aí agora eu nunca presenciei assim. Aqui mermo, acabou, acabou esse negócio aqui. Eu as vezes, eu participava aí da festa, botava até coisa pra ficar ali olhando, vendia e tudo, mas acabou tudo. Morreu pronto! O menino, meu irmão que adorava também.

Mas a senhora acha bom a mulher participando nesse meio, puxando boi como os homens fazem?

Eu acho bonito. Eu acho lindo! Acho bonito sim.

5 -Como a senhora enxerga a relação da mulher na vaquejada e na sociedade? Em relação ao seu tempo e a hoje, a senhora acha que a mulher sofria muito preconceito?

Não. Não tem muito preconceito porque tem, tem pessoas que acha bonito, né? A mulher... É novidade a mulher pegar o cabo do boi, as vezes sair correndo. É bonito. Eu acho.

6 -Como a senhora enxerga as rainhas da vaquejada?

Eu acho bonito. Que toda, toda cavalgada aqui tem. [...] tem rainha, bota a faixa, ela sai com a bandeira e tudo, na frente. Mas eu não tenho muita importância não, porque foi no meu tempo, eu já não tô mais ligada muito.

Ali foi a única vez que a senhora foi rainha?

A única vez!

7 -Quais projeções a senhora faz de futuro da mulher na vaquejada?

Nesse espaço, o futuro dela é, é,... naquele momento o futuro dela é aquele ali e depois continua sendo a mulher que é. Porque naquele momento elas está ali se exibindo, se achando, que tá ali mostrando quem é, depois continua sendo o que do dia a dia, né?

8 A senhora conhece as outras que foram rainhas depois de 1967?

Tem. Uma sobrinha minha a Cidinha. Tem dona Stela também que Luiza tava até falando, uma senhora de idade. E tem mais outras, mas eu não sei [...].

A seleção das outras rainhas depois da senhora foi igual a sua?

A minha não. Como a minha mesmo não foi não. [...] A outras eles falava, [...] comprava as roupa, era de tecido, não era de couro como a minha. E aí tinha rainha e princesa. Agora a minha só foi a rainha mesmo, não teve nem princesa.

A senhora lembra de mais alguma coisa que gostaria de relatar?

O que eu lembro da festa são essas coisas que tá aí, que aconteceu, e sempre eu rente com ele, não podia desfazer. Tudo que ele queira eu fazia, né? Entrevista, e trazia jornalista e não sei o quê. Ele trazia tudo. Tudo ele inventava pra trazer nessa festa. Nessa festa mermo, foi a festa falada. Foi a das melhores festas que teve aqui em Tanquinho foi essa!

Tinha a missa. Primeiramente era a missa, depois da missa era o almoço, debaixo do pé de tamarineiro ali. Quando não era assim, o leilão aí na porta que tem a fazenda lá.” “[...]. Leilão, prêmios”. Os prêmios eram “carneiro, [...] troféu, gado.

E a senhora teve alguma preparação para esse momento?

Não, não, não. O que eu tinha de fazer era pra o Padre e repórter entrevistava e falava na rádio e tudo. Eles mesmo disseram assim Padre Ricardo: gostei muito Vera Lúcia de você, sua entrevista, não sei o quê, Edvaldo Silva que era repórter em Feira de Santana e outras pessoas mais de alta sociedade. Eles chamavam e.... Eu saía eu mesmo [...] Mandava... eu.... perguntando e eu dizendo. Não sei! Não tinha. [...] Perguntavam o quê que eu achava da festa, se tava gostando e tal e Edvaldo Silva me entrevistando e o padre também e, e, e, todo mundo. O que eu sabia eu dizia. [...] Só foi mandar eu vestir, coroa e eu fui arrumada ne Feira de Santana. Ele me levou. Ele tinha posse. [...] Tinha o salão certo já. O salão certo de a gente ir. O salão de Feira já era preparado pra quem chegar. Ele não perdia Festa de Vaqueiro. Aquela, aquela rua ali Senhor dos Passos ele tinha uma pensão, ele levava a gente, ficava lá, ficava lá, me levava, eu olhava os menino. [...]

E quem fez a roupa que a senhora vestiu?

Era em Feira.